Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA FEIRA, 21 DE DEZEMBRO DE 1972-N.º 17959-ANO 52.º-PREÇO 1$50

PRESOS EM HANÓI

RICHARD SIMPSON

CHARLES BROWN JR.

HENRY BARROWA

HAL WILSON

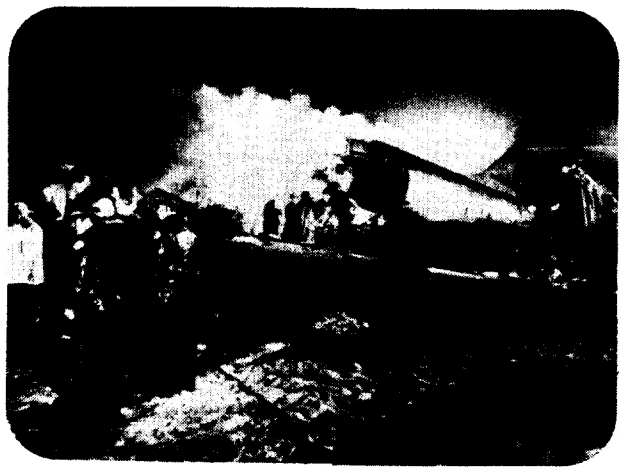
Quatro dos tripulantes do B-52 até agora capturados pelo Vietname do Norte (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

A CÂMARA DE LISBOA PEDE 500 MIL CONTOS

«A Câmara Municipal de Lisboa não dispõe, pelo menos actualmente, de meios financeiros que lhe permitam fazer face às necessidades mais prementes da cidade», afirmou, esta manhã, na reunião mensal do Município, o respectivo presidente, coronel Silva Sebastião, ao submeter à apreciação da edilidade o orçamento para o próximo ano.

Um empréstimo no montante de 500 mil contos, a contrair junto da Caixa Geral de Depósitos, constitui uma das mais significativas alíneas daquele documento, no capítulo das receitas extraordinárias, que atingem 1.121.523 contos. Quanto às receitas ordinárias, a previsão é de 1.269.546 contos, compreendendo receitas próprias (915.080 contos) e consignadas (354.465 contos). No respeitante aos «grandes objectivos» a atingir para conceber a «Lisboa de amanhã (...) como uma cidade onde a vida do homem seja não só possível, mas também agradável», o presidente salientou o realojamento de 20 mil famílias e a resolução do problema dos transportes.

CHOQUE DE AVIÕES



Um jacto DC-9, com 41 pessoas a bordo, chocou a noite passada com outro avião comercial a jacto e explidiu em chamas numa das pistas do aeroporto internacional de O'Hare, em Chicago, o de maior movimento do mundo. Calcula-se que pereceram, pelo menos, oito pessoas e cerca de 17 ficaram feridas em consequência do desastre (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

Supermercado pedra tumular para 21 pessoas

Morreram pelo menos 21 pessoas ao desmoronar-se um supermercado no Rio de Janeiro que se tornou assim uma pedra tumular para fregueses e empregados. Brigadas de socorros procederam a buscas durante toda a noite, à luz de projectores de grande potência, procurando localizar sobreviventes no meio dos escombros. Há conhecimento de 50 pessoas gravemente feridas, que se encontram hospitalizadas e receia-se que existam ainda outros corpos sob os destroços. Na ocasião em que o tecto abateu encontravam-se a trabalhar 119 empregados e o número de clientes era relativamente pequeno, dado que a maioria das pessoas fazem as suas compras durante a tarde. A derrocada do tecto provocou um incêndio na secção de refrigeração, mas as chamas foram ràpidamente debeladas. Uma testemunha da catástrofe declarou ter ouvido «um grande estrondo» antes de ver o prédio abater como se lhe tivesse faltado o apoio. As primeiras apreciações sobre as causas do desabamento inclinam-se para a hipótese de um súbito abatimento do terreno. (ANI/FP/R e DL).

URSS: 50 ANOS

Nikolai Podgorny, inaugurou esta manhã as comemorações do quinquagésimo aniversário do nascimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Faltaram à cerimónia a China e a Albânia mas Hanói e a FNL do Vietname do Sul estavam presentes. (R. e DL).

VIETNAME DO NORTE: Abatidos quatro bombardeiros B-52

Quatro bombardeiros gigantes B-52 e um avião de geometria variável F-111 da força aérea americana foram abatidos sobre o Vietname do Norte durante os raides da noite passada, segundo a rádio de Saigão. Os bombardeamentos contra objectivos em todo o Vietname do Norte continuaram com a intensidade dos últimos dias. Dois dos B-52 foram abatidos sobre a capital norte-vietnamita, enquanto os outros dois cairam a norte. Entretanto, Hanói afirma que abateu ja 26 aviões americanos desde que a recente vaga de ataques começou. Desses 26 aviões, nove eram B-52. Os pilotos de sete bombardeiros gigantes ontem abatidos foram capturados. (R. e D.L.).

Suplemento Literário

No «Suplemento Literário» de hoje, Alberto Ferreira fala de Fernando Namora, enquanto Franco de Sousa dá relato de leitura do último livro de Augusto Abelaira. Publica-se também o segundo e último artigo de Óscar Lopes sobre «A vida editorial soviética», uma nota de Isabel da Nóbrega acerca do «Apocalipse do Apóstolo João» e um poema de Mendes de Carvalho. Sobre teatro, música e artes plásticas escrevem Carlos Porto, Mário Vieira de Carvalho, José Augusto França e Henry Miller.

HOJE: 48 PÁGINAS

O ministro do Interior reunido com os chefes de distrito

O ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, está desde esta manhã reunido com os governadores civis de todos os distritos do Continente e Ilhas, estando também presentes alguns presidentes de Câmaras Municipais. Os trabalhos prolongar-se-ão durante todo o dia de manhã. Segundo informação do gabinete do ministro, não foi estabelecida nenhuma agenda de trabalhos. Todavia, julga-se que serão abordados assuntos de natureza administrativa, nomeadamente os que se relacionam com o recenseamento eleitoral a iniciar em Janeiro e a constituição das comissões eleitorais para as eleições de deputados que ocorrem em 1973.

DL/NACIONAL

As novas formas de poupança

Em suplemento ao Diário do Governo, 1 Série, do dia 18, foram publicados os diplomas do Ministério das Finanças que criam a nova modalidade de depósitos de poupança e regulamentam os depósitos de poupança consignada, além das portarias que confirmam o aumento da taxa de desconto do Banco de Portugal para 4 por cento e reflexos consequentes.

No depósito de poupanças, «**o depositante fica habilitado a realizar, nos termos de um programa que para o efeito acorda com a instituição de crédito e em que se reflecte o modo como prevê que a sua poupança se vá constituindo, sucessivas entregas para créditos da mesma conta, aplicando-se, apesar disso, a todas elas, em cada momento, igual taxa de juro, independentemente do seu tempo de permanência no depósito**». No preâmbulo ao diploma (Portaria n.º 747/72) afirma-se que «**assim se ajusta o esquema do depósito a prazo ás condições em que na realidade se forma, ao longo do tempo, a poupança dos agentes económicos, evitando-se ou a esterilização temporária do aforro em aplicações extremamente líquidas (que não permitem a sua orientação para o investimento) ou a multiplicação das contas a prazo (incómoda e onerosa tanto para o depositante como para as insituições).**»

O diploma, além do regulamento a que este tipo de novos depósitos deve obedecer, fixa o regime de juros de taxa progressiva: 5,75 por cento, no primeiro ano de duração do depósito; 6 por cento, no segundo ano; 6,25 por cento, no terceiro ano; 6,5 por cento, no quarto e quinteo anos; 6,75 por cento, nos anos subsequentes. Os juros contar-se-ão anualmente sobre as importâncias sucessivamente entregues, pelo tempo em que permaneçam na conta do depósito, e poderão ser liquidados ao depositante ou capitalizados na mesma conta.

A POUPANÇA CONSIGNADA

Segundo a definição do legislador, o depósito de poupança consignada «**é, na sua essência, um depósito de poupança e, justificando-se o regime especial que se lhe faculta pela conveniência de orientar os recursos para aplicações determinadas, como depósito de poupança deve processar-se até que os titulares das contas comprovem o cumprimento das finalidades em nome das quais o esquema particular de benefícios se gizou**».

As finalidades dos depósitos de poupança consignada é a seguinte: aquisição, construção, ampliação, melhoramento ou reparação de casas destinadas a habitação; compra de acções, quotas ou outras partes de capital e de obrigações de sociedades nacionais ou de títulos de dívida pública portuguesa. No acto da abertura da conta fizar-se-á a funalidade do depósito, definindo-a com a precisão necessária para possibilitar à instituição de crédito a adequada verificação do seu cumprimento.

O ministro da Marinha em Cabo Verde

CIDADE DA PRAIA, 21 (L) — Para uma visita aos comandos e a instalações navais em Cabo Verde e na Guiné, chegou esta manhã, à Cidade da Praia, acompanhado por sua esposa, o ministro da Marinha, almirante Pereira Crespo.

O titular da pasta da Marinha, que passará a quadra do Natal junto dos elementos da Armada em serviço nas províncias de Cabo Verde e da Guiné, regressa a Lisboa, dentro de sete dias.

LIMITAÇÃO TEMPORÁRIA DE VELOCIDADE

DE

22 DE DEZEMBRO (6.ª FEIRA) ÀS 12 H.

ATÉ

8 DE JANEIRO (2.ª FEIRA) ÀS 24 H.

a electricidade ao serviço da dactilógrafa.

Com a HERMES 10, nova máquina de escrever electrica para a correspondência de escritório, dactilografar torna-se num prazer! ... Estética notável — Uso cómodo — Equipamento completo — Possibilidades ilimitadas.

HERMES 10

Preencha o coupon abaixo pedindo um folheto ilustrado.

HERMES 10 NOME ..... MORADA ..... LOCALIDADE .....

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
Rua da Prata, 68 · ☎ 361545 · LISBOA-2
Rua de Santo António, 208 · ☎ 25581 · PORTO

NOVA APRESENTAÇÃO DO FILME MAIS EXCITANTE! EXCEPCIONAL! EXPLOSIVO!

BURT LANCASTER
LEE MARVIN · ROBERT RYAN · JACK PALANCE
RALPH BELLAMY | CLAUDIA CARDINALE em MARIA

OS PROFISSIONAIS

Bas. na nov. de FRANK O'ROURKE · musica de MAURICE JARRE · Argum. e real. de RICHARD BROOKS

GRUPO C 14 ANOS

PANAVISION® TECHNICOLOR®

ÀS 21,45 ALVALADE HOJE ÀS 21,30 EUROPA

um ESTILO NOVO

OFEREÇA UM TAPETE PERSA*

*COM CERTIFICADO DE ORIGEM

PREÇOS ESPECIAIS PARA AS FESTAS

A PERSIA ANTIGA
R. da Imprensa Nacional 116-B (à Esc. Politécnica) Lisboa 2 — Telef. 674493

CULTURA À SUA MÃO

CONCERTOS PARA JOVENS

LEONARD BERNSTEIN

Agora em livro, o que você viu e ouviu pela TV

CONCERTOS PARA JOVENS DOS 8 AOS 80!

UM LIVRO-PRESENTE-DE-NATAL

150$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — Mem Martins

PRÉMIOS CRÉDITO PREDIAL DE TELEVISÃO — 4.º TRIMESTRE

Considero que o melhor programa português apresentado neste trimestre pela Rádio Televisão Portuguesa foi _____

Nome _____

Morada _____

Cole este cupon num postal e envie-o pelo Correio para a sede do Crédito Predial Português. Rua Augusta, 237, Lisboa, até ao próximo dia 3 de Janeiro.

No dia 10 de Janeiro de 1973 realiza-se o sorteio de uma conta-depósito de Esc. 15 000$00, entre todos os cupons recebidos nestas condições.

Teatro Municipal DE SÃO LUIZ

Ruth Escobar

APRESENTA

SÁBADO, 23 DE DEZEMBRO

Matinée às 18.30 horas

Soirée às 21,45 horas

O maior sucesso dos palcos brasileiros de 1972

Missa Leiga

de CHICO DE ASSIS

HOJE e AMANHÃ

por compromissos assumidos anteriormente não haverá espectáculo

DOMINGO:

Matinée às 16 horas

M/ 14 anos

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António da Silva Martins, Papelaria Académica SEVER DO VOUGA

DL/OPINIÃO

INUTILMENTE MORTOS

As palavras, benditas sejam, dão para tudo. Podem ser exaltantes, consoladoras, moeda corrente, fórmula de petição, agulha de levar e trazer. Também são analgésicas, sobretudo quando se trate de dores alheias. E quase sempre que escolhem esta via pretensamente caritativa, apresentam-se com tintas de filosofia fatalista, a qual, por sua vez, se alimenta da inevitabilidade da morte e do sofrimento. Diz-se, por exemplo: «Ninguém foge ao seu destino», e não há mais que cruzar os braços e repetir o estribilho, ao som da guitarra e com iluminação de velas...

As seis vidas que se perderam em Cascais já foram alvo deste «requiem», em que há tanto de desistência como de hipocrisia: bem sabemos com que facilidade os adultos escolhem hoje, para alívio das suas próprias frustrações e incapacidades, comportar-se, em relação à juventude, com uma intolerância que roça os limites da cegueira. Mais curta afinal é a distância que vai da Terra à Lua do que aquela que separa um adulto de cinquenta anos de um jovem de vinte...

Mas não é para falar deste «conflito de gerações» (não é de gerações o conflito, mas de conceitos de existência) que vimos outra vez trazer para as colunas do jornal o dramático episódio de Cascais (ah, estes pobres adjectivos!...) Um menos elevado propósito nos move, e é ele o de perguntar quando se decidirão as entidades responsáveis a instalar na Boca do Inferno sistemas de protecção e auxílio adequados. Porque a ladainha do «ninguém foge ao seu destino» não pode continuar a cobrir a indiferença ou a incúria, esta pergunta deveria ter resposta pronta e satisfação imediata. O que efectivamente não esperamos, tendo em conta os antecedentes e os hábitos nacionais.

Não se pode impedir que acabe com a vida quem a esse acto se decidiu. Se o local escolhido foi a Boca do Inferno, registe-se, lamente-se, e prossigamos: as pontes do Sena também já viram muita desgraça, e nem por isso se mandou desviar o rio... Mas aqui ninguém pensava em «actos de desespero»: eram seis jovens que amavam a vida, seis jovens para quem o espectáculo do mar era um sinal da sua própria exaltação. Aqueles de nós que não esqueceram as emoções da juventude, sabem como o mundo inteiro pode entrar em nós, de golfão, num minuto de entusiasmo. Os que o esqueceram, ou o não souberam nunca, pouco mais saberão da vida que valha a pena....

A ver o mar foram, a ver o mar morreram. Porquê? Porque andavam de madrugada à solta, responderá a frustração hipócrita de alguns adultos. Porque, muito simplesmente, diremos nós, nenhuma protecção existe para garantia da segurança de quem, à hora que muito bem entenda, decida ir ver o mar na Boca do Inferno. Uma rede sólida não custa fortunas e ressalvaria a vida de quem não foi ali para ficar sem ela. Outros dinheiros se têm gasto sem regateio e com muito menor utilidade. Quanto aos escrúpulos dos estetas, decerto não seriam chocados por uma simples rede de dois metros de altura, mais do que bastante para reter, encharcados mas vivos e felizes, esses jovens que absurdamente morreram.

Mesmo que para não contrariar os fatalistas, nos dispuséssemos a concordar que «ninguém foge ao seu destino», ainda assim diríamos que temos o dever de não pôr ratoeiras no nosso caminho. E a Boca do Inferno, tal como a vemos, é uma gigantesca ratoeira, de boca aberta, pacientemente à espera de oportunidades e vítimas. Quem se decide a proteger a vida, em vez de conformar-se com a cumplicidade da morte? A quem compete dar as ordens necessárias para que estas seis vidas perdidas tenham sido as últimas — assim? Umas poucas dezenas de metros de rede não arruinam ninguém...

QUADRATIM — ISABEL DA NÓBREGA

PAI NATAL, CHAMINÉS E ARQUÉTIPOS

Toda a Imprensa nos dá, por esta altura, do ano, notícias do Pai Natal, e com esses elementos fácil se nos torna entregarmo-nos também a uma reflexão.

«O Pai Natal afecta uma quantidade de pessoas e apesar disso parece que ninguém fez ainda um verdadeiro estudo acerca do seu significado. Pretendemos agora saber a sua importância no processo de crescimento de uma criança», declara um psiquiatra americano.

Um semanário francês apresenta mapas e entrevistas, e em conclusão afirma que operários ateus, médicos católicos, comerciantes, agentes técnicos, quadros inferiores e superiores, todos celebram o Natal, afinal com o mesmo fervor. Por causa das crianças. Por causa da reunião da família, alguns dando ainda a primazia à missa, todos por causa da **Festa.**

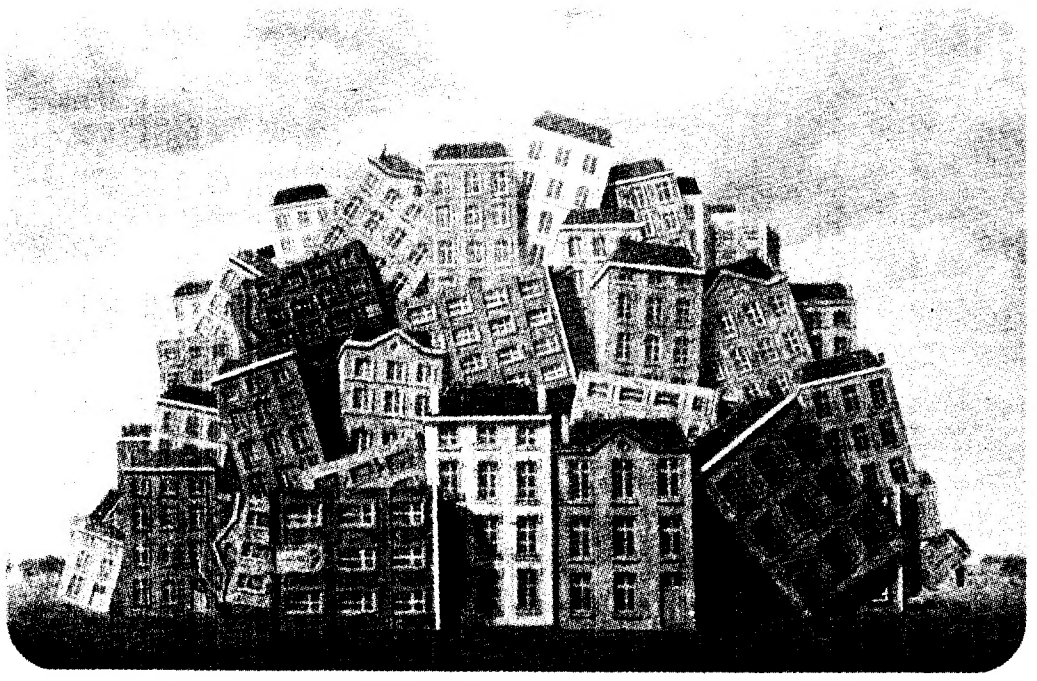
Os jovens referem-se com desdém à sociedade de consumo, para a qual todos os pretextos são bons, mas sem se desinteressarem pessoalmente de uma ou de outra forma de celebração.

Levantam-se gravíssimas dúvidas sobre se se deve ou não dizer a verdade às crianças, discutem-se os mais opostos métodos pedagógicos, fazem-se inquéritos, elaboram-se estatísticas em que se prova, por exemplo, gastar o francês médio metade, ou, pelo menos um terço, de um mês de salário com as prendas e o jantar ou ceia.

Nalguns casos, é claro o motivo mais imediato a compensação: «O meu pai era operário num arsenal. Lá em casa, dos ramos da árvore pendiam apenas chocolates comprados na mercearia da esquina. Este ano o meu filho mais velho vai receber um automóvel telecomandado, e o mais novo uma bicicleta e um Mecano».

Um escritor vivo, confessadamente ateu, como Roger Caillois, encontra neste fenómeno, ou frenesim, dos presentes, um dos traços característicos da «festa»: a desmedida e o mistério. (Essa palavra «mistério» de que hoje ninguém parece gostar...)

Outra explicação interessante é a de que o valor material da prenda é diluído no facto de não ser dada de mão para



mão, mas por intermédio de uma figura lendária decalcada em S. Nicolau) que foi introduzida na Europa só em princípios deste século, e o Pai Natal ser assim o «dispensador da oferta suave e pacificadora, do objecto aparentemente ali deixado e ali achado, da ruptura com o consumo monetário imediato».

Para Levi-Strauss o deixar de se acreditar no Pai Natal «representa um dos ritos de iniciação que permite a passagem da criança para o mundo dos adultos».

O facto é que o presépio e o pinheiro já não se entrechocam hoje como há setenta anos, e ambos vão evoluindo. Temos, por um lado, quem prefira pinheiros... de plástico! (No ano passado, em França, só uma firma vendeu 600 000 pinheiros artificiais!)

Temos, por outro, que junto do altar de certas igrejas (em Paris, sobretudo) mantêm-se apenas as três figuras principais do presépio emolduradas por pendões onde estão pregadas fotografias de crianças de mensagens de fraternidade e de esperança.

Mas tudo isto é talvez demasiado directo, e com certeza superficial.

Espantou-me e agradou-me mais o que li no livro de um arquitecto e sociólogo francês que trata daquilo a que chama psicanálise da casa:

NO VENTRE DA MÃE

Para que o homem primitivo tenha sido levado a construir a casa, abandonando o abrigo natural que a terra lhe oferecia abrigo tão precário? Porque no seio dessa caverna vivia uma «humanidade» em gestação que se ia moldando lentamente sob o impulso da consciência para poder nascer para a história. Consciência que surge como pulsar de vida, de contorno impreciso, que segrega um invólucro que lhe permite tomar forma. E esse homem novo vai surgir da terra para enfrentar o universo.

Expulso do seio da terra, como a criança que nasce é expulsa do ventre da mãe, a humanidade novinha em folha tem de assumir-se em plena claridade.

Mas se a casa toma forma é porque o homem tinha em

Continua na pág. 12

CRÓNICA INTERNACIONAL

UM ANO POUCO PROMETEDOR

O ano de 1972 começou sob o signo da cavalgada do presidente Richard Nixon dos Estados Unidos para a reeleição, das perspectivas de paz para o Vietname e da melhoria de relações entre os Estados Unidos e as outras duas superpotências, a União Soviética e a China de Mao Tsé-Tung. Mas tudo indica que o ano vai acabar numa atmosfera um pouco diferente e 1973 anuncia-se menos prometedor. As negociações para a paz na Indochina chegaram a um beco sem saída, a guerra voltou a intensificar-se, com o recrudescimento dos ataques aéreos americanos ao Vietname do Norte, com uma violência nunca registada, e as relações entre Washington, por um lado, e Moscovo e Pequim por outro, correm o risco de ser afectadas pela nova escalada militar. No meio de tudo isto, apenas um facto se concretizou: a reeleição de Nixon, o qual, de personalidade que parecia liquidada politicamente há alguns anos, se transformou na figura mais importante do planeta. E aqueles que receavam a sua permanência vêem agora aparentemente justificadas as suas apreensões, na medida em que a política do presidente americano poderá revelar-se como sendo a muito mais curto prazo do que se afigurava e assentar num frágil jogo de circunstâncias, aproveitado magistralmente por Nixon numa exibição espectacular das suas qualidades de jogador de «poker».

O Vietname apresenta-se como a prova de que a América do Norte não está disposta a ceder com facilidade a sua posição no mundo, embora procure adaptar-se às novas condições, como a impossibilidade de resolver no conflito no Sueste da Asia com o envio de forças terrestres, que chegaram a ultrapassar o meio milhão de homens, para defender o regime de Saigão. Essas forças foram assim retiradas gradualmente e substituídas pelo reforço da arma aérea, a qual permite fazer a guerra «à distância» e com um número drásticamente menor de baixas americanas. O resultado é evidentemente uma guerra convencional que se afasta bastante dos objectivos da luta anti-subversiva alegada inicialmente. Em contrapartida, os civis pagam um quinhão maior em baixas devido aos bombardeamentos, se bem que a moderna tecnologia permita conduzir as operações de uma maneira mais científica e com uma precisão quase «cirúrgica».

Mas os problemas não persistem apenas no lado da Asia. Também no lado da Europa, apesar do crescente entendimento entre os EUA e a URSS, o alargamento do Mercado Comum Europeu a partir do dia 1 de Janeiro, que dará origem ao maior bloco de comércio do mundo, com a adesão da Inglaterra, da Irlanda e da Dinamarca às seis nações que dele já faziam parte, pressagia um confronto económico entre gigantes, justificando a expectativa americana de que 1973 será «o ano da Europa». Por outro lado, a União Soviética, que neste final de ano comemora o seu meio século de existência, reparte a sua atenção entre a pacificação a Oeste (normalização das relações com a Alemanha dividida e conversações com vista à segurança europeia) e a tensão a Leste, na fronteira com a China, hostil devido a diferendos de ordem ideológica, geoestratégica e histórica. Tais diferendos reflectem-se mesmo na única organização internacional que em princípio representa a esperança de solução das questões globais do planeta — a ONU.

Se juntarmos a poluição e a explosão demográfica, o quadro do fim do ano e dos alvores de 1973 fica suficientemente completo.

NUNO VIEIRA

DL/NACIONAL

Escassez de receitas próprias na origem da "pobreza" da Câmara

. **«A Câmara Municipal de Lisboa não dispõe, pelo menos actualmente, de meios financeiros que lhe permitam fazer face às necessidades mais prementes da cidade»**, afirmou esta manhã o coronel Silva Sebastião, no decorrer da reunião mensal da Câmara, em que foi submetido à apreciação daquele órgão, o orçamento para o próximo ano.

O presidente apontou como causas desta «pobreza» a escassez de receitas próprias da Câmara e o volume de despesas efectuadas apesar de, mesmo assim, se ter ficado aquém do que era necessário fazer.

EMPRÉSTIMO DE 500 MIL CONTOS

— E, continuou o presidente embora a Câmara possua «um património valor», o que importa **«não é o património mas sim a sua rendabilidade, e essa no corrente ano estimava-se em 60 525 contos (...)2** e, ainda em relação aos encargos de manutenção, conservação, exploração e administração desse património, **«anos existem em que o seu somatório excede largamente a receita**. O coronel Silva Sebastião respondeu prèviamente às ideias erradas que correntemente se formulam sobre esse «negócio fabuloso que é para a Câmara a venda de terrenos», afirmando que **na verdade a Câmara possui um património valiosíssimo em terrenos e todos oa anos adquire mais terrenos,** mas a sua alienação, para fazer face a dificuldades financeiras, depara com várias barreiras. Essa a justificação para os valores registados na conta de gerência de 1971:

. **A alienação de bens imóveis e a cedência de direitos sobre terrenos produziu uma receita de 221.000 contos... Mas houve que despender em obras de urbanização desses terrenos 58.446 contos, na construção de habitações para as famílias desalojadas, 115.800 contos, e, finalmente, na aquisição e expropriação de prémios rústicos e urbanos 153.000 contos. E aqui temos reduzido às devidas proporções, o fabuloso negócio dos terrenos e das compensações para urbanização.**

O presidente da Câmara revelou ainda que estão por liquidar encargos de conservação num total de 95 mil contos e de sinalização no total de 20 mil contos, referentes a obras efectuadas na última década. E, para estabelecer o equilíbrio das contas, propôs à aprovação da Câmara um empréstimo no montante de 500 mil contos.

ORÇAMENTO

O orçamento submetido à apreciação da Câmara prevê uma **receita ordinária de 1 269 546 contos** e **extraordinária de 2 403 069 contos**. Mas, no que toca à receita ordinária, apenas 915 080 contos constituem receitas próprias da Câmara, sendo o restante constituído por receitas consignadas a outras entidades. Quanto às receitas extraordinárias da Câmara, somam apenas 401 523 contos, sendo as outras alíneas constituidas por receitas provenientes das Caixas de Previdência (84 500 contos), comparticipação do Estado (73 mil contos), reembolso por parte da empresa do Metropolitano (62.500contos) e do empréstimo a contrair junto da Caixa Geral de Depósitos (500 mil contos) a amortizar no prazo de 15 anos ao juro de 5,75 por cento.

Flaram ainda durante a sessão os vereadores, D. Maria Clementina Vasconcelos, que se referiu a vários aspectos do problema das barracas em Lisboa salientando que **à Câmara não compete resolver todo o problema da habitação da cidade nem tão pouco é obrigada a realojar quem vive em prédios abrangidos por obras de urbanização...**; o brigadeiro dr. Ricardo Horta Júnior que se referiu particularmente à necessidade que o 13.º mês seja extensivo também aos «tarifeiros» e não apenas aos funcionários do quadro da Câmara; o vereador dr. Homem Themudo que falou do crescimento e dispersão de Lisboa salientando a necessidade da criação de delegações dos serviços municipais nos bairros administrativos e da Federação Municipal de Lisboa prevista já em legislação de 1936, e, finalmente, o vereador dr. Antunes Branco.

Foram ainda aprovadas propostas de medalha de Ouro da Cidade para o ex-presidente do Município, eng. Santos e Castro e a atribuição do 13.º mês a grande parte dos funcionários da Câmara, além do referido empréstimo de 500 mil contos.

27.863: primeiro prémio da Lotaria do Natal

Foram os seguintes os números sorteados na lotaria do Natal efectuada hoje, ao fim da manhã, na Santa Casa da Misericórdia: primeiro prémio, 27.863-75 mil contos; segundo prémio, 24.100-62.500 contos; terceiro prémio, 18.578-12.500 contos. Este ano, a lotaria do Natal, cujo valor tem vindo a subir de forma considerável, distribui mais 12.936 contos de prémios em relação a 1971. Como é do connecimento geral, os lucros desta lotaria e das demais que ao longo do ano a Santa Casa da Misericórdia promove ao longo do ano, revertem, na totalidade para a assistência pública do país.

A título de curiosidade, lembramos que a primeira lotaria efectuada na Misericórdia de Lisboa, data de 1784 e o primeiro prémio, que coube ao n.º 19360, foi de 12 contos.

LOTARIA DE HOJE

NUMEROS PREMIADOS EM CADA SERIE

27.863 — 37.500.000$00
18.578 — 3.750.000$00
24.100 — 750.000$00

APROXIMAÇÕES AOS 1.ºs PRÉMIOS

27.862 — 31.050$00
27.864 — 31.050$00

PRÉMIOS DE 75 CONTOS

680; 2.665; 5.639; 5.906; 10.085; 13.479; 13.678; 15.683; 16.235; 16.392; 20.603; 23.068; 24.524; 24.857 e 26.851.

PREMIOS DE 4.500$00 (CENTENAS)

18.501 a 18.600; 24.001 a 24.099 e 27.801 a 27.900.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 083 ou 793 têm direito a 9.600$00 de prémio, no bilhete de cada série e, os terminados em 038, 147, 287, 509, 544, 584, 607 ou 875 são premiados com 6.000$00. Por sua vez, os números cujos dois últimos algarismos sejam 17 ou 19 são premiados com 4.800$00. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 3 são contemplados com 3.600$00, também no bilhete de cada série.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Atribuídos os premios Guilhermina Suggia

Concluídas as provas do Concurso de Prémios de Interpretação Músical «Guilhermina Suggia», organizado pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo, o júri, constituído pelos professores do Conservatório François Broos, Artur Santos, Constança Capedeville e maestro Joly Braga Santos e pelo maestro Silva Dionísio, chefe da banda da Guarda Nacional Republicana, resolveu atribuir, por maioria, as seguintes classificações:

. 1.ºPrémio — «Ex-aequo» ao quarteto composto por Aníbal Lima, Joaquim Pimenta Magalhães, Clélia Vital, Ana Bela Chaves e ao trio constituído por Leonor Prado, Fernando Afonso e Maria José Falcão.

2.º Prémio — Não foi atribuido.

Menção Honrosa — Ao trio constituído por Manuel João Afonso da Silva, Maria Lucia Afonso da Silva e Fernanda Salema.

Ante-estreia no ABC

Os filhos do pessoal do ABC estiveram juntos durante a tarde de ontem. Para eles não terá sido menos importante o brinquedo que levaram para casa do que a peça «O Cavalinho Sem Medo», de Nicholson, que viram em ante-estreia.

No intervalo entre o lanche e a peça, passeavam pelos corredores do ABC muitos brinquedos com crianças atrás e ouviam-se muitos: «não se mexe aí!» — a outra face do Teatro, pela qual vimos passar Mário Alberto, Gonçalves Preto, o baterista Villas Boas e Vitor Espadinha, muito aprumado e de criança pela mão.

General Luz Cunha

Regressou ontem a Luanda, em avião militar, o general Luz Cunha, comandante-chefe das forças armadas de Angola, que esteve alguns dias em Lisboa em missão de serviço.

Galerias ROLDÃO
AV.ª ALMIRANTE REIS, 13-E
(ao Cinema Lis) — LISBOA
As mais reputadas marcas para fotografia, cinema, e projecção de diapositivos.

SILNET
Linha de tratamento capilar
O Tónico SILNET elimina a caspa, seborreia, infecções, etc. . . . e evita a calvície
Mas . . . evita mesmo!
A loção INDIANA dá ao seu cabelo a côr primitiva
Mas . . . dá mesmo!
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
RANGEL

TV DL/ESPECTÁCULOS

AUGUSTO CABRITA: A ARTE DE DAR A VER.

Livingstone morreu. Seu coração ficou enterrado em África. Stanley fora à sua procura, encontrara-o, regressara a Inglaterra, tivera sarilhos na Sociedade Real de Ciências. Agora Livingstone está morto e Stanley não tardará a continuar-lhe a obra. A Inglaterra avança pela África dentro. A B.B.C. vem contar-nos como foi, saudosa dos seus grandes homens. Homens bons, homens prudentes, homens sábios, homens que, entre coisas, foram ao continente levar a civilização, e quem quiser saber o resto leia Guerra Junqueiro, que esse é que a sabia toda e não embarcava em histórias mais ou menos românticas (e coloridas) da B.B.C..

Não é disso, porém, que lhes quero falar hoje. Nem lhes falarei daquela mesa-redonda sobre a campanha da regularização de preços, muito embora algumas informações úteis nos tivessem sido fornecidas. Indo agora, porém, a campanha do Ministério da Economia vai no adro, sabemos que prosseguirá e voltaremos a este assunto, com certeza, lá mais para diante.

Também não lhes falarei de mais uma emissão da **TV Educativa** dedicada ao Karaté, durante a qual tivémos, como habitualmente, 15 minutos de palestra e 5 minutos de Karaté, e na palestra ouvimos pela milésima vez que o Karaté é uma excelente modalidade desportiva, que atravessou a China até chegar ao Japão, que significa «mãos vazias» e era utilizado pelos monges budistas. Fique portanto bem assente que foi utilizado pelos monges budistas, que veio do Japão, que significa «mãos vazias» e que é uma excelente modalidade desportiva e notem bem esta coisa de que muitos trafadistas desportivos se esquecem: não há desporto sem moral!, que fique esta noção bem assente e fique igualmente bem assente que **Karaté** significa «mãos vazias», era utilizado pelos monges budistas e trá-lá-lá e trá-lá-lá e trá-lá-lá e agora vemos ao combate de **Karaté**...

É de endoidecer. Têm sido assim as **TV educativas** das quartas-feiras: um xarope intragável de monotonia, incapaz de realizar aquilo que se propõe: fazer a propaganda da iniciação desportiva em termos de interesse televisivo. Se alguém me disser que é capaz de aguentar 15 minutos de retórica e de banalidade, proporei para ele a medalha de ouro de paciência e estoicismo.

Que me resta, deste dia passado diante da televisão, magoados os olhos dos contrastres violentos das nascentes do Nilo e das linhas e cores imprecisas das obras de Bracque, comentadas por Bach? Que me resta senão esse brevíssimo apontamento assinado por Augusto Cabrita incluido no Totobola?

. Apontamento sobre o Natal. Um Natal sem cores postiças, sem mentiras piedosas. Um Natal do nosso tempo. Natal indiferente aos brinquedos, indiferente à beleza superficial das verduras e das luminárias, indiferente ao mistério, ao milagre.

Raramente temos visto na televisão reportagem tão cruel, digamos: tão saudàvelmente cruel. Viagem ao fundo de nós próprios, viagem ao fim da noite. Para tanto bastaram a câmara e duas mãos para regulá-la e um instinto para orientá-la. Eis como a arte transparece e salta a sua faísca de uma forma de colheita «mecânica» da realidade. Desapareceu, aqui, todo o aspecto de mero acaso de quem, diletantemente, se dispõe a apontar e a disparar. Não foi a câmara que Augusto Cabrita encontrou à realidade: foi a sua inteligência. Não foi o tempo que nós vimos passar: foi o coração do tempo que nós ouvimos bater. Não foi o real: foi uma interpretação do real. Apologia de um Natal onde, na expressão de Solnado, «se matam perus e se vai à missa do Galo»? Nunca. O que tivemos diante dos olhos foi um Natal que já não pode mescarar-se com a alegria das coisas que se compram os que, simplesmente, se olham.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Baptista Pingo, R. da Misericórdia, 17-B — CAMPO MAIOR

PARQUE MUNICIPAL DE CAMPISMO DE MONSANTO

PARQUE MUNICIPAL DE CAMPISMO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(Monte Gordo)

António Élio Borges da Fonseca e Vítor Manuel Seijo e Seijo, concessionários em exclusivo do Parque de Campismo de Monsanto, têm o prazer de comunicar ao público que foram nomeados concessionários exclusivos do Parque de Campismo de Monte Gordo, a partir do próximo mês de Janeiro.

Aproveitam ainda a oportunidade para, em seu nome pessoal e em nome das firmas comerciais a que estão ligados, desejarem a todos os campistas, fornecedores e entidades oficiais umas Festas Felizes e um 1973 cheio de prosperidades.

O licor aristocrata feito a base de Whiskies velhos

j.a. da costa pina, lda.
RUA DO ALECRIM, 73 // LISBOA
costa pina, & vilaverde, lda.
RUA DO BONJARDIM, 420 // PORTO

DL/ESPECTACULOS

DL show

Aventura surrealista com ópera bufa e violinista

Um telefonema, uma voz, as palavras (de José Alberto Gil) vieram criar um clima de expectante curiosidade. **«Vai à Rua de Santiago n.º 28, às 10 horas». Assim recebi o recado** — lacónico, intrigante e imperativo. Escusado será dizer que uns minutos depois das dez subia a ladeira da Sé em direcção ao Castelo de S. Jorge, zona em que a tal misteriosa rua se situa. Em frente do 28 uma leve hesitação: será aqui, neste casarão de fachada imponente? Era mesmo. Percurso por escadas sombrias, salões arruinados. A frouxa luz irradiada de um determinado ponto serviu de guia para atingir a meta. Então lá estava o José Alberto Gil com um grupo de jovens. Empenhados no ensaio de qualquer coisa de esquisito.

Por fim o esclarecimento. **A Companhia Portuguesa de Ópera Bufa no Tapete** apresenta **«O Violinista Azul ou o Pranto da Rainha Negra»**, música de José Alberto Gil e cenografia e marionetes de Fernão Frade.

No chão sujo de cal e poeira um rectângulo de cartolina negra. Aí os manipuladores (Lídia Rita, Margarida Gil, Miguel Vasconcelos e Ema Maciela) movimentam os bonecos, representativos de vários personagens, ao som de uma música feita de ruídos estranhos. Intervêm na ópera a **Rainha Negra** (peça de um jogo de xadrez), o **Violinista Azul, Os insectos de bom agoiro; um guarda, a dama de paus, 1.º e 2.º insecto** mente aparentadas com a rainha que fazem e refazem o labirinto em busca do branco), o **homem com braço ao peito** (personagem cujas verdadeiras funções nunca se chegam a compreender), **homúnculo** (eminência parda do rectângulo negro). Qual o significado do obsecante rectângulo negro? **Sítio do qual nunca se sai com vida.**

O argumento é simples. No entanto complicado. Como a música de José Alberto Gil. Como o próprio José Alberto Gil.

Em traços largos: «a rainha negra que é velha, gorda e viciosa, apaixona-se pelo violinista azul que entra no rectângulo negro por engano.

Este, atraído pelas meninas e, aceitando a hospitalidade da rainha negra vai-se deixando ficar, permanecendo no entanto indiferente às suas tentativas de sedução.

Quando por fim decide partir a rainha negra põe em execução as leis do rectângulo que são justas mas implacáveis, isto é, encarrega os insectos, seus conselheiros, de o devorarem».

Em contraponto com a música gravada, Celso de Carvalho, do violoncelo, Afonso Vilela da viola, Fernando Fonseca do violino, Botto Pimentel da Flauta e Nelson Figueiredo do trompete extraem sons incómodos que raspam os tímpanos.

Eu, palpitante de curiosidade, é que não consegui extrair nada do José Alberto Gil. Por enquanto. Mas combinámos uma conversa.

Apenas adiantou: **«Desde o século XVIII, do tempo do «Judeu» que não se fez disto».**

NACIONAIS

Tonicha em Espanha... — Tonicha seguiu esta manhã para Barcelona, onde vai gravar uma série de canções que serão incluidas na programação especial da televisão espanhola para o Natal. A cançonetista permenecerá dois dias na Catalunha, seguindo depois para Madrid, onde vai tratar da possível assinatura de alguns contratos.

e Ruth no Brasil — Também com as malas feitas a actriz Ruth Escobar, que viaja esta madrugada para o Brasil, onde passará o Natal. Motivos: saudades dos filhos que ficaram em São Paulo e para ultimar contactos com vistas à montagem, em Portugal, da peça «A Viagem», que, como se sabe, é um musical baseado nos «Lusíadas» de Luis Vaz de Camões.

Janelas Verdes em Londres — «Green Windows» não é o nome de mais um conjunto «pop» inglês a ser lançado em Portugal. Trata-se, isso sim, do nome que rebaptiza o Quarteto 1111, para efeitos de lançamento internacional. De facto o grupo foi contactado pela etiqueta Decca e, desse contacto, nasceu a ideia, que será concretizada na próxima semana, da gravação de um disco que será lançado em Londres e Paris. Com nome novo, o Quarteto 1111 vai gravar, nos dias 28 e 29, num estúdio londrino. Com isso o grupo passa a ser o primeiro conjunto português que se desloca a Inglaterra especialmente contratado para um lançamento internacional. O que, diga-se de passagem, quer dizer alguma coisa.

Quem conta um Conto — Este é o título da peça infantil da autoria de Maria Isabel Mendonça Soares que o Núcleo de Teatro das GRGE apresenta-se hoje à tarde no Coliseu dos Recreios. A encenação é assinada por Alexandre Pais.

Renoir e Antonioni no Imagem — O clássico **A Regra do Jogo**, de Jean Renoir, será exibido esta noite, no Centro Espanhol, às 21,30 horas. Em complemento, será apresentada a curta metragem de Jacques Rivette, **«Encontro com Jean Renoir»**. A sessão faz parte da programação de Dezembro do Cine Clube Imagem, que no dia 28, no Jardim Cinema promoverá a projecção de **Deserto Vermelho,** de Michelangelo Antonioni. Horário: 18,30 horas.

RONDA FINAL

O CRÍTICO Nuno Barreiros será o orientador do encontro-debate sobre o bailado, que será realizado no próximo dia 21, no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian. Em discussão o segundo programa da actual temporada do Grupo Gulbenkian de Bailado. Para os interessados, a entrada é livre. **JACQUES** Deval, um dos autores dramáticos franceses mais representados no exterior, faleceu anteontem, aos 82 anos, em Paris. **É HOJE**, na Igreja de Santo António da Sé, o concerto promovido pelo Centro de Estudos Gregorianos. **O FAMOSO** grupo vocal **The Paltters** (quem se recorda deles?) comemorou recentemente 20 anos de carreira com um show no Carnegie Theater. O grupo, fundado por Buck Ram, em 1952, foi criador de alguns sucessos daquela década, tais como **Only You, My Prayer** e **Smoke Gets In Your Eyes** e já vendeu 75 milhões de discos, chegando a colocar quarenta títulos nos primeiros lugares do **top-ten** norte-americano. **Ja** está na praça o novo **long-play** de José Afonso. **A ACTRIZ** Zsa Zsa Gabor de volta aos noticiários porque apresentou ontem uma queixa ao Tribunal de Los Angeles, pedindo uma indemnização de 1,5 milhão de dólares a uma companhia cinematográfica. A actriz alega que foi obrigada a proferir num filme, um diálogo que ela considera «impróprio, profano, objeccionável e vulgar». **FRANCISCO** d'Orey foi contratado pelo Conservatório Nacional, onde deve exercer as funções de professor dos Cursos Especiais. **HUGO** Maia Loureiro, que ainda recentemente participou no concurso «Nossos Artistas, Nossas Canções», da RTP, tem quase preparado um **long-play**, no qual interpreta algumas canções já divulgadas anteriormente, a par de algumas novas.

Tonicha: programa de Natal em Espanha

SALORA
O TV PREMIADO COM MEDALHA DE OURO
TOTALMENTE FABRICADO E MONTADO NA FINLÂNDIA

Consigo a todo o momento,
o serviço de Natal Sheraton!
Todos os pratos tradicionais, sem "penas" nem trabalhos. "Ela" alegre e despreocupada, os garotos contentes com os brindes. Sorria, de gosto, no seu dia de Natal Sheraton!
Reservas: Telefs. Lisboa - 563911-41-51
Lisboa-Sheraton Hotel
SHERATON LISBOA - Rua Latino Coelho 2 - Telefs. 563911-41-51
UM SERVIÇO MUNDIAL DA ITT
TEAM 72 SH-05

VÁ AO TEATRO!!!

QUATRO ESPECTACULOS RECOMENDADOS POR VASCO MORGADO

TEATRO Telef. 864756
LAURA ALVES
Rua da Palma
Todas as noites às 21.45
Domingos e Feriados «matinées» 16 h
ÚLTIMOS DIAS
a peça de Henry Denker
O PRINCÍPIO E O FIM
Elenco por ordem de diálogo
JACINTO RAMOS—LIA GAMA — LÍGIA TELES — COSTA FERREIRA
8.ª SEMANA
Espect. Subs. Fundo de Teatro 50% desconto a estudantes e sócios do sindicato
GRUPO D - M/ 18 anos
SÁBADO, estreia a peça infantil
PLUFT, o Fantasminha
GRUPO A — M/ 4 anos

TEATRO Telef. 326037
VARIEDADES
HOJE, AMANHÃ e DEPOIS
2 sessões — 20.45 e 23 h.
DOMINGO à tarde, às 16 h à noite às 20.45
DIA DE NATAL
«Matinée» às 16 h.
Noite — 2 sessões 20.45 e 23 h.
SIMONE
na divertida comédia
A CAMA DOS COMUNS
com
IO APOLONI
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
DARIO DE BARROS
LUÍS ALBERTO
e a colaboração especial de
JOAQUIM ROSA
15.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586
VILLARET
HOJE, AMANHÃ e DEPOIS
2 sessões — 20.45 e 23 h.
DOMINGO, 16 e 20.45 h.
DIA DE NATAL «Matinée» 16 h. Noite 21.45 h.
JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia
SUA EXCELÊNCIA O PENDURA
com
DORA LEAL
a revelação da temporada no teatro declamado
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS
e a participação de
MARIA PAULA
17.ª SEMANA
GRUPO C — M/14 anos

TEATRO Telef. 361740
MARIA VITÓRIA
2 SESSÕES: às 20,45 e 23 horas
Domingos e Feriados «matinée», às 16 h.
SALVADOR
IVONE SILVA
BARROSO LOPES
GUIDA MARIA
na super-revista popular
CÁ VAMOS PAGANDO E RINDO
com
VICTOR MENDES
CARLOS QUEIROZ
a atracção sul-americana
VERA SANDERS
a grande revelação
CIDÁLIA MOREIRA
e colaboração especial de
HENRIQUE SANTANA
e um fabuloso
BALLET INTERNACIONAL
Produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado
Grupo D/18 anos

Domingo no MONUMENTAL — Para m/4 anos — 2 «MATINÉES», às 16 e 18 horas
«AS AVENTURAS DE BATATINHA E CASACÃO»
NO MONUMENTAL: Domingo, às 16 h. «matinée» m/ 4 anos
AS AVENTURAS DE BATATINHA E CASACÃO

DL/ESPECTÁCULOS

Quando a habilidade não chega

Crítica de MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

O último concerto da temporada de Outono da Emissora Nacional sugere-nos algumas considerações que, uma vez mais, têm que ver com a organização da música no nosso país. Os responsáveis pela orientação da Orquestra lembram-se de um momento para o outro de incluir nos programas quatro das nove (ou dez, contando a incompleta) sinfonias de Mahler, obras cujas dificuldades técnicas são proporcionais às suas dilatadas dimensões, exigindo em todas as estantes um virtuosismo que os instrumentistas da Emissora, no seu conjunto, estão longe de possuir. O projecto era temerário e requeria por isso medidas de excepção, que permitissem à orquestra trabalhar mais demorada e promenorizadamente cada uma das obras por forma a diminuir o mais possível a inevitável distância que a separaria duma realização tècnicamente correcta, isto é por forma a atingir aquele mínimo de dignidade que garante a identidade da obra executada com a obra criada (tal como decorre da partitura).

Tudo se processou no entanto como se a Orquestra estivesse já familiarizada com as partituras e pudesse, no curto espaço de uma semana ou, quando muito, quinze dias, que medeia entre dois concertos, ficar apta a executá-las e obedecer eficazmente às exigências interpretativas dum maestro. A realidade, porém, era bem diferente: no primeiro concerto, em que foi dada a 1.ª Sinfonia de Mahler, conjugaram-se algumas circunstâncias que permitiram à orquestra «salvar a face» (conhecia a obra, que já tem tocado em temporadas anteriores, e era dirigida por um maestro, Fritz Rieger, que supomos, pelo que dele conhecemos, incapaz de ser cúmplice duma farsa); mas no concerto preenchido com a **6.ª Sinfonia**, entregue à direcção de Efrem Kurtz, tratava-se duma primeira audição, e da primeira audição de um dos mais complexos monumentos sinfónicos que jamais se escreveram, inteiramente desconhecido dos instrumentistas da E.N. e que estes só começaram a soletrar quinze dias antes (o resultado, como aqui referimos, foi uma interpretação «tapageuse», muito ao gosto da astuta batuta de Efrem Kurtz, especialista em tornear situações difíceis). O que se passou agora com a 5.ª Sinfonia, obra de não menor responsabilidade foi talvez ainda mais grave. Dos cinco andamentos da sinfonia, a orquestra só pode gabar-se de conhecer razoàvelmente o **Adagietto**, que Pedro de Freitas Branco dirigia frequentemente, muito antes de ser rodado o filme que o popularizou («Morte em Veneza»), e mesmo assim já não o tocava, salvo erro, há onze anos, ou seja, desde o derradeiro concerto que o seu antigo director titular regeu no Tivoli. Quanto aos restantes quatro, qual deles o mais complexo, não podia, em menos de meia dúzia de ensaios (se é que não foram menos de metade de meia dúzia), tomar consciência sequer do que se lhe pedia que tocasse. Sublinhamos esta ideia: não se trata da impossibilidade de tocar medìocremente: trata-se da impossibilidade de tomar consciência do que era necessário tocar.

A responsabilidade de tudo isto cabe em primeiro lugar aos orientadores da orquestra, ou ao seu principal orientador (o director da secção musical) que não programa os concertos segundo um critério ao mesmo tempo cultural e realista, e não toma certas medidas, como por exemplo, encarregar os dois maestros - substitutos da preparação a longo prazo das obras que oferecem maior dificuldade. Não se percebe, na verdade, qual o proveito que a E.N. espera tirar do trabalho de dois maestros que têm precisamente a função de maestros - preparadores, e como tal vencem certamente um ordenado mensal, pois limita-se a solicitá-los para um ou dois concertos por ano, como acontece com qualquer maestro convidado. Com isto queremos dizer que não caberia a Fritz Rieger, nem a Efrem Kurtz, nem agora a Silva Pereira a longa fase inicial de decifração, análise, desmontagem e montagem do texto musical. Tudo isso devia ter sido feito antes, pelos maestros - preparadores (se necessário com meses de antecedência, para aproveitar as épocas do ano em que a orquestra é menos solicitada). Não só pelos maestros - preparadores, aliás, mas ainda pelos chefes de naipe em estreita colaboração com eles. Para isso mesmo é que existem os chefes de naipe, ou julgar-se-á entre nós que a sua função é apenas figurar na primeira estante e tocar os solos? Se a orquestra da Emissora funcionasse como uma verdadeira orquestra (e não como um amontoado de músicos, mais ou menos desinteressados por falta de condições de trabalho adequadas), os ensaios da semana que precede o concerto seriam tão-só destinados à planificação e ao amadurecimento das interpretações; a orquestra estaria já nessa altura de posse da **letra** do texto musical, com os principais escolhos técnicos dominados. Um regime de trabalho assim racionalizado haveria de reflectir-se numa melhoria constante e gradual do rendimento técnico dos instrumentistas. E, ao fim de quase quarenta anos de existência, em vez de termos uma orquestra medíocre e cansada, teríamos um organismo vivo, capaz de cumprir eficazmente a missão para que foi criado e que justifica o seu financiamento pelo Orçamento Geral do Estado. Porém, nunca é tarde para emendar a mão... neste e noutros sectores (anda tudo ligado).

Mas, pelo que aconteceu no sábado com a 5.ª Sinfonia de Mahler, o maestro Silva Pereira não é menos responsável. Dada a posição que ocupa no panorama musical português, não pode alhear-se da situação nem prestar-se a estes equívocos (embora, em boa verdade, seja useiro e vezeiro nestas coisas). Devemos lamentar, paradoxalmente, que Silva Pereira seja tão naturalmente musical e tenha tanta facilidade em desenvencilhar-se dos problemas. Ele consegue criar uma relação psicológica favorável com a orquestra e basta-lhe agarrar as grandes linhas duma obra, para dar a ilusão de que não a deixa morrer e para esconder, desse modo, o real descalabro da execução.

Com outro qualquer, a 5.ª Sinfonia de Mahler, tal como foi (ou não foi) tocada no sába-

Continua na pág. 8

Fundação Calouste Gulbenkian

SERVIÇO DE MÚSICA

ORQUESTRA GULBENKIAN

Temporada de concertos de 1972/73 * 2.º Trimestre

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN * Quartas-feiras, às 18.30 horas

10 DE JANEIRO
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: JÖRG DEMUS, piano
H. W. Henze, Poulenc e Schumann

17 DE JANEIRO
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: LILI CHOOKASIAN, contralto
R. Strauss, Gluck, Max Bruch e J. S. Bach

24 DE JANEIRO
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: NELLA MAISSA, piano
Frank Martin, Saint-Saens e Mendelssohn

31 DE JANEIRO
Maestro: OTHMAR MAGA
Solista: MATHIAS VOGEL, barítono
Haydn, J. S. Bach, Vladimir Vogel e Schubert

7 DE FEVEREIRO
Maestro: MICHEL TABACHNICK
Solista: SONIA MONOSOFF, violino
Haydn, Bruno Maderna, Emanuel Nunes e Mozart

14 DE FEVEREIRO
Maestro: MÁRIO BENZECRY
Solista: CLAUDE HELFFER, piano
Avondano, José M. Castro, J. S. Bach, Roussel e Schönberg

21 DE FEVEREIRO
Maestro e Solista (violoncelo): MAURICE GENDRON
Mozart, Haydn e Beethoven

28 DE FEVEREIRO
Maestro: ÁLVARO CASSUTO
Solista: LUDWIG STREICHER, contrabaixo
Schubert-Webern, Webern, Wanhal, Cassuto e Haydn

7 DE MARÇO
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: KARL-BERNHARD SEBON, flauta
Haydn, Stamitz, Ibert e Peixinho

14 DE MARÇO
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: ERLING BLONDAL GENGTSSON, violoncelo
Vivaldi, Schumann e Beethoven

21 DE MARÇO
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: MARIA JOÃO PIRES, piano
Brahms e Mendelssohn

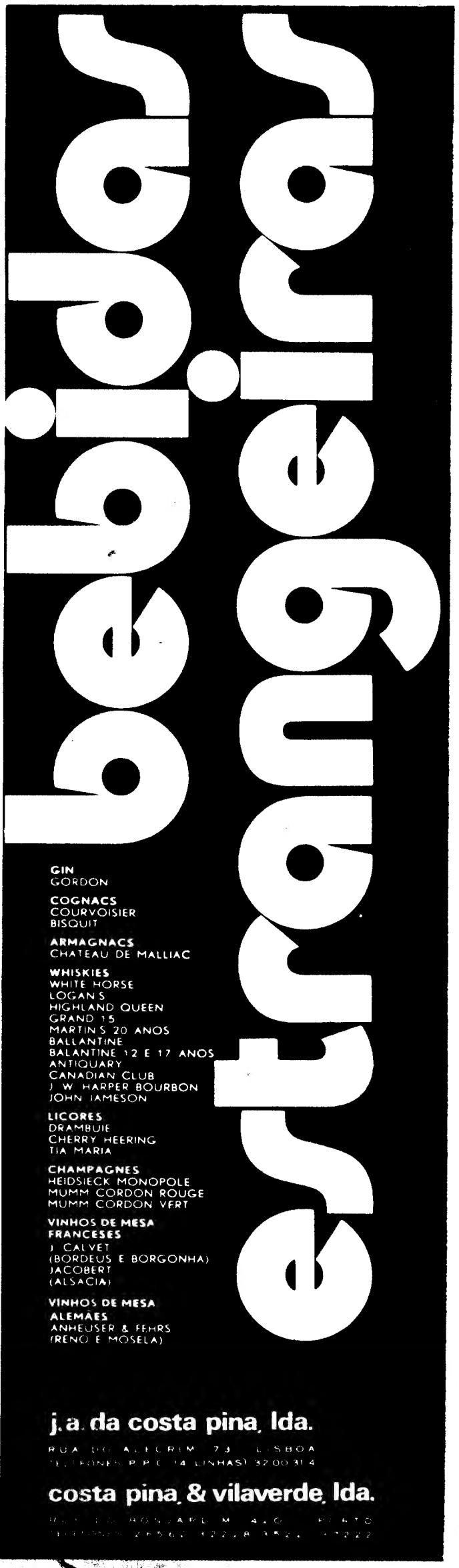
28 DE MARÇO
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solistas: ELISETTE BAYAN, soprano / HELENA CLÁUDIO, mezzo-soprano / WILLIAMS JOHNS, tenor * CORO GULBENKIAN
«Missa da Coroação» de Mozart e «Missa de Glória» de Puccini

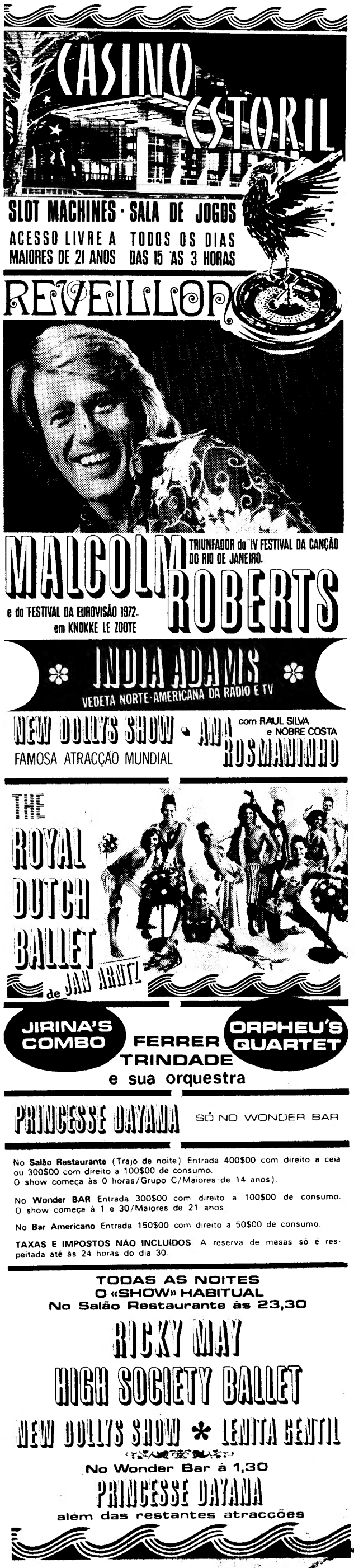
Preços (avulso): 40$00, 30$00 e 20$00 * Desconto de 50% a crianças dos 6 aos 12 anos, quando acompanhadas, jovens até aos 18 anos e estudantes * Bilheteira aberta das 13 às 20 h., na Fundação Calouste Gulbenkian (Av. de Berna)

ATENÇÃO

Em virtude de se encontrar esgotada a lotação para os concertos dos dias 21 de Fevereiro, 14 e 21 de Março, não haverá venda de assinaturas.

GRUPO A — M/ 6 ANOS





DL/ESPECTÁCULOS

Crítica de cinema — LAURO ANTÓNIO

CHARLOT: "LUZES DA CIDADE"

TÍTULO: LUZES DA CIDADE (City Lights)
REALIZAÇÃO: Charles Chaplin, 1930 (EUA)
INTÉRPRETES: Charlie Chaplin, Florence Lee, Harry Myers, Allan Garcia, Virginia Cherril, etc..
DISTRIBUIÇÃO: Sófilmes.
ESTREIA (cópia nova): Cinema Estúdio 444 (15.12.1972)

O grande acontecimento da semana foi, certamente, a reposição (em cópia nova) de um clássico de Charlie Chaplin, precisamente **Luzes da Cidade**, filme datado de 1930 (anterior portanto a **Tempos Modernos** e posterior a **O Circo**, revistos aqui há alguns meses atrás) e que é, no dizer de Jean Mitry «o **mais belo de todos os filmes de Charlot. O mais doloroso, o mais cruel, o mais terno»**.

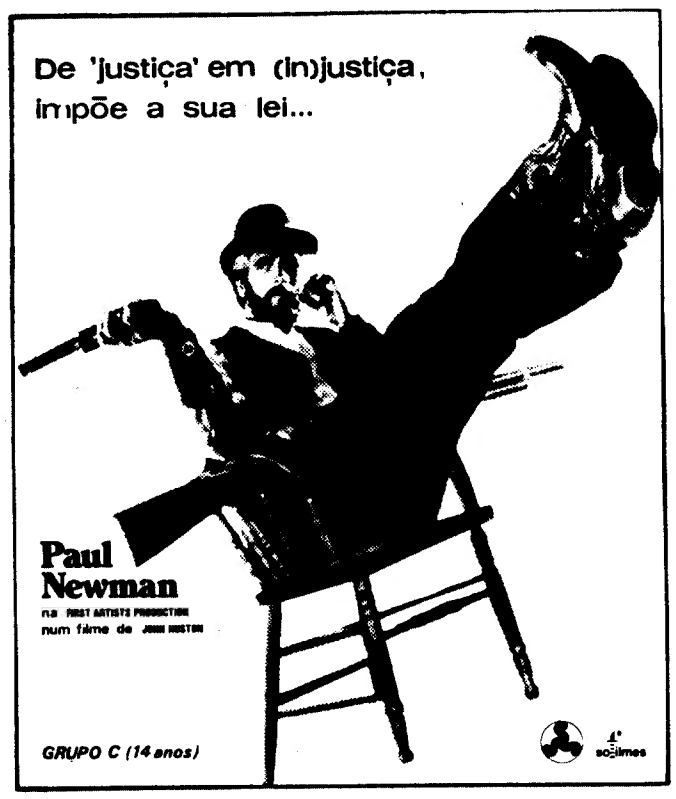
Ainda que não partilhando totalmente da opinião de Mitry (que é, presentemente, um dos ensaistas cinematográficos mais em voga em França), **Luzes da Cidade** é, na realidade, um dos mais belos filmes de Chaplin, não tão violentamente crítico como **Tempos Modernos**, não tão dolorosamente nostálgico como **O Circo,** não tão delirantemente burlesco, como, por exemplo, **A Quimera do Ouro**... Mas, **Luzes da Cidade** reúne de todos eles algumas características e, da súmula, resulta efectivamente um dos seus filmes mais importantes e significativos.

A história, como todas as de Chaplin, é, simultâneamente, muito simples e extremamente complexa. Simples na linha geral, na estrutura que lhe serve de base; complexa nos meandros que explora, nas peripécias que se desencadeiam umas das outras. Vagabundo como sempre, Charlot irrompe numa entrada de génio, aparecendo sob uma coberta que tapa um momento a inaugurar, no preciso momento da sua inauguração. **«Paz e Progresso»** é o lema enquanto, Charlot dorme no regaço da estátua. Descoberto tenta fugir, mas, pelos fundilhos, fica preso na espada de mármore. Dependurado, ouve o hino, de respeitoso chapéu ao peito. Uma das mais extraordinárias sequências de Chaplin, a juntar a outras vistas neste mesmo filme (um combate de boxe e os seus preliminares; uma cena com um milionário que se pretende suicidar ao mesmo tempo que Charlot lhe explica como é bela a vida; uma reunião em casa desse milionário, com Charlot a engolir um apito e a estragar por completo a actuação de um romântico cantor; um jantar num **night club**, com Charlot comendo serpentinas, enroladas no **spaghetti** e saindo do palco como defensor de uma bailarina de tango, etc..) que figurarão, seguramente, numa antologia do que de melhor o génio de Chaplin concebeu algum dia. Mas, será resolutamente na sequência final, de uma amargura e crueldade insustentáveis, que **Luzes da Cidade** atinge o seu momento de paroxismo: Charlot descobre o rosto da cega por quem se apaixonara, por quem sofrera e por quem fora preso, e descobre-o curado, rasgado à vida, olhando-o nos olhos. A rapariga cega sai então da sua loja de flores e vem entregar a Charlot, vagabundo, uma flor e uma esmola. Mas o toque das duas mãos denuncia a verdade. Tudo o que de belo e de medonho se pode imaginar ver estampado num rosto, tudo isso perpassa no **écran** em fugazes, mas eternos momentos.

O que nos espanta, porém, é que, muitos anos depois da sua última exibição em Portugal, **Luzes da Cidade** regresse ao convívio do público de Lisboa e, uma sala como o 444, não tenha esgotado a sua lotação. O que nos espanta é não ver longas «bichas» esperando pela «sorte» de um bilhete. O que nos preocupa é que todo o público, dos 6 aos muitos mais anos, não tenha vindo a correr ver o mago que lhe fala amor, depois de ter engolido um apito e antes de levar uma poderosa «directa» que o transporta aos balneários... Tudo isto nos espanta e está a tempo de ser corrigido bem assim como as condições em que a cópia de **Luzes da Cidade** é projectada, sem a necessária correcção da objectiva e janela de projecção, adaptada às proporções da época (que são diferentes das das películas actuais e que obriga, portanto, o filme a ser cortado em duas violentas fatias horizontais, em baixo e em cima do écran). O mesmo se passa, aliás, quanto a **Alexandre Nevski**. O que é duplamente grave, pois em ambos os casos se trata de obras importantes, onde os trabalhos de enquadramento são particularmente significativo e cuidados pelos seus criadores. Salas e público, tudo a tempo de corrigir deficiências e repor a justiça.

BEBÉS

Camas, porta-bebés, conjuntos, carros, cadeiras, banheiras, parques, andadores, triciclos e automóveis, fabricante vende directamente ao público. «BAVÁRIA», Av. da Igreja, 9-B e R. dos Correeiros, 184 - 2.º.



O 'Juiz' Roy Bean

"THE LIFE AND TIMES OF JUDGE ROY BEAN"

COM: JACQUELINE BISSET TAB HUNTER JOHN HUSTON STACY KEACH RODDY McDOWALL ANTHONY PERKINS VICTORIA PRINCIPAL ANTHONY ZERBE e **Ava Gardner.** Lily Langtry

música de MAURICE JARRE · canção: "Marmalade, Molasses and Honey"
poema de MARILYN e ALAN BERGMAN · canta ANDY WILLIAMS · arg de JOHN MILIUS
prod. de JOHN FOREMAN · real. de JOHN HUSTON · PANAVISION® · TECHNICOLOR®

HOJE ESTREIA ÀS 21,30

IMPÉRIO

Em complemento: O documentário colorido «Museu Nacional dos Coches», produção e realização de Francisco Ordaz, subsidiado pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

QUANDO A HABILIDADE NÃO CHEGA

Continuação da pág. 7

do teria provocado um escândalo. Há que reconhecer o mérito de Silva Pereira pelo resultado final pois conseguiu transformar o quase permanente caos da orquestra num esboço eloquente (para o auditor desprevenido) da 5.ª Sinfonia de Mahler. Mas trata-se dum mérito que tem o seu quê de acrobacia circense, que não é pròpriamente o que há a esperar dum chefe de orquestra com as suas responsabilidades. Ele bem sabia de antemão que não era possível fazer honestamente a sinfonia naquelas condições. A sua atitude, como artista e como profissional, como músico português titular de cargos directivos no sector de educação e da cultura musicais, pessoalmente empenhado, por força de tudo isso, no saneamento do ambiente musical e na implantação de seriedade e de dignidade nos processos de trabalho, só podia ser uma de duas: a) exigir o adiamento do concerto, pelo tempo necessário para preparar convenientemente a obra; b) substituir a sinfonia de Mahler por outra peça, mais fácil, e que a orquestra conhecesse melhor. Com a sua atitude de condescendência (pois fazemos-lhe justiça, recusando-nos a admitir que não tivesse consciência do que ia acontecer) solidarizou-se com os directores administrativos da orquestra e tornou-se tão responsável ou ainda mais do que eles. Deu aso a que estes possam alegar agora e com razão que o maestro não levantou dificuldades e que, portanto, a ele se deve imputar toda a culpa na «ocorrência». quando é que se põe termo a todas estas perigosas cumplicidades, que degradam a vida musical portuguesa?

. Uma breve referência apenas, a finalizar, à pianista Ingrid Haebler, que interpretou num impecável estilo mozartiano um dos concertos de piano do mestre salzburguês.

DL/GERAL

em 3 linhas

A folha oficial (2.ª série, n.º 294) insere a lista dos candidatos admitidos ao concurso para terceiros-oficiais do quadro da Direcção-Geral da Fazenda Pública.

///

Foi concedida ao Município de Portalegre a comparticipação de 1 050 000$00 para a obra de construção do Centro de Convívio do Bairro de São Cristovão.

///

Está constituído o júri para o concurso de admissão de chefes de secção para o quadro do Comissariado do Desemprego.

///

Foi concedida uma comparticipação para a obra do esporão de abrigo do porto de Santa Maria (recarga de enrocamentos).

///

O dr. Elias Farinha Soares foi nomeado, provisòriamente, delegado do procurador da República do Ultramar, com colocação, em comissão de serviço, como inspector da Polícia Judiciária na Directoria de Lourenço Marques.

///

Está aberto concurso documental, entre licenciados em Direito, para provimento de um lugar de chefe de secção da Direcção-Geral de Justiça, do Ministério do Ultramar, e dos que vagarem durante dois anos.

///

O dr. Arlindo David dos Santos Pinto foi autorizado a prestar serviço como assistente do Instituto de Higiene e Medicina Tropical

///

O eng. José Joaquim Costa da Cruz Pinto foi contratado como assistente eventual, além do quadro, da Universidade de Lourenço Marques.

///

Foi nomeado, com carácter provisório, chefe de divisão da Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, o dr. António Manuel Mesquita Soares Nunes de Oliveira, professor provisório do Instituto Técnico Militar dos Púpilos do Exército.

///

Podem ser requeridos, em provimento interino, os lugares de notário de Alcácer do Sal (3.ª classe) e conservador do Registo Civil e notário de Barrancos (3.ª classe).

///

O dr. José dos Santos Bandeira Costa, técnico de Saúde Pública, foi nomeado, interinamente, director de serviço do quadro do pessoal dirigente da Direcção-Geral de Saúde.

///

Vem no «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 294) a lista dos edifícios escolares para o ensino primário considerados concluídos e em condições de serem entregues aos respectivos Municípios de diversos distritos.

Insere a folha oficial (3.ª série, n.º 294) a relação das sociedades cuja fundação, modificação, dissolução ou cancelamento foram inscritos no mês de Outubro findo.

Homologação dos preços das máquinas agrícolas

O regime de homologação prévia dos preços de venda abrange, a partir de agora, aos automóveis ligeiros e pesados de transportes de mercadorias e as máquinas agrícolas.

A portaria n.º 751/72, assinada pelo secretário de Estado do Comércio e publicada no «Diário do Governo» refere-se aos «carros de serviço» e aos tractores agrícolas, motocultivadores, material de rega por aspersão, fresas, ceifeiras, ceifeiras-debulhadoras, pulverizadores-atomizadores, enfardadeiras, corta-forragens, máquinas mobilizadoras do solo, gadanheiras, e reboques.

RB

Rynbende

Para uma vida que vale a pena ser vivida. A escolha é certa. Em tudo. Vodka RB. Muito especial. A companhia para certos momentos.

A ESCOLHA DO SEU REQUINTE

UM DOS PEQUENOS SEGREDOS DA VIDA

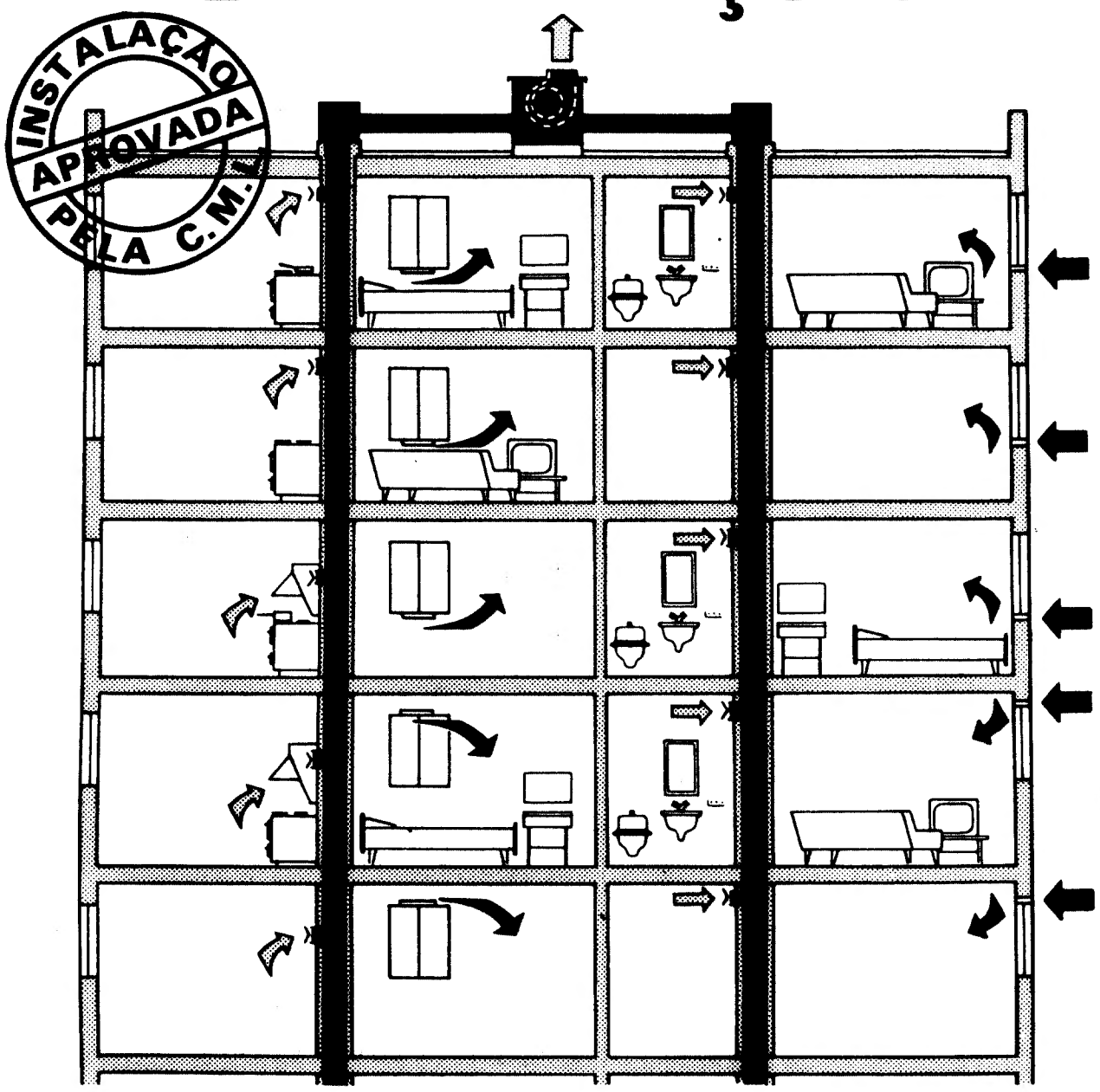
DL/GERAL

O espectáculo vicentino «PARA ONDE IS?», representado com grande êxito há três meses pela **COMUNA-teatro de pesquisa,** entra agora em últimas representações. O grupo apresenta-0 hoje e no sábado de novo na sua sala da Praça José Fontana, 12-B, deslocando-se a seguir a várias terras da província. Entretanto no dia de Natal a **COMUNA** promove uma **matinée** infantil com a peça «FELICIANO E AS BATATAS» para maiores de 6 anos.

CHARLES BRONSON EM "O MECÂNICO"

Mecânico, na gíria de Nova Iorque, quer dizer criminoso, assassino. Em **O Mecânico,** que será estreado ás 21,30 horas de hoje, no Cinema São Jorge, Charles Bronson é justamente isso: um homem solitário, um assassino de encomenda, que se limita a executar as ordens de quem o paga, sem discutir. O filme, que foi o primeiro na carreira de Charles Bronson, a ser rod ado em Hollywood, desde o seu triunfo na Europa, tem uma história densa, explosiva, onde o lugar reservado no amor é quase nulo, asfixiado por sentimentos violentos e primitivos. O seu realizador é Michael Winner, um inglês que Bronson conheceu na Espanha, quando das filmagens de **Desforra Apache.** Ao lado de Charles Bronson, no elenco de O Mecânico, está Jill Ireland (a sua mulher, na vida real) e Keenan Wynn.

VENTILAÇÃO MECÂNICA DE HABITAÇÕES



SISTEMA SF

Um processo simples, funcional e moderno para uma casa bem arejada e melhor pensada.

ESSEFE VENTILAÇÃO, LDA.

R. Camilo Castelo Branco, 23, 5.º Lisboa 1 — Telefs. 48695-561569-47093

CASA FERNANDES

RUA DOS FANQUEIROS, 312-1.º

PRONTO A VESTIR

PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

GERÊNCIA DE: JOSÉ MANUEL DIAS

CUMPRIMENTA OS AMIGOS, CLIENTES E FORNECEDORES DESEJANDO-LHES FESTAS FELIZES

GABARDINES

Novo Serviço de Limpeza e Impermeabilização Stotchgard
Em 2/3 dias

TEXAS e suas Agências

MEXICANA

1a CLASSE COM UTILIDADE *Turística*

Uma nova chuva de LIBRAS a distribuir pelos clientes do saboroso BOLO REI deste ano.

Basta coleccionar as letras que vão gravadas nos brindes e formar a palavra MEXICANA. Receberá em troca uma autêntica LIBRA DE OURO.

Guardou as letras do ano passado? Então pode completar agora mais fàcilmente a sua colecção!

Aproveite. Compre já o seu BOLO.

BOLO REI DA MEXICANA
Uma garantia de qualidade

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 30 C - TELEF. 726117/8/9 - LISBOA

DL/INQUÉRITO

ORA DIGA-NOS...

Tem aquecimento em casa?

. Começa esta tarde o Inverno. Hoje, dia 21 de Dezembro, pelo nosso calendário gregoriano, com a rigorosa precisão de se iniciar às 19 horas e 13 minutos. Mas o frio não se rege por horários e tem-nos dado um inverno antecipado que cada um, melhor ou pior, vai combatendo com o calor que pode. E trava-se uma guerra diária contra o frio que torna a estação numa sobrecarga orçamental traduzida em contas de gás ou electricidade. Uma guerra fria que muitos enfrentam com notória desvantagem. Por isso a nossa pergunta:

Tem aquecimento em sua casa?

Emília Rocha: «Estou habituada ao frio»

— **Tenho aquecimento a gás que já estou a usar há bastante tempo, se bem que este inverno esteja a ser melhor que o último. Mas não gasto muito porque trabalho quase todo o dia fora de casa, de modo que acendo o aquecedor durante pouco tempo. Por outro lado, como sou do norte, estou habituada ao frio, diz-nos a sra. Emília Rocha.**

Igualmente habituado está o sr. Henrique Salgueiro, alentejano de 54 anos a quem o frio nunca causou mazelas nem achaques:

. — **Não, não tenho qualquer aquecimento em minha casa. É relativamente agasalhada e não me custa muito ter que dispensar o aquecedor.**

Sou do Alentejo e lá há o costume das lareiras que são um foco de constipações; com o aquecimento é o mesmo: muda-se de um momento para o outro de ambiente e apanha-se logo uma constipação. É por isso também que não tenho aquecimento. E olhe que nunca tive uma constipação sequer. É uma questão física.

Henrique Salgueiro: «Não tenho aquecimento»

Rosinda Fernandes: «Está muito frio»

Ter saúde sempre foi uma economia mas nem todos a têm; nem será salutar a recusa dum ambiente minimamente confortável. Por isso, a maioria das opiniões recolhidas não enferma do mesmo desprendimento da recém-resposta. Numa fugida, a sra. Rosinda Fernandes dá a lacónica resposta:

. **Temos aquecimento a gás. E já a funcionar há algum tempo.**

Está muito frio!

. Para Abílio Vieira, vendendo lotaria, de 41 anos, o aquecimento é, mesmo que remediado, indispensável:

. **Tenho o meu aquecimento, sim senhor: duas lâmpadas fluorescentes.**

Mas já vou sentido a falta de melhor aquecimento se bem que este ainda me fique caro. O pior é o gasto de electricidade e, por isso, também já pensei em comprar outro mas que gaste menos.

Abílio Vieira: «O pior é o gasto da electricidade»

EXPOSIÇÃO DE LITERATURA INFANTIL

Na galeria de arte «Quadrante» está patente ao público uma exposição de livros infantis. Simultâneamente, serão realizadas leituras para crianças, orientadas pela pedagoga escritora Alice Gomes. A directora da «Quadrante», Maria Alice Ferreira, afirmou-nos a propósito:

A literatura infantil não está bastante desenvolvida em Portugal, apesar de se estarem a fazer grandes esforços, como seja o caso da editora Verbo. As crianças devem ir às livrarias, os país e as escolas devem incitá-las a isso. Há cinco anos que venho a colocar estes livros à disposição de todas as crianças. Chegam aqui, mexem em tudo o que querem e o certo é que nunca me apareceu sequer um livro estragado.

Vêem-se, entre outros, edições recentes como «O Sol e o menino dos pés frios» de Rosa Matilde Araújo, a 2.ª edição do Teatro para crianças de Alice Gomes e muitos outros. Também ali existem as secções de livros infantis em inglês e francês que, segundo a nossa interlocutora, «**se vendem muito, porque têm uns desenhos maravilhosos e as crianças entusiasmam-se bastante com o aspecto gráfico. Realmente estes livros vendem-se extraordinàriamente. Mais que alguns portugueses, até porque são mais acessíveis. Porquê? Porque, enquanto nós, fazemos uma edição de 3 000 livros o que se torna já bastante arriscado, eles fazem 10 000. Automàticamente torna o livro mais barato.**»

Invento moçambicano substitui gasolina por gás

LOURENÇO MARQUES, (L) — Aguarda oportunidade de comercialização um pequeno aparelho designado por «misturador», que em substituição dos carburadores vulgares, pode fazer funcionar qualquer motor, substituindo por gás butano, a utilização de «diesel» ou gasolina. E autor neste invento o serralheiro-mecânico José Eduardo, residente nesta cidade, que afirma ter o seu aparelho sido já utilizado há quatro anos num automóvel, que percorreu com ele quarenta quilómetros. Depois desta experiência o inventor introduziu no seu aparelho alguns melhoramentos que a utilização na altura aconselhou, estando presentemente o «misturador» em condições de ser comercializado e utilizado por qualquer motor de explosão.

A propósito salienta-se que Moçambique possui em Pande gigantescas reservas de gás butano.

Este aparelho, concluído em 1968 e aperfeiçoado desde então para cá, tem ainda a particularidade de evitar a poluição atmosférica, [illegible] nos nossos d[illegible]

Peça
Gordon
com água tónica...

...eles foram feitos um para o outro

Gordon
o gin mais vendido em todo o Mundo!

j. a. da costa pina, lda. • costa pina, & vilaverde, lda.
A 30 ALECRIM 74 [illegible] BOAVISTA JARDIM, 420 PORTO

DL/GERAL

PAI NATAL, CHAMINÉS E ARQUÉTIPOS

Continuação da pág. 3

si as possibilidades de lhe dar forma; era necessàriamente presentida por ele para que pudesse concretizá-la. Era preciso que a casa correspondesse a um espaço interior, que tomasse modelo em qualquer lado dentro dele, porque no exterior não havia nenhum.

Se concluímos que os arquitectos de hoje se inspiram no passado ou no próximo, em que poderemos dizer que se inspirou o homem primitivo?

A criança pequena não recorre a nenhum modelo exterior para desenhar **a sua** casa. E só se inspira no que vê na medida em que o que vê lhe permite aproximar-se da verdade que sente. E começa a desenhar uma espécie de «bolsas» munidas de uma saída. Essas bolsas contornadas com aplicação assemelham-se curiosamente às casas - matrizes dos primeiros homens.

Numeroso documentos fotográficos observados no Museu do Homem haviam-me levado a seleccionar certo número de habitações primitivas cujo aspecto geral era similar. Pertencem a tribos africanas muito afastadas do mundo, e os seus costumes permanecem ligados a uma participação instintiva das coisas, de maneira quase animal. Aqueles homens deviam, à sua maneira, saber muita coisa sobre as origens da vida humana. Construídas hoje, são tão sumárias que o modelo interior no fundo dos seus construtores pouco deve ter mudado desde as origens da humanidade. É graças a eles, aos heróis silenciosos da permanência, que se nos manifestam sinais de valor incomparável para nos esclarecer sobre as origens das nossas percepções.

As suas cabanas recordam-nos a tal espécie de bolsas, com uma fenda vertical, um pouco mais estreitas no topo, o que as faz assemelhar a enormes, a gigantescos seios com os bicos virados para o alto. Mas o que mais nos impressionou, mais até do que a silhueta geral, foi o orifício de saída, de bordos inchados, única parte decorada da frustre habitação.

Tive então a certeza de que o modelo interior do ser que presidira ao nascimento dessa forma era o ventre da mãe, o interior do ventre da mãe: aquelas casas eram matrizes.

Empurrado para fora da caverna onde vivia ao ritmo das leis naturais, o primeiro homem só pensou em reconstruir a primeira imagem de unidade de que se sentia privado, e se mais tarde volta à caverna já não é para aí habitar, mas para nela desenhar o bisonte antes de o caçar, sacralizando-a e fazendo dela um santuário oferecido às forças da natureza, que doravante lhe são inacessíveis na sua nova condição.

Tudo se esclarece, e o que haverá de mais normal do que ornamentar e magnificar o orifício da cabana que permite entrar nesse universo-matriz à imagem de um conceito interiorizado da casa, formado no calor do seio materno?

Sair da matriz é um facto natural, mas lá regressar, entrar de novo é uma esperança perpètuamente falhada, senão num plano superior da consciência: a porta da casa é sacralizada.

Fazer a sua casa, quer pois dizer criar um lugar de paz, de calma e de segurança à imagem do ventre da mãe, onde podemos retirarmo-nos para sentirmos bater o coração; criar um lugar onde não nos arrisquemos a ser agredidos, um lugar de que sejamos a alma. Atravessado o limiar da porta, bem fechada ela, é como que em nós mesmos que entramos.

Os elementos que compõem a casa correspondem a uma linguagem universal, a dos arquétipos e dos símbolos comuns a toda a humanidade.

Assim, a verticalidade encontra, para se exprimir, a escada, a torre, a inclinação do telhado; a horizontalidade: o pátio, a ponte, o corredor, o túnel. A coluna, além de ser símbolo de verticalidade, é ainda um eixo do universo: «lugar psíquico» do desenvolvimento espiritual do indivíduo, do seu desejo primitivo de ascenção, do apelo «ad alta» na sua posição de microcosmo em relação ao macrocosmo. O arquétipo do desejo ascencional da alma humana toma então forma de coluna.

Há uns anos encontrávamo-nos numa velha aldeia de Portugal. Na praça principal, onde poderia encontrar-se um poço ou um cruzeiro, erguia-se uma coluna em espiral sobre um soclo de base quadrangular, composto de alguns degraus. Ali se erguia, orgulhosamente enrolada em si mesma há séculos, tendo no delgado capitel quatro pequenas colunas também dispostas em quadrado. Ali se erguia como os discos solares dos incas sobre as suas pirâmides.

Devo confessar que até esse dia tinha confundido pilar e coluna: porque se um pilar é uma coluna onde alguma coisa assenta, uma coluna é um pilar onde não assenta nada.

Então me pareceu evidente o significado das salas egípcias e mexicanas: a função das colunas não era sustentarem o tecto, mas apenas estarem ali, e em tão grande número que atingiam uma intensidade quase insuportável no apelo à verticalidade, jamais igualado em arquitectura.

Embora já convencido da existência em nós de uma linguagem universal da casa, relembro a surpresa que sentimos quando um dia, numa aldeia perdida do Yucatán, vimos uma menina desenhar numa folha de papel uma casa donde saiam pela chaminé rolos de fumo. O facto é que nessa região as habitações são muito primitivas, compostas de uma única divisão com duas portas fronteiras, cobertas por um telhado inclinado, sem chaminé. O lume acende-se do lado de fora no Verão, e quando o tempo não o permite, durante a estação das chuvas, acende-se dentro, fugindo o fumo como puder pelas duas portas rasgadas defronte uma da outra. Todavia, no telhado do desenho aparecia uma chaminé perpendicular à inclinação, como fazem as crianças de todo o mundo. «Não teria a menina visto qualquer ilustração?» Na escola não lhe terão dito que uma casa tem de ter chaminé?»

Afirmo que não, mas conto com essas perguntas, bem subjectivas, creio, secretamente motivadas pelo receio de termos de reconhecer a riqueza do conteúdo inato da psique.

Porque a criança aparece-nos hoje como um odre vazio que só pode devolver o que lá tivermos posto, como se lhe fosse impossível desenvolver-se por si, segundo os seus próprios dados psíquicos, colectivos e individuais.

Na Europa, até à Renascença, tanto a lareira como a chaminé eram sumptuosamente ornamentadas e traduziam assim o lugar que mantinham na psique colectiva, materializado pelos artistas e arquitectos da época. Depois, à medida que se perdia o seu significado inicial, e por razões práticas de funcionamento, reveladas na deslocação dos centros de interesse da psique colectiva, foi deslocada do centro da casa, do centro da divisão, para o seu flanco. Mas, através do mundo, é nesse lugar que «impele para cima» que se reúne a família, o convidado, o viajante.

Os espíritos do lar, os deuses lares, dizem-nos as lendas, sobem e descem pela chaminé, ligando o homem às forças do universo, simbolizadas entre nós pela visita do Pai Natal, carregado de presentes do céu.

Traduz assim, a sua própria imagem, a consciência da alma popular do dom de um além, feito aos homens no solstício de Inverno pela vinda do velho de barbas, conduzido por brancas renas: a lareira, aí, retoma os seus direitos para se tornar lugar de nascimento, de transformação, de dom celeste, num arcaísmo sempre vivo na alma colectiva. No mundo cristão o nascimento de Cristo é relacionado com a lareira, aí se coloca o presépio, imagem do elo inconsciente entre Cristo e o Sol, entre a criança e o fogo.

Entre os Peul, a lareira, lugar da cozinha familiar, é um lugar sagrado; é denominado «matriz da mãe», porque a matriz é «onde coze o menino».

Por isso pergunto se não existe em mim, dentro de mim, no mais fundo da minha habitação interior, um «lar» que me recorda as origens da vida, as minhas origens.

Mas voltemos às relações que o adulto de hoje mantém com o Pai Natal, isto é, afinal, com o Maravilhoso, que lhe é verdadeiramente essencial, mesmo quando o nega e pensa tratar-se sòmente de resguardar qualquer coisa para os seus filhos. Apenas para algumas notas finais.

Em França, 40 por cento de casais sem filhos nem crianças na família armam em sua casa a árvore de Natal. Uma alta percentagem.

Registe-se também a resposta de uma modesta mãe italiana: «Tenho uma filha de seis anos e meio que continua a acreditar no Pai Natal. Fazemos tudo para lhe alimentar a lenda. Na nossa sociedade, de interesses tão materialistas, temos de manter o mais tempo possível uma parte de sonho. Direi tudo a meus filhos sobre a educação sexual, mas continuarei a mentir a respeito do Pai Natal».

Concordo com ela, a prova é que foi exactamente o que eu fiz.

E pergunto, um bocado pensativa: «Mentira? Terá sido mentira?

PARA SI NESTE NATAL
A TELECTRA SUGERE A SUA
«SERIE DE COMBATE»
LP'S EM STEREO - GRANDES SUCESSOS DA MUSICA PORTUGUESA E BRASILEIRA NAS VERSÕES ORIGINAIS

TEREZA TAROUCA
ANTONIO MOURÃO
TONICHA
HERMANO DA CAMARA
SHEGUNDO GALARZA
NILTON CESAR
CARMEN SILVA
OS INCRIVEIS
MARTINHO DA VILA
... E OUTROS

A NAMORADA QUE SONHEI
ADEUS SOLIDÃO
EU TE AMO MEU BRASIL
SEGURE TUDO
OH TEMPO VOLTA PRA TRAZ
O RESINEIRO
SAUDADE SILÊNCIO E SOMBRA
FADO DA DESPEDIDA
PASSEIO EM SINTRA
MEU BERGANTIM
CHIQUITA MORENA
O VAGABUNDO
PRA COMEÇO DE ASSUNTO
ZÉ SAPATEIRO
O EMIGRANTE
MODA DAS CARREIRINHAS
DESACATO
SEMPRE QUE LISBOA CANTA
ESPERA UM POUCO...
UM POUQUINHO MAIS
.....ETC.

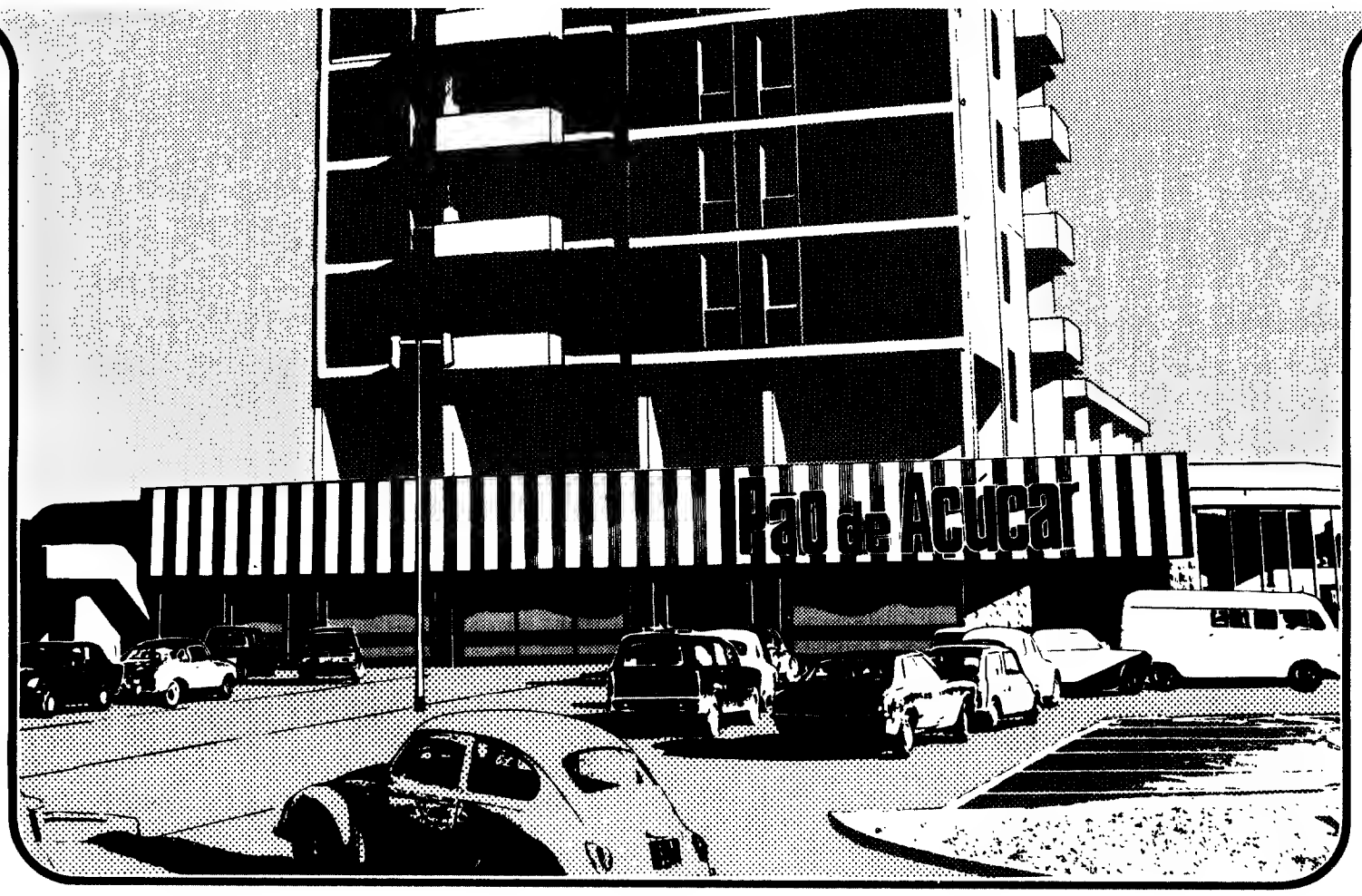
99$50

TELECTRA
RUA RODRIGO DA FONSECA 103 LISBOA-1 telef. 686072/3/4/5

RESTAURANTE
O PEIXE
(espelho d'água)

DIA DE NATAL
Almoço e jantar
NOITE DE S. SILVESTRE
Ceia
DIA DE ANO NOVO
Almoço
Ementas especiais. Cozinha requintada
Marcações pelo telefone
61 04 34

VILAR
BICICLETAS
DE TODOS OS TIPOS E MODELOS
CICLO-AREEIRO
AV.ª DUQUE COUTINHO 3 B • LISBOA



Concluímos o programa para 1972

Um programa ambicioso e necessário. Com etapas que representam esforço.

Expansão foi a palavra de ordem. Dentro de Lisboa. Para fora de Lisboa. Inaugurações no Porto, em Setúbal, no Barreiro, em Almada. E agora o marco final de 72. A Loja 13. Em Oeiras. Concluiu-se o programa. Orgulhamo-nos por o ter conseguido.

O nosso agradecimento vai para todos os que connosco colaboraram com esforço. Com boa vontade.

- **Armetal, SARL** – Estantaria - Expositores - Carros de Auto-Serviço - Divisórias
- **Actimel** – Fabrico e Montagens Eléctricas, Lda. – Instalações Eléctricas
- **António Luís Pinheiro da Silva** Terraplenagem
- **A. Silva & Silva** – Indústrias e Comércio, SARL – Construção Civil
- **Efacec** – Empresa Fabril de Máquinas Eléctricas, SARL – Elevadores e Ventiladores
- **ENI** – Electricidade Naval e Industrial, SARL Instalações Eléctricas
- **Faminox** – Equipamentos Industriais, Lda. Bancadas - Cepos - Mesas - Tabuleiros e Bandejas
- **Luís Bandeira, Lda.** Instalações de Snack-Bar
- **Lusalite** – Sociedade Portuguesa de Fibrocimento, SARL – Coberturas com Canaletes
- **NCR** – The National Cash Register Company of Portugal, SARL – Caixas Registadoras
- **Neolux** – Reclamos Luminosos
- **Profabril** – Centro de Projectos, SARL
- **Polifrio** – Jaime J. Marques Pinto, Lda. Balcões - Câmaras Frigoríficas - Check-outs - Vascas - Grelhadores de Frangos
- **Plastécnica** – Comércio e Indústria de Plásticos, Lda. – Reclamos Luminosos
- **Rekena & Ca., Lda.** Instalação de Padaria
- **Robert Bosh (Portugal), Lda.** Instalação de Circuito Interno de TV
- **Revessete** – Sociedade de Revestimentos Extra-Duros, Lda. – Revestimento de Pavimentos – Revestimentos Decorativos de Paredes
- **Senco** – Soc. de Estruturas e Novas Técnicas de Construção – Lages Nervuradas GKM
- **Sweda** – Litton Business Systems Caixas Registadoras
- **Sociedade de Construções Soares da Costa** – Construção Civil
- **Tudotel** – Comércio e Indústria de Equipamentos Hoteleiros, Lda. Instalação de Snack-Bar
- **Utilmóvel** – Sociedade de Representações, Lda. – Balcões e Câmaras Frigoríficas

Pão de Açúcar

Leo Burnett

DL/NACIONAL

Escola para os tempos livres atrai centenas de jovens

Facto inédito entre nós, em matéria de ensino de Artes Plásticas, é o que se está a passar no Centro Piloto de Artes Visuais, que funciona, desde Janeiro do corrente ano, num amplo andar da Avenida da República: o número de presenças mensais de interessados ronda já um milhar e com tendência para crescer levantando já problemas de crescimento e espaço.

— **O objectivo fundamental do Centro é o da promoção duma salutar ocupação dos tempos livres pela juventude** — começou por nos dizer, Hernâni Oliveira, professor e director do Centro — **as nossas actividades envolvem a aprendizagem ou ensino de Pintura, Escultura, Artes Gráficas, Fotografia e Cinema. Para cada uma destas actividades temos um orientador próprio.**

FUNCIONAMENTO

E PROJECTOS

Aberto das 9 às 20, todos os dias, excepto ao domingo, o Centro funciona quase gratuitamente pagando-se apenas cerca de cinquenta escudos para inscrição nos cursos de iniciação. Diz-nos ainda o prof. Hernâni Oliveira:

— **Outras receitas são provenientes de exposições que organizamos nas diversas capitais de distritos do país. Uma percentagem de 10 a 15 por cento fica para o Centro e o restante para os autores das obras. Dependemos do Ministério da Educação Nacional e mais concretamente do Secretariado para a Juventude, que, nos tem apoiado e estimulado, incondicionalmente e que nos permite desenvolver um tipo de acção aberta a todas as camadas segundo linhas gerais dadas superiormente.**

Para além da sua actividade na capital, o Centro Piloto pretende dinamizar as actividades plásticas por todo o país incidindo fundamentalmente sobre a juventude:

— **Vamos procurar lançar outros centros de juventude nas diversas capitais de distrito (já temos oito) com um carácter polivalente isto é, com actividades culturais e de ar livre. Pensamos colaborar directamente com esses centros, enviando trabalhos e permitindo até a ida de monitores especializados sobre as diversas matérias.**

UMA BOA EQUIPA

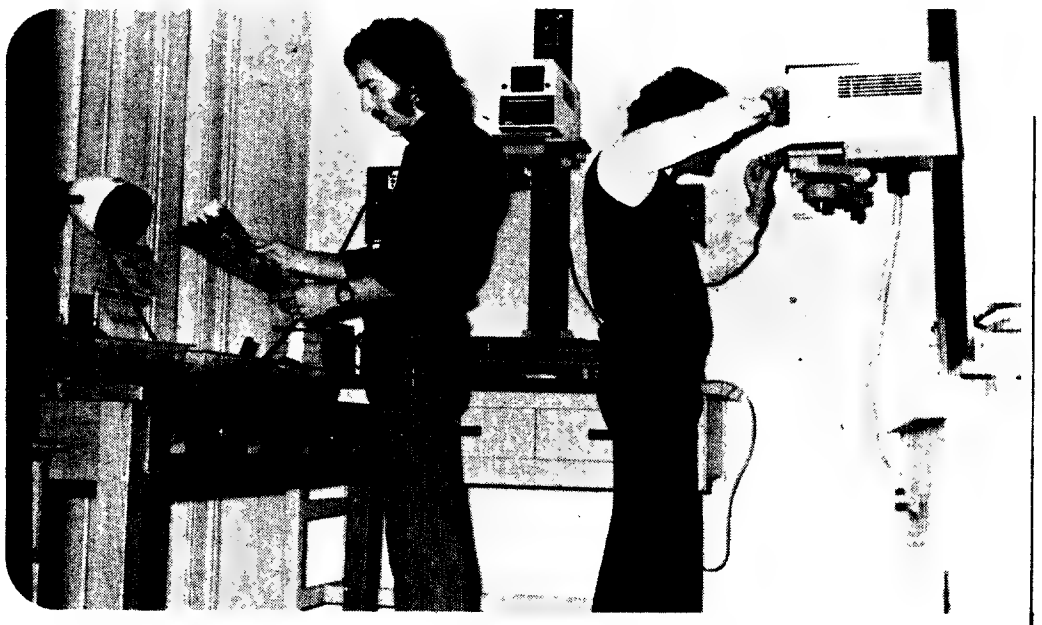
Ainda sobre as actividades do Centro continuou o prof. Hernâni Oliveira:

Hernani Oliveira, director do Centro, dando explicações

— **A nossa missão não tem apenas um carácter estético mas também cultural e de organização de convívios e colóquios internos. Os nossos alunos não são apenas estudantes universitários, liceais e do ensino técnico mas também simples empregados de escritório ou de comércio. Há também uma secção Pré-Juvenil com moços e moças dos 7 aos 12 anos. É de notar que a frequência do Centro é igual em percentagem para ambos os sexos.**

E a concluir:

— **O Centro está aberto a todos os interessados nas Artes Plásticas, na Fotografia ou Técnica de Cinema ou nos cursos de aperfeiçoamento que engloba o Desenho Analítico, Mosaico, Cerâmica, Artes Gráficas, Tecnologia de Escultura a cargo da prof.ª Fernanda Remechido que tem dinamizado uma boa equipa de futuros escultores, Decoração, Estética Industrial e Tapeçaria.**



Dois jovens dedicam-se à fotografia.

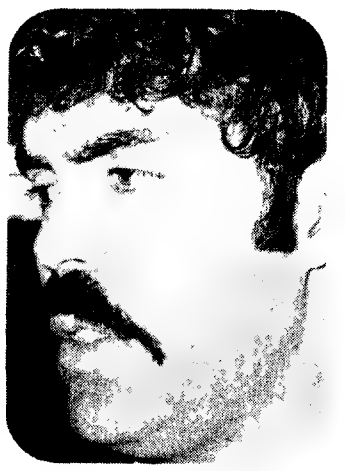
"Emigrados e ofendidos" — primeiro livro de Manuel Geraldo

Alentejano exilado na cidade grande, com um coração maior que ele e a sinceridade aparentemente rude dos que, criados na planície do Sul, trazem consigo, ao longo da vida, o amargo sabor da infância trabalhosa, Manuel Geraldo, estimado camarada da redacção do «Diário de Lisboa», publicou agora o seu primeiro livro.

«Emigrados e Ofendidos» se chama a breve colectânea de crónicas-designação que, à falta de melhor, até nem estará mal. O que é certo, porém, é não serem as do Geraldo aquelas crónicas «desenfastiadas» com que o escritor apara a pena nos longos momentos de burguesíssimo ócio. São, isso sim, o espelho de um homem sèriamente comprometido com a sorte dos homens seus irmãos, identificado com eles e, do mesmo passo, sofrendo o destino comum.

Pequenos textos (na maioria, uma página; quando muito, duas), as «crónicas» de Manuel Geraldo não responderão à pergunta que o autor a si próprio se põe **(«O que sentirá um alentejano desterrado em terra estranha?»)**, mas ajudam, decerto, a uma resposta. Porque o nosso camarada de redacção, na sua fala directa, esbanja em solidariedade humana o que recusa em floreados pseudo-literários. Tem, no entanto, um estilo limpo, aqui ou além, talvez, pecando apenas por uma excessiva adjectivação — mas que é natural numa obra de estreia.

A edição é da Prelo, donde (lembram-se os leitores?) há anos saíu uma colectânea de crónicas de redactores do «Diário de Lisboa» intitulada «O Homem na Cidade». Nas breves palavras com que apresenta Manuel Geraldo, o escritor seu comprovinciano Manuel da Fonseca fala dele como de alguém que não passou de comboio pelos sítios, nem viu as pessoas ao longe. De alguém que esteve lá, sentiu, viveu. Manuel da Fonseca fala, afinal, de um repórter. E isso — é que o Manuel Geraldo é.



Prémio José de Figueiredo

Até ao dia 31, está aberto concurso para o prémio José Figueiredo, que será atribuído ao autor da melhor obra sobre assuntos de arte que revele, simultâneamente, qualidades de investigação histórica e dotes de visão analística e crítica.

São admitidas obras publicadas em 1972, acerca de Portugal, por autores portugueses ou estrangeiros. As demais condições estão patentes ao público na secretaria da Academia Nacional de Belas Artes.

Serviços de Fomento Marítimo

Vai ser nomeado director-geral dos Serviços de Fomento Marítimo o contra-almirante Lino Pacífico Pereira, que deixou recentemente de exercer as funções de comandante-chefe e comandante naval de Cabo Verde.

Não compre sem nos fazer uma visita

ESQUENTADORES ★ FRIGORÍFICOS ★ FOGÕES ★ TELEVISORES ★ CANDEEIROS ★ MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA ★ MÓVEIS, E TUDO PARA O SEU LAR

AS MELHORES MARCAS...
...AOS MELHORES PREÇOS

AGORA COM NOVAS E MAIS AMPLAS INSTALAÇÕES AS

Galerias Socartel

ESPERAM A SUA VISITA
RUA TOMÁS RIBEIRO, 41-B E 43-A

Em exposição a mais variada gama das conceituadas marcas:

AEG-BOSCH-PONTO AZUL-RIBER, ETC.

PAX·PAX·PAX

REPRESENTAÇÃO EM PORTUGAL

* *Música de mensagem social-cristã*
(Kiko Argüello, Espinoza, R. Cantalapiedra, C. Galbarain, etc.)

* *Cursos de línguas* * *Diapositivos sonorizados em Português*

novidade

CASSETES: entre 10 a 17 canções cada
N.º 1: *Madre Nuestra;* N.º 2: *Nostalgia de Dios;* N.º 3: *Cantos a la Virgen María;* N.º 4: *Nochebuena de América;* N.º 5: *Salmos para el pueblo;* N.º 6: *Liturgia y Cancion;* N.º 7: *El Señor es mi fuerza e Misa en ritmo;* N.º 8: *Vem Senhor;* N.º 9: *Festival de Navidad;* N.º 10: *Himnos de Juventud;* N.º 11: *Cantes andaluces de Navidad;* N.º 12: *Cantos de Kiko Argüello*

Apresentação de luxo e boa qualidade de fita. *Venda directa por correio:* 140$00

CURSOS DE LÍNGUAS: método moderno *Francês:* 6 cassettes e 3 livros de texto. Preço de lançamento: 1 000$00. *Inglês:* 7 cassettes e 4 livros de texto. Preço de lançamento: 1 200$00

ATENÇÃO

Catequese * Centros sociais * Paróquias * Escolas * Colégios * Liceus. Pedidos à cobrança para qualquer parte do País, excepto Ultramar, para:

TABACARIA CAMÉLIA
R. Nova da Trindade (ao Largo Trindade Coelho), n.º 26
Telef. 36 91 71 — Letra E
LISBOA

Nove mulheres detidas numa rusga

Nove mulheres de idade compreendida entre 18 e 40 anos foram detidas no decorrer de uma rusga efectuada esta madrugada na zona do Arco do Cego pela secção de Costumes da Polícia. As detidas foram enviadas ao Governo Cívil para identificação e averiguações.

Primeiro prêmio de cozinha internacional ganho pelo mestre cozinheiro do restaurante O PEIXE

No concurso recentemente realizado na FILOTEL por iniciativa do Centro de Formação Turística e Hoteleira, no qual participaram os melhores cozinheiros portugueses, numa competição do mais elevado nível, foi atribuído o 1.º Prémio da Cozinha Internacional a Miguel Rocha Chefe de Cozinha do Categorizado Restaurante «O PEIXE».

O Chefe Miguel Rocha que foi aluno da Escola de Rotelaria Alexandre D'Almeida conseguiu também com a sua «lagosta flambeada com whisky» o honroso 3.º lugar na prova exclusivamente reservada aos graduados pelas escolas hoteleiras.

Confirma-se assim que Portugal dispõe, efectivamente, de restaurantes cuja cozinha é justamente considerada das melhores a nível internacional.

Nós também tratamos os 90% que os outros vêem de si.
TINTURARIA DO CHILE
PERSEC
RAPID IMPEC

LUSTRES
de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..
VENDA AO PÚBLICO

3K
OFERTAS DE NATAL
Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

À MARGEM...
Diremos, à margem deste disco que José Mário Branco obteve da crítica mais válida a consagração que merece.
À margem do José Mário Branco, diremos que, nele, a música é verdade.
MAS DE QUE MANEIRA!
Um disco de JOSÉ MÁRIO BRANCO.
Edição GUILDA DA MÚSICA.

RESTAURANTE TÍPICO
O FAIA
Maiores de 17 anos
25.º ANIVERSÁRIO

LUCÍLIA DO CARMO

Na passagem do 25.º aniversário, que hoje se celebra, a Direcção desta casa típica agradece a quantos, com a sua colaboração, amizade e presença, contribuiram para o seu prestígio e a todos saúda gratamente desejando-lhes UM FELIZ NATAL E UM NOVO ANO DE PAZ E PROSPERIDADE.

LUCÍLIA DO CARMO (a expressão mais genuina do fado) apresenta hoje e todas as noites, **Tristão da Silva, Maria Albertina, Maria do Rosário e Arminda da Conceição** com acompanhamentos à guitarra por **Fernando Freitas** e à viola por **Orlando Silva e Vítor Ferreira.** Apontamentos de Folclore pelo Grupo Prvativo. Música, ambiente por **Andrade Santos.**

Um bom serviço em ambiente de cordialidade
(Encerrado aos domingos) — Tel. 369387/321923

GEL mar
EMPRESA DISTRIBUIDORA DE PRODUTOS ALIMENTARES, LDA.
TRAVESSA DA SAÚDE, 2
LISBOA - 3

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM PRODUTOS ALIMENTARES CONGELADOS

FORNECEDORA DE HOTÉIS, RESTAURANTES, PENSÕES, REFEITÓRIOS, CANTINAS, HOSPITAIS, ESTABELECIMENTOS MILITARES E CONSUMIDORES EM GERAL

TEM PARA ENTREGA IMEDIATA, GRANDES QUANTIDADES DE PEIXE FRESCO E CONGELADO

BACALHAU, CAÇÃO, CACHUCHO, CARAPAU, CHICHARRO, CHOCOS, CHOUPAS, FILETES DE BACALHAU, FILETES DE PEIXE FINO, FILETES DE PESCADA, PARGO, CHOUPAS, LULAS, MEROS, MARMOTA, PESCADA, PEIXE ESPADA, PEIXE FINO, POLVO, POMBOS, RABETAS, RAIA, SAFIO, SARDINHAS, SERRAS, SOLHAS, TAMBORIL

LEGUMES • MARISCOS

ERVILHAS, FAVAS, FEIJÃO VERDE, PIMENTOS, MORANGOS
AMEIJOA, BERBIGÃO, CAMARÃO, GAMBAS

AVES • PRONTOS A COZINHAR

FRANGOS, GALINHAS, PATOS, PERÚS, PERÚS RECHEADOS
AMBURGUERS, RISSÓIS DE PEIXE, CROQUETES DE PEIXE, SALSICHAS DE PEIXE, LOMBOS DE PESCADA PANADOS, BOLAS DE BACALHAU

FAÇA OS SEUS PEDIDOS PELOS TELEFONES
613301 (10 LINHAS) LISBOA E OUTRAS DELEGAÇÕES

NORTE
RUA HERÓIS DE FRANÇA, 237
TELEF. 933093, 9334451, 933541
MATOSINHOS

CENTRO
ZONA INDUSTRIAL
PEDRULHA
TELEF. 35426 - 24312
COIMBRA

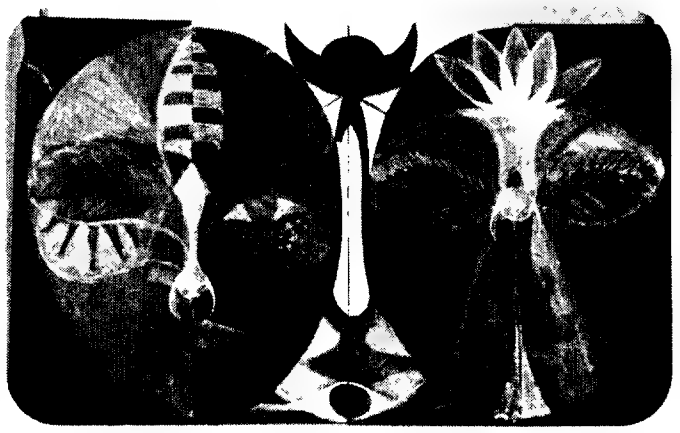
ALENTEJO
ESTRADA NACIONAL
TELEF. 82081 - 82082
MONTEMOR - O - NOVO

ALGARVE
RUA JOÃO DE DEUS, 86 A 90
TELEF. 72146
OLHÃO

DL/GERAL

Isabel Gāndara:

UMA JOVEM PINTORA FALA DA SUA PINTURA



«O Rosto», óleo de Isabel Gândara

Tem interesse ouvir, de chofre, uma aluna do quarto ano da Escola Superior de Belas Artes? Parece-nos que sim. O acaso elegeu Maria Isabel Gândara, que é já pintora e, como tal, pessoalíssima nas suas procuras e nas suas propostas. Pintura simbólica e cósmica, muito trabalhada, de composição segura. Um erotismo sublimado. Uma pesquisa constante do ritual, à beira da experiência metafísica. Nalguns dos seus quadros, que demoradamente observámos, exprime-se (mas em linguagem pictórica não «literàriamente») uma ideia insistente da comunhão dos seres. A sua tese, numa linha diversa, de investigação de formas e cores, afigurou-se-nos menos conseguida, embora vincadamente original.

Isabel Gândara

Isabel Gândara tirou o Curso de Belas-Artes na Escola Superior de Belas-Artes do Porto e apresentou agora tese (quarto ano) na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Expôs, em 1967, desenhos no Consulado da Itália no Porto; pintura, em 1970, em Luanda, no C.I.T.A.; desenhos, quadros e colagens, em 1971, no Casino da Póvoa do Varzim; óleos, ainda no mesmo ano, no Casino do Estoril. Foi em 1965 bolseira do Instituto Italiano de Cultura. Está representada no Museu de Angola e em várias colecções particulares.

«Córtex», desenho de Isabel Gândara

Eis a nossa breve troca de impressões (quase um *flash*):

— Isabel, encontra na sua tese o essencial da sua pintura?

— A minha tese foi, mais do que outra coisa, um trabalho de tipo experimental, mais um. E, assim, como a expeiïencia interessa-me: é a minha pintura, é um somatório de experiências anteriores. Como qualidade plástica, segundo a minha opinião, é francamente inferior a muito do que eu já fiz.

— *Porque escolheu esta tese?, que significa ela para si?*

— A minha escolha deve-se ao facto de vir a elaborar este trabalho há já algum tempo, há três anos, talvez. Sucede que o tempo e o material ao meu dispor e de que na ocasião podia dispor não favoreceram uma execução de acordo com o que eu tinha elaborado. O seu significado é o mesmo significado que está patente em quase todos os meus trabalhos — a vida — o amor.

— *Que costuma pintar?, de que gosta?, o que detesta?, o que vê?, também sente a necessidade de ler?*

— Pinto o que me apetece, o que me impressiona. Impressiona-me a vida, as pessoas. E as pessoas, em sentido lato o ser humano, e a vida são temas tão vastos, tão vastos como o infinito que imaginamos sempre sem princípio nem fim. Aquilo de que eu gosto, o que detesto, o que vejo, o que leio? Em cada ocasião haveria margem para uma resposta diferente com coordenadas comuns, mas difíceis de sintetizar: é como dizer que se gosta do céu, e o céu pode estar, pode ser, azul, cinzento, estrelado, radiante de luz e de sol ou negro e tempestuoso, e é sempre o céu... Essencialmente gosta-se de ser feliz, vê-se o que nos rodeia, lê-se o que está de acordo com as nossas preocupações actuais; sonha-se, vive-se, sobrevive-se, e o tempo passa...

— *A sua pintura situa-se como eixo na sua vida? ou não?*

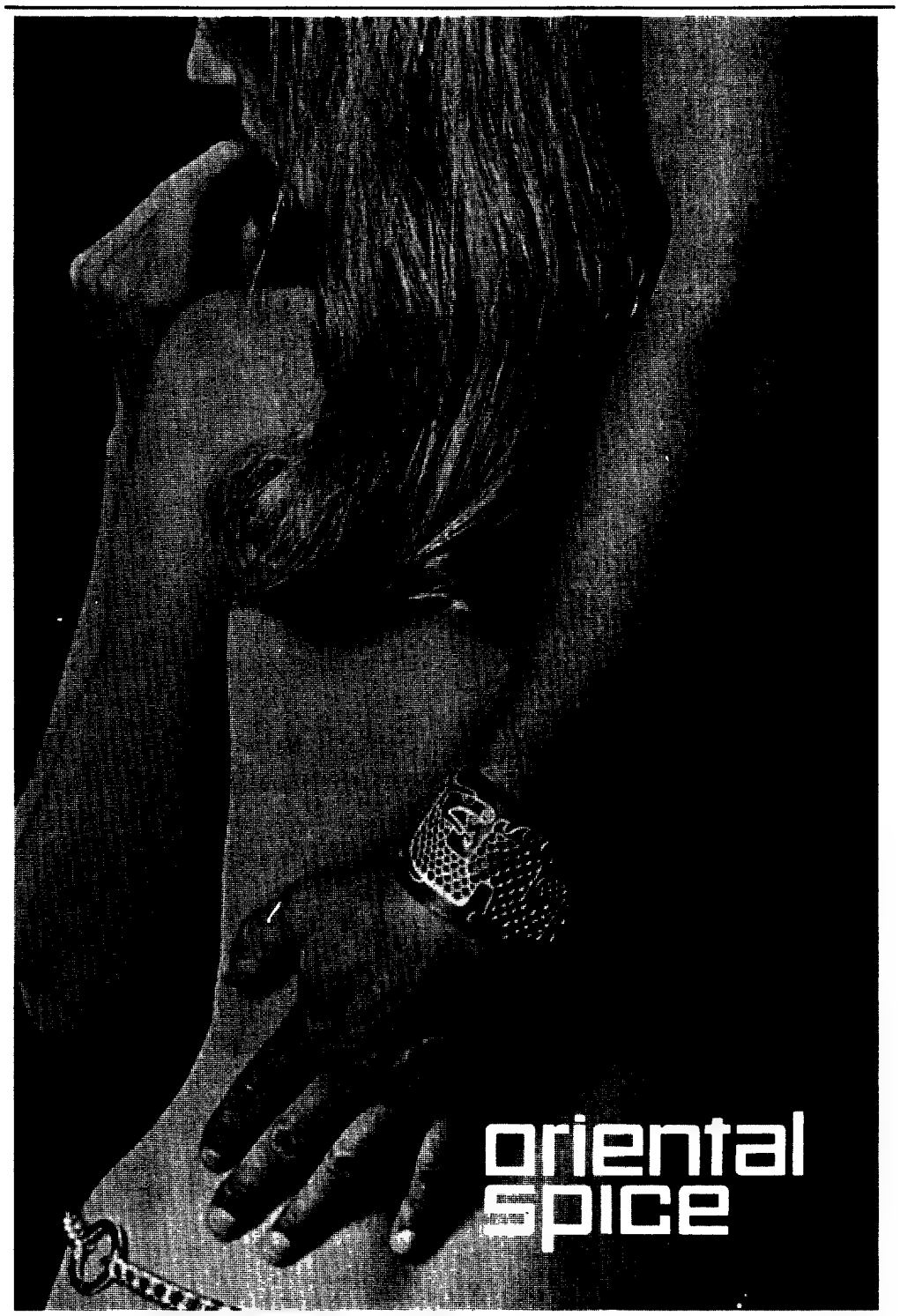
— De certa maneira, sim.

— *Que pensa, agora, diplomada, fazer?*

— Não me considero diplomada. Aquilo que penso fazer, além do que o imprevisto nos oferece é muito simplesmente continuar a aprender, a estudar, a pintar, a trabalhar. A viver.

U.T.R.

«Mulher», pintura de Isabel Gândara



Dá ao homem uma irresistível vantagem- Experimente.

AFTER SHAVE E COLÓNIA
Também à venda em talco e sabonete

Leo Burnett

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS
Compramos pelo mais alto preço.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

DL/GERAL

Desenvolvimento da Região Sul

— O Banco de Fomento Nacional entrou em contacto com 150 empresas no âmbito de um programa de promoção económica regional

. O aparecimento e agravamento das assimetrias inter-regionais susceptíveis de comprometer o crescimento económico nacional fundamentam a necessidade de concretização de uma política de desenvolvimento que se estenda às várias regiões de um país. É isto assim não obstante o amplo acordo entre os especialistas de que o crescimento económico se processa de forma desigual, segundo os sectores e as diversas zonas do espaço: expandem-se certas indústrias enquanto outras declinam; sofrem determinadas áreas a diminuição dos respectivos recursos materiais e humanos, os quais afluem a outros pontos privilegiados dentro ou fora do território nacional. Acresce que a aceleração do progresso técnico, com a implícita necessidade de concentração de actividades, multiplica e agrava tais desequilíbrios. E se estes, até certo ponto, se mostram salutares por conformes com a realidade da vida social e económica contemporânea, julga-se, por outro lado, não oferecer dúvidas que, ultrapassados certos níveis da respectiva intensidade, se impõe a adopção de políticas correctoras que garantam um processo mais harmónico do fluxo de desenvolvimento global.

De há muito, entre nós, se tomou consciência destes problemas e de aí que se encontre superiormente aprovada uma política de ordenamento do território a longo prazo, a qual integra, entre outras, uma componente básica — o fomento de produções industriais nas regiões atrasadas do País.

Importa, contudo, não perder de vista que a localização de indústrias não dispensa um mínimo de concentração de actividades, de dimensão da vida social, de ambiente urbano, cultural e de serviços, de disponibilidade de infra-estruturas técnicas de qualidade suficiente. De aí que a política de descentralização industrial se não possa fazer mediante a implantação a esmo de unidades sem viabilidade, mas se procure, antes, criar polos de desenvolvimento apoiados em centros urbanos que disponham já, ou possam a dispor, das condições mínimas para um crescimento sustentado.

Estas são, sem dúvida, conclusões que ressaltam da política de organização do território a que anteriormente se aludiu. E o Banco de Fomento Nacional, como instrumento de apoio ao desenvolvimento do País, não poderia, òbviamente, desinteressar-se de tais problemas.

Nesta conformidade, decidiu aquela instituição de crédito, desencadear, em 1971, os estudos de base para a definição e enquadramento das acções de promoção do desenvolvimento da região-plano do Sul, área notòriamente carecida de indústrias e com particulares problemas de reconversão ou reorganização de algumas das suas actividades, mas que, por outro lado, parece dispor de recursos susceptíveis de assegurar um elevado potencial de crescimento. A actuação gizada pelo Banco tem vindo a ser conduzida de forma **sistemática e insere-se, como se disse, na política de ordenamento do território**; e, até por esta razão — muito embora a sua finalidade abarque a totalidade do espaço regional do sul, — a capacidade de estudo, a incidência dos esforços e a localização de acções específicas não poderiam deixar de privilegiar os dois polos de crescimento industrial e suas áreas de influência, previstos para a região: Évora e o conjunto urbano Faro-Olhão. Em especial no que toca a este último aspecto, tem o Banco de Fomento Nacional procurado reforçar a sua capacidade de estudo própria, através do recurso a um consultor estrangeiro de reconhecida idoneidade, com vista, nomeadamente, ao estudo da vocação industrial específica daqueles polos. Por outro lado, em contacto com um organismo públicò nacional, está em curso o delineamento e execução de acções de formação para empresários e quadros de pequenas e médias empresas regionais, pois se tem por certo que o desenvolvimento e coesão do tecido industrial dependem, em muito, da capacidade de modernização e do dinamismo que tais pequenas e médias unidades vierem a evidenciar.

Um outro ponto, todavia, foi necessário ter em conta e que directamente se relaciona com a importância em que deve ser seguida uma política dirigida aos estabelecimentos produtivos pequenos e médios como peça básica do desenvolvimento do sul do País. Com efeito, todo o esquema sistemático de actuação regional, que vem sendo posto em prática pelo Banco de Fomento, ficaria, decerto, aquém dos resultados desejáveis se esta instituição se não decidisse, pelo contacto directo com as entidades regionais e, bem assim, pela ampla auscultação dos problemas e pontos de vista expressos pelos empresários que, na área, desenvolvem a sua actividade. Entendeu-se que, sòmente por esta via, seria possível atingir o perfeito conhecimento dos recursos e potencialidades, da estrutura, aptidões e carências de modernização das pequenas e médias empresas, assim como obter uma visão mais ajustada dos problemas e directivas requeridos pelo desenvolvimento da região.

No âmbito desta linha de acção, e independentemente de viagens locais de estudo, realizadas e a realizar, quer pelos seus técnicos quer pelos peritos de assistência estrangeira, contactou recentemente o Banco, através de um pedido de informações, numerosas empresas industriais da Região do Sul, aguardando-se que elas correspondam plenamente, dado o espírito e o interesse da iniciativa, à colaboração que lhes é solicitada por aquela instituição de crédito. Na realidade, este programa regional do Banco de Fomento, acima descrito nas suas linhas gerais, depende, em muito, da receptividade que a consulta em causa merecer aos empresários contactados; a colaboração que se deseja, além de habilitar o Banco a bem conhecer os problemas, pode ainda constituir auxílio valioso na detecção e estudo de viabilidade de novos projectos — investimentos viáveis estes que são, afinal, as metas que se procuram e os instrumentos efectivos que concretizarão o desenvolvimento da região-plano do Sul.

Restaurante Porto de Abrigo

RUA DOS REMOLARES, 18 — LISBOA

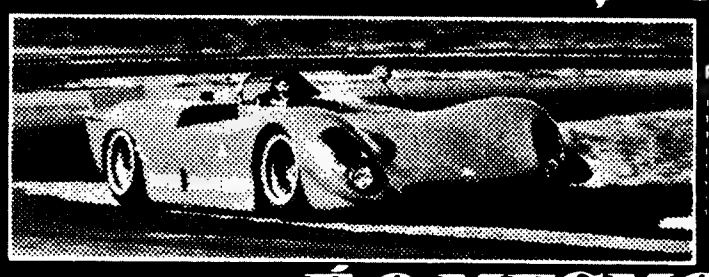
A gerência deste Restaurante deseja a todos os seus estimados Clientes e Amigos um NATAL FELIZ e ANO NOVO muito próspero

e comunica que se encontra encerrado nos dias de Natal e Anò Novo, além de aos domingos, como habitualmente.

NOVA ARMA PARA AS CONQUISTAS DO HOMEM

AGUA DE COLÓNIA nau

O CORAÇÃO DO "33"



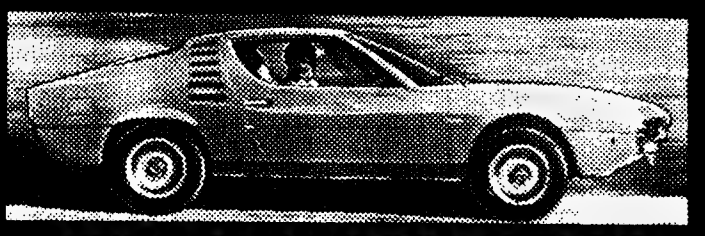
PALMARÉS EM 1971 DO MOD. 33

1 — 1000 KMS DE BUENOS AIRES (PROTOTIPOS)
1 — 12H DE SEBRING (PROTOTIPOS)
1 — 1000 KMS DE BRANDS HATCH
1 — 1000 KMS DE MONZA (PROTOTIPOS)
1 — 1000 KMS D'SPA FRANCOR CHAMP
1 — 55° TARGA FLORIO
1 — 1000 KMS ZELTWEG AUSTRIA
1 — 6HORAS DE WASTKINGS GLEN USA

É O MESMO DO

ALFA ROMEO MONTREAL

A uma inconfundível linha sport de alta-classe, o prestígio do motor de um campeão de competição — o "33" da Alfa-Romeo.



Alfa Romeo MONTREAL

É BEM A AMBIÇÃO QUE PODE REALIZAR

EM EXPOSIÇÃO NO

A POTÊNCIA ALFA ROMEO É SEGURANÇA

MOCAR, SARL.

STAND ALFA ROMEO · Av DUQUE D'AVILA 66 B · LISBOA · TEL. 47378

DL/ESTRANGEIRO

Nixon: pressão crescente sobre Hanói e Saigão

WASHINGTON, 21 (R.) — O presidente Nixon poderá estar pronto a aumentar a pressão económica sobre Saigão assim como a pressão militar sobre Hanói, a fim de forçar o ritmo no sentido de se conseguir um acordo final de paz no Vietname, segundo revelavam hoje notícias circulando nesta capital.

Contudo, o informador presidencial para a Imprensa da Casa Branca na Florida não tinha quaisquer comentários a fazer acerca de notícias de Saigão de que Nixon pedia tanto ao Vietname do Sul como ao do Norte para fazerem concessões quanto a um acordo.

O «leader» republicano no Senado, Hugh Scott, preveniu ontem que o presidente Nixon sabia que «será quase impossível conseguir mais fundos militares ou económicos, para o Governo de Thieu a não ser que alguma coisa seja conseguida».

O senador Scott, que falou com jornalistas após conversações com o dr. Kissinger, o principal negociador de paz de Nixon, declarou que Hanói teria, também, problemas para obter dinheiro americano destinado à reconstrução após a guerra, a não ser que concessões fossem feitas.

«Não creio que o Vietname do Norte desejaria eliminar a possibilidade de obter dinheiro para restauração» — observou o senador.

As suas declarações aumentaram a especulação em Washington de que o Governo de Nixon ameaçara suspender o auxílio ao Governo de Thieu a não ser que fossem feitas concessões.

HAIG NA TAILÂNDIA

BANGKOK, 21 — (FP) — O general Alexander Haig, emissário do presidente Nixon, que se avistou hoje com dirigentes tailandeses, incluindo o primeiro-ministro, marechal Thanom Kittikachorn, «expôs as novas iniciativas que o presidente Nixon apresentará a Moscovo e a Pequim, com vista a trazer a paz ao Laos e ao Camboja» — soube-se de boa fonte.

JANE NUMA MANIFESTACÃO

ESTOCOLMO, 21 — (R) — A artista de cinema Jane Fonda tomou parte esta noite em Estocolmo numa menifestação realizada no centro da cidade destinada a pedir o termo dos bombardeamentos americanos contra o Vietname do Norte.

Jane Fonda, falando a cerca de quatro mil pessoas, disse que o presidente Nixon iludiu o eleitorado americano fazendo crer estar próxima a paz no Vietname.

Acrescentou que nova vaga de bombardeamentos é a fase mais crual de toda a intervenção militar norte-americana na Indochina.

Os manifestantes, que transportavam cartazes com dizeres de solidariedade ao Vietname do Norte, tomaram depois parte numa marcah pacífica que passou em frente da Embaixada dos Estados Unidos.

Jane Fonda encontra-se em viagem aos países escandinavos, depois de ter rodado perto de Oslo, na Noruega, uma nova versão da «Casa das Bonecas» de Ibsen.

O contratorpedeiro americano «Goldsborough», equipado com mísseis teleguiados, que foi atingido por fogo da artilharia de costa norte-vietnamita, segundo o comando das Forças dos EUA em Saigão (Telefoto UPI/ Telimprensa/«DL»)

Meio século da URSS: comemorações antecipadas

MOSCOVO, 21 — (R) — O presidente Nikolai Podgorny inaugurou hoje de manhã as cerimónias que comemorarão em todo o país o nascimento há meio século da União Soviética, fazendo-o perante mais de 5000 pessoas que enchiam o sumptuoso Palácio dos Congressos e que incluiam convidados de todos os continentes.

Declarou a uma audiência distinta de dirigentes comunistas, amigos e vizinhos: «Esta é a data maior na história da nossa pátria, após a revolução Bolchevista».

Uma delegação de alto nível do Vietname do Norte e do Vietname do Sul comunista encontrava-se sentada atrás da chefia comunista no palácio do Kremlin, mas faltavam as representações da China e da Albânia.

Ignorava-se se essas representações tinham desprezado a cerimónia no Kremlin ou se a chefia soviética decidira não convidar esses dois grandes críticos da sua política.

A data do aniversário da união era a de 30 de Dezembro, mas as cerimónias foram adiantadas para hoje sem qualquer explicação oficial.

Supunha-se que isso fora feito por conveniência, de forma a não prejudicar o feriado nacional de 1 de Janeiro, um dos maiores do ano soviético para o público em geral, mas alguns observadores desta capital conjecturavam se não se trataria de uma homenagem encoberta a Estaline, cujo aniversário natalício passa hoje.

Havia certas dúvidas sobre se Anatoly Dobrynin, o embaixador soviético em Washington, que deveria assistir em Moscovo à sessão da Comissão Central, teria podido abandonar o seu posto em virtude da situação no Vietname.

O presidente Nixon afirmou esta semana que usaria todos os canais para Moscovo que o ajudassem a conseguir um acordo aceitável no Vietname.

Leonid Brejnev, o secretário-geral do Partido comunista Soviético, afirmou hoje que a URSS condenava «resoluta e indignamente os recentes bombardeamentos americanos contra o Vietname do Norte. Brejnev discursava na sessão conjunta do Partido Comunista e do Soviete Supremo, comemorando o nascimento da União Soviética.

No seu discurso, Brejnev asseverou que Washington assumira «grandes responsabilidades» pelos seus actos.

O dirigente soviético elogiou depois a forma com que fora tratada a questão das nacionalidades, mas denunciou o imperialismo inglês na Irlanda do Norte.

ÇA ludindo a alguns velhos bolchevistas, que tinham desempenhado um grande papel para ajudar a criar em 30 de Dezembro de 1922 a primeira União das Repúblicas Soviéticas, Brejnev mencionou José Estaline, uma referência rara ao antigo dirigente soviético. Contudo, a observação passou, sem aplausos ou sem ser notada de forma especial pela audiência.

Referindo-se aos êxitos soviéticos na solução «irrevogável) do seu próprio problema de nacionalidade — a União Soviética inclui cerca de 100 nacionalidades — Brejnev disse que a questão era aguda noutros países como os Estados Unidos, o Canadá, a Bélgica e a Irlanda do Norte, onde o imperialismo britânico tem desencadeado há muitos anos uma guerra selvagem contra o povo que luta pelos seus direitos.

Assinado o tratado Inter-Alemão

BERLIM, 21 — (F.P.) — Mais de 140 jornalistas de uns quarenta países assistiram hoje, em Berlim-Leste, à assinatura do tratado fundamental entre as duas Alemanhas, por Egon Bahr, pelo lado da Alemanha Ocidental, e Michael Kohl, do lado da Alemanha Oriental. No número de jornalistas havia 60 alemães ocidentais, tendo entretanto Bahr insistido em que todos os que pedissem cartão para assistir recebessem satisfação, embora só pudessem seguir a cerimónia pelos televisores.

Toda a imprensa alemã ocidental de hoje analisa o tratado. O «Suddeutsche Zeitung» sublinha a diferença entre o texto proposto há três anos por Ulbricht e o conseguido agora. Todas as exigências brutais de Ulbricht não foram satisfeitas, diz o jornal liberal de Munique. O semanário «Die Zeit» escreve que «o tratado fundamental corresponde à lógica dos factos». «A assinatura do tratado fundamental não põe sòmente o ponto final numa certa época. Também abre um princípio. A nova época que começa não deve privar-nos da última centelha de esperança que nos resta de que a unidade da nação depende mais uma vez da história».

«É possível viver com o tratado, diz por seu turno o «Frankfurter Allgemeine Zeitung», mas é necessário que uma política, desprovida de ilusões e firme acompanhe a sua aplicação. Uma política que não tape a diferença fundamental entre os nossos dois estados: de um lado a liberdade. Do outro um poder usurpador».

Quanto ao «Koelnische Rundschau» (cristão-democrata, oposição) considera que o tratado é tanto um produto das duas superpotências americana e soviética como dos dois negociadores Bahr e Kohl.

«O tratado durará enquanto as duas superpotências continuarem a resolver os problemas pondo-se de acordo, postos à sua escala» escreve o jornal.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela casa Bica «Bica «Casa Palma Bica», Praça do Brasil SETÚBAL

RELATÓRIO DA OCDE:

1973 — Ano de prosperidade ameaçado pela inflação

PARIS, 21 — (ANI) — O próximo ano trará um grande ressurgimento económico para a maior parte dos países industrializados — anuncia a organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico, segundo a qual o crescimento em 1973 será o maior dos últimos dezassete anos.

No entanto, a inflação constitui uma ameaça à prosperidade, particularmente na Europa, mas também nos Estados Unidos, prevendo-se que o desemprego continui a ser elevado em muitos países.

Num estudo de noventa e uma páginas, a OCDE passa em revista a economia dos seus vinte e dois países componentes durante 1972 e apresenta as prespectivas para 1973.

O próximo ano testemunhará um crescimento muito rápido em produção real e o desenvolvimento económico dos grandes países da OCDE terá um forte reflexo expansionista nos países mais pequenos e comercialmente mais dependentes.

Não se prevê qualquer abrandamento durante o ano, sendo mais de calcular um aceleramento do que um abrandamento da expansão económica.

As estatísticas de produção em 1972 confirmam estar-se perante uma forte revitalização da actividade económica em todos os países da OCDE, revitalização auxiliada por políticas expansionistas.

A OCDE é formada pela maior parte dos países europeus e ainda pelos Estados Unidos, pelo Canadá, pela Austrália e pelo Japão.

O crescimento nos Estados Unidos parece conseguir manter-se a par da procura, que cresce ràpidamente. E esta fase poderá ser alcançada em 1973 pela maior parte dos outros países — prossegue o estudo agora divulgado.

Para os países da organização, o crescimento de seis e meio por cento previsto no próximo ano será o mais alto registado desde 1955.

IMIGRANTES AO VOLANTE PREOCUPAM OS FRANCESES

BORDEUS, 21 — (R) — O jornal de maior circulação no sudoeste da França anunciava — ontem planos destinados a uma maciça campanha de publicidade para melhorar os padrões de condução de operários portugueses e norte-africanos nas estradas francesas.

Nos meses de Verão, 40 por cento das pessoas que morrem na principal estrada de ligação com a Espanha são constituídas por marroquinos e portugueses.

O jornal «sudoeste» vai colocar intérpretes na fronteira franco-espanhola de modo a avisar os trabalhadores imigrantes que entram no país de que lhes serão impostas severas multas por transportarem passageiros a mais ou bagagem demasiada.

CALEIDOSCÓPIO

TRÉGUAS NO VIETNAME — O Vietcong anunciou hoje que observará um cessar-fogo no Natal e no Ano Novo, segundo uma emissão pela rádio captada nesta capital, A Radio de Libertação do Vietcong disse que a trégua duraria dois períodos separados de 24 horas, com início na véspera do Natal e na véspera do Ano Novo. (R)

PERON REGRESSA A MADRID — O antigo presidente argentino Juan Domingo Peron afirmou ontem em Lima, capital do Peru, que o seu partido político obterá mais de dois terços dos votos nas eleições presidenciais da Argentina a realizar em 1973, fazendo-se assim a restauração da «Democracia representativa» naquele país. Peron fez estas afirmações numa conferência de imprensa que concedeu em Lima, antes de regressar á Espanha, onde tem vivido exilado. Peron partiu de Buenos Aires no dia 14, depois de ter regressado ao seu país de origem após um exílio de 17 anos. (ANI).

A DUQUESA E O «FRANCE DIMANCHE» — Um tribunal parisiense decretou ontem que a duquesa de Windsor tinha todo o direito de mandar recolher todos os exemplares de um seminário sensacionalista, jornal que citava rumores de que a duquesa iria casar com o seu secretário John Utter. O tribunal decretou que a duquesa, cujo marido faleceu há sete meses, poderia mandar apreender os exemplares desta semana do «France Dimanche» por «invasão intolerável da vida privada».

VASTA CONSPIRAÇÃO NA BOLÍVIA — A descoberta de uma vasta conspiração, indo da invasão do país por grupos de guerrilheiros até um atentado contra a vida do presidente Hugo Banzer, foi revelada ontem à noite pelo Governo da Bolívia. A conspiração foi detectada graças à descoberta de documentos pertencentes ao major Ruben Sanchez, antigo homem de confiança do ex-presidente Juan José Torres. (FP).

DL/ESTRANGEIRO

O Mundo em 24 horas

VIETNAME

A notícia do afundamento pela aviação dos Estados Unidos, de um navio polaco que se encontrava fundeado no porto de Haiphong, do que resultou mortos e feridos entre os seus tripulantes, causou certa inquietação nos círculos das Nações Unidas, onde se tem vindo a especular quanto às implicações que poderá ter a renovação dos bombardeamentos contra o Vietname do Norte.

Segundo a Rádio de Hanói, vagas sucessivas de bombardeiros lançaram toneladas de bombas, durante o dia de ontem, pela noite fora e hoje, de manhã. A emissora acrescentou, que a defesa antiáerea abateu já treze aviões atacantes, desde que os bombardeamentos recomeçaram, entre os quais, cinco bombardeiros B-52. Por seu turno, o comando dos Estados Unidos, em Saigão, admitiu a perda de seis aviões, incluindo três B-52, anunciando também, que um dos seus contratorpedeiros, o «Goldsborough», foi, ontem, atingido por granadas norte-vietnamesas.

Em Paris, informadores norte-vietnamitas anunciaram que foram interrompidas as negociações de carácter técnico que estavam a decorrer entre os dois países, em consequência da «situação extremamente grave provocada pelos Estados Unidos». (F. P.).

ESPANHA E LESTE

O «Nuevo Diário» (próximo de Presidência do Governo) deseja que o Governo espanhol assine com a China Popular um acordo comercial semelhante ao que em Setembro assinou com a U. R. S. S. Entretanto, o diário «Informaciones» afirma na sua edição de ontem que a Espanha poderá reiniciar relações diplomáticas com a União Soviética sem que a sua «soberania nacional» corra perigo. (F. P.).

DERROCADA

Dezenas de pessoas foram soterradas num supermercado do Rio de Janeiro quando faziam as suas compras de Natal. Já foram encontrados 21 cadáveres dos escombros do estabelecimento, que desabou como se fosse «um castelo de cartas». Segundo as brigadas de socorro, o número de mortos pode vir a ser maior. No momento da derrocada,estavam no supermercado — que pertence à cadeia «Ideal» — cerca de 350 pessoas. (R.).

ELEIÇÕES

O primeiro-ministro francês Pierre Messmer, anunciou no Parlamento que as eleições para deputados se realizarão nos dias 4 e 11 de Março. Embora o Governo só agora tenha anunciado a data das eleições, a campanha eleitoral já começou há muito para todos os partidos. Segundo as últimas sondagens, a coligação no Poder deve ser derrotada pela União Popular (comunistas e socialistas), podendo os centristas «reformadores» vir a desempenhar o papel de fiel da balança. (ANI).

CHOQUE DE AVIÕES

Dois aviões comerciais a jacto chocaram, ontem à noite, no aeroporto internacional de O'Hare, em Chicago, devido ao intenso nevoeiro. As primeiras notícias diziam que os dois aviões eram um DC-9 da North Central Airlines e um jacto da Delta Airlines. Na altura da colisão o DC-9 acabava de levantar voo. (R.).

Agência espacial europeia

BRUXELAS, 21 — (A.N.I.) — Dez nações europeias concordaram em formar uma agência espacial, em auxiliar a França a construir um foguetão espacial e em participar no programa espacial norte-americano pós-apolo.

Contudo, num cautelos comunicado revelado depois de uma reunião de nove horas realizada ontem em Bruxelas anuncia-se que o projecto só irá para a frente depois de serem examinadas as despesas e outros factores. Os países estão livres de qualquer compromisso, podendo sair desta associação espacial se o desejarem.

Por exemplo, o ministro inglês do Espaço, Michael Heseltine, afirmou que a Inglaterra possivelmente não participará no programa espacial francês porque não está convencida da necessidade de um programa espacial europeu independente.

A reunião foi convocada para resolver a precária situação do programa espacial europeu, que está muito atrás do soviético ou do norte-americano desde a última década, devido a uma crise financeira crónica, a objectivos fragmentados e a má administração. O comunicado conseguiu-se depois de muitas negociações entre a Alemanha Federal, a França e a Inglaterra.

A França apoia a ideia do seu foguetão de três andares L-3 que preservaria o potencial de um programa espacial europeu independente. E os franceses ofereceram-se para pagar 60 por cento do custo do foguetão.

A Inglaterra e a Alemanha insistiram para que os outros países aceitassem os convites norte-americanos para participarem no seu projecto espacial. Além disso, a Inglaterra propôs que a nova agência espacial substituisse as organizações separadas de satélites e foguetões que até agora têm comandado o programa espacial europeu.

No comunicado afirma-se que a nova agência começará a trabalhar em um de Janeiro de 1974 e nele se declara também que os países europeus devem integrar os seus programas espaciais no programa europeu.

No comunicado diz-se ainda que os projectos posteriores ao Apolo e ao L-3 devem ser levados a cabo dentro de uma cooperação europeia, mas que a questão da participação e das contribuições económicas devem ser decididas mais tarde, por cada país.

O ministro belga da Ciência, Theo Lefevre, afirmou que não podem ser estabelecidos planos definitivos a partir destes projectos até que se saiba o montante das despesas a efectuar. Contudo, Lefevre revelou que enviará amanhã uma carta ao Governo norte-americano, dizendo que, em princípio, a Europa colaborará com o programa espacial norte-americano pós-Apolo.

Os Estados Unidos pediram para que a Europa anuncie a sua decisão definitiva até um de Agosto de 1973.

BIP

PRESENTE EM AROUCA

AO SERVIÇO DA ECONOMIA NACIONAL

BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS

UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO

DONA
ROSALINA DA CONCEIÇÃO MARTINS

FALECEU

António Martins e filhos e pessoas amigas, participam o falecimento de sua querida irmã, e tia, e que o funeral se realiza amanhã às 10 horas, da igreja de Santa Catarina para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA BARATA

DL/GERAL

OS PARADOXOS DA POLÍTICA DA ALEMANHA FEDERAL

Por ATTICUS

O actual governo alemão chefiado por Willy Brandt

De há uns anos a esta parte, a política da Alemanha Federal tem evoluído, no plano interno, sob o signo do paradoxo. Durante vinte anos, após a criação do no Estado da Alemanha Ocidental, verificada em 1949, existiu sempre uma situação bem delimitada. Os dois partidos irmãos, a União Cristã-Democráta (CDU) e a União Social-Democrata (CSU), da Baviera, dispuseram no Bundestag (Parlamento Federal) de maioria absoluta. O Partido Social-Democrata (SDP) encontrava-se muito recuado, na oposição, enquanto o terceiro partido do Bundestag, o Liberal (FDP), constituia uma ínfima minoria, com a qual ninguém se preocupava.

O primeiro chanceler da República Federal, Konrad Adenauer, pode, assim, governar sem receio algum da oposição, até ao momento de se ver forçado a abandonar o Poder, devido ao peso dos anos.

A PRIMEIRA VIRAGEM

A primeira viragem da situação política verificou-se quando a CDU e a CSU se viram em minoria no Bundestag, frente ao SPD e ao FDP. A partir desse momento, viu-se surgir à superfície o Partido Liberal, que iria desempenhar daí em diante, o papel de arbitro entre os dois grandes partidos, os catolicos e os sociais-democratas. Com efeito, para se manterem no poder, os dois primeiros tiveram de se coligar com FDP.

Estava-se, assim, em presença de uma nova situação. A CDU e a CSU haviam deixado de poder contar, de uma eleição para outra, com a maioria absoluta no Bundestag. A situação mostrava-se tanto mais paradoxal quanto era irrelevante a posição do FDP no plano eleitoral, pois o mesmo só conseguia ultrapassar por escassos pontos a percentagem (cinco por cento) estabelecida pela lei eleitoral para que um partido possa estar representado no Bundestag.

UMA NOVA VIRAGEM

O papel desempenhado pelos liberais no plano governamental deixou de ter relevância assim que os dois grandes partidos católicos se coligaram com os sociais-democratas. O FDP esteve, assim, às portas do Governo até às eleições de 1969.

Os liberais estiveram à beira da catástrofe, pois só com muita dificuldade superaram os fatídicos 5 por cento. No entanto, apesar de tão modestos resultados eleitorais, os liberais conseguiram reconquistar o seu papel de árbitros entre os dois grandes partidos, os católicos e os sociais-democratas, coligando-se com estes últimos.

Tal coligação veio assinalar a grande mudança verificada, na Alemanha Federal, no plano parlamentar. Acontecia, porém, que a coligação SPD-FDA não só se firmava nas pernas. Dispunha de uma maioria muito fraca no Bundestag. Tudo dependia da evolução no plano eleitoral e do facto de a coligação SPD-FDP ter possibilidade de curar, isto por os liberais haverem assumido uma posição muito firme, que lhes cortava a possibilidade de voltarem a uma coligação com os católicos. O seu chefe, Walter Scheel, tinha formalmente declarado que nunca mais seria de pensar num tal «casamento» político.

A partir desse momento, o Partido Liberal jogou a sua última cartada no plano eleitoral, não apenas por si mas também pelo Partido Social-Democrata. Para fazer parte de um Governo só dispunha de uma possibilidade: assegurar uma maioria governamental, coligando-se com o Partido Social-Democrata.

Tal demonstração foi feita nas eleições de 19 de Novembro. O resultado eleitoral permitiu ao FDP a participação no novo Governo, ao lado dos sociais-democratas. Mas, ao mesmo tempo, as eleições provocaram uma profunda modificação política no plano eleitoral. O verdadeiro vencedor das eleições não foi o Partido Social-Democrata, como parecia, mas o Partido Liberal. Os 6,4 por cento de votos que o ultimo tinha obtido provinham, quase por inteiro, dos quatro milhões e meio de novos eleitores, entre os 18 e os vinte anos, gente que votava pela primeira vez.

O Partido Liberal arrebatou aos católicos perto de 4 por cento de eleitores, contribuindo assim, para a derrota dos partidos catolicos reunidos, CDU e CSU, os quais deixaram, deste modo, de ser, pela primeira vez, o maior partido alemão. Foi esta deslocação dos sufrágios que permitiu aos liberais o evitarem a catástrofe como receavam, e elevar a sua percentagem de votos de 5,6 por cento, nas eleições de 1969, para mais de 7 por cento.

No plano parlamentar, o êxito dos liberais traduziu-se pelo reforço da sua posição dentro do novo governo de coligação. Dos 17 lugares de maioria de que o Governo dispunha, 11 pertenciam ao Partido Liberal. Isto constituia um aumento de um terço dos efectivos do FDP no novo Bundestag, perante apenas seis deputados sociais-democratas.

O CÚMULO DO PARADOXO

Chegava-se, deste modo, ao cúmulo do paradoxo. Acreditava-se geralmente, que a situação política na Alemanha Federal, no plano interno, se encaminhava para a polarização dos dois grandes partidos: os católicos e os sociais-democratas, pois se tinha como certa a desaparição dos liberais. Com efeito, estes últimos estavam condenados a desaparecer se continuassem a coligar-se com os católicos, visto que nada traziam de especial dada as suas afinidades com os católicos, no plano social e político. O FDP, com efeito, andou, nas eleições de 1969, muito perto da catástrofe. Havia obtido apenas 5,6 por cento dos votos. Só por 0,7 por cento não desapareceu da cena parlamentar.

Pode dizer-se que a sua colaboração com os sociais-democratas o salvou, dado que tal colaboração passou a dar sentido ao Partido Liberal, assinalando-lhe um papel no plano social e económico: o papel de travão. O Partido Liberal desempenhou-o conscientemente no último Governo em que participou, travando sistemàticamente e com êxito o programa de reformas do Partido Social-Democrata.

O papel de travão, com efeito, deu-lhe sorte, dado que nas eleições de Novembro, superou, com facilidade, a linha fatídica dos 5 por cento. O papel que iria desempenhar no novo Governo constituiu o melhor argumento do Partido Liberal no decurso da sua campanha eleitoral. Os seus «slogans» não visavam os católicos, a oposição, mas os sociais-democratas, seus colaboradores. Dizia-se, em substância: votar FDP para impedir um desalisamento para a esquerda, risco que se poderia correr caso se verificasse uma grande vitória do SPD.

Foi por isso que no dia a seguir à vitória eleitoral, o FPD exigiu para si um ministério-chave, o das Finanças ou o da Economia, ao passo que o SPD pretendia um ministério-mamute, tal como se afirmava em Bona, reunindo todos os ministérios económicos, sob a direcção de um social-democrata. E esta crise no interior da coligação governamental, que parece ainda persistir, constitui o mais interessante dos fenómenos.

ISABELA E
NOVA ISABELA, LDA.
RUA MORAIS SOARES, 74 - 76
PRONTO-A-VESTIR
HOMEM, SENHORA E CRIANÇA
E AINDA VESTIDOS PARA NOIVAS
Cumprimentam e desejam aos seus Ex.mos Clientes um NATAL FELIZ e um ANO NOVO próspero.

DISTILLATEURS DE COGNAC DEPUIS 1819

FINE CHAMPAGNE V.S.O.P.
Bisquit
costa pina & vilaverde, lda.
RUA DO BONJARDIM, 420 // PORTO
j.a. da costa pina, lda.
RUA DO ALECRIM, 73 // LISBOA

HÁ 25 ANOS NO NOSSO MERCADO

EKCO
THERMOVENT
AQUECIMENTO ELÉCTRICO
Distrib. Gerais: MONTEIROS & REYNOLDS, LDA.
Rua Alexandre Herculano, 1, 2.º-E. - LISBOA - Telef. 54394-838170
Distrib. Norte do País: J. J. GONÇALVES, SUCRS, COM. IND., S.A.R.L.
Rua Augusto Leissa, 145 - PORTO - Telef. 493286

4.ª SEMANA
estúdio
Nem o sol nem a morte podem olhar-se fixamente. *La Rochefoucauld*

A TOMADA DO PODER POR LUIS XIV
(La Prise de Pouvoir par Louis XIV)
animatógrafo apresenta
um filme de ROBERTO ROSSELLINI
Eastmancolor
Grupo C/14 anos

LISTA DOS PREMIADOS NO CONCURSO "HOMEM QUE LÊ VALE POR TRÊS"

CLASS.	NOME, MORADA E LOCALIDADE	NÚMERO DE LEITOR
227º.	ZEFERINO DA SILVA SAMPAIO Largo Monsenhor Dalgado,7-3º.Esqº. LISBOA	35004
228º.	ROGERIO CARLOS DE LIMA SOUSA Rua Padre Luis de Almeida,109 PORTO	94292
229º.	AIDA VILAR PINTO DE OLIVEIRA Rua 14 de Outubro,564-1º. VILA NOVA DE GAIA	35367
230º.	JAIME GRAÇA PAIXÃO Rossio, 45/50 LISBOA	58492
231º.	GUIOMAR DE B. E C. CARRAPATOSO Avenida João XXI, 17-4º. Dtº. LISBOA	12001
232º.	MARIA IVONE SILVA AZOIA FERREIRA Av. do Uruguai, Lote 10-5º.Esqº. LISBOA	49317
233º.	MARIA ANTONIETA S. TEIXEIRA Calçada de Laveiras,22-1º.Dtº.LAVEIRAS-CAXIAS	20872
234º.	MARIA MANUELA COSTA VICENTE Av.Cardoso Lopes, 1-5º.Esqº. AMADORA	75786
235º.	FERNANDO DOMINGOS DE OLIVEIRA SANTOS Avenida Madrid, 11-2º.F. LISBOA	75949
236º.	RUI TAVARES ROMBERT Rua Augusta, 164 LISBOA	33085
237º.	JOSE MANUEL CARVALHO MARIANO DE CASTILHO R.Sociedade Farmacêutica,9-1º. LISBOA	44568
238º.	Jose Pedro SOUSA DE ALENQUER Av.Luis Bivar, 85-2º.Esqº. LISBOA	73888
239º.	JOSE MANUEL FILIPE MOREIRA DE OLIVEIRA Bairro Camões nº. 44 ENTRONCAMENTO	44622
240º	MARIA MANUELA DE CARVALHO PEYROTEO Rua Conde de Almoster, 42-2º. F. LISBOA	25409
241º.	VITOR MANUEL CORTES GONÇALVES Rua Falcão Trigoso, 7 LISBOA	80003
242º.	AVELINO SILVA DORNELAS - AMARES	6713
243º.	MARIO SERRANO GONÇALVES MONTEIRO Rua Dr.Augusto da Silva Carvalho, 15 TAVIRA	30049
244º.	MARIA CÂNDIDA MARQUES PACHECO Praça Aires de Ornelas, 6-3º. D LISBOA	21132
245º.	MARIA LUISA CASIMIRO Av.Casal Ribeiro, 55 r/c.Esqº. LISBOA	68788
246º.	MARIA ISABEL DA SILVA N. AUGUSTO Trav.Cruz de Sousa,3-1º.Esqº. LISBOA	23605
247º.	MARIA JOSE DIAS CORDEIRO Av. Manuel da Maia,58-4º.Dtº. LISBOA	23985
248º.	ANTÓNIO JOAQUIM DA PIEDADE NOGUEIRA R.Prof,Antunes Varela,52-6º.Ft, BARREIRO	4433
249º.	Vitor Manuel Peixoto Ramos Rua Duarte Lobo,23-1º.Dtº. QUELUZ	82819
250º.	VIRGILIO JOSÉ COIMBRA DIAS SALGUEIRAL - PÊSO DA RÉGUA	34240
251º.	MANUEL CAETANO NOTA R. Damião Gois, 40-c/v - ALGES	59539
252º.	VASCO ESTEVES FRAGA R. do Sol ao Rato, 59-3ºEsq. - LISBOA-2	33952
253º.	MANUEL ANDRADE CURIÃO Av. Liberdade, 17-1º - PORTALEGRE	93055
254º.	ALBERTINA CORREIA DA SILVA R. Padre Sena de Freitas, 7-r/c-Dtº. LISBOA-1	35391
255º.	JOSÉ AUGUSTO ALVES DA SILVA R.Marquês de Pombal, Ltº C-2ºE - PAREDE	14907
256º.	MARIA PAULA CARNEIRO RESENDE R. Padre António de Oliveira, 9-A - CAXIAS	89910
257º.	MARIA AUGUSTA RODRIGUES R. do Zaire, 5-4ºDtº. - LISBOA-1	47494
258º.	JOSÉ MANUEL MEIRELES R.Carlos Vieira Ramos, 11 - PAÇO DE ARCOS	17645
259º.	MARIA MIQUELINA SOARES MARTINHO PEREIRA Av. Uruguai, Ltº. 1350-6ºEsq. Fret. -LISBOA-4	80501
260º.	MARIA DO CÉU DE SOUSA BENTO Lugar do Monte - Cefeirós - BRAGA	88163
261º.	FERNANDA ALMEIDA GOMES ANDRADE R. José Acurcio das Neves, 23-3ºD - LISBOA-1	10026
262º.	MARIA OTILIA PINTO CRUZ FERNANDES DE LEMOS Penedos Altos, 97 - COVILHÃ	51094
263º.	MANUEL ANTONIO C.GONÇALVES R. da Padaria, 46 - LISBOA	86936
264º.	MANUEL ANTÓNIO FARIA DE SOUSA R. Dr. Pereira Bernardes, 3-r/c-Esq. -LISBOA-4	86942
265º.	ANA MARIA S.FIGUEIREDO DE ALMEIDA R. Sá de Miranda, 99-r/c - COIMBRA	73381
266º.	JOSÉ OLIVEIRA MARQUES R.Ricardo Espirito Santo, 21-2ºDtº. - LISBOA-3	62111
267º.	ANTÓNIO MARCELINO MACHADO R. Abade Faria, Ltº14-2ºEsq. - MERCÊS	36759
268º.	MARIA IRELDA PIRES SANTOS PARENTE R. Alferes Malheiro, 5-2ºDtº.	90063
269º.	ROGERIO ALBERTO PINCA EUGÉNIO Rua C, Lote 5-r/c-Esq. - QUINTA DO LAREIRO-CARCAVELOS	32243
270º.	ANTÓNIO EMILIO RAPOSO PEDRO R. Dr. José Batista de Sousa, 7-3ºDtº.- LISBOA	36348
271º.	DINIZ MARTINS VITAL R. José Elias Garcia, 36 - ÉVORA	38579
272º.	CLARISE REBORDÃO DE BRITO R. da Quintinha, 32-2ºDtº. - LISBOA	38276
273º.	MARIA CARLOTA LOPES GOMES PROENÇA R. Prof. Reinaldo dos Santos, Ltº. 1469-4ºDtº-LISBOA	88115
274º.	VALTER MANUEL DA PÁDUA MARCELINO SAMPAIO D'MELO R.Dr.Miguel Homem, Ltº. 24-4ºDtº. SETUBAL	33902
275º.	MARIA DE LURDES SIMÕES DINIS R.1ºde Maio, 17-3ºEsq.	50254
276º.	ALDA FERNANDA RODRIGUES B.PEREIRA Calç. do Mirante, 56-2ºDtº. - LISBOA	74912
277º.	ERNESTO MARTINS DA SILVA Estrd. da Luz, 26-4ºDtº. - LISBOA	9634
278º.	ANA INÁCIA RAMALHO R. da Casquilha, 16-1ºDtº. - BENFICA - LISBOA-4	37131
279º.	ZURAIDA MARIA A. SOARES Rua 15-nº450-1º - ESPINHO	35070
280º.	AIRES MANUEL CASTRO GOUVEIA R. da Esperança, 104-3º - LISBOA-2	1546
281º.	ANTÓNIO VENTURA GOMES FOLGUES	53423
282º.	RUI BARBESTI DE SOUSA NÁPOLES Av. de Roma, 82-2ºE - LISBOA-5	32704
283º.	JOAQUIM MANUEL CARQUEIJEIRO C.ESPIGA Av.Elias Garcia, 17-3ºDtº. - LISBOA	73707
284º.	MARIA DA GRAÇA MEXIA CHEROUX R.Alberto Aldim, Ltº. E-1ºE - ALFRAGIDE-DAMAIA	22869
285º.	ALFREDO AUGUSTO SILVA BARREIROS R.D. Estefânia, 167-1ºDtº. - LISBOA-1	2087
286º.	FELISMINA PEREIRA FERREIRA R. da Prata, 198-2ºDtº. - LISBOA	10006
287º.	JERÓNIMO CARVALHO BARATA R. de Finanças - SERTÃ	84581
288º.	MARIA IRENE PARIS GODINHO R. Latino Coelho, 207-1º - ENTRONCAMENTO	90076
289º.	FRANCISCO DOS SANTOS HENRIQUES Av.Combatentes Grande Guerra,61-4ºEsq.LEIRIA	61491
290º.	JOÃO ANTÓNIO CORREIA DOS SANTOS Av.Dr. Miguel R.Bastos, Ltº.10-6ºEsq. -SETUBAL	13269
291º.	IVONE FERNANDA FONSECA Trv. das Mercês, 23 - LISBOA	83223
292º.	LUIS PEDRO B.SERPA PINTO R. da Constituição, 1005-2º - PORTO	90747
293º.	EUGENIA PEREIRA FRANCO PAIVA R. da Cêrca, 19-1ºDtº. - ALMADA	78031
294º.	EMILIA FERREIRA BAPTISTA BELEZA R.Vasco da Gama, 1-1ºEsq. - AGUALVA	9467
295º.	LUIS MARQUES PAIXÃO R. das Olarias, 68-2ºEsq. - LISBOA	63364
296º.	JOAQUIM CIPRIANO R. Agostinho Lourenço, 343 - LISBOA	41930
297º.	MARIA DA CONCEIÇÃO COELHO SANTOS VIEIRA R. José Ricardo, 26-2ºDtº. - LISBOA-1	21585
298º.	NARCISO PALHA LOUPEIRO R. D. Pedro V, 189-2º - BRAGA	50305
299º.	ZULMIRA DE CARLOS CASTELO BRANCO R. Dr. António Granjo, 76-2ºEsq. - ALGES	69336
300º.	JOSÉ MARQUES R. Passos Manuel, 124-r/c - LISBOA	17930
301º.	MARIA LUISA BARBOSA ALVES DE OLIVEIRA R. de Entre Campos, 27-1ºEsq. - LISBOA	24946
302º.	MARIA LUISA B.ROD. DIAS R.Stª.Catarina-276-3º - PORTO	25470
303º.	MARIA LUISA BARBOSA DE MOURA R.Manuel Saraiva Brandão, 12-3º - GUIMARÃES	24947
304º.	MARIA LUISA BARBOSA SANTOS LEITE Casa de Oficiais de Stª. Clara - LISBOA-2	24948
305º	MARIA LUISA BARBOSA DA SILVA ANDRADE R.Coronel Ferreira Simar, 3-2ºDtº. - ODIVELAS	24949
306º	MARIA LUISA BASTOS AMARAL GOMES Av.Infante D.Pedro, Ltº.4-6ºDtº. - LISBOA	24950
307º	MARIA LUISA BASTOS SAPORITO R. Ismael Bombarda, 30 - SANTIAGO	11265
308º	MARIA LUISA CRUZ DA GAMEIRO COSTA R. Serpa Pinto, 4º - PORTO	93451
309º	MARIA LUISA HENRIQUES MARQUES Av. do Brasil, 164-4º - LISBOA-5	24951
310º	MARIA LUISA DIGO DA SILVA R.Carlos Bardel, 94-2ºEsq. - LISBOA	24952
311º	MARIA LUISA BLAIZE D.FIGUEIREDO FREITAS Calç. de Carriche, Lotº 1-1ºEsq. - LISBOA-5	12325
312º	MARIA LUISA BORGES DE ARAUJO R.Frei Armador Arrais, 4-1º - LISBOA-5	73284
313º	MARIA LUISA BORGES COUTINHO R. do Carmo, 51 - AVEIRO	24953

maquina de lavar roupa

Candy

+ automática
+ económica
+ fácil

maquina de lavar roupa

Candy

a única com economizador

COLISEU

HOJE às 21,30
Grupo A — 6 anos

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO DO NATAL

As maiores atracções

DIA DE NATAL
2 TARDES DE CIRCO 2
a 1.ª às 14.30
a 2.ª às 17.15

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Maria Ribeiro-TORNADA

3K

BRINDES DE NATAL

Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

ARTIGOS PARA BRINDES

INTERESSANTES NOVIDADES EM ARTIGOS DE TODOS OS GÉNEROS PRÓPRIOS PARA

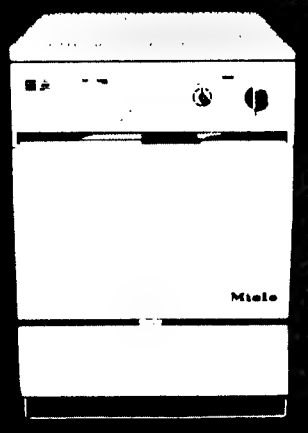
BRINDES DE NATAL

Encontra V. Ex.ª a maior diversidade, aos preços mais vantajosos, na casa

«AU BON MARCHÉ»

45, RUA DA ASSUNÇÃO, 47

Máquina de lavar louça G 500 de luxe



Só MIELE pôde ultrapassar-se a si própria com a sua máquina de lavar louça - - a mais vendida na Europa.

Miele

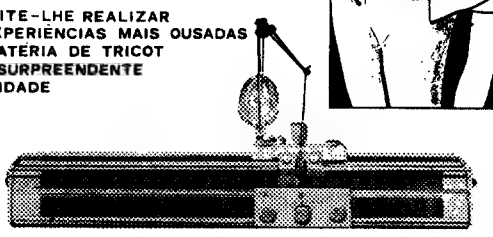
Agente oficial:
OLIVEIRA
Av. Almirante Reis, 91-A
Telef. 538323 --536308 - 530838
LISBOA

A JUVENTUDE prefere modelos tricotados

A MAQUINA DE TRICOTAR

BUSCH

PERMITE-LHE REALIZAR AS EXPERIÊNCIAS MAIS OUSADAS EM MATÉRIA DE TRICOT COM SURPREENDENTE FACILIDADE



BUSCH FABRICADA NA SUIÇA-PREFERIDA EM TODO O MUNDO

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO A QUALQUER AGENTE OFICIAL OU AOS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

Soc. de Rep. SIDA-SUECA limitada

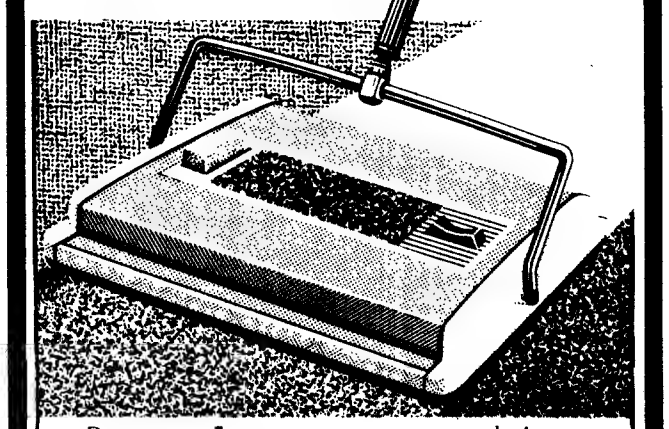
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15-D, TEL. 73 31 11 LISBOA-1

BISSELL

A famosa escova mecânica alemã para limpar todos os tipos de alcatifas, tapetes e soalhos.

Regulável, com dupla acção de limpeza,

é um prazer trabalhar com ela.



Demonstrações nos representantes exclusivos:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS
Rua dos Douradores, 43 - ☎ 361545/361763 - LISBOA
Rua de Santo António, 208 - ☎ 25581 - PORTO
A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

BBC BROWN, BOVERI

utilize na sua casa ...

... OS INFUSÍVEIS pico-STOTZ

Substituem os fusíveis comuns SEM QUALQUER ALTERAÇÃO DO QUADRO

PARA OS ADQUIRIR DIRIJA-SE ÀS BOAS CASAS DE ARTIGOS ELÉCTRICOS

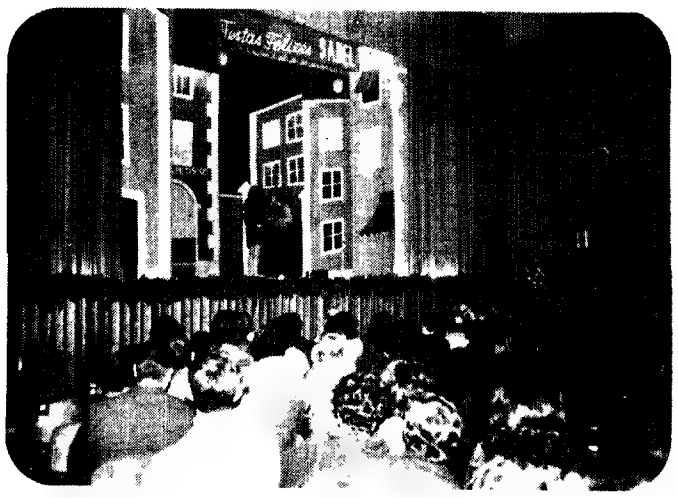
Distribuidores:
Fernando S. Amarante, Ldª. - R. Cidade da Horta nº. 54 - Lisboa 1
IREL - R. de S. Mamede (ao Caldas) nº. 30 G - Lisboa 2

CAMPANHA DO NATAL

MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS	5000$00
FRIGORÍFICOS 140 L	1900$00
SECADORES DE CABELO	140$00
AUTO-RÁDIOS	1000$00
BALANÇAS PARA CASA DE BANHO	150$00

SUPERMANOS
A CASA SIMPÁTICA
LARGO DO MASTRO, 5 TEL. 56 15 55

GIL - OCULISTA, LDA.
FUNDADA EM 1905
R. DA PRATA, 138-140 — LISBOA-2
Receituário Médico
Fornecedor de Caixas de Previdência
Aparelhos de Precisão



FESTA DA "SABEL"

Realizou-se no passado dia 16 a festa de Natal do Pessoal da Sabel, que reuniu em alegre convívio os familiares de todos quantos colaboram naquela Empresa.

Um grupo de empregados representou, com agrado geral, uma peça de teatro, seguindo-se um acto de variedades por artistas profissionais. Na final foi distribuido um lanche e brinquedos a todas as crianças presentes.

NATAL DO CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Organizado pelo Grupo Desportivo dos Empregados do Crédito Predial Português, realizou-se no Teatro Laura Alves uma festa de Natal a que estiveram presentes o dr. Paulo Rodrigues, administrador, drs. Armando Ribeiro de Almeida e José Paulo Kol Alvarenga, do Conselho Fiscal, directores e funcionários da Instituição, seus familiares e muitas crianças.

Actuaram artistas de variedades, conjuntos musicais e palhaços e no final foram distribuídos brinquedos, brindes, balões e livros às centenas de crianças presentes.

FESTAS DE NATAL

Vai realizar-se na vila de Arraiolos, no período que decorre entre 24 de Dezembro a sete de Janeiro próximo a II Celebração das Festividades do Natal, organizada pelo Grupo dos Amigos daquela vila.

///

O Orfanato Escola Santa Isabel, leva a efeito no dia de Natal, na sua sala de espectáculos em Albarraque, uma festa referente à quadra e dedicada aos educandos da instituição.

//

Realiza-se hoje, pelas 9 e 30 no cinema Tivoli, a festa de Natal organizada pelo Grupo Desportivo do pessoal dos «Estabelecimentos J. B. Fernandes» e dedicada aos filhos de todos os seus colaboradores.

///

A Casa do concelho de Ovar, leva a efeito no próximo dia 23, na sua sede, Calçada de Santos 37 em Lisboa, uma festa de Natal e uma consoada oferecida a gente pobre.

//

Também a Casa Regional da Comarca de Albergaria-a-Velha, a exemplo do que vem fazendo há 11 anos consecutivos, distribui, na sua sede, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 125, em Lisboa, no próximo dia 23 pelas 15 horas, um bodo aos pobres naturais da comarca que se encontram inscritos.

///

A «E. I. E. L.» e a «Philips Portuguesa» organizam em colaboração, para o dia 23, às 10 horas, no cinema Europa, uma festa de Natal oferecida às crianças do Bairro de Campo de Ourique.

///

Igualmente no dia 23, no auditório da Feira Internacional de Lisboa, o Grupo Desportivo e Cultural dos Funcionários da Companhia de Seguros «Portugal Previdente» leva a efeito uma festa de Natal dedicada aos filhos dos seus associados.

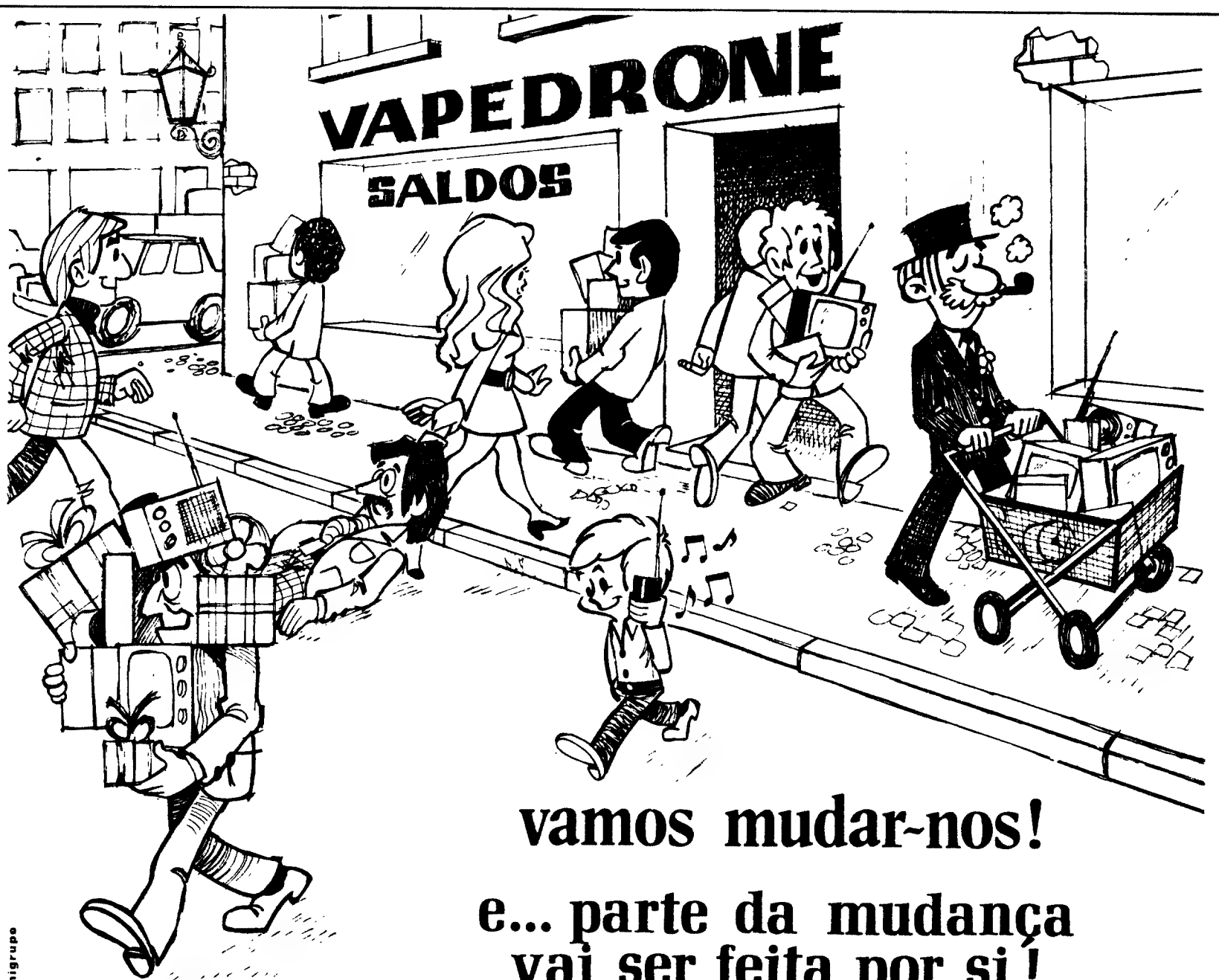
///

Vai o Grémio Lisbonense, através do seu Fundo de Beneficência, oferecer um bodo a famílias indigentes, o qual será repartido depois de amanhã, pelas 10 horas, na Rua dos Sapateiros, 226, em Lisboa.

///

A exemplo dos anos anteriores, o Grupo Excursionista «Os Correctos», realiza na sua sede, Rua do Poço dos Negros, 197 (ao Conde Barão) no próximo domingo, 24, pelas 10 horas, uma pequena festa de Natal durante a qual serão vestidas seis crianças pobres a expensas do Grupo.

Realizou-se no Pavilhão dos Desportos, a festa de Natal dos alunos dos externatos «São Vicente», «Marquês de Pombal» e «Alvares Cabral», a que assistiram directores, professores e milhares de alunos com os seus familiares.



unigrupo

vamos mudar-nos!

e... parte da mudança vai ser feita por si!

ATÉ 31 DE DEZEMBRO VAMOS VENDER, AO DESBARATO, TODA A EXISTÊNCIA DA *Vapedrone* E, ATÉ LÁ, A NOSSA CASA TEM QUE FICAR COMPLETAMENTE VAZIA!!!

APROVEITE ESTA OPORTUNIDADE ÚNICA DE COMPRAR A PREÇOS INCRIVELMENTE INCRÍVEIS!

BREVEMENTE INDICAREMOS A NOVA MORADA.

Vapedrone 2

RUA DOS FANQUEIROS, 17-19 — LISBOA

Aumento da Refinaria do Porto

Realizou-se ontem nos escritórios da Sacor, a assinatura do contrato de adjudicação pela firma «Foster Wheeler Française» dos trabalhos de ampliação da Refinaria do Porto da Sacor, com vista a aumentar a sua capacidade em mais de um milhão de toneladas. Como é do conhecimento público, foram recentemente adjudicados à firma francesa Technip os trabalhos de ampliação do mesmo porto de 2 milhões de toneladas por ano para 5 milhões em igual espaço de tempo.

Por deliberação do Conselho de Ministros de 13 de Dezembro, foi aprovado um diploma que autoriza estes melhoramentos, os quais devem estar concluídos dentro de doze meses.

A programação estabelecida prevê, assim, a passagem de 2 para 3 milhões de toneladas de capacidade antes do fim de 1973 e o acabamento da obra de aumento para 6 milhões em Setembro de 1974. Deste modo e com o intervalo de 6 semanas, a Sacor deu início a uma nova fase industrial que a levará, através de duas etapas sucessivas, a transformar a sua Refinaria do Porto numa grande refinaria de dimensão internacional, perfeitamente actualizada e com custos de produção capazes de permitirem exportar uma grande parte dos produtos petrolíferos fabricados.

Pela «Foster Wheeler Française» assinou o contrato, o presidente do Conselho de Administração Henry Durek e pela Sacor, o vice-presidente do Conselho de Administração e membro da Comissão executiva eng. Duarte do Amaral. Estiveram ainda presentes o presidente da Comissão executiva da Sacor, eng. Nobre da Costa, dr. Jorge Botelho Moniz e todos os directores-gerais desta companhia.

Grande concurso "Automóveis para si"

Teve lugar em 14 deste mês, no Salão de Exposição da **Fiat Portuguesa, S. A. R. L.**, a entrega das chaves de mais um Automóvel ligeiro modelo 600-D desta marca ao Exm.º Snr. Dr. Alberto de Andrade Fontes, residente em Abrantes, com que este senhor foi contemplado no sorteio do referido Concurso realizado em 4 do corrente pela compra de um artigo com **garantia ocl.**

Entre as pessoas presentes contavam-se os Exm.ºs. Snrs. Fernando Alves Taborda e Fernando Martins Velez, Sócios-gerentes da firma **Fernando Rijo, Ld.ª**, o agente em Abrantes da firma promotora **Olavo Cruz, Ld.ª** em cujo estabelecimento o feliz contemplado comprou uma máquina de lavar roupa **Indesit** com **garantia OCL** que lhe proporcionou este valioso prémio.

É oportuno lembrar que, além dos sorteios já efectuados, outros idênticos se repetirão de 15 em 15 dias com prémios sempre constituídos por Automóveis **Fiat**, entre todos os compradores que dêem a sua preferência aos artigos cobertos pela **garantia OCL** das marcas: **Shaub-Lorenz, Indesit, Rili, Odacla, Siera, Remington, Severin, Roller Grill, Graetz, Necchi, Starmix, Zurco, Vesuvius-Saunier Duval, Radar e Jolly Express** desde que exijam os respectivos certificados de garantia.

Chefe do Estado

O Chefe do Estado escolheu para seu secretário particular o capitão-de-mar-e-guerra Guilherme dos Reis Tomás, que exercia as funções de seu ajudante-de-campo.

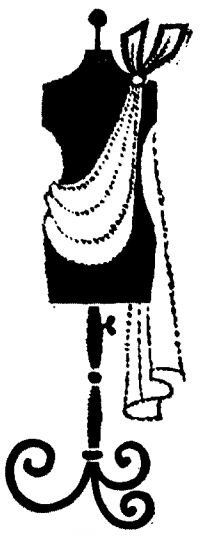
O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Silva, Vale-Serves-Ferreiras — ALBUFEIRA

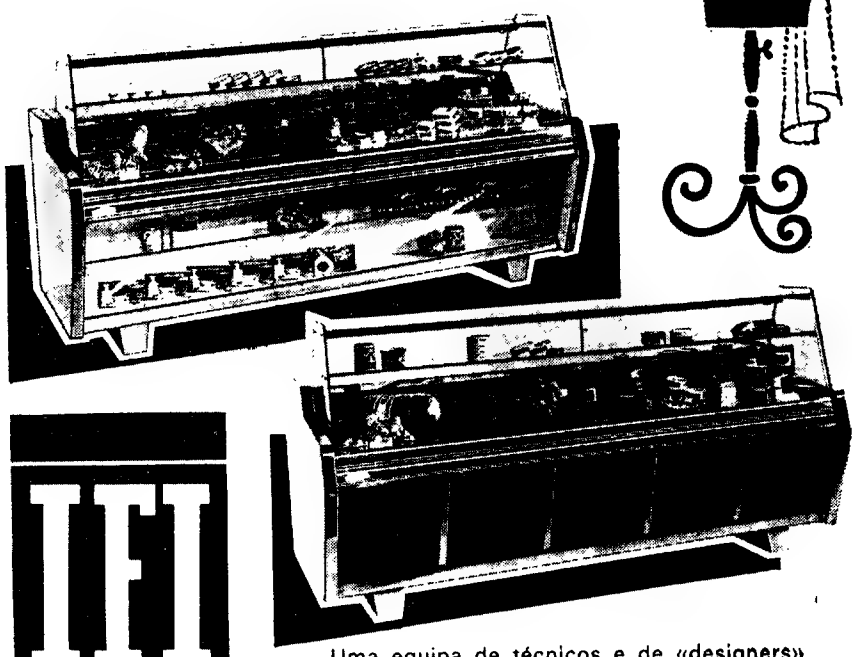
Nomeação sindical

O presidente da direcção do Sindicato dos Profissionais de Escritório do distrito de Lisboa, José Braz Rodrigues, foi nomeado para a Comissão Técnica da Portaria reguladora das empregadas de Consultório e Radiologia, para a Portaria dos ordenados Mínimos e eleito para a direcção da Caixa de Previdência dos Empregados de Comércio.

...e os resultados estão à vista!

VISTA O SEU ESTABELECIMENTO PELO ÚLTIMO FIGURINO!





IFI

16 MODELOS DIFERENTES

Uma equipa de técnicos e de «designers» foram chamados para estudar o figurino das suas vitrinas, de forma a valorizar a decoração do seu estabelecimento!

Assim, as vitrinas, a par da sua avançada técnica, já tradicional, transformaram-se em peças de grande valor decorativo.

Visite-nos,
POIS OS RESULTADOS ESTÃO À VISTA!

No nosso Salão de Exposições também poderá apreciar os últimos modelos de Estanteria e Expositores.

NOVIMPORTA

Centro Comercial de Importação, Lda.
ESTRADA DA LUZ, 173-A-B-C-D - TELEFONE 782694 - LISBOA-4

DINHEIRO empresta-se

Sobre propriedades 20,30,50,100 contos e quantias superiores, ao juro da lei

A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAIS
LISBOA - RUA DO OURO 292 1.(Esquina com a Rua ...) Telf 369184/6
PORTO - RUA PASSOS MANUEL ... Telf 20544/5/6

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

Avenida da República, 29 — L I S B O A — Telefone 50473

COMUNICADO AOS SÓCIOS

A Direcção do Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa tendo tomado conhecimento de que alguns estabelecimentos comerciais estão a **obrigar os profissionais de comércio a um intervalo de descanso para almoço sòmente de uma hora ou menos ainda** (em particular, os Supermercados) e querem também obrigar os profissionais a trabalharem nos **dias 24, 25 e 31 de Dezembro e 1 de Janeiro,** informa **os seus associados** que **não são obrigados,** nos termos da Lei (Dec. - Lei 409/71), da Portaria de Novembro de 1970, (Base V e VI) dos Contratos e Acordos Colectivos de Trabalho aplicáveis e do Edital da Câmara Municipal, **a cumprir ordens que queiram impor intervalos para almoco inferiores a duas horas** ou trabalho nos dias indicados

Igualmente se esclarece que os nossos associados têm direito e devem exigir que todas as horas de trabalho feitas antes ou depois do horário normal, e no intervalo para o almoço, sejam pagas como horas extraordinárias — **aumentos de 25% para a primeira hora diária, 50% para a segunda hora, mais 25% para horas depois das 20 horas.**

DL/GERAL

Concurso fotográfico da Casa Agrícola Francisco Ribeiro

Fotógrafos portugueses e espanhóis dividiram entre si os primeiros prémios dos vários temas e secções do II Concurso Fotográfico da Casa Agrícola Francisco Ribeiro, no primeiro ano a que esteve aberto a concorrentes dos dois Países.

O Júri do Concurso, de que faziam parte D. Ignácio Barceló, Eduardo Gageiro e Orlando Baptista, entre outros, atribuiu as seguintes classificações.

1.ºs. Prémios: José Branchat (2), Manuel Peres (2), Fernando Fernandez e Ruy Esteves.

2.ºs. Prémios: Júlio Humbrias, Aníbal Sequeira, Manuel Peres, Fernando Nunes, Joaquim Grau e Ramon Villalta.

3.ºs. Prémios: Andrés Bisbal, Pio Amaral, José Argerich, Paulo Cruz, Horácio Cruz e Ruy Esteves.

Melhor conjunto geral — Ruy Esteves

Melhores conjuntos por secção: Fernando Nunes, Aníbal Sequeira, Joaquim Grau, Manuel Peres, José Branchat e Júlio Humbrias.

A fim de dar a conhecer os melhores trabalhos, alguns dos quais podem considerar-se verdadeiramente notáveis, a Casa Agrícola Francisco Ribeiro vai promover a sua exposição, na Casa do Ribatejo, de 9 a 20 de Janeiro próximo.

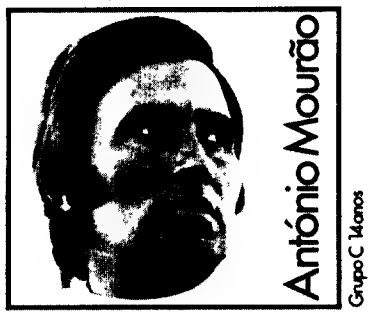
EM ANGOLA — Emissora compra Emissora

LUANDA — (L) — Segundo informa «A Província de Angola», relaciona-se com a compra de uma das principais emissoras comerciais de Luanda a recente estadia, em Luanda, do presidente da Direcção do Rádio Clube Português, eng. Botelho Moniz.

As negociações — segundo o mesmo matutino — ter-se-iam já ultimado, pensando a popular emissora metropolitana estabelecer-se em Luanda dentro de quatro meses.

O eng. Botelho Moniz regressou já a Lisboa.

TORRALTA
REVEILLON ALGARVE
ADEGA TORRALTA
os artistas convidados

Carmelita

António Mourão
Grupo C 14anos
Manillas Festival Show e Paco Santa Cruz
toda a noite música para dançar
TORRALTA
o Seu Lugar no Novo Ano
marcações
Av. Duque de Loulé, 66/A Lisboa | telefs 555400-555562
Praia de Alvor-Algarve | telefs 32128-32211/2-32251/2 «Portimão»

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE.
(M/14 ANOS)
Encerrado às 2.ªs feiras.

RESTAURANTE E BAR DO HOTEL ALVORADA ESTORIL
ALMOÇO ESPECIAL DE NATAL
Telef. 260070 (Frente do casino)

A CARRUAGEM
BAR * RESTAURANTE * SNACK
DÁ-NOS UM TOQUE DIFERENTE
ABERTO DAS 11 DA MANHÃ ÀS 2 DA MADRUGADA
AR CONDICIONADO * ENCERRA AOS SÁBADOS
RUA FILIPE FOLQUE, 49-A — TELF. 561457

RESTAURANTE POMBALINO
ALMOÇOS - JANTARES E CEIAS
TODOS OS DIAS A FAMOSA PAELHA À VALENÇIANA
PAÇO DE ARCOS (junto do Jardim)
Telef. 2433878

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 — AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
DIA DE NATAL — REVEILLON 72/73
JANTARES DANÇANTES — VARIEDADES
(M/15 anos) — INFORMAÇÕES PELO TELEF. 79 02 11 — Parque automóvel privativo

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

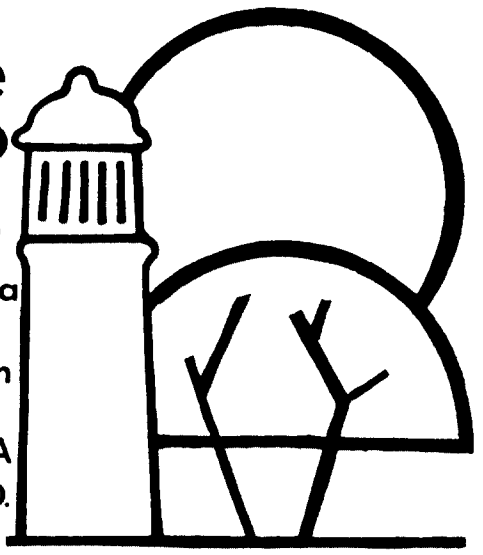
PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRABALHO

PORTO, 21 — O III Congresso Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho, a realizar em 26 de Maio, foi objecto de uma conferência de imprensa que decorreu esta manhã no Governo Civil do Porto.

ESQUENTADORES
HERMES
ECONOMIA
SEGURANÇA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA
Representantes exclusivos:
SILVEIRA & SILVA, LDA.
R. Ricardo Espírito Santo, 5
LISBOA

SABA
O TELEVISOR ALEMÃO Nº1

amanheça o NOVO ANO connosco "REVEILLON 72"
O Algarve só conhece uma estação O SOL

Faça a sua ceia de fim-de-ano na Aldeia das Açoteias-Albufeira.
No salão-restaurante espectáculo com TONICHA, PAULO DE CARVALHO, JÚLIO CÉSAR e o conj. CONVERGÊNCIA
Na boite os artistas espanhóis LOLA, MARA e ROBERTO.
Consulte o TOURING CLUB DE PORTUGAL ou o seu Agente de Viagens
Av. Almirante Reis, 231 - 2º Esq. LISBOA
Telefone 71 91 81/2/3 ou Albufeira - 0089/66267
Endereço Telegráfico: SOLTOUR
Rest. M/14 a.
Boite M/21 a.
TCP
touring club de portugal

DL/GERAL

Mário Batista de Almeida

Mário Batista de Almeida, chefe ajudante do Batalhão de Sapadores Bombeiros, acaba de se aposentar, depois de uma vida dedicada intensamente à profissão que abraçou com o objectivo de servir o seu semelhante.

Como informador de incêndios da Imprensa, diária de Lisboa, Mário Batista de Almeida, foi ao longo de muitos anos, um excelente colaborador de todos os que, em Lisboa, trabalham nos jornais.

A Mário de Almeida desejamos felicidades e longa vida.

Movimento consular e diplomático

Exonerado, a seu pedido, do cargo de chanceler do Consulado-Geral de Protugal em Dusseldorf, o dr. José Paulo d'Orey Menano foi substituído pelo dr. Asiz José Perpétuo Azevedo.

Foram nomeados adidos de embaixada, ocupando lugares na Secretaria de Estado os drs. Jôao Maria de Lencastre Teixeira da Mota e Nuno António Ribeiro de Beça Lopes.

Dupla nacionalidade

Foi concedido aos cidadãos brasileiros sr. Nelson Fernandes Carrapatosos e sr.ª D. Guimar de Brito e Cunha Carrapatoso o estatuto geral de igualdade de direitos e deveres com os nacionais portugueses, consoante a Convenção de Brasília.

Subsídio eventual

As disposições referentes à concessão de um subsídio eventual aos servidores do Estado foram tornadas aplicáveis aos servidores dos organismos considerados pessoas colectivas de utilidade pública administrativa dependentes do Ministério da Saúde e Assistência, dentro das disponibilidades financeiras de cada um dos organismos, através do decreto 534/72.

MANHÃ NA PRAÇA

Penas para as peixeiras

O mercado da Ribeira esboçou uma ameaça de voltar ao movimento dos «bons tempos». Pessoas acotovelavam-se diante das bancadas de hortaliça e frutas, enchiam alguns talhos, regateavam os preços do paixe e levavam os sacos cheios e as carteiras vazias. Era como se a aproximação da consoada despertasse o apetite das gentes.

«É assim: há dias em que se come tudo e outros em que não se come nada!» — comentava uma senhora que se abastecia de lombo de vaca, marcado inaltivamente a 90$00.

E logo o vendedor ripostou: **«O ligeiro aumento que se verifica nestes dias não compensa a quebra que vem a seguir. Depois da festa, as pessoas ficam sem apetite e sem dinheiro!»**

No sector da criação, havia dezenas de peru dependurados de cabeça para baixo, no meio das aves «ordinárias». Masnão tinha muita procura. Por ser caro?

— **A 40$00 o quilo, morto e depenado, não se pode dizer que seja caro, em comparação com a outra carne. Mas ainda é cedo: lá mais para o fim da semana é que as pessoas se lembram de comprar, e então vêm todas ao mesmo tempo.**

SOLIDARIEDADE

O sector do peixe estava triste. E certo que os compradores se concentravam mais nos talhos, mas seria isso razão para as vendedeiras terem aquele ar de enterro? Olhámos para os peixes, procurando encontrar aí a explicação, mas não: não havia diferênça sensíveis em relaçao aos preços dos dias anteriores. Foi então que reparamos numa série de lugares vazios. Que se passava? A explicação estava nos autos que, pospegados em cima de cada uma dessas bancadas, substituiam ao carapau e a pescada e no quais se dizia ter sido aplicada a pena de «suspensão por três dias ao sr. fulano de tal por não ter as caixas no lugar».

«Pois é» — comentava uma vizinha — **«Esses já levaram as broas de Natal. Veio cá uma fiscalização e não poupou ninguém que tivesse os caixotes fora do sítio.»**

Apesar de menor concorrência, as vendedeiras que ficaram afirmam que não vendem mais peixe por isso. E lá ficaram com o cherne a 45$00, a pescada a 70$00, o Goraz a 35$00, o linguado a 75$00, o pargo a 35$00, a lula, a 37$00, o choco a 36$00, a sardinha a 9$00 e o carapau a 7$00.

No sector dos vegetais, os preços estavam como de costume e já ninguém se procurava em regatear. A batata custava 2$50, a cebola 7$00, o alho 24$00, a a cenoura 3$50, o tomate 10$00, a fava 10$00 e a ervilha 15$00. No que respeita a fruta, havia pera rocha a 10$40, maçã reineta a 8$00, laranja baía a 8$00 e tangerina a 10$00.

PORTO Burmester

Garantia de Fina Qualidade
Há mais de 20 Anos
Depósitos no estrangeiro
para entregas imediatas,
franco armador
Pedidos e preços

SEMPER IDEM

L. MONÇÃO — REPRESENTAÇÕES, LDA.

Rua Dr. Joaquim Manso, 2.º Esq.
Telefs. 76 77 72 - 76 11 72 Lisboa-4

3

PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

Arroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»

3K

PRENDAS DE NATAL

Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

REGINA-EXTRA
REX-REGINA

correntes normais BS e ASA

correntes de elos curvos

correntes passo longo

CORRENTES DE CONTRABALANÇAR
CORRENTES TRANSPORTADORAS, BS e ASA
CORRENTES E TROLLEYS FORJADOS
CARRETOS

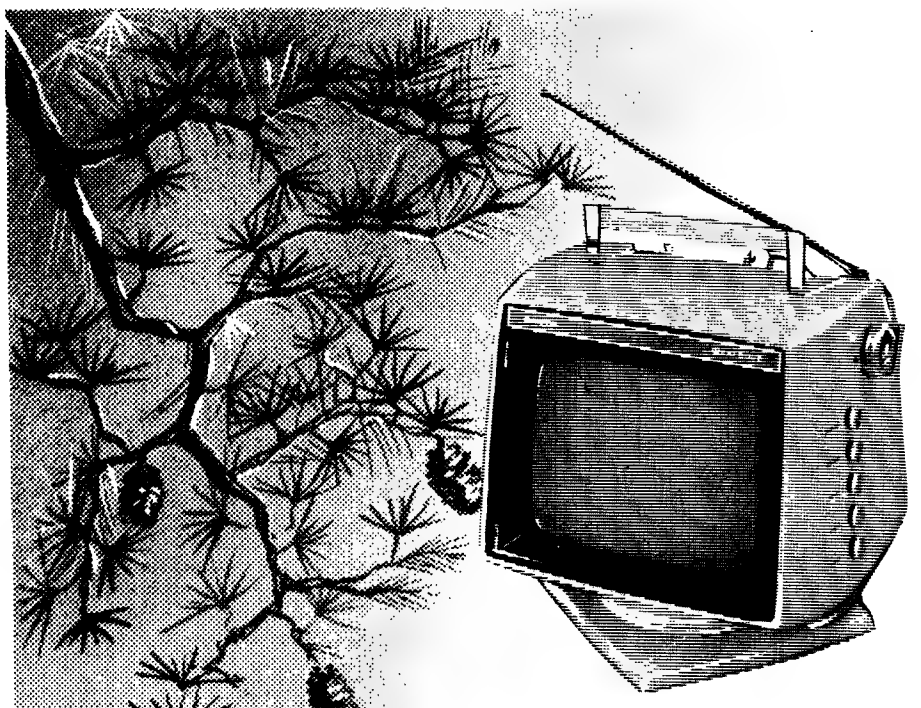
AUTO-LUSITANIA

AV.ª DA LIBERDADE, 73-77-LISBOA

RELÓGIOS
REGINES
EDOX
COM GARANTIA EM 75 PAISES

Alta Perfumaria
NAPOLEON

FOR MEN
PALMA D'OURO
DE ITÁLIA
IN
INGRID
DESIRÉE
O REQUINTE
NAPOLEÓNICO



TELEVISÃO SANYO
PORTÁTIL COM
RECEPÇÃO VHF E UHF

EXCELENTE QUALIDADE DE IMAGEM E SOM COM RECEPÇÃO VHF E UHF.
MESMO À LUZ CRUA DO DIA É POSSÍVEL UMA IMAGEM BRILHANTE E CONTRASTADA.
RECEPTORES PORTÁTEIS TRABALHANDO COM BATERIA.CORRENTE OU AINDA COM PILHAS RECARREGÁVEIS.
A PERFEITA E SERENA HARMONIA DE ESTILO SANYO.

SANYO
SOM E IMAGEM QUE NÃO ESQUECEM

DISTRIBUIDORES GERAIS J. J. GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL LISBOA PORTO

72 SNY-06

BENFICA , 3 -BELENENSES, 0

OS HOMENS NÃO MORREM AOS 30 ANOS

Para começo de conversa: alguém duvida que o Benfica é mesmo o melhor «team» de futebol de língua portuguesa? Aos incrédulos (e não há maior cego do que aquele que não quer ver) a resposta mais recente foi dada ontem à noite no Restelo: no palco bonito em que Eusébio patenteou o perfume da sua classe inultrapassável e Mourinho comprovou que não é guarda-redes velho nem vulgar.

Comentarios por NEVES DE SOUSA

O primeiro golo do Benfica, marcado por Eusébio na transformação de uma grande penalidade: Mourinho segue na direcção do olhar do marcador, e a bola irá entrar pelo lado oposto.

O Benfica jogou como lhe apeteceu? Quase: porque o Belenenses, muito esforçado (e até com unidades a tocarem a bola do mesmo modo dos campeões) deu a réplica generosa que é o primeiro sinal de respeito do aluno pelo mestre. Depois, porque sufocada na garganta a derrota sofrida na Luz, havia que deitar a vergonha cá para fora: e mostrar ao seu público que o desnível poderia ir começando a decrescer. Esse entusiasmo, esse afã, essa tremenda vontade, chegou a dar aos «azuis» capacidade para uma réplica interessante: só que, quando Eusébio desatou a sacudir a moleza da sua rapaziada, o Belenenses ficou aturdido. A recordação do grande ausente (Gonzalez) diminuiu-o ainda mais: e, então, com Eusébio em brilho, no poleiro como galo absoluto de toda esta capoeira, o Belenenses nada mais conseguiu que oferecer seus préstimos aos rubros e prestar-se (delicadamente) a uma quase tarefa de «sparring-partner».

OS MAIS

O Belenenses entrou o jogo colocando Ernesto a médio, lado-a-lado com Quaresma e Godinho. O Benfica, sem espartilho, passeava a bola trocando-a entre os sectores como se a coisa mais fácil do Mundo fôsse exactamente isso: não levantar o couro do beija-relva, dá-lo «de primeira» e para o melhor sítio, cada elemento do emblema a surgir no apoio ao colega de patrão. E, logo nos primeiros lances, o duelo ganhou assinatura: Eusébio contra Mourinho, um puro e simples exercício de pontaria e inteligência, saldado com honra para ambas as partes.

Realmente, Eusébio foi (apenas) a chama de todo o futebol vermelho: e Mourinho, brilhantíssimo profissional perante quem curvamos a nossa pena, conseguiu equiparar-se ao «monstro» sempre que chamado à pedra. Dois homens (portanto) que estiveram em outra galáxia: a provar que estão para lavar e durar, a mostrar (mesmo a José Augusto) que os ídolos não morrem aos 30 anos.

AS DIFERENÇAS

Toda a primeira parte do encontro seria uma quase antevisão da outra face: Benfica a carregar, Belenenses a defender. Benfica a rematar, Belenenses a cortar. Benfica implantado no meio campo contrário: Belenenses a tentar sacudir a pressão à custa dos isolados golpes de Quinito ou dos óptimos ingressos de Murça na sua força mais adiantada. Só que ao Benfica, sempre que acontecia dar um pouco mais ao pedal, logo surgia pela frente um Mourinho portentoso de mãos e atenção. Só que ao Belenenses, de cada uma das poucas vezes que conseguia descer até fora do seu castelo, bastava uma tesourada de Toni ou de Humberto Coelho para acabar com tudo.

O golo número um nasceu exactamente da aflição de Freitas perante Eusébio: o mestre vinha por alí fora, como um bólide, e nada mais havia a fazer (pensou o defesa «azul») que tentar escamotear a bola afastando Eusébio em falta. Claro que o penalty» não teve o menor protesto: a finta de Eusébio nem deixava hipóteses a três guarda-redes que lá estivessem...

Quaresma, numa daquelas explosões que são fruto de inconformismo, arremessa de longe: o golpe de vista de José Henrique ia saindo torto, porque a bola foi mesmo à trave. E, logo, Malta fez falta sobre Godinho: nada que chegasse a grande penalidade (como o Belenenses pretendeu) mas alguma coisa mais do que o simples anonimato a que o árbitro a votou. E assim ia correndo o tempo.

A ESCOLHA

Cabe aqui um parêntesis para indagar da Associação de Lisboa (organizadora e principal interessada na «Taça de Honra») se estava ou não a brincar connosco quando designou para dirigir uma partida entre os dois primeiros colocados no campeonato um inexperiente juiz distrital, que decerto não mais terá igual instante de glória: nem tão cedo passará por susto semelhante. De facto, a A. F. L. merece a mais dura censura por ter aconselhado os «teams» a comparecerem na sua máxima força e depois, zás, atirou para o meio do barulho um pobre e ingénuo de plano mais que secundário. Que teria sucedido se a «coisa» desse para o torto? Quem seguraria aquela bela rapaziada que não gosta de perder nem a feijões? Quem era capaz de conter umas óptimas assobiadelas se o pobre apitador prejudicasse (por ignorência) aqueles excelentes profissionais do futebol que vivem **só** do que sabem fazer bem: e não fazem biscates como fiscais ou encarregados nas lojas ou nas fábricas em que estão empregados os árbitros que lhes colocaram a meio do caminho nas suas horas de jorna?

Não há dúvida: a Associação de Lisboa poupou uns pacotes mas brincou com toda a gente. Até com o sr. Guedes Jorge que, a esta hora, ainda estará dando tratos de polé à imaginação a tentar descobrir como lhe tocou aquela rifa à porta.

Daí, portanto, que não seja ele a merecer censuras nos errozitos que mostrou no Restelo: os culpados estavam na bancada.

O FIM

Adiante. O Benfica, na primeira parte, conseguiu novo golo: petardo de Eusébio, as mãos de Mourinho a escaldarem e Néné a fazer ràpidamente a recarga, com toda a defesa «azul» a ver em que é que paravam as modas ou a admirar o maravilhoso [illegible] do senhor Eusébio da Silva Ferreira.

Depois do intervalo, o mesmo padrão na fazenda. O Benfica chegaria (até) a estar de tal modo implantado na relva fronteira a Mourinho que só o fabuloso guarda-meta travava a avalancha. Já então o Belenenses vivia de lampejos: ora Luis Carlos dava um pontapé à toa, ora Laurinho vinha discutir à lateral. Constante, só uma coisa: a defesa a bater a bola para o mais longe possível e a ficar com os cabelos em pé logo que ela era devolvida por um admirável Toni ou por um frio e calculista António Simões.

Triangulações escaldantes arrancavam ovações da própria assembleia: prova (insofismável) de admiração e desportivismo, para com uma visita que se respeita. Daí que o auto golo de Calado, produto do desnorte de toda a fendida muralha azul, já nem tivesse aborrecido os próprios proprietários do terreno. O Benfica, ganhando o jogo e o direito a bater-se na final da «Taça de Honra», fora o espectáculo na noite gelada. O Belenenses, batendo-se sem o menor azedume contra um gigante, caíu de pé como só tombam os homens de corpo inteiro.

Evidentemente que as estrelas da noite foram Eusébio e Mourinho: mas, no seu círculo de luz, ainda ficou lugar para o grande aplauso a Toni e Simões, a Murça e a Quinito, a Artur Jorge e Godinho. A partir daí, respeitemos os vinte e dois do espectáculo bonito e ressalvemos o nervoso de quem funcionou como fiel da sua balança.

Ernesto comete falta sobre Simões, que mesmo assim levará a melhor. No segundo plano Toni parece esboçar um protesto.

Árbitro: Guedes Jorge (da Comissão Regional de Lisboa);

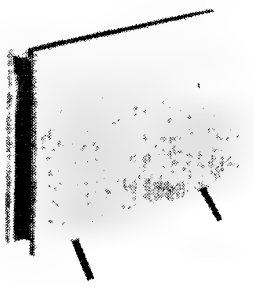
Equipas:

Benfica — José Henrique, Malta da Silva, Humberto, Rui Rodrigues e Adolfo; Vitor Martins, Toni e Simões; Nené, Eusébio e Artur Jorge.

Belenenses — Mourinho, Murça, Calado, Freitas e João Cardoso; Quinito, Quaresma e Godinho; Luis Carlos, Ernesto e Laurinho.

Golos: Eusébio, 1-0, aos 20 minutos; Nené, aos 42, fez 2-0. Calado, na própria rede e à beira do fim o resultado em 3-0.

AQUECIMENTO



CONVECTORES PORTÁTEIS

Branco	1000W
Castanho	2000W
Vermelho	2000W

JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA

TEL. 654165 * LISBOA

no Natal ofereça um disco utilizando o cheque-disco*

*o cheque-disco é a possibilidade de oferecer discos sem receio de cair em repetições. Quem o recebe é que escolhe, tendo ao seu alcance os êxitos das mais qualificadas marcas mundiais

COLUMBIA • PARLOPHONE VOX DO DONO • DECCA CAPITOL • LONDON

À venda nos revendedores habituais e em

VALENTIM DE CARVALHO E.P. SARL

Teatro ABC

Telef. 366745 HOJE

GRUPO D / 18 ANOS

2 Sessões, às 20,45 e 23 horas

ATENÇÃO

Domingo 24

Véspera de Natal

Matinée às 16 horas

À noite uma única sessão às 20,45

Produção

Sérgio de Azevedo

ÊXITO ESPECTACULAR

É O FIM DA MACACADA!

NICOLAU • ANABELA • CÉU GUERRA JOÃO PERRY

BALLET INGLÊS de JON MCGRATH

ESPADINHA • HELENA ISABEL • GRAÇA VITÓRIA • BRAGA SANTOS • MARIA TAVARES • PEDRO MACHADO • LUÍS MASCARENHAS • CRISTÓVÃO NESTOR e VILSON CONJUNTO SEM NOME

ATENÇÃO

ABCzinho

TEATRO INFANTIL

«O CAVALEIRO SEM MEDO»

Todas as quintas e sábados, às 16 h.

Domingo às 11 horas

Telef. 366745

DL/DESPORTOS

ATLÉTICO, 2-SPORTING, 1

CHEGOU O ÚLTIMO PARA VENCER OS "LEÕES"

O golo do Sporting, marcado por Chico.

Faltavam 10 minutos para se concluir o Sporting-Atlético e os alcantarenses venciam por duas bolas a uma. Da bancada nascente começam a garantir palmas dispersas. O volume sonoro cresce. Torna-se ritmado. Aquece. São palmas de tango, ridicularizando o poderoso e saudando a proeza do último do campeonato ganhar sem qualquer espécie de dúvidas. O Atlético toma-lhe o gosto e entra no baile.

Na linha média, bola bem segura, Semedo, Mesquita e Clésio, enrolam os «leões». Sùbitamente, Semedo chicoteia-a para a frente. Em velocidade pura, Vasques isola-se. Manaca persegue-o, segura-o, mas Vasques liberta-se e prossegue. O árbitro marca livre, beneficiando o infractor e salvando o Sporting de derrota mais escandalosa. Dois minutos depois Clésio espalha o pânico na grande área. Três defesas do Sporting, sucessivamente, aliviam contra os adversários. A culminar e com o árbitro a olhar para o relógio, José Carlos, quase do círculo central, atrasa a bola para Damas, numa confissão clara de falta de pernas para acompanhar a galopada de Raimundo. Recebeu como prenda uma assobiadela medonha, as palmas de tango redobraram e o jogo acabou com o Sporting a ser bailado. Pelo Atlético e pela assistência.

Assim, o terceiro do campeonato, de degrau em degrau, rolou até aos pés do último, até ao sopé do monte, sem tino e sem norte, sem força e sem ânimo para dizer não. Incrível, mas verdadeiro. É simples, para quem viu.

A satisfação da vitória, bem expressa nos rostos de Clésio, Esmoniz e Raimundo

E deslumbrou o Atlético? Jogou maravilhas? Nada disso. Apenas um conjunto simples e directo no caminhar para a baliza, bola no chão desprezando as flores, sabendo que o caminho mais curto entre dois pontos é uma linha recta. O exemplo do segundo golo mostra tudo. Canto contra o Atlético, bola a ser cuspida da área. Um toque longo até ao meio campo, outro a lançar o avançado brasileiro Clésio e entrada fulgurante na área batendo em corrida e em força o mais que ultrapassado José Carlos. Laranjeira vem da direita, choca violentamente com o brasileiro, e nem é necessário o árbitro marcar «penalty». Rápido, já surge Vasques, sem marcação directa de ninguém, a empurrar a bola para o fundo da rede.

Em contrapartida, o Sporting tentava adornar lances. Muitos passes, tudo bem feito quando Tomé ou Fraguito conduziam a bola. Mas, ultrapassada a intermediária, quando começava a cheirar a baliza, o processo utilizado era só um: bola corrida para o extremo e pontapé para a grande área dirigido a um avançado que, ou nem lá estava (Yazalde fugiu cá para trás) ou não sabia dar de cabeça (Dinis). Allen bem vê que assim não resulta e, em vez de mudar de processos, troca os jogadores Avança Nelson e recua Yazalde. O resultado é claro, foi o mesmo.

Na defesa do Sporting, José Carlos e Manaca pareciam corredores abertos, convidando à escapada. Os avançados do Atlético não se fazem rogados e Damas entra em transe, por vezes várias, ao ponto de vir ele próprio fora da área, dominar com o pé, avançar, e distribuir jogo, mostrando como se devia fazer. Imediatamente a seguir ao golo da vitória, Allen completa a má orientação que vinha dando à equipa. Carlos Pereira era o único que estava a defender razoavelmente. Não atacava bem, mas ninguém fazia isso na equipa. Acontece o golo. E, não se tendo a jogada desenrolado pelo seu lado, não sendo nada com ele, foi imediatamente tirado da equipa e substituído por Hilário. Que bela moralização para o moço!

Ficou lá José Carlos: a meter o pé à bola como um principiante, aliviando para canto ou para o ar, à toa. Ficou lá Manaca: a ser constantemente batido por Raimundo. Ficou lá Nelson: que nem se via em campo. Saiu Carlos Pereira. Continuou a jogar-se igual e o Sporting perdeu bem. Justamente. A medida do trabalho dos seus jogadores e da orientação que lhe veio do banco. Quando assim é, tudo certo.

Estranha-se (apenas) que tenha sido com o último da classificação. Mas, neste Sporting da era pós-Peres, será de estranhar alguma coisa, tanto para bem como para mal?

Árbitro: Viriato Oliva, de Lisboa

Equipas: **Atlético** — Riscado, Esmoriz, Zeca, Candeias e Baltazar, Bernardo, Semedo e Mesquita; Vasques, Clésio e Raimundo.

Sporting — Damas, Manaca, Laranjeira, José Carlos e Carlos Pereira (Hilário); Fraguito, Nelson e Tomé; Chico, Yazalde e Dinis.

Golos — Raimundo fez 1-0, aos 2 minutos. Clésio marcou um livre, Damas (ainda frio) largou a bola e a recarga surgiu vitoriosa.

Chico empatou no primeiro minuto da segunda parte, em condições quase idênticas. Cruzamento da esquerda, bola a saltitar à frente do guarda-redes e toque sem dificuldades.

Vasques, aos 55 e nas circunstâncias atrás descritas, classificou a sua equipa para defrontar o Benfica, no próximo sábado numa surpreendente final.

DANIEL REIS

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 16 DA 12ª ÉPOCA — 24 DEZ./72

Boa Nova — 111 212 121 1x11; Cardeal Saraiva — 112 111 1x1 x211; Cavalgada do Ritmo — 112 x1x x1x x211; Clube Asas do Atlântico — 1x2 1x1 xxx 1x11; Comércio de Portimão — 111 111 211 1111; Correio dos Açores — 111 x11 xx1 1x11; Correio de Coimbra — 11x 112 12x 12xx; O Distrito de Setúbal — 111 x11 1xx 1xxx; Eco de Estremoz — x12 11x 2x1 1xx1; Emissor Regional da Guiné — 11x 1x1 121 2112; Estrela da Manhã — 11x 112 1xx 1xx2; Eu Sei Tudo — x11 122 1x2 1x1x; Folha do Domingo — 112 x1x 22x 111x; Imagens Piedenses — xx1 111 111 11xx; O Jornal de Felgueiras — 11x 11x 1x1 1xx2; O Jornal da Lixa — 112 x12 12x 1211; Jornal de Santo Tirso — 111 x12 121 1x11; Jornal do Sul — 111 21x x1x 1x21; Jornal de Viseu — 11x 111 11x x12x; Linhas de Elvas — 112 11x x21 1x11; Notícias de Felgueiras — 11x 112 11x x1xx; Notícias de Gouveia — 121 112 21x 21x2; Povo Algarvio — 112 212 22x 2211; A Rabeca — 112 11x x21 x211; Rádio Altitude — 112 111 111 12x2; Reconquista — 11x 112 121 1x11; Renovação — x12 x12 221 1xx2; Revista de Som — 11x 111 2x1 1x11; O Templário — 111 112 121 xxxx; Terra Alta — 112 111 2x1 12x1; Mundo Desportivo — 111 111 1x1 121x; Peça que não maça — 11x 1x2 xx1 xxx1; República — 112 112 11x 2221; A Voz do Domingo — 111 xx2 221 1x1x; Voz de Lamego — 11x 112 121 1211; Açores — 112 xx2 x2x x1xx; O Algarve — 11x 111 1x1 12xx; A Comarca de Arganil — 111 11x 121 x1x1; O Comércio do Porto — 111 11x 111 1xx1; O Concelho de Estarreja — 111 112 x21 1x11; Correio do Minho — 11x 112 121 x21x; Correio do Vouga — 111 112 2x1 x2x1; Diário de Coimbra — 11x 112 1x1 x11x; Diário do Sul — 11x x12 2xx 1x2x; Ecos de Cacia — 111 221 22x 121x; Gazeta das Caldas — 112 112 xx1 x211; A Ilha — 112 112 1x1 1xxx; Jornal das Aves — 111 2x1 2x2 11x1; Jornal do Fundão — 2x2 11x 1x1 x112; Jornal de Sintra — 112 111 121 x11x; O Mensageiro — 111 11x 2xx x11x; Litoral — 111 122 1x1 xx11; Maria da Fonte — 111 122 1x1 1xx1; Notícias de Chaves — 11x 112 1x1 2x11; Notícias de Guimarães — 112 x12 1x1 x2x1; Notícias de Penacova — 111 21x 2xx 1221; A Ordem — 112 221 112 12x1; Póvoa do Lanhoso — 112 x12 12x 12x2; A Voz Desportiva — 112 11x 122 1x21; Voz do Casa Pia — 11x 11x 1x1 1xx1; Bondiazinho — x11 211 1x1 1212; Brado Africano — x12 11x 1xx 1x2x; Cidade 72 — 112 1xx 121 1211; Brado Africano Ronga — 212 x11 2xx 1x2x; Domingo Alegre — 1xx 12x 121 1112; Passatempo — 112 1xx 211 1xx2; Revista Desportiva — 111 11x 11x x122; Roteiro Sonoro — 111 11x 211 111x; 20 Ponto D — 2x2 11x 211 1x21; Terceiro Programa — 11x 212 212 2xx2; Diário de Lisboa — 11x x22 12x 12x1; Auto Rádio — 1x1 x2x 122 1x12; Clube do Ar — 11x 21x xx1 1xx1; Às 10 espere por nós — x1x 21x xx1 x2x2; Diário do Porto — x12 2xx 1x1 x12x; Dos Fracos não reza a história — 111 xx2 222 x222; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; Jornal de Notícias — 11x xx2 121 x222; O Porto — 11x 122 2x1 1xx1; Repórter do Dia Angola — 11x 2x2 1x1 xxx2; Ritmo e Amizade — 11x 212 xx1 xx2x; O Sorriso da hora do almoço — 212 x12 111 1xx1; A Voz dos Ridículos — 112 112 11x 2x1x; Notícias de Evora — 112 x1x 2x1 12xx; Epocà — 112 1x2 x21 x2x1; Boletim Desportivo FA — x1x 211 x21 111x; O Comércio de Leixões — 11x x12 1x1 12x2; Manchete Desportiva — 1x1 x12 122 12xx; Miscelânia Musical — xx1 112 1xx 2xx1; Montra do Êxito — 111 x12 x21 12x1.

Música e Desporto: 112 x12 111 x22x; Penalti: 11x 211 111 xx21; O Primeiro de Janeiro: 11x 122 x21 1xx1; Programa da Manhã: 112 x1x 2x1 1x1x; Programa Sem Nome: 11x 212 121 122x; Quadrante Desportivo: 11x 11x x1x 1112; Quadrante Norte: 1x2 211 x12 x111; Rádio Sports: 111 112 11x xxxx; Resenha Desportiva: 112 112 1x1 1xx2; Só Rádio: x12 21x 1x1 1x21; Canal 18: 111 x21 111 x211; Notícias do Totobola: 111 211 1x1 xx1x; O Domingo e o Desporto: 11x 11x 1xx 12x2; Rádio Desporto: 1x1 111 x2x 1x11; Desporto em Marcha: 1x1 111 x2x 1x11.

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. LUSITANO ÉVORA - AVINTES	90	11	4	10	1	1	
2. COVA PIEDADE - ODIVELAS	94	10	1	10	1	1	
3. TORRES NOVAS - VARZIM	36	32	37	4	4	4	
4. NAVAL - ALHANDRA	59	26	20	7	3	2	
5. BRAGA - PENICHE	81	13	11	9	2	1	
6. LEÇA - ESPINHO	27	30	48	3	4	5	
7. GIL VICENTE - UNIÃO LEIRIA	61	20	24	7	2	3	
8. PENAFIEL - FAFE	26	44	35	3	5	4	
9. ATALANTA - PALERMO	66	30	9	7	4	1	
10. FIORENTINA - ROMA	65	32	8	7	4	1	
11. NÁPOLES - MILAN	22	48	35	3	5	4	
12. SAMPDÓRIA - BOLONHA	44	43	18	5	5	2	
13. VERONA - CAGLIARI	49	33	23	5	4	3	

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

E a chave lógica será:
112 112 1X1 1X11

DL/DESPORTOS

HÓQUEI EM PATINS

NOVOS TREINADORES

Com um jantar que teve Cascais como cenário, terminou da melhor maneira o II Curso de Treinadores, organizado pela Federação Portuguesa de Patinagem. Tendo-se verificado a inscrição de 42 candidatos, apenas 36 o terminaram. Em informação colhida pelo nosso jornal, podemos adiantar que todos ficaram aprovados, sendo apenas necessário dois ou três prestarem prova oral. Deste modo, a modalidade ganha mais os seguintes treinadores: Alvaro Cavalheiro, Carlos Bica, Fernando Santos, José António, Luis Almeida, Ricardo Mendonça, Armando Vilaverde, Francisco Marques, Luis Barata, Virgilio Carrilho, António Loureiro, António Pinheiro, Augusto Nogueira, Carlos Rebelo, Ernesto Honório, José Ferreira, Luis Ribeiro, Manuel Xeroppe, Marcelo Neves, Vitor Pereira, Vitor Longle, Alberto Natário, Artur Esteves, Carlos Almeida, Carlos Rodrigues, Jorge Nunes, José Jacinto, Luis Correia, Manuel Santos, Raul Leitão, Rafael Silva e Vitor Rodrigues.

CAMPEONATOS DA EUROPA

Entretanto, estão marcadas as datas para os próximos campeonatos da Europa de hóquei em patins: o de seniores, terá lugar na Alemanha, entre os dias 1 e 15 de Agosto; o de juniores, vai desenrolar-se em Cascais (ou Paço de Arcos) de 1 a 5 de Setembro.

Quanto ao Campeonato do Mundo de 1974, nada se sabe ainda de concreto em relação ao país organizador. Conhece-se, apenas, que a Colômbia confirmou a sua organização: mas ainda não depositou a verba estipulada, o que terá de acontecer até ao dia 31 de Dezembro deste ano. No dia 1 de Janeiro, vai saber-se ao certo se o próximo mundial se desenrolará na Colômbia ou em Luanda, pois a nossa Federação mantém a candidatura da capital do Estado de Angola. Como curiosidade, assinale-se o grande interesse manifestado por espanhóis e franceses em o próximo mundial ter como cenário a cidade angolana.

EM TODAS

GINÁSTICA: previstas pela Federação diversas provas para o próximo ano. Já estão no calendário o «Torneio de Abertura»; os campeonatos nacionais de seniores, juniores e juvenis; o «Critério da Juventude»; a «Taça de Portugal»; o Torneio Nacional de Iniciação; a disputa do Troféu «Gago Coutinho»; o Torneio do «Dia Olímpico»; o «Torneio de Encerramento» e os «Graus de Progressão».

VELA: de 23 a 30 de Dezembro, vai disputar-se o «Torneio do Natal». Entretanto, a Associação Portuguesa da Classe 420 prepara um audacioso plano de trabalhos para a próxima temporada.

ATLETISMO: «Grande Prémio de Natal» na manhã do próximo dia 24, em Queluz, com provas destinadas a iniciados, juvenis, juniores, seniores e populares.

PUGILISMO: Clemente Sanchez, que foi 13 vezes ao tapete no seu combate contra José Legra (em que perdeu o título mundial) acaba de sofrer outros prejuizos. Por exemplo: acusado de **fraude para com o público**, ficou sem licença para combater durante 3 meses; as autoridades exigem uma indemnização mínima de metade do seu «cachet» (o que equivale a 540 contos); foi multado por não ter rapado a «pera» e as «suiças» em dez contos e 800 escudos e, como combateu com peso superior ao estipulado no contrato, está ainda sujeito a perder 20 por cento da meia-bolsa que recebeu! Realmente, há noites em que um sujeito não deve sair de casa...

NATAÇÃO: Bleck, Brito Rosa, Maciel e Gomes Pereira, formando estafeta de estilos para 4x100 metros foram os únicos portugueses vencedores de provas incluídas no embate Castela-Centro de Portugal e mesmo assim porque a formação competidora foi desclassificada.

ACTIVIDADES SUBMARINAS: Jaime Tavares, José Neves Pereira, Maria Manuela Costa, Mário Pereira, Pedro Barros Costa e Rosa Maria da Costa (todos do Sporting) são campeões nacionais de velocidade em natação com barbatanas.

ANDEBOL: o I. M. A. e o Banco Espírito Santo venceram, respectivamente, o Paço de Arco (por 27-10) e o C. N. O. C. A. (25-18) na primeira eliminatória da «Taça de Portugal». A formação do I. M. A. era composta por Pinho, Campo, Maurício, Marcos, Teodoro, Anjos, Guilherme, Gouveia, Luis Rocha, Alvaro, Rodrigues e Balbino. Pelo Banco Espírito Santo jogaram Pernes, Dias, António Santos, Moisés, Alemão, Fernando, Carvalho, Ilídio e Libério.

CAMPEÃO: José Muambuje (Liga de Henrique de Carvalho) é o titular de corridas de fundo angolanas, nas categorias de seniores. Obrigou Anacleto Pinto a desistir e ganhou a prova como lhe apeteceu. Triunfadores em outras categorias: Augusta Miranda (senior feminina), Tiago Gonçalves e Ranque Franque (juniores).

TÉNIS DE MESA: os juniores do Belenenses conquistaram a Taça «Record». Formação «azul»: Jerónimo Pina e José Xavier.

INICIAÇÃO: Na prova de «arranque» (em xadrez) realizada em Marvila (pela Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885) distinguiram-se António Baptista, Joaquim Cruz, Franklin Ribeiro, Humberto Costa, Alberto, Fernando Pinho e João Madruga.

ESTÁGIO: de 26 a 28 do corrente, no Jamor, a Federação de Atletismo organiza um estágio para as 34 melhores lançadoras do Continente. Lista das convocadas: Braga — Maria José Fernandes, Cândida Alves Helena Pereira, Natércia Pires, Dora Pires, Conceição Gomes, Carmo Fontana, Olívia Marques, Augusta Machado e Maria José Parente; AVEIRO — Olívia Elvas, Olinda Pinto, Rosa Alice, Conceição Rilho, Isabel Santos, Ana Picado e Josita Mendes; COIMBRA — Ana Martinho, Eduarda Pires, Emília Pires, Fátima Campos, Clotilde Teixeira e Neusa Ferreira; PORTO — Isolina Pinhel, Luísa Sousa, Natalina Veleda, Rosa Silva, Emília Carneiro, Amália Almeida e Fátima Pinto; LISBOA Isabel Santos e Lídia Picado; VISEU Conceição Candeias.

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

SELECÇÕES NO JAMOR

Sob a direcção de José Augusto, as selecções nacionais de juniores e de «esperanças» participavam na jornada de abertura da «Taça de Honra», e os juniores do Sporting tinham jogo (à noite) contra o Olivais. Durante uma hora, os seleccionados empregaram-se com todo o entusiasmo no desenvolvimento dos lances, terminando o jovoltaram ontem à tarde ao relvado do Jamor para mais uma sessão de treino. Registaram-se algumas faltas tanto numa equipa como noutra, por motivos justificados: alguns atletas da selecção de «esperanças» participavam na jornada de abertura da «Taça de Honra» e os júniores do Sporting tinham jogo (à noite) contra o Olivais. Durante uma hora, seleccionados empregaram-se com todo o entusiasmo no desenvolvimentos lances, terminando o jogo-treino com empate a um tento. As equipas alinharam:

«ESPERANÇAS» — Tibi (Porto); Barros (U. de Coimbra), Guilherme Cardoso (V. Setúbal), Amândio (Boavista) e Guedes (Porto); V. Pereira (C. U. F.), Barbosa (Boavista) e Valter (Barreirense); Oliveira (Porto), M. Fernandes (C.U.F.) e Moinhos (Boavista).

JUNIORES — José Pereira (C.U.F.); Rosa (Bel.), Maia (Benfica), Tó Zé (Bel.) e David (Benfica); Barrinha (Bel.), Abreu (Guimarães); Ferro (Setúbal) Ceidi, Atlético); José Maria (Benfica) (Balegas, Barreirense), José Domingos (C.U.F.) e Serrano (Leixões).

CHAMPAGNE
Heidsieck & Co
MONOPOLE
MAISON FONDÉE EN 1785

j.a. da costa pina, lda.
RUA DO ALECRIM, 73 // LISBOA
costa pina & vilaverde, lda.
RUA DO BONJARDIM, 420 // PORTO

DE TOMASO
DEAUVILLE
FINALMENTE EM PORTUGAL O AUTOMÓVEL DE LUXO
COM CARACTERÍSTICAS DESPORTIVAS E 4 PORTAS

DE TOMASO
PANTERA GT E GTS
OS SENSACIONAIS MODELOS DE GRANDE TURISMO

EM EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 24 HORAS

AGENTE PARA O SUL: SALAUTO SportKar AV. DEFENSORES DE CHAVES, 87-C — LISBOA

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %	448$	448$	450$
Cons 3 %	491$	491$	–
Cons 3 1/2 %	569$	569$	–
Centenários	–	1.317$	–
Tes 5 % 57	1 005$	1.005$	–
Tes 5 % 59	–	1.0000$	–
Exter 1ªs	–	643$	–
Extern 1ª c	–	644$	–
Extern 3ªs	–	–	780$
Extern 3ª c	–	–	780$
Caut 3ªs	–	–	190$

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	–	–	940$
C M L 5,3/4 %	–	1.010$	–
C P 5,5 % 67	–	980$	–
C P 5,5 % 68	–	980$	–
C P 5,5 % 69	–	980$	1.000$
Corr 5 3/4 %	–	–	–
Metr 5 3/4 %	–	–	–
Tur. 5 3/4 %	–	1.010$	–
C P 63/4	–	1.030$	1.050$

ELÉCTRICAS

G 5 % 58	–	850$	–
G 5 % 59	–	850$	–
G 5 % 62	–	–	–
G 5 % 63	–	–	–
G 5 % 64	–	–	970$
G 5 % 65	–	–	–
G 6 % 67	–	970$	–
G 6 % 69	–	–	1.055$
G 7 % 71	–	–	800$
H E C 5 %	–	738$	–
H E C 6 %	–	960$	–
H. E D 5 %	745$	745$	–
H E D 6 %	–	960$	–
H E N. P 5 %	–	–	–
H E S E 5 %	–	–	–
H E S E 6	–	940$	–
H. E. Z. 5 % 57	–	–	–
H E. Zéz 6 %	–	920$	–
N. Elc 5 %	–	–	–
N Elec 6 %	–	–	930$
Termoel 5 %	–	745$	–
U E P. 5 % 60	–	–	730$
U E P 5 % 63	–	900$	–
U E P. 6	–	940$	955$

DIVERSAS

A P. T. 5 % 56	–	–	865$
A P T. 5 % 58	–	–	865$
Lisnave 6 %	–	940$	–
Nitratos 60	–	–	–
Pet. 2ª e 3ª %	–	850$	–
Sacor 7 %	–	–	1.007$
Sacor 5 % 54	–	–	990$
Sacor 5 % 60	–	–	860$
Sid 5 % 2ª	–	–	–
Sid 5 % 3.ª	–	–	–
Sid 5 % 4.ª	–	–	–
Socel. 5 %	–	910$	–
U Fabril 67	935$	935$	940$
U Fabril 68	–	945$	–

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	–	450$	–
Rev 5 % 57	–	–	–
Rev 5 % 59/60	–	–	–
Moçamb 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	–	800$	815$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	4.310$	4.300$	4.310$
Alentejo	1.830$	1.820$	1.830$
Angola	4.120$	4.100$	4.150$
Cred Predial	5.050$	5.050$	5.100$
Esp Santo	15.600$	15.500$	15.700$
Fomento	4.900$	4.800$	5.000$
F & Burnay	–	82.000$	85.000$
N Ultr m	5.600$	5.550$	5.600$
N Ultr c	7.050$	7.050$	7.080$
Portugal n	4.550$	4.500$	4.600$
Portugal p	6.700$	6.700$	–
P Atlântico	14.000$	14.000$	14.050$
Totta & Açores	6.800$	6.800$	6.820$
Algarve & Borges & Irmão	2.700$	2.700$	2.750$
	6.200$	6.150$	6.200$

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges e Irmão

Indice de cotação das acções (Base: Dez 65=100)

	14-12-72	20-12-72	21-12-72
GERAL	221,8	234,6	239,9
METROPOL	230,3	245,1	251,0
ULTRAM	159,2	157,2	158,7

De Seguros

Alentejo	–	605$	–
Bonança	–	15.400$	–
Império	38.000$	37.000$	38.000$
Mundial	2.920$	2.920$	
Soberana	3.060$	3.060$	–
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C P E p	1.115$	1.110$	1.120$
C P E n	1.080$	1.080$	1.085$
E Beiras	1.690$	1.685$	1.700$
G Elec c	322$	322$	322$5
H E A A	159$	159$	160$
H. E N P	–	–	–
H E S E	–	–	1.600$
U E P	–	170$	–

Ultramarinas

Ag. Cassequel	–	–	–
Ag. Incomáti	–	–	–
Ag. S. T e P	.90$	185$	190$
Aç Angola	1.100$	1.100$	1.250$
Alg. Angola	–	–	210$
Ang. Agric	–	–	600$
Boror	–	122$	–
Boror Com	–	–	70$
Buzi	–	70$	75$
Cabinda	–	–	125$
Com Lobito	–	600$	610$
D A T. 100	1.900$	1.890$	2.000$
H. E Revué	–	–	530$
I do Princ	450$	420$	–
Moçambique	210$	206$	210$
Sonefe n	–	320$	–
Sonefe p.	350$	340$	–
Zambézia	60$	59$5	60$

Diversas

Ag Lx ant.	–	460$	–
Ag. Lx 34	480$	480$	–
Ag. Lx. 36	–	410$	–
Cel Guadiana	5.200$	5.000$	5.300$
C Leiria p.	16.940$	16.940$	–
C Tejo p	56.000$	55.000$	57.000$
F. Ramada	1.280$	1.280$	1.350$
Fornos Eléct	180$	180$	–
P. Celulose	5.000$	5.000$	5.100$
Siderurgia p	7.350$	7.350$	–
Siderurgia n.	4.850$	4.850$	–
Socel	4.620$	4.620$	–
Cidla	8.720$	8.700$	8.720$
C. U. F.	3.000$	3.000$	–
Intar	660$	660$	–
Nitratos	–	950$	990$
Petroquímica	–	950$	–
Sacor	4.500$	4.500$	4.600$
Tab. Portugal	5.720$	5.720$	–
Tabaqueira	9.400$	9.350$	9.500$
U F Azoto	830$	–	820$
Empor	270$	–	270$
Ind. Aliança	–	–	–
I. P. Colón.	1.380$	1.380$	–
Nac Naveg	–	–	–
Naveg. (Col)	–	–	–
P Pesca	–	–	–
Matur	–	950$	–
R Marconi	–	1.050$	–
TAP	–	1.210$	1.215$
Compal	640$	640$	–
Salvor	–	1.150$	–
Penina	–	–	1.200$
Lisnave	13.500$	13.400$	13.500$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–	–	–
F I D E S.			–

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	30$50	33$50
Alemanha Marco	8$25	8$55
América		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Novo	–	–
Austria Schiling	1$16	1$21
Bélgica Franco	$59	$62
Brasil Cruzeiro	3$50	4$30
Canadá Dólar	26$50	27$30
Dinamarca Coroa	3$60	4$00
Espanha Peseta	$413	$433
França Franco	5$10	5$40
Holanda Florim	8$15	8$45
Inglaterra Libra	62$50	65$50
Italia Lira	$0425	$046
Marrocos Dhran	5$00	5$50
Noruega Coroa	3$90	4$20
Suécia Coroa	5$50	5$80
Suiça Franco	7$00	7$25
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	470$00	500$00
Inglaterra 1/2 Libra	520$00	560$00
Ouro fino Barra	56$00	60$00

BANCO DO ALENTEJO
GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Praça D. João da Câmara, 8 - Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30309

televisão

MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Vária
13.15 Aquelas santas
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.20 Fecho
19.00 TV Educativa
19.30 Telejornal e filme infantil
19.45 Série juvenil
20.15 Sangue na estrada
20.30 Ao serviço da Nação
21.00 Há só uma Terra
21.30 Telejornal
22.00 Noite de teatro «Presépio de Natal»
23.15 Museu do cinema
23.45 Telejornal
23.50 Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Um dia com...
21.00 Aquelas santas
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Cabora Bassa
22.20 Recital de viola e violoncelo
22.35 Os aldrabões
23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Aventuras e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Arnie
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

17.00 Natal dos Hospitais
19.30 Teleiornal - 2.ª Edição
19.45 TV Palco
20.15 Cartaz TV
20.45 Ao serviço da Nação - mensagens de Natal de militares em serviço na província da Guiné
20.55 Cinemateca
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.05 Os homens de Shiloh
23.30 Telejornal - 4.ª edição
23.45 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Aventuras e desenhos animados
20.45 Vária
21.00 Arnie
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.05 Los Muchachos
22.35 Econtro com o Mundo - O Falcão
23.45 Fecho

Quer aplicar dinheiro na Bolsa?
Preocupa-o a gestão da sua carteira de títulos?
Consulte o DEPARTAMENTO DE TÍTULOS do
BANCO PINTO DE MAGALHÃES
que lhe oferece um serviço perfeito e especializado.

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	5.º
P. DOURADAS	3.º
COIMBRA 9	5.º
PORTALEGRE	8.º
LISBOA	7.º
FARO	10.º
FUNCHAL	16.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Braga
Máxima 20,5.º

Bragança
Mínima 0,3.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	13,8º
Atmosfera	10,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.31	4,2 m	10.19	0,5 m
17.01	4,0 m	22.32	0,7 m

Dia 22

5.18	4,3 m	11.05	0,5 m
17.48	4,0 m	23.16	0,8 m

Dia 23

6.04	4,2 m	11.51	0,6 m
18.34	3,9 m		

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado; vento fraco acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada nas regiões abrigadas a norte do rio Tejo

AMANHÃ
NASCER ÁS 8.50
OCASO ÁS 18.18

DIA 20	DIA 27	DIA 4	DIA 12

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário — Ao encontro da melodia.
16.30 Convívio Programa da Juventude.
18.05 O convidade de hoje: Joe Cocker.
18.20 Espectáculo-Teatro.
18.40 Música Portuguesa.
19.10 Selecção da Ópera «A Viúva Alegre» (Lehar).
20.00 Diário Sonoro.
20.20 O Conjunto The Marmalade.
20.30 19.º Episódio do folhetim «Amar os Outros» (A Vida de S. Vicente de Paulo).
20.50 Melodias.
21.00 Momento 72.
21.20 Música, só Música.
21.45 Página do Natal (VIII).
22.01 Guitarradas, pelo Conjunto de António Luis Gomes.
22.20 Dia a Dia com a Ciência, pelo Dr. Marques da costa.
22.40 Ritmos em Contraste.
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia.
00.30 Diário Sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Galiano Pinheiro.
02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF 1 DE LISBOA

23.00 Rádio Universidade.
00.30 Junção com o 1.º programa.

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir
18.00 Música Portuguesa.
19.00 O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas.
20.00 Diário sonoro.
20.20 O Concerto em dó menor, de Bach.
20.40 Pesia de um só poeta, por Maria Germana Tânger.
21.00 Bailado da Ópera A Vida pelo Czar», de Glinka.
21.20 Tempo literário.
21.45 Música sinfónica.
22.00 Teatro de todos os tempos, por dr. Eurico Lisboa.
23.00 Emissão em línguas estrangeiras.
01.15 Fecho.

Programa Estereofónico MF 2

21.00 Intercâmbio musical: Festival de Bayreuth de 1972, em gravações cedidas pela Rádio da Baviera.
01.01 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário.
16.04 Programa CDC.
18.02/21.00 «Programa Movimento» (realização de Fialho Gouveia).
20.00 Divagando
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0».
21.30 Diálogo.
21.08 Serão musical.
21.32 Impacto.
22.30 Quando o telefone toca.
23.08 Mensagens Bíblicas.
23.22 Êxitos do disco.
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural.
07.00 Talismã.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário/No final-RADIORAMA:
18.00 Hora de recreio
18.22 Boletim litúrgico.
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires.
19.00 (Jornal do serviço de noticiários e reportagens de R.R.).
19.30 Página.
21.05 Meditando.
21.08 Escolhemos para você ouvir.
21.15 Poente.
21.30 Curso de língua alemã.
21.45 Pentagrama.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Esquema 13.
23.05 A 23.ª hora.
Estação do porto
16.00 Noticiário.
16.05 Radiorama.
18.00 Vozes das Américas.
18.03 Terço, da Basílica dos Mártires.
19.00 Jornal diário.
19.30 Página um.
21.03 Meditando.
21.08 Catavento.
21.30 Vozes portuguesas.
22.00 Auditório.
22.30 Esquema13.
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal
Das 6.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00
Rádio Voz de Lisboa
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00
Rádio Peninsular
Das 12.00 às 14.30
Rádio Graça
Das 14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

ALCÂNTARA
Dilema, R Aliança Operária, 49-B (tel 636620), **Costa,** Rua dos Lusíadas, 30 (tel. 636704); **Vieira da Rosa,** Rua Prior do Crato, 74 (telef. 660187).

ALTO DO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (telef. 78277).

ALVALADE
Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Avenida D. Rodrigo da Cunha) (tel. 722384); **Sanex,** Avenida da Igreja, 31-C (tel. 717505); **Rio de Janeiro,** Avenida Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida Estados Unidos da América) (tel. 721409)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tel. 790969).

ARCO DO CEGO
S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (telef. 534027).

AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel. 731478).

ARROIOS
Pancada, Rua Rebelo da Silva, 11 (tel. 43340).

CASTRO
Avenida Almirante Reis, 76-A (tel. 821973)

AVENIDA DA LIBERDADE
Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (tel. 43641).

AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar 20 (tel. 44995);; **Cruz Nunes,** Praça Duque de Saldanha, 14 (tel. 41845).

BAIRRO ALTO
Sanitas, Praça Luís de Camões, 24 (telef. 322798).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (telefs. 311216 e 310172).

BAIXA
Silva Carvalho, R. dos Franqueiros, 126 (tel. 326575).

BELÉM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias 63-A (tel. 611454)

BENFICA
Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-B (telef. 704828).

CAMÕES
Sanitas, Praça Luís de Cmões, 24 (tel. 322798)

CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (tel 684424)

CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (tel. 686176), **Urbano, de Freitas,** R. Silva Carvalho, 5 (tel 662838); **Tagus,** Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (tel. 669485); Pinheiro, Rua Campo de Ourique, 133 (tel. 686640)

CARNIDE
Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (tel.780969).

JANELAS VERDES
Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (tel. 662327)

LAPA
Mota Capitão, Rua de S. Félix 45-B (tel. 660720)

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (tel. 790480)

MARQUES DE POMBAL
Liberal, Avenida da Liberdade, 219. (tel 43641).

MOURARIA
Silva, Calçada de Santo André. 16 (tel. 862074).

OLIVAIS
Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, Lote 199 (Olivais -Sul) (telefone 313610), **Central dos Olivais,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (tel. 315539)

PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (tel. 842725)

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (tels. 720703-728395).

RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (tel. 681947).

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (Tel. 612248).

SANTO AMARO
Gomes, Rua da Junqueira 326 (Tel. 638193); **Costa,** Rua dos Lusíadas, 30 (Tel. 636704).

S. BENTO
Fénix, R. da Cruz dos Poiais 52 (Tel. 678531).

S. MIGUEL
S. Miguel, Praça Francisco de Morais, 1 (Tel. 771469).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Avenida Luís Bivar, 11 (Tel. 44324)

SETE RIOS
Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (Tel. 778439); **Laranjeiras,** Rua Filipe da Mata, 160 (Tel. 761035).

SOCORRO
Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (Tel. 42829).

XABREGAS
Conceição, Calçada de D Gastão, 30 (Tel. 381279).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA
Central R. de Olivença, 11 (Telef. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)
BARREIRO
Piçarra Av. do Bocage, 65-A (Telef. 2274771)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso P. 5 de Outubro, 18 (Telef. 270254)
MOITA
Silva Rocha P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Diogo R Almirante Reis, 42 (Telef. 230032)
SESIMBRA
Leão Av. Salazar (Telef. 229471)
SETÚBAL
Higiene R. Frei Agostinho da Cruz (Telef. 22408); PORTUGAL R. Camilo Castelo Branco (Telef. 23211)
SEIXAL
Soromenho R. Paiva Coelho (Telef. 2218560)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco Av. Comb. G. Guerra, 29 (Telef. 212081)
CAXIAS
Nova R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCS
Godinho da Silva Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)
OEIRAS
Central R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058)
PAREDE
Brandão Av. da República, 77-C (Telef. 2471054)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL
Suiça Cruzeiro (Telef. 260087)
CASCAIS
Cordeiro Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170); **Nova** Est. de Alvide-Fontainhas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019); **FLAMA** R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485); **CONFIANÇA** Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 938149)
DAMAIA
Damaia P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)
QUELUZ
Zeler R. da República, 83 (Telef. 950045); **CORREIA** L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)
CACÉM
Central R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
MEM MARTINS
Química Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Simões R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

PORTO

5.º TURNO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda., Rua Formosa, 327, **Pereiró (de)**, Rua da Preciosa, 35, **Sampaio**, Rua de Cedofeita 636; **Saúde**, Av. Comb G Guerra, 689, **Vaz Teixeira, Sucra**, Rua do Heroísmo 56

SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125; **Costa Lima**, Av da Boavista 855, **Marques de Mendonça**, Rua do Ameal, 251, **Monte Cativo**, Rua do Monte Cativo, 444, **São Jerónimo**, Rua Santos Pousada, 622

COIMBRA

TURNO L

S. SEBASTIÃO; Rua António Jardim, telef. 28802; **Silcar**, Rua Ferreira Borges, 88-94-tel. 22923; **Paiva**, Pr.ª do Comércio, 57-58-Tel. 23231.

BARS BOITES RESTAURANTES TÍPICOS DANCINGS

PRINCIPE NEGRO _ Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

EL CID _ Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao Conde Redondo). **Tel. 560538**

FANTASMA Dancing-Caveau com variedades Ballet Leny Dancers Show todas as noites uma atracção surpresa **Rua Gomes Freire, 145-B.** Aberto todos os dias até às 05 00

TAMILA _ Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE _ António Alberto (To-Bé). Virgílio Cheves. Alberto até às 5 h da madrugada **Rua da Trindade, 9 Tel. 327109. Encerra aos domingos**

HIPOPÓTAMO _ Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

SANZALA Dancing Duo Ouro Negro e Conjunto Blackground Jantares e ceias até às 5 da manhã Av Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef 790177

NINA _ Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 14859/368197**

ADEGA MACHADO _ Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo Tina Ferreira, Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo, Armando Hilário. Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

LUSO Grande elenco de fadistas de Lisboa por Augusta Ermida e José Luís Tomar fado de Coimbra por Américo Silva Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889. Aberto todos os dias.**

CASEBRE Cantam Carlos Barra Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªa feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 369760**

FRAGATA REAL Maria Valejo, Maria Jô-Jô Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa, João Queiroz em Fado Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868582**

CACO _ Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO _ Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telefone 368579.**

BICO DOURADO Boite de nuit, atrações internacionais das 01 H e 30 às 03 H e 30. **R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649.**

SOLAR DA HERMÍNIA Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Tel. 320164**

CASINO ESTORIL _ Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CLUB 107 (Boite) _ Rua da Madalena 107 Lisboa-Tel. 860078.

FONTORIA Dancing. Música constante Variedades internacionais. **Praça da Alegria, 66 Telef. 35431**

SAN-PAYO Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422. (Ar condicionado)**

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.00 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
9.ª Semana de êxito «UM VIOLINO NO TELHADO» Écran gigante, som estereofónico de quatro bandas magnéticas

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C-14 anos)
4.ª Semana
A teoria e a prática do cinema aplicado na história ALEXANDRE NEVSKI» de Eisenstein com Nicolai Tcherkassov

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
Estreia às 21.30
(Grupo C - 14 anos)
«O JUIZ ROY BEAN» De justiça em injustiça impõe a sua lei. Com Paul Newman, Jacqueline Bisset e Ava Gardner. Color.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 4.ª Semana
A obra-prima de Robert Rosselini «A TOMADA DO PODER POR LUIS XIV» (Metro-Alameda)

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor - Ele joga à sua maneira Ela joga por fora «MEU MARIDO, ESSE DESCONHECIDO» com Kirk Douglas e Marlène Jobert

MUNDIAL (Tel. 538743)
Às 21.45
(Grupo D - 18 anos)
11.ª Semana triunfal do maior êxito de gargalhada de todos os tempos, com Lino Ventura e Jacques Brel «AVENTURA É AVENTURA» um filme colorido de Claude Lelouch
15.15 e 18.30
(Grupo B - 10 anos)
«AS AVENTURAS DE MR. FORBUSCH» com Hayley Mills (Metro - Estação Picoas)

BERNA (Tel. 776098)
Só às 21.30
14.ª semana. A Paramonth apresenta «O PADRINHO»
(Grupo D - 18 anos)
Hoje às 15.15 e 18.30, um maravilhoso presente de Natal «O COMBOIO QUE LEVAVA SAUDES» com Dinah Sheridan
(Grupo A - 6 anos)

CASINO ESTORIL (Tel. 264621/264946
17.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«HISTÓRIA IMORTAL»

POLITEAMA (Tel. 326305)
Estreia admirável
Hoje às 21.45
(Grupo B - 10 anos)
«A COLINA DOS SARILHOS» Com Terence Hill e Bud Spencer (Colorido)
15.15 e 18.15 - últimas de «SARTANA ESTÁ DE VOLTA»
(Grupo C - 14 anos)

CONDES (Tel 322523/326710)
4 sessões diárias 14 15-16 30 18 45 e 21 45
(Grupo B-10 anos) 2.ª Semana
A loucura feita cinema
Louis de Funés e Yves Montand têm A MANIA DAS GRANDEZAS»

ODEON (Tel 326283)
15 15 - 18 15 - 21 30
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
Alfredo Landa, Sylva Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJARÁS A MULHER DO DELICADINHO» Um escândalo em graça brejeira

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo B - 10 anos)
«A REVOLTA DE TARZAN» e em complemento «AGARRA QUE É GENERAL»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo A - 6 anos)
Walt Disney apresenta «SE A MINHA CAMA VOASSE»
Technicolor - Grupo A-6 anos

VOZ (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
3.ª Semana Eastmancolor
Louis de Funés e Yves Montand têm «A MANIA DAS GRANDEZAS»

EUROPA (Tel. 661016)
Hoje às 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Um filme de Richard Brooks «OS PROFISSIONAIS» com Burt Lancaster, Lee Marvin, Jack Palance e Robert Ryan

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
O inimitável Cantinflas em «OS 3 MOSQUITEIROS»

LONDRES (Tel 731313)
4 sessões diárias-14 00-16.30 19.00 e 21.45. Colorido. 5.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
A estrela do ano Liza Minelli «CABARET» (Adeus Berlim) Snack-bar Pub «THE FLAG» O melhor encontro gastronómico

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«ACONTECEU A NOITE PASSADA» e em complemento «DIVÓRCIO À ITALIANA»

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21 00
(Grupo D - 18 anos)
«A VOLTA DE JESSE JAMES» e em complemento «MAL POR MAL, ANTES COM ELAS»

ALVALADE (Tel 717480)
Hoje às 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Um filme de Richard Brooks «OS PROFISSIONAIS» com Burt Lancaster, Lee Marvin, Jack Palance e Robert Ryan

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45
(grupo A - 6 anos)
Inimitável! Inesquecível!
«LUZES DA CIDADE»
com Charlie Chaplin

AVIZ (Tel 47163)
15 30 e 21 45
(Grupo B - 10 anos)
47.ª Semana de recorde de exibições em Portugal «TRINITA» (Cowboy insolente) com Terence Hill e Bud Spencer Colorscope

S. JORGE (Tel. 54153/4)
Hoje às 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Estreia sensacional Charles Bronson «O MECÂNICO»
15.15 e 18.15 últimas de «ATÉ À MATERNIDADE»

APOLO 70 (Tel. 763319)
Hoje estreia às 21.45
(Grupo D - 18 anos) Technicolor - Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Woody Allen
Hoje às 15.00 e 18.15 últimas exibições do filme «TEMPO DE AMAR» de John Cassavetes (Grupo D - 18 anos)
Hoje às 00.30 Clássicos da Meia Noite «DESTINOS OPOSTOS» de Jack Nicholson

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Grande companhia de circo do Natal

TEATRO MUNICIPAL S. LUIS
21.45 (14 anos)
«MISSA LEIGA»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Hedda Gabler»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«A cama dos comuns»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«As criadas»

VILLARET
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência, o Pendura»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«O princípio e o fim»

LISBOA/Cinemas

OLYMPIA
19 00 (14 anos)
«A ilha do terror»

PARIS
21 00 (18 anos)
«A Mafia manda matar»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Ariane»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«Desejo louco»

MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«O sheriff destemido»

MAYER
21.00 (18 anos)
«Django mata»

ARCO ÍRIS
19.00 (14 anos)
«O homem que não queria matar»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (18 anos)
«O amante»
PAREDE
Royal-cine
21.15 (14 anos)
«O executor»
ESTORIL
Casino
17 e 21.30 (18 anos)
«História imortal»
ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«Perseguidos na escuridão»
CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Aconteceu a noite passada»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Lampeão»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (14 anos)
«Maimoísel Maupain»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Um dólar furado»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21 30 (10 anos)
«Ninho de espiões»
QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«Paixão»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (14 anos)
«Aeroporto»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO
21 30 (0 anos)
«Luzes da cidade»
CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Eu julgava-o morto, Jack» e «A invasão da Terra»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«A Fuga no Pantano»
PASSOS MANUEL
21 30 (14 anos)
«Melody»
OLIMPIA
21.30 (10 anos)
Cantinflas em «Os Três Mosquiteiros»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«História de uma traição»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«Que se passa doutor»
TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»
VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Isto é espectáculo»
JÚLIO DINIZ
21 30 (10 anos)
«Trinita - Cowboy insolente»
RIVOLI
21 30 (10 anos)
«A mania das grandezas»
S. João
21.30 (10 anos)
«Se a minha cama voasse»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21 45 (10 anos)
I Festival Internacional de Magia

COIMBRA

AVENIDA
21 30 (18 anos)
«O jeito do alcatraz à noite sobre os juncos»
GIL VICENTE
21 00 (14 anos)
«Um homem na solidão»
TIVOLI
21.30 (14 anos)
«A vingança de Django»
SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«Os ratoneiros»

DL/NACIONAL

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1 º2.ºE 4 º
TÉLEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

O estado de saúde do arq. Lobão Vital

PORTO, 21 — Tem experimentado sensíveis melhoras e está a recuperar satisfatóriamente, o arq. António Lobão Vital, que há dias foi acometido por um enfarto, tendo dado entrada no Hospital da Ordem da Trindade. O arq. Lobão Vital, que é casado com a sr.ª eng.ª Virgínia Moura, já recebe visitas.

Como noticiamos, deve chegar a Portugal no próximo dia 30 o prof. Rui Luís Gomes, actualmente a residir no Brasil, onde é professor da Universidade do Recife. As razões da viagem daquele prestigioso matemático, que foi catedrático da Universidade do Porto e candidato à Presidência da República, seria precisamente visitar o arq. Lobão Vital.

BALANÇO DA GULBENKIAN EM 1971

Nove milhões de contos e muitas apreensões

E com preocupação que a Gulbenkian encara o futuro, perante as nuvens que se anteveem no horizonte administrativo (sic) e que resultam da recente nacionalização da «Iraq Petroleum Company», de que a Fundação é accionista na proporção de 5 por cento do capital — assinala-se no relatório da comissão revisora de contas referente a 1971, em cujo texto se recorda que os rendimentos da posição naquela companhia constituem «um dos mais assinaláveis elementos fomentadores da distribuição consignada a fins caritativos, artísticos, educativos e científicos».

O relatório louva a prudência da política administrativa, salientando que de 2 365,7 milhares de contos em 1957 o valor patrimonial subiu para 10 087,4 milhares no decurso das anteriores 14 gerências. No mesmo período, a posição líquida da companhia subiu de 886,2 milhares de contos para 7 910,6 milhares (não contados 806 contos investidos em acções). Por outro lado, o balanço dos benefícios distribuídos ascendeu a cerca de cinco milhões de contos, ao longo de 15 anos.

Entre os valores patrimoniais apontados atrás, não figura a Colecção de Arte (registada simbòlicamente com o valor contabilístico de cem escudos, embora o seu valor incalculável esteja seguro em 395 771 contos) como também não são contados os investimentos e adiantamentos na I.P.C. e suas associadas no valor nominal de 7 508 232 e de 4 242 574 libras respectivamente.

A posição líquida das companhias petrolíferas subsidiárias acusou um decréscimo de 102 757 contos, provocado pelo aumento de impostos aos países produtores. Salienta-se que o activo e o passivo destas companhias decresceram nas rubricas de Caixa e Bancos, Devedores, Obrigações, Credores e Dividendos, tendo apenas subido na rubrica de Acções (mais 224 552 contos).

No capítulo de Propriedade manteve-se o valor do palácio da Avenida de Iena e do edifício da Rua Emile Menier, em Paris, tendo-se valorizado a propriedade «Les Enclos» de Deauville. No total, os valores subiram de 1446 contos em 1970 para 5 565 no ano passado.

No balanço da posição líquida, nota-se de 1970 para 1971 um aumento de 51 976 contos, não contando as acções das companhias subsidiárias transferidas da gerança pela importância de 100 escudos (valor por memória) e descontado nomeadamente o prejuizo de 43 568 contos provocado por diferenças cambiais sobretudo pela desvalorização do dólar americano. Em 31 de Dezembro de 1971 o balanço fecha com a verba de oito milhões e 730 288 contos, compensado largamente o prejuízo registado.

A frota rolante da Gulbenkian, constituída por 76 camionetas das bibliotecas ambulantes, 13 viaturas de serviço geral, dosis «dumpers» e um tractor com reboque, obrigou ao pagamento de 24 486 contos para amortização das despesas de compra.

A aparelhagem foi contabilizada por 155 846 contos, não falando dos dois microscópios e dois computadores electrónicos que a Fundação já tinha pago.

No passivo de 1971 figuram 712 861 contos, que transitaram do ano anterior. Tal verba destinava-se à amortização de encargos que entretanto não foram pagos. O relatório tem o cuidado de explicar que «não se trata de demoras no pagamento... representa, sim, o natural ajustamento dos pagamentos às necessidades dos empreendimentos que vão sendo ultimados, de acordo com os serviços ou entidades que beneficiam da acção da Fundação».

Salienta-se ainda a atenção da administração ao problema social dos seus servidores, tendo aumentado as reservas para pensões e reformas em mais de vinte mil contos no espaço de um ano (101 931 contos em 1971).

Na comparação entre as receitas e despesas de 1970, verifica-se uma redução de 22 487 contos que o relatório explica pela diminuição nos dividendos das companhias subsidiárias e pelas baixas taxas de juro nos depósitos a prazo em 1971.

A despesas de administração no ano em referência foram de 82 656 contos (mais dez mil do que no ano anterior).

Durante o ano foram distribuídas verbas que atingiram o montante de 542 740 contos (menos 33 mil do que em 1970) assim distribuídas: Portugal 2 622 642 contos; Comunidades Arménias 485 501; Comunidade Britânica 486 525; Mário Oriente 915 796; Outro países 439099. Estas verbas destinaram-se a fins «caritativos» (14,3 por cento), artísticos (28,5 por cento), educativos (43 por cento) científicos (13,6 por cento).

Antes de homologar os resultados da gerência de 1971, a comissão revisora de contas, constituída pelo director-geral da Contabilidade Pública, pelo director-geral da Assistência e pelo secretário-geral da Academia das Ciências, aponta mais uma vez as nuvéns que se anteveem no horizonte administrativo e interroga-se: «Atenuar-se-ão? Serão eliminadas? Estão à frente da Fundação elementos do maior valor e de inexcedível zelo».

PERGUNTEM À ALICE

O DIÁRIO AUTÊNTICO DE UMA JOVEM DE 15 ANOS NO MUNDO DAS DROGAS

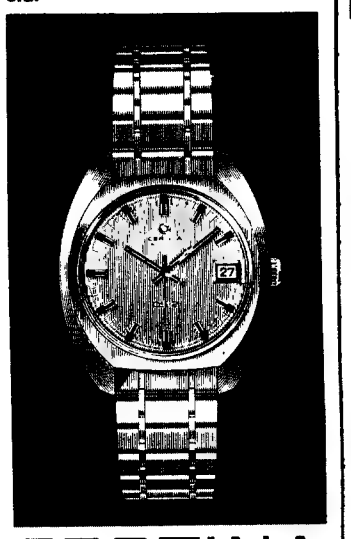
MORÆS
EDITORES

Certina-DS
o relógio
mais forte do mundo

Procura um relógio em que possa confiar em todas as circunstâncias? Visite um Agente Certina e ele lho revelará: o incomparável Certina-DS.

Certina-DS resiste a choques que nenhum outro relógio poderia suportar. Seu segredo: a sua «máquina flutuante» — revolucionário sistema de protecção — que assegura precisão e resistência notàvelmente superiores às normas usuais de controlo.

Certina-DS uma revelação em elegância, precisão e resistência.



CERTINA

Certina-DS, automático, com calendário, super-antichoque e super-estanque, aço inoxidável, 4 mostradores diferentes, estojo especial.

FERNANDO RIBEIRO DE MELLO

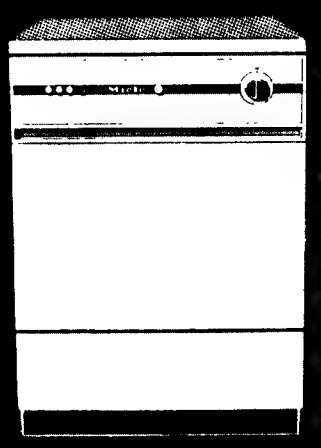
EDIÇÕES AFRODITE

Comunica que, desde o dia 30 de Novembro de 1972, PUBLIS-Soc. Dist. de Publicações, Lda., passou a distribuir, em exclusivo, todos os seus novos títulos, para Portugal Continental e Ilhas Adjacentes.

PUBLIS
Soc. Dist. de Publicações, Lda.

Comunica que, desde o dia 30 de Novembro de 1972, passou a distribuir em exclusivo, para Portugal Continental e Ilhas Adjacentes, todos os novos títulos publicados por Fernando Ribeiro de Mello / Edições Afrodite.

Máquina de lavar louça
G 220 UNIBODY



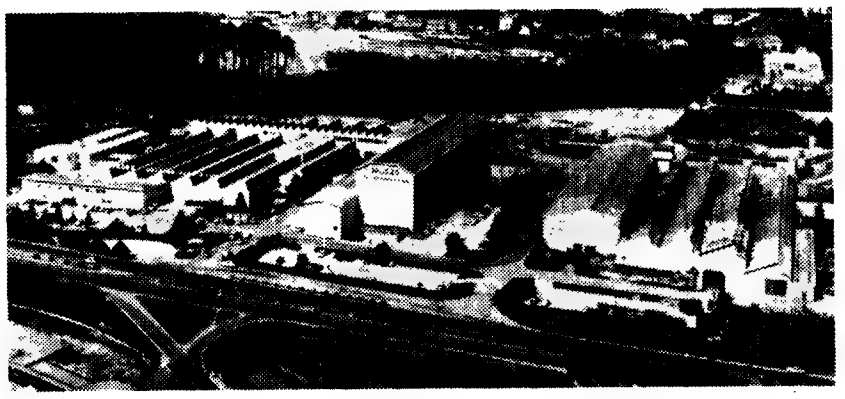
"Unibody"
— um novo sistema de fabrico da MIELE!
Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele

Agente oficial:
M. L. FERREIRA
Rua D. Estefânia, 48 A
Telef. 58958
LISBOA

CONVÍVIO DA MOBIL OIL PORTUGUESA

A Mobil Oil Portuguesa leva a efeito hoje, às 18 horas, na sua sede, uma reunião de convívio dos seus empregados, durante a qual serão distribuídos emblemas aos colaboradores desta empresa, que no corrente ano completaram 25, 35 e 45 anos de serviço, bem como diplomas e prémios pecuniários aos motoristas distinguidos ao abrigo do plano de «Prémios de Boa Condução».

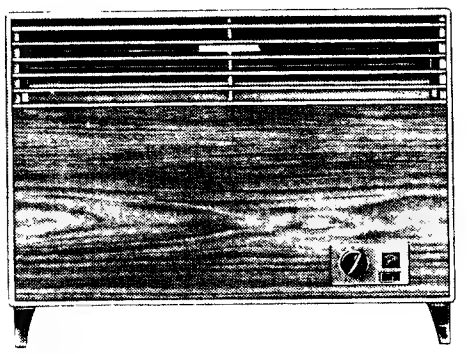


25 ANOS EFACEC 1948 1973

CONVECTORES ELÉCTRICOS

EFACEC

CONFORTO
DISTINÇÃO
QUALIDADE



produzidos pela
maior organização do país no ramo electrotécnico

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Diário de Lisboa

Dança camponesa.
Gravura em cobre.
Dürer.

NAS PÁGINAS INTERIORES

3 **ALBERTO FERREIRA** FALA DE **FERNANDO NAMORA**

7 O ULTIMO LIVRO DE **AUGUSTO ABELAIRA** LIDO POR **FRANCO DE SOUSA**

8 COMO **ÓSCAR LOPES** VIU A ACTIVIDADE EDITORIAL DA URSS

10 **CARLOS PORTO** «REPÕE» **WITKIEWICZ**

13 **HENRY MILLER** CRÍTICO DE ARTES PLASTICAS

LIVROS RECEBIDOS

CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO

CANTIGAS DE AMOR DOS TROVADORES GALEGO-PORTUGUESES — 2.ª edição.
José Joaquim Nunes; Colecção Cultura Lusíada

EDIÇÕES DE AUTOR

IR À TERRA
Modesto Navarro

EDITORIAL ESTAMPA

MALAQUIAS OU A HISTÓRIA DE UM HOMEM BÀRBARAMENTE AGREDIDO — 2.ª edição
Manuel de Lima; Introdução de António Maria Lisboa

ANTOLOGIA DOS MODERNOS FICCIONISTAS CUBANOS
Alejo Carpentier, Félix Pita Rodrigues, Dora Alonso e outros; Tradução de João da Fonseca Amaral; Colecção Novas Direcções - n.º 13

LUDWIG VAN BEETHOVEN
Jean e Brigitte Massin; Direcção da tradução e revisão de Mário Vieira de Carvalho; Colecção Biblioteca Estampa - n.º 1 (Vol. 5)

PRINCÍPIOS DE PSICOLOGIA GERAL
S. L. Rubinstein; Tradução de Manuel Gomes; Colecção Biblioteca Estampa - n.º 5 (vol. I)

O QUE É A LINGUAGEM? — INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE NOAM CHOMSKY
John Lyons; Tradução de Bruno da Ponte ; Colecção Teses - n.º 5

AS FILHAS DO FOGO — AS QUIMERAS
Gérard de Nerval; Tradução de Luiza Neto Jorge e M. João Gomes; Colecção Livro B - n.º 15

EDITORIAL ESTÚDIOS COR

PÔNCIO PILATOS
Roger Caillois; Tradução de J. M. Sousa Nunes; Colecção Mocho - n.º 10

A PSICANÁLISE DO FOGO
Gaston Bachelard; Tradução de Maria Isabel Braga; Colecção Ómega

SARTRE E A REALIDADE HUMANA
Colette Audry; Tradução de Serafim Ferreira; Colecção Filósofos de Todos os Tempos - n.º 8

A IMACULADA CONCEPÇÃO
André Breton e Paul Eluard; Tradução de Franco de Sousa; Colecção Mocho - n.º 9

ALEXANDRE NEVSKY
Narrativa de Dórdio Guimarães segundo uma saga russa do século XIII; Colecção Mocho - n.º 8

J. P. GRABATO D.

AS QUYBYRYCAS — Poema éthyco em outavas
Prefácio de Jorge de Sena

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

A MORTE É O MEU OFÍCIO — 2.ª edição
Robert Merle; Tradução de Ana da Luz; colecção Século XX - n.º 27

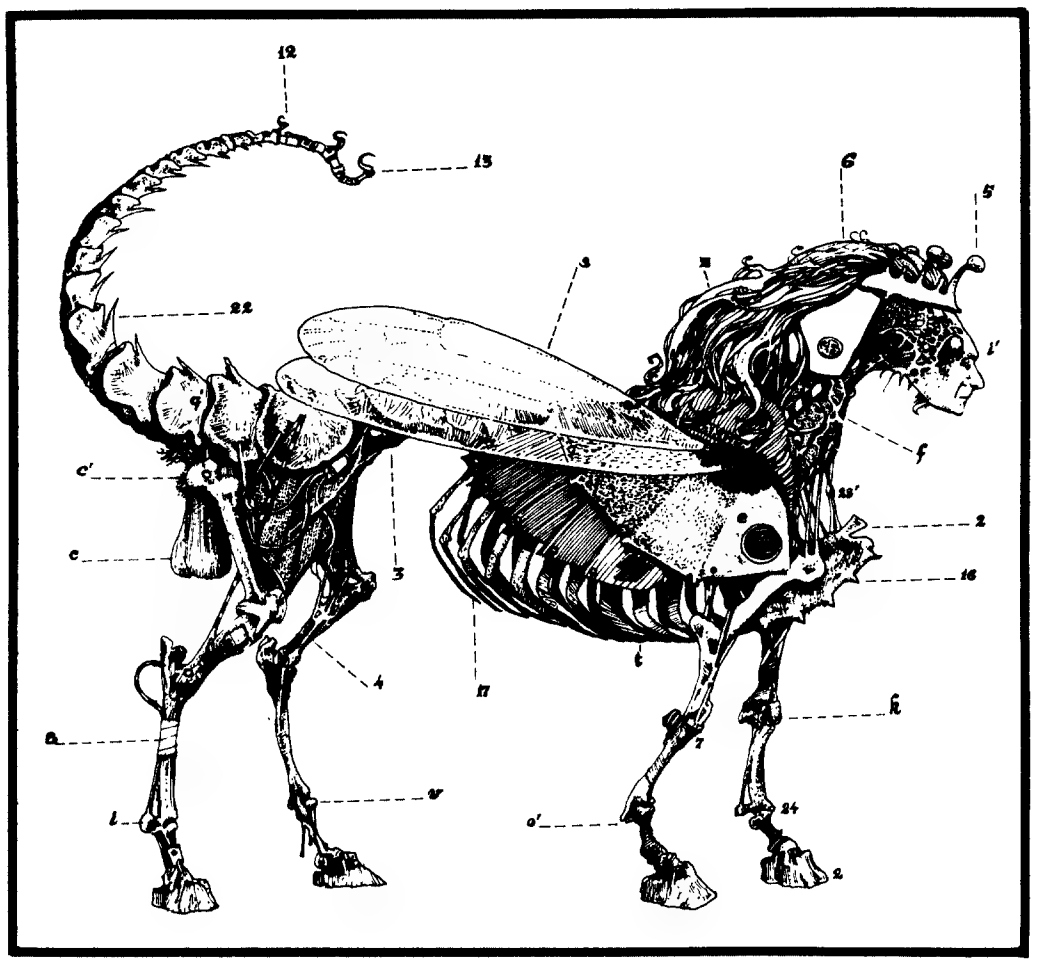
OS REINEGROS
Alves Redol; Colecção Obras Completas de Alves Redol - n.º 7

SEARA NOVA

UM ACTOR EM VIAGEM
Rogério Paulo; Colecção de Leste a Oeste

AS COOPERATIVAS EM QUESTÃO
Organização, prefácio e notas de Lino Carvalho e Gorjão Duarte; Série Actualidade Nacional

PÁGINAS DE POLÍTICA — II
Raul Proença; Obra Política de Raul Proença - vol. II



ACERCA DO APOCALIPSE DO APÓSTOLO JOÃO

Por ISABEL DA NÓBREGA

Não se pode competir com a linguagem bíblica.

Fez bem Ribeiro de Mello (Ed. Afrodite) ao editar o «Apocalipse do Apóstolo João» sem prefácio nem comentários, apenas com aquela pequena e perfeita porta que é a nota de abertura — e com as incandescentes ilustrações de Martins Avilez.

Se «Bíblia» significa «o livro dos livros», digamos que o Apocalipse é «o texto dos textos».

Tal como mais tarde Dante, proscrito de Florença, escreve a **Divina Comédia**, o apóstolo João, doze séculos antes, e exilado na ilha de Patmos, escreve a narrativa profética que se chama também livro das Revelações.

A ilha de Patmos não era um deserto, mas um lugar populoso e mercantil, o que permitia a João, temporàriamente afastado de Éfaso, permanecer ao corrente do que se passava no mundo. Sabe assim que novas desordens anunciam desastres e convulsões. Delegados das Igrejas da Ásia — não é obrigatório traduzir por **anjo** um termo grego que significa sobretudo **enviado, delegado, portador de novas** — vêm anunciar ao apóstolo as dificuldades por que passam os presbíteros.

A nossa mentalidade de ocidentais esquecerá fàcilmente que o Apocalipse é um texto muito diferente dos outros livros do Novo Testamento, e que pertence, pela sua composição, a um género de literatura específica dos judeus, em que se exprime o fervor religioso desse povo exaltado pelas profecias messiânicas; esquecerá que o hebreu João acreditava firmemente no regresso muito próximo do Messias. O Judaísmo incrédulo, a perseguidora Roma (a grande Babilónia...) o reino iminente de Cristo, eis o mundo em que se movia o seu espírito, e o quadro das visões do Apocalipse.

O seu génio, para os crentes tido como de inspiração divina, recebe um sopro que ele interpreta segundo as leituras dos profetas (afinal seus antecessores, Ezequiel, Isaías, Daniel...) e as mais ardentes aspirações da sua alma. Mas esse voo, essas imangens, acabam por transcender o seu próprio espírito e compreensão. A visão onírica permite-lhe assim descrever, muito para lá de circunstancialismos, o triunfo dos perseguidos sobre os perseguidores, e o da justiça sobre a violência.

Entretanto, no seu tempo, ano 70, Jerusalém é conquistada e a nação judaica destruída. O centro eclesiástico passa da Palestina para a Ásia Menor, onde João, regressado do exílio, retoma a obra do apóstolo Paulo e dá às igrejas que este fundara uma sólida constituição.

Redige então as notas que mais tarde João o Antigo, seu discípulo e secretário, reúne num Evangelho, tal como lhe ditará a primeira epístola, essa mensagem suprema sem vocativos nem saudação, nem plano prévio, em que outra vez o amor e a luz, o amor e a claridade, são, obsessivamente, a palavra.

Ignoramos qual a vegetação, quais as plantas que cresceriam em Patmos, e que uso aí se faria delas. Não podemos ignorar, pelos escritos chegados até nós, um apóstolo João sempre possesso de uma tal carga de amor que por ele pode chegar ao conhecimento e às visões.

Em Patmos foi «transportado em espírito», isto é, saíu para fora de si mergulhando afinal no mais fundo de si, tomado de súbito êxtase.

Indicam os estudiosos da Bíblia (fontes a que recorro) que a introdução do Apocalipse (desde «A Revelação de Jesus Cristo» até «porque o tempo está próximo») se deverá à pena do discípulo de João, que foi quem recolheu e publicou a revelação do seu mestre. Assim como talvez se lhe deva atribuir a última sentença, que aliás quebra a unidade da conclusão e que pode ter sido apemas uma nota marginal inserida posteriormente. Assim, o Apocalipse de João terminaria com a resposta da Igreja: «Ora vem, Senhor Jesus!»

João desaparece com o século de Cristo. Morre centenário, tomado daquele amor que permanentemente manifesta porque é para ele **a condição** — acima de todas as outras, a que nela mesma não tem fim.

Morto, a lenda e o epitáfio impoêm que esteja vivo dentro do túmulo, e coroam-no melhor do que flores sempre renovadas: «O amor nunca morrerá».

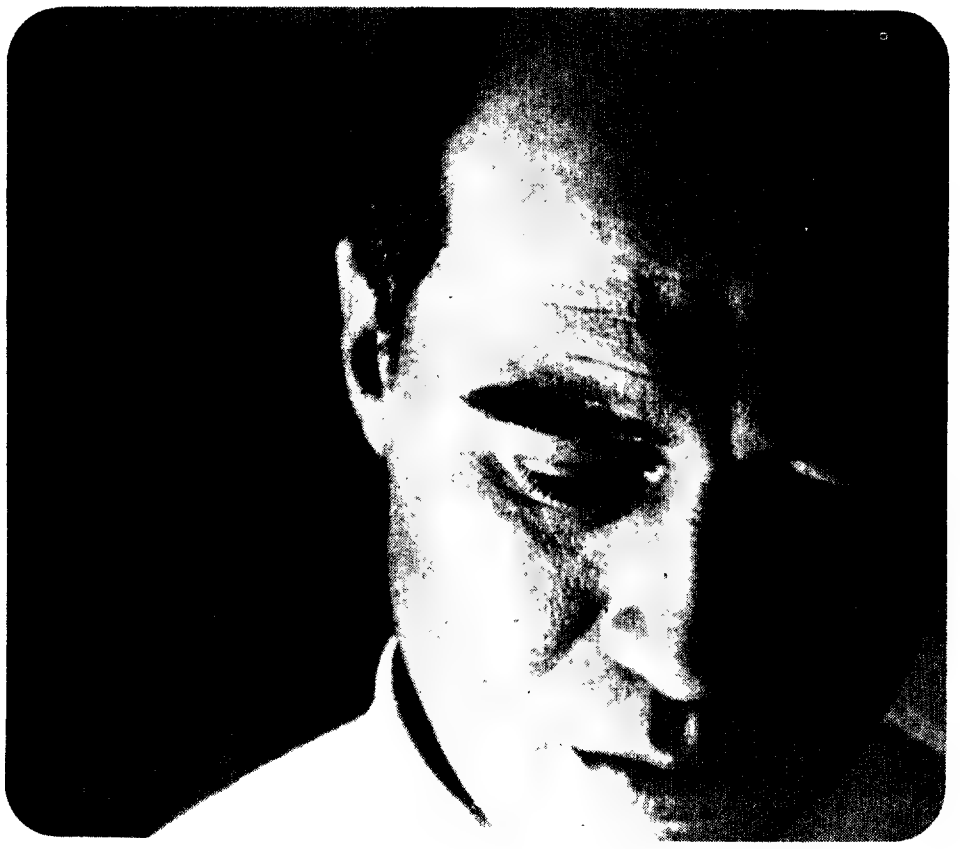
Gostamos pois de concluir (biblicamente)? que só o amor é conhecimento. Tal como para o «Cântico dos Cânticos», o amor e o amor. E o amor.

eumig®
MINI 3
ZOOM REFLEX
COM SERVO FOCUS
A mais pequena máquina de filmar Super 8 do mundo, completamente automática
COM EUMIG MINI VOCÊ FILMA EM GRANDE
REPRESENTANTE BELTRÃO COELHO LDA - LISBOA - PORTO

Ourivesaria PIMENTA
CONVIDA-O A VISITAR O CENTRO DE RELOJOARIA SEIKO
ÚLTIMOS MODELOS ACABADOS DE CHEGAR
RUA DE S. JUSTA LISBOA

● **ALBERTO FERREIRA FALA**
DE FERNANDO NAMORA

Perfil da obra de Fernando Namora ou o elogio do realismo difícil



Fernando Namora

A análise das essências, como se deixa ver, parte de inspiração platónica — em princípio contrária ao substancialismo aristotélico, logo a rasar o idealismo, a desprezar a metodologia experimentalista e os modelos conceptuais introduzidos pela razão ponderadora e vigilante dos factos. Agravemos: o intento desvia-se do que mais importa na obra de um romancista, poeta, escritor de ficção, enfim — a sua profundíssima relação com o homem social, com o homem solidáriamente abraçado à sua condição de convivente, comunitário, elo vivo de uma cadeia de relações complexas em que, raramente, um ser humano se assume na singularidade absoluta.

Mas tal discrepância não me surgiu do exame do princípio metodológico que pretendia adoptar ao aproximar-me, como crítico, da obra de Fernando Namora. Foi a própria realidade conceptual e imagética que constitui o universo que é o todo diversificadamente escrito pelo autor de OS CLANDESTINOSqueme desviou para um outro tipo de aproximação compreensiva.

RESUMINDO: o carácter francamente realista dos seus romances e da sua poética implicam uma tomada de posição clara, sem ambiguidades nem equívocos. Pretendo eu dizer, com isto, que aquele que se propõe interpretar um escritor, terá de o aceitar, **tal como ele é**, e não atribuir-lhe aparências que o ocultem ou lhe disfarcem a sua íntima realidade. Namora revela-se, desde, pelo menos o seu romance **«FOGO NA NOITE ESCURA»** (Coimbra 1943) como um ficcionista que transforma a sua própria experiência social e humana em **testemunho artístico.** Nele, a arte consiste sempre, de algum modo, sem narrar o facto humano na sua mediação social. Neste sentido, Fernando Namora repele a via sentimental, mitiga o fantástico, alivia a escrita de conotações simbólica, domestica o imaginário, foge das sombrias especulações da inteligência solitária para obedecer ao outro de si mesmo, numa entrega atenta, generosa e evidente ao que a vida lhe revela — desde a infantil alegria da inocência, à tragédia da agonia, da dor, da violência, da morte... Por isso, se me afigura aplicável a Namora o que já exprimi algures, a propósito de Alves Redol — o realismo, em arte, é mais **ofício de viver** do que ofício de escrever. E por esta razão não aceito sem reticências a transição, proposta por Mário Sacramento, de médico-escritor a escritor-médico, embora lhe reconheça observações certeiras. Aludindo à sua profissão, pondera o malogrado ensaísta: (a obra do escritor vive da experiência do médico) « e **isso é (mais do que parece) uma originalidade e uma singularidade sua, cuja génese e evolução os RETALHOS DA VIDA DE UM MEDICO documentam e espraiam no sentido que já apontei — o da transição do médico-escritor para o escritor-médico» (1)**

Atalhámos demasiado depressa por uma das vias mais fascinantes da personalidade artística do nosso autor — a permanente presença da **experiência médica, do saber médico do conhecimento clínico** na estruturação e desenvolvimento das suas grandes novelas e romances. Com efeito, desde a personagem, acaso seleccionada entre conviventes e comparsas da sua biografia, até à atmosfera psicológica e à visão do drama humano, há sempre o médico por detrás a espevitar e a refazer a memória.

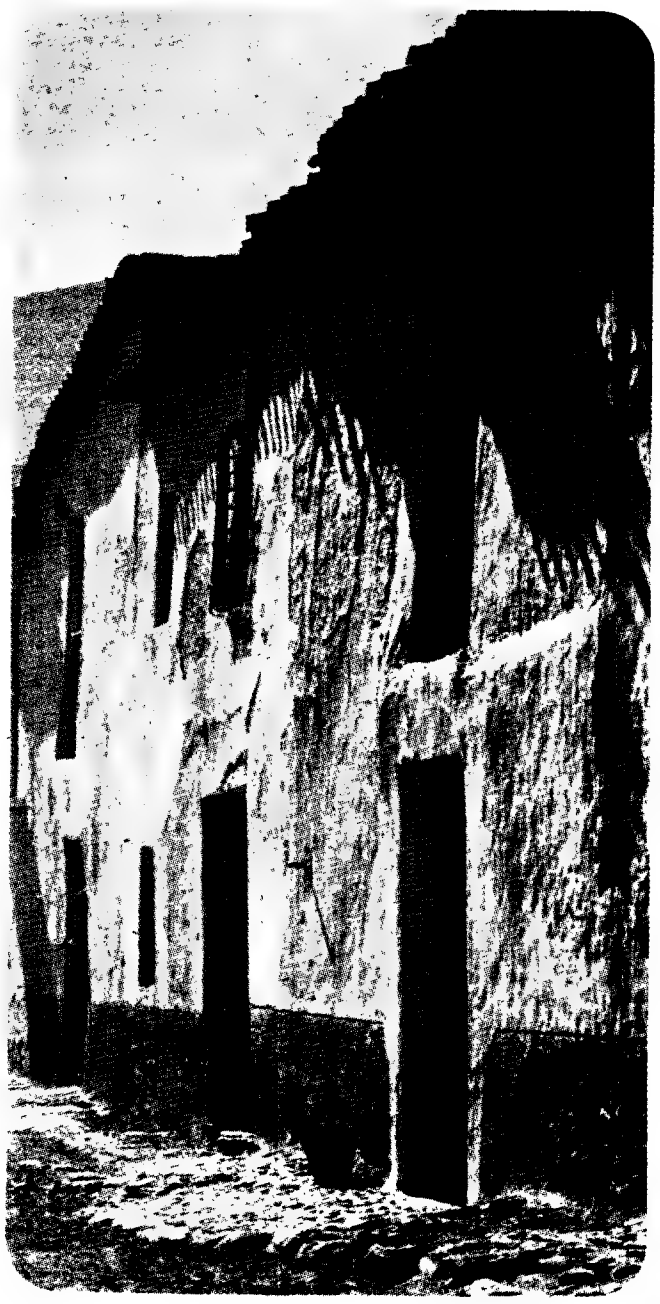
Mas é na escrita, na feição realista do entrecho e dos temas, que a concepção do homem de ciência se impõe. Raramente o nosso escritor abandona a descrição dos sintomas, muitas, muitas vezes avança o diagnóstico e o progonóstico, de tal sorte que **presente-futuro** não nos aparece por intermédio de uma técnica narrativa, mas sim por uma forma anímica, pré-monitória ou por aguda intuição de quem vive o seu drama e o conta

Por este motivo também **o realismo de Namora se não pode explicar e compreender partindo de pressupostos de escola ou de metodologias afins** — desde o realismo crítico de Eça de Queiroz ao neo-realismo criado por ele e por alguns grandes escritores seus companheiros da década de quarenta: Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes, Manuel da Fonseca, Carlos de Oleviera, Virgílio Ferreira, Mário Dionisio, Maria Braga, para citar tão-só os que fizeram da ficção o seu instrumento de comunicação por esses anos itinerantes da arte em Portugal.

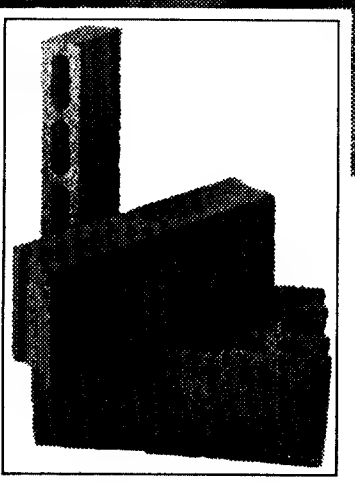
Quando o próprio escritor declara que o realismo se funde no sofrimento e nas alegrias comuns (**(Casa da Malta**, 8.ª edição, 1971, prefácio datado de 1961), não estará ele plenamente a exprimir os sofrimentos e as alegrias que a sua situação de médico — mesmo quando nele funciona a amizade, a camaradagem e o afecto lhe despertou **na experiência?** Mais: quando, a propósito de arte ralista, e em meditada interpretação do que ela possa ser, nos adverte: «: não se reparou ainda que o fácil nunca se deu bem com o simples. « (2) Seria assim tão evidente, a um leigo em ciências humanas, afirmar **que se não deve confundir uma ideia simples com uma ideia fácil?** — e isso expresso quando ele nos fala do neo-realismo... e das suas simplificações abusivas.

Namora aceita o legado humanista. Inscreve-se numa corrente ideológica,

Continua na pág. cinco



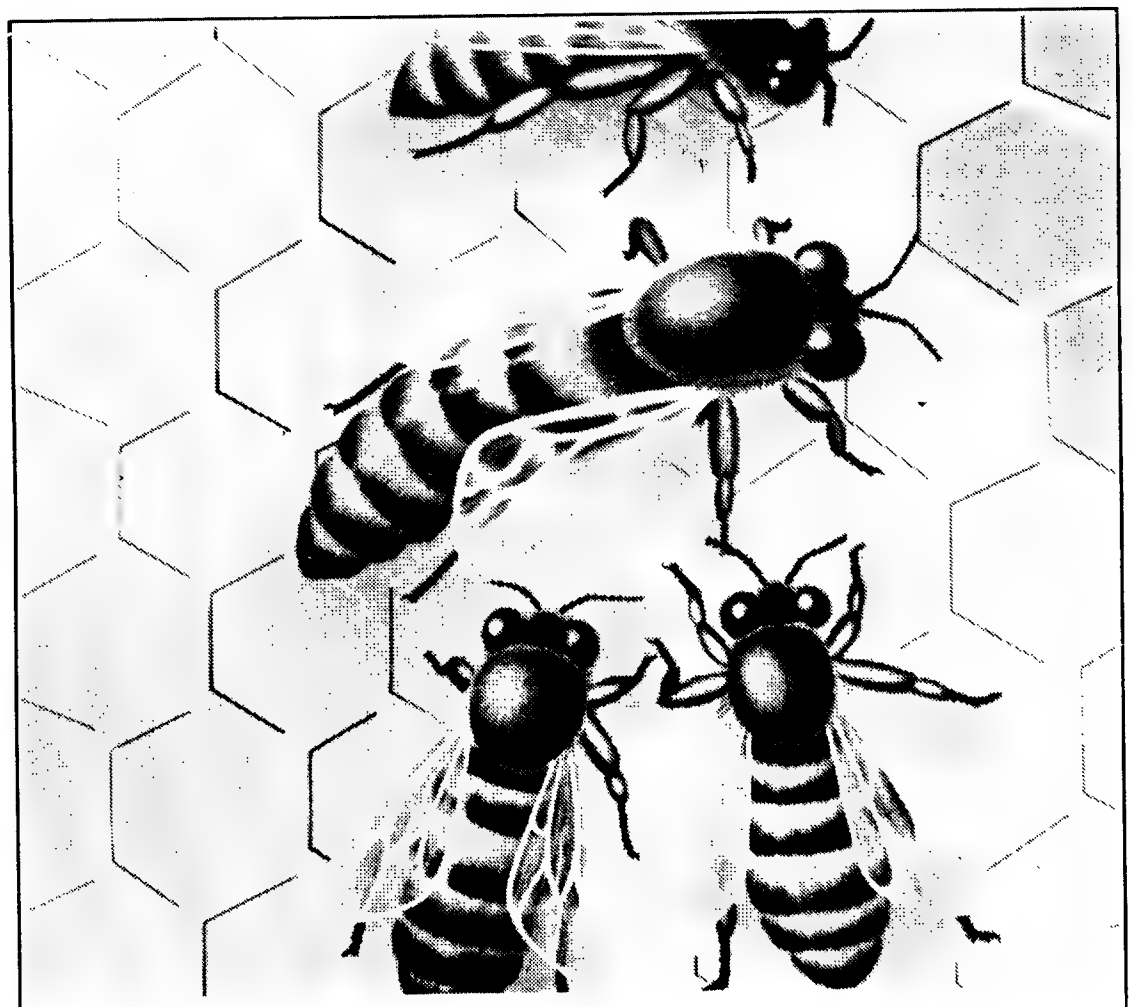
Lecabetão



* Leveza e rapidez de execução
* Desempeno perfeito das paredes
* Ausência de rebocos
* Aplicação directa do estuque
* Insonorização e isolamento térmico
* Economia e conforto

Lecabetão
PRÉ-FABRICADOS COM ARGILA EXPANDIDA, S.A.R.L.
LEIRIA LISBOA TEL.537748 SANTARÉM

P G SEELOW & ASSOCIADOS



mesmo a abelha sabe organizar-se para produzir mais.

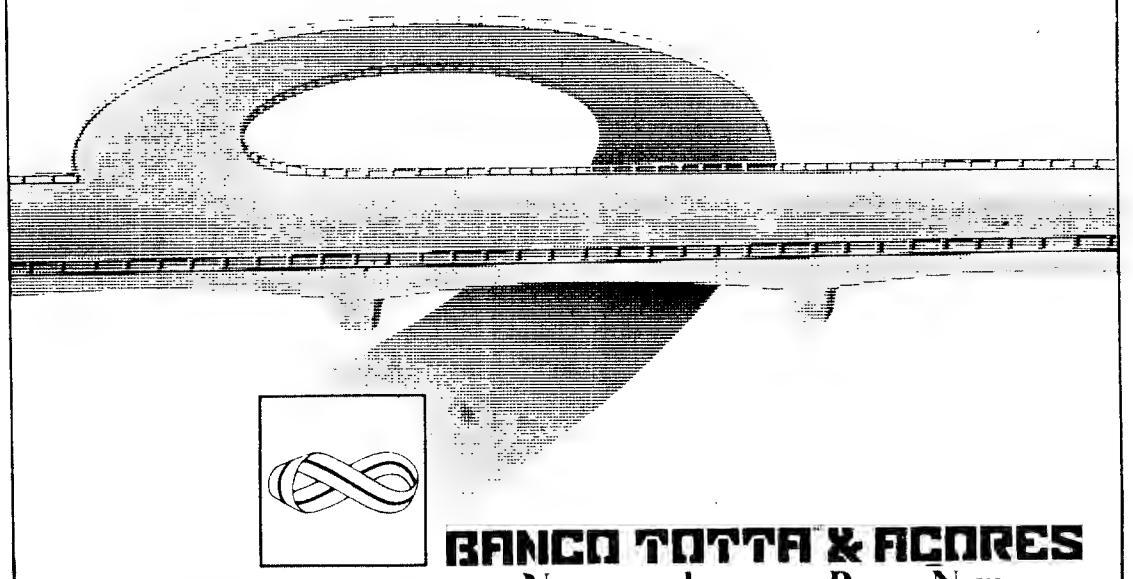
para você ē homem...

o nosso apoio garante-lhe novas perspectivas

PENTA-BTA 5/72

A nossa organização
com quadros jovens e especializados.
Dinâmica.
Com os nossos serviços e soluções
somos, hoje, o Banco
dos homens do futuro.
Somos confiança.
Somos total transparência de processos.
Sempre. Onde Você estiver.

Todos os caminhos se encontram no Banco Totta & Açores



BANCO TOTTA & AÇORES

Num mundo novo o Banco Novo

Continuação da página três

ELOGIO DO REALISMO DIFÍCIL

Alberto Ferreira

doutrinária e filosófica, independentemente da sua profissão. Certo, Porém, mesmo quando concede á arte o seu papel social libertador (3), não esquece que, para ele, escrever tem limites da experiência vivida (4). Um «realismo difícil»? Sim. Creio que não sofre dúvida que o realismo, no autor de DIÁLOGO EM SETEMBRO, constitui mais do que uma categoria estilística ou um conceito de escola. Tal ocorreu também em Eça de Queiroz — e daí a desconfiança do leitor precavido, em face do experimentalismo realista de Camilo — que foi afinal um romântico da geração lamartiniana que sujeitava a experiência vivida à alquimia da emoção e do sentimento, individualizando a tal ponto a mensagem que a sociedade surge como pano de funfo ou um palco animado onde o herói conta sobretudo.

Bem patente é este **realismo difícil** na elaboração da bela novela que é **CASA DA MALTA**, pela primeira vez publicada em Coimbra, 1945. O próprio autor nos revela que esse seu livro resultou do seu **encontro com o povo** (5), passadas já as lembranças da infância, reduzidas a «moinhos, urzes, velhas guardadoras de rebanhos que me contavam fábulas, árvores antigas, corvos funestos sobre as árvores antigas, misérias líricas. Mas a memória (continua o escritor), ia-se abrindo, iluminando, à aproximação da medida exacta das coisas» (6) ou seja — e ainda outra vez o torno a citar — «o escritor vivia entretanto uma outra odisseia: a da sua própria geração, atormentada e insubmissa, que sofria uma guerra julgada decisiva sem nela intervir e que talvez por isso se mostrava impaciente em concretizar as suas ansiedades, ainda que, para tanto, devesse sacrificar-se» (7).

Este era o quinhão que a cada um cabia na formação da sua consciência moral e ideológica. Mas o realismo de Namora, como de Redol ou de Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira e Virgílio Ferreira manava da própria experiência vivida. E as vivências, no escritor de **MINAS DE S. FRANCISCO** (Coimbra, 1946, Prémio Ricardo Malheiros) cresciam e revelavam-se numa sensibilidade verbal perfeitamente alimentada pelo bornal de provisões de raiz portuguesa, aldeã, camponesa, experimentada anos a fio, na terrosa vida dos homens. Quem tentar inventaria os termos do Namora verifica que em cada contexto surge a palavra exacta: nobre ou plebeia, erudita ou popular, mas sempre variada e rica de significação. A escrita de Namora assume ainda as proporções mais típicas do autêntico bardo: sobramaneira verbal, **conjugada**, quando o eixo está na acção — mais substantiva quando a tónica é moral — adjuectiva, quando o imaginário filtra a emoção psicológica que perpassa pela fantasia ou pela mente das personagens.

Por isso cabe lembrar, de novo, com o autor: «O médico não foge para a arte; antes a procura como irrefreável instrumento da sua densa experiência, e procura-a porque ela lhe formula e ilumina a sua condição de homem colocado numa zona privilegiada de convívio. Assim, medicina e arte completam-se: uma, desvenda, fornece a matéria-prima e a temperatura emocional; a outra o esclarecimento» (8).

E, mais adiante, num contexto aliás de grande significado para a explicação do acto de criação literária, avança importante chave para o entender: «Etimològicamente, **diagnóstico**, fulcro do acto médico, sugere **aptidão para compreender**; aptidão que se alenta de uma efectividade potencial, amaranhada de resistências, brigas, complexos, que, ao desenvolver-se, se transfere sucessivamente de um para outros dos protagonistas do grande drama» (9).

..Deixando, por agora, os textos que nos levariam à exposição da sua teoria da criação literária, aliás curiosíssima, assentemos a conclusão: **o realismo associa-se à aptidão natural do ficcionista para compreender o homem e a sua vida**, a sua psicologia e a motivação do seu agir, num quadro sociológico sobrecarregado de drama, simbolismo, alienação, perigo, dor — visitado, porém, pela suprema ventura do nascimento, pela alegria da adolescência, pelo gozo da carne saudável e apta a alimentar o ânimo, a mente, a inteligência, a vontade, a imaginação e a sensibilidade...

Tal é a teia dessa admirável série de narrativas **RETALHOS DA VIDA DE UM MÉDICO**, de que Gregório Marañon dizia: «Nada hay en estes relatos, aun en los que parecen nimias **observaciones de naturalista**, que no tenga una resonancia universal» (10).

Aplicável este juízo do fisiologista e ensaísta literário espanhol ao tecido romanesco das histórias de Namora. Na esmagadora maioriados seus contos, novelas e romances as personagens, pelo seu carácter, pela sua explosão anímica, pela razão do seu viver, ou pelas razões porque estão no mundo, recortam-se com nitidez inviolável: não se limitam a falar, não se resignam à passividade ancestral, definem-se pela sua atitude perante as coisas, perante a sociedade que os oprime ou liberta, ou mesmo perante si próprios. Esta objectividade romanesca consente-lhe abrir perspectivas que «iluminam» permanentemente a acção, traçar-lhe o imediato futuro, sem arrimo à descrição exaustiva do quadro das relações de produções, e às relações de vassalagem ou de propriedade dos meios produtivos. Erguendo-se da realidade, penetra o ânimo da gente sem excesso de subjectividade ou artificiosa análise psicológica. A moral é geralmente a grande força dos seus heróis — moral de enfermeiro contrabandista, de médico, de engenheiro, de pequeno proprietário, de ganhão, de cigano, de vagabundo, sabotador, comadre, visconde, feitor, guarda — mesmo ali e em quem o sentido da ética está obnubilado pelas circunstâncias. Esta **individualização** típica da personagem torna-a inesquecível ou muito presente ao leitor atento: quem se não lembra de Loas e Barbaças, figuras pícaras de O TRIGO E O JOIO; e os Parras, de A NOITE A MADRUGADA? E Clarisse e o seu médico costumado a tratar dos condenados à morte, o narrador Jorge, de DOMINGO À TARDE (LISBOA, 1961, prémio LINS DO REGO).

É este modo tão vincadamente individualizante pela atitude e pelo carácter da personagem, que a torna, ao mesmo tempo, tão singular que logo alcança a universlidade — e, esta forma de tratamento do herói só me recorda, nos nossos dias, Alves Redol. O camponês que se mata e envolve na batalha da vida dentro dos livros de Namora, é tão universal como o camponês de Tolstoi, os guerreiros micénicos da «Ilíada», a burguesia de Eça, os comerciantes portuenses de Camilo.

Ao contrário dos escritores que se converteram à desenfreada exploração da subjectividade — du moi haissable — dos que «fizeram da interioridade um ofício», na fase pitoresca e penetrante de Lukács (11), Namora retesa o arco em direcção à exterioridade, ao meio social. Cumpre, todavia, reconhecer que a sua óptica irradia de dentro do óptica irradia de dentro para fora, depois de haver recolhido, no intelecto, a imagem do real, o quadriculado ou os fios entrelaçados da realidade. Não espanta, pois, que os seus contos, novelas e romances narrem a vida dos seres humanos em todas as instâncias do seu viver — na ordem da sensibilidade, do pensar, do agir, do imaginar. Assim, Namora, ao projectar o acontecimento e a vida, distancia-se naquele mínimo de espaço intelectual que lhe permite o surto discreto da **ironia crítica,** do humor, ou, do seu contrário, **o sentimento trágico da vida,** necessários ao autêntico acto artístico, imanentes à obra de arte. Recordemos a mini-história **O Visconde** de **CIDADE SOLITÁRIA** (Lisboa, 1959).

Trata-se bem de um conto ao gosto eslavo, muito afim do rapsodo que é Manuel da Fonseca — um episódio da miséria humana, a dignidade traída simultâneamente pela decadência e progresso. Isso mesmo: o «visconde» era das «coisas gastas da vila», «o seu carunhco», o seu bolor, ao lado da ganância do comerciante seu colega, aparentemente distante dos almocreves, afinal irmão desse caixeiro viajante, novato, pobre que «um dia chegou à vila...» e que ele, um coitado, abateu inconscientemente...

Uma literatura que se empenha a fundo no levantamento projectivo da sociedade portuguesa terá de ficar na memória das gerações, libertar-se-à da história do tempo curto, para se encorporar na História dilatada.

Gostaria, se acaso esse não minguarem as forças,de transformar estes breves apontamentos num curto ensaio que se poderá chamar **Elogio do Realismo.** Porquê um tal elogio? Porque se me afigura que o mais difícil, o mais doloroso, aquilo que mais custa consiste em enfrentar a realidade, desvendar o real das suas numerosas máscaras. A **atitude** realista exige a coragem de um acto mental constantemente alentado por valores éticos. Para mim, enquanto escritor experimentado nas várias lides do acto de escrever, sustento que é mais fácil **inventar** do que **recriar.**

O realismo, enquanto atitude mental, antes de se assumir como categoria estilística, é mais difícil para o que escreve do que para o que lê. Na verdade, como já acentuei, o escritor realista derrete o silêncio que o separa dos outros. A arte é proposta de monólogo em que cada um se reencontra nos outros, ou mesmo do outro... A obra recitada ou declamada, a arte dramática, será outra coisa — é un texto fluido, um pretexto para os humanos dialogarem sobre o que mais lhes interessa e comove.

Infelizmente não me sobrou o tempo para o exame atento das coordenadas que delimitam e definem o ensaísta que vive paredes meias com o homem de ficção. Tal não implica que eu aqui o ignore. Fernando Namora, desde, pelo menos, o seu maravilhoso DEUSES E DEMÓNIOS DA MEDICINA (biografia Romanceadas, 1.ª versão, Lisboa, 1952) que se revelou como um polígrafo, ao jeito de Garrett, Camilo, Eça de Queiroz, Aquilino, Redol — para o altuar numa linha de significativas tradições, em que se inscrevem ainda homens de letras como Fernando Pessoa, José Régio ou Gomes Ferreira. Pois bem: não me fatigarei de afirmar que a história dos grandes médicos dos DEUSES E DEMÓNIOS, equivale a outra forma de identificação e realização humanística do nosso autor. Nesta obra, constantemente se medem e afrontam as forças contraditórias que saem perigosamente ao caminho do espírito da ciência: a superstição, a crença feroz, a ortodoxia, a fogueira e a tortura contra a razão iluminante, a fé apaixonada no conhecimento, a heredoxia, a experiência; numa palavra: a guerra do **realismo difícil** A caminhada da medicina desde Hipócrates até ao brasileiro Oswaldo Cruz (1872-1917) é tão magistralmente traçada, tão dramàticamente narrada, que acaba por se cristalizar num livro de um humanista, de um pedagogo, por infortúnio ignorado numa terra onde o ensaísmo se elogia pelo intrincado obscuro da ideação e não pela ática simplicidade das ideias. Neste sentido, o ensaísta de UM SINO NA MONTANHA (1.ª edição, Lisboa, 1968, primeira série dos **Cadernos de um Escritor**) inspira-se numa linha genética herdada de Garrett... Mas a originalidade e o desafio que o escritor a si próprio atira, culmina nesse livro único da história da nossa literatura: DIÁLOGO EM SETEMBRO (crónica romanceada, Lisboa, 1968). Nesta obra a viagem como que se paralisa. O autor, que até aí se movera entre gentes e países, descrevendo e narrando, ensaiando ideias, afinando conceitos (como é o caso do seu estudo «Em torno do Neo-Realismo», incluso em UM SINO NA MONTANHA (edição de 1970), no projecto de DIÁLOGO EM SETEMBRO o escritor serve-se da sua experiência em vários domínios da arte literária e do estudo, integra-a numa nova forma autónoma e cria nova dimensão na história do ensaísmo português e, porventura, europeu. Neste livro, que não cabe no espartilho classificador dos géneros, as ideias embora claras e precisas, independentes das emoções e sentimentos, são vividas por quem as expõe, as ensaia, as discute ou as pensa. E aí o escritor se reafirma notável pedagogo: laboriosamente conduz o leitor, acaso renitente ao pensar engenhoso e à reflexão autonómica, ao núcleo dos grandes problemas discutidos nos **Encontros de Genebra,** em 1965... (12)

Em breve o leitor aprende as ideias centrais do nosso tempo através duma constante recriação da psicologia, do carácter, dos hábitos, das idiossincrasias dos expositores de problemas... O anti-francesismo de uns, a opinião liberta da responsabilidade da tribuna, a humildade, o chauvinismo velado, a etiqueta, o temor, a alegria, a confraternização intelectual, um certo tique nervoso e reticente do europeu em face da cultura que lhe é estrangeira ou estranha, a comunicabilidade pelo livro, pela anedota, em torno de uma refeição, de um café ou de fumos de cigarro — uma infinidade de apontamentos que revigoram os problemas, os problemas mais graves da hora que vivemos. Ignoro que haja correspondente **forma literária** de expor ideias que se lhe compare...

Provàvelmente haverá um abismo entre a expansão mundial da obra de Namora e o seu comentário crítico adequado em língua portuguesa. Todavia, alegremo-nos na consagração pública. Em suas «Cartas endereçadas da Montanha», Rousseau definiu a situação: **o autor cala-se perante a crítica tenha ela ou não razão,** porém depois de ter escutado as duas partes é o público quem julga, o livro triunfa ou cai derrotado... e o processo finda aqui.

ALBERTO FERREIRA

(1) **Fernando Namora,** Arcádia, 1967, p. 124
(2) **Casa da Malta**, 8.ª edição, Lisboa, Europa-América, 1971, p. 22 (prefácio, datado de 1961)
(3) idem p. 23
(4) idem p. 24
(5) idem p. 33
(6) idem p. 28
(7) idem p. 28
(8) p. 45 e 46
(9) p. 46 e 47
(10) **Retalhos,** 1.ª série, 1969, notas datadas de Toledo, 1954 que serviram de prefácio à edição espanhola.
(11) **Peoblemas del Realismo,** Fondo de Cultura Económica, 1966, p.403
(12) 1965 Tema: O Robot, o A Animal e o Homem

As raízes
do neo-realismo

RIMAS & RIMAS

Coração rima com ão
minha mão com teu corpo
o teu corpo com amor

Dor rima com doente
o fado com saudade
e português com valente

O clima é temperado
com rimas de frio e quente
e dá um morno ajustado
O macho rima com fêmea
bicha rima ao contrário
a maria com antónio
o josé com a maria
os três com antiquário

A solteirona não rima
fufa rima com postiços
mamã rima com papá
quando a rima emparelhada
mesmo forçada inda dá

Coleira rima com cão
e o cão que ladra não morde
gata rima com janeiro
inglaterra com lorde
o bissexto com fevereiro
quando este tem 29

O país rima com sol
quando não chove

Se a rima não é perfeita
pontas rimam com testa

contestação com tinteiro
e ainda na rima em eiro
dinheiro rima com tudo
o mudo rima com medo
receio rima com freio

Paço d'arcos com comboio
namora com romance
vila-franca com tourada
o teatro com tesoura
coimbra com arrufada

o cinema português
só rima com obra-prima

quanto mais prima
mais se a(r)rima

Ha rimas bem comportadas
há quem rime aqui e ali
rimas feitas obrigadas
rimas de quiriquiqui

e há rimas setas certeiras
rimas cruzadas de sangue
necessárias exactas verdadeiras

MENDES DE CARVALHO

QUERELAS EM TORNO DE UM VASO GREGO

Fogos e contrafogos acenderam-me em Nova York em volta do Metropolitan Museum. Uma vez mais, é a curiosa maneira empregada pelo museu para renovar as suas colecções — vender as obras de valor a fim de comprar outras ainda mais belas — que se encontra no âmago desta polémica.

O Metropolitano Musuem acaba de apresentar ao público a primeira compra efectuada graças aos fundos recolhidos no termo daquilo a que ele chama por eufemismo a sua «**política de renúncia**». O museu enriqueceu-se com um vaso grego, mais exactamente um cálice profundo, vindo da Atica, datando de cerca de 515 a.c., adquirido pelo preço fabuloso de 1.300.000 dolares. Um objecto sobre o qual não havia qualquer menção até ao presente e que é devido a mestre Eufrónio (portanto, uma das muito raras obras) e ao oleiro Euxiteu. Um dos lados deste vaso representa a morte de Sarpédon, herói da Ilíada, na companhia de Hipnos e de Tanatos, o outro um grupo de jovens guerreiros em armas.

«**Vai ser preciso tornar a escrever a história da arte**», proclamou Thomas P.-F. Hoving, director do Metropolitan, ao passo que Dietrich von Bothmer, conservador das antiguidades clássicas, cujo exame pericial valeu a esta obra-prima entrar nas antologias de Malraux, se mostrava mais reticente. Em todo o caso, esta «descoberta» encontra-se em melhor estado do que o Eufrónio do Louvre, o «Vaso de Hércules».

EM BUSCA DA OBRA-PRIMA ABSOLUTA

Paradoxo. Foi o **New York Times** que deu a notícia num seu suplemnto, mas foi o crítico de arte deste jornal quem denunciou o mais ruidosamente possível as recentes vendas de quadros do Douanier Rousseau e de Van Gogd, de Modigliani e de Juan Gris, por intermédio da Galeria Marlborough, casa internacional que tem a sua sede no Liechtenstein.

Apesar das polémicas, é muito possível que os quadros a que se renunciou para proceder à compra, tenham menos importância «na sua categoria», isto é, que o vaso ocupe uma melhor posição entre os vasos antigos do que o Van Gogh entre os outros Van Gogh. Porém, a pergunta impõe-se: existe a obra-prima absoluta? E não pode acontecer que uma geração considere que um determinado objecto represente a «peça única», enquanto que uma outra, a seguinte, a destina ao refugo? Os vasos gregos estão muito na moda neste momento. Substituem os Modigliani e os Van Gogh no salão do grande milionário. Em vez de revolucionar a história da arte, o Metropolitano contentou-se, talvez, com acrescentar um capítulo a esse volume sórdido que se intitula a «História do bom gosto».

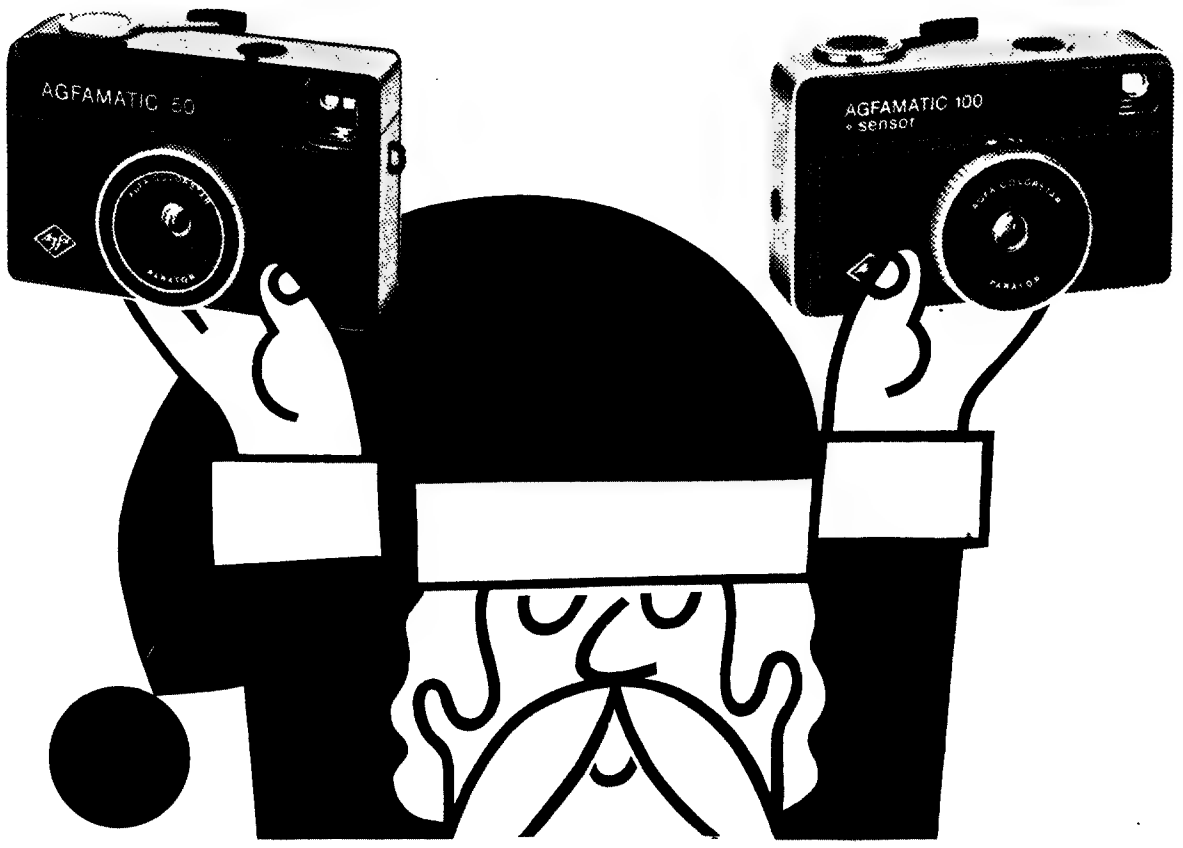
Como quer que seja, trata-se de negócio: há apenas dez anos, poder-se-ia comprar uma ágora inteira, repleta de vasos, pela soma de 1.300.000 dólares, porém, a moda fez com que o Metropolitan tiver-se de renunciar aos seus quadros junto dos comerciantes (que esperam evidentemente duplicar a sua inversão de capital), para adquirir novas peças a preço forte. É a lei do mercado. Se se insistir até ao absurdo, este sistema conduzirá o Metropolitan e não possuir já daqui a uma centena de anos senão uma obra-prima. A única obra-prima.

Os dirigentes do Metropolitan Museum, bem entendido, dão-se perfeitamente conta disso. São pragmatistas que se recusam a deixar-se levar pelas ideias gerais ou pelos princípios teóricos. Sentem-se muito contentes com o seu novo vaso grego e pelo rumor que o envolve.

THOMAS B. HESS

Cm

Guarde para sempre o seu Natal de hoje



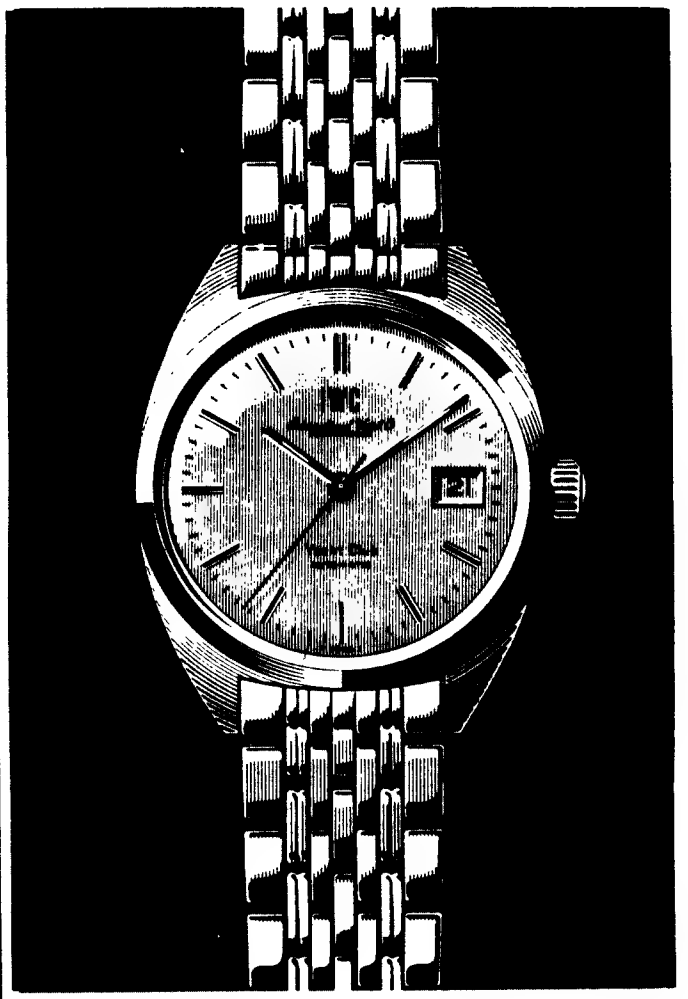
Agfamatic

Guarde para sempre o seu Natal de hoje, com Agfamatic – a câmara cassete mais segura do nosso tempo. Agfamatic apresenta-se em vários modelos: Agfamatic 50, 100, 200 e 300, com caracteristicas e preços diferentes mas todos com a reconhecida qualidade AGFA.

Agfa
AGFA-GEVAERT

Todos os modelos Agfamatic estão equipados com magicube e um filme Agfacolor CNS.

Agfamatic
um prazer que permanece



IWC Yacht Club

Com pulseira de aço, automático com calendário.

Yatch Club é muito sólido e indicado na prática dos desportos mais duros.
À prova de choque. A máquina no interior da caixa encontra-se protegida elàsticamente por meio de amortecedores.
Impermeável: Até uma profundidade de 100 metros (10 atm.). Isento de condensação.

IWC
International Watch Co
Schaffhausen, Switzerland

À venda nas melhores ourivesarias e relojoarias do País.

AS NUAS PERGUNTAS DE "QUATRO PAREDES NUAS"

POR
FRANCO DE SOUSA

Na sua **Advertência escrita em 1882 e retirada de um diário íntimo descoberto depois da morte do autor,** Augusto Abelaira escreve: **«Embora compostos em épocas diferentes...cada um desses contos... não seria, de certo modo, a continuação dos anteriores... uma introdução aos que se lhe seguiam? Não haveria entre todos eles, como nas corridas de estafetas, um testemunho que ia passando de mão em mão, da primeira à última página?...E...ao tornar todas essas histórias dependentes umas das outras,...não estaria eu a trazer para a luz do dia uma unidade de preocupações (a perseguição de um mesmo problema) que sempre estivesse subjacente à criação de todas as histórias, independentemente do facto de cada uma delas, porque escrita em momentos diversos, dar expressão a situações diversas? E portanto o fundi-las num todo não lhes daria um sentido que tomadas isoladamente nenhuma delas revelaria e sem que esse proceder fosse artificial, pois que pelo contrário, era o caminho verdadeiro para encontrar o que nessas histórias mais importava?»**

A esta já longa transcrição, junto mais e só esta última frase: **«um pouco à espera de que algum leitor o descobrisse».**

Pois bem, não será como crítico — que não sou — que irei escrever acerca destas **Quetro Paredes Nuas** de Augusto Abelaira, mas antes como aquele leitor que nelas descubra — **«a ilusão do leitor ideal que tudo adivinha»** e também se ilude — **«o que está e o que não está».**

Vivemos estranhos tempos, vivemos os tempos do desencontro. A palavra, pela qual até aqui nos encontrámos, já não nos basta. Dela estamos desiludidos, ou desiludidos de nós, por, no dia a dia, termos perdido a sabedoria de como melhor a aplicar.

A ansiedade por comunicar está em nós, mas não acreditamos já na palavra como processo, nem na sua capacidade para, por ela, darmos testemunho de quem na verdade somos. Tal como não acreditamos que o nosso interlocutor nos compreenda, mergulhado como o supomos no desânimo em nós sentido.

Creio portanto encontrar-se nesta geral ansiedade por comunicação, por amor, por uma razão de viver, um adquirir espessura humana aos nossos olhos e aos olhos de outros, sobretudo aos olhos de quem amamos — e todos estes contos são diálogos entre um homem e uma mulher — o rosto destas sete histórias de Abelaira.

Mas como perdemos esta possibilidade de levantar pontes entre criaturas que não são destituídas de sensibilidade e de inteligência? Como acontece que este marido e esta mulher de **Quatro Paredes Nuas** tenham permitido as coisas à sua volta e a eles próprios a transparência do não existente e, tentando reanimar o que sentem desmaiado, recorram à compra de um candeeiro do qual fazem depender um amor que fraqueja? Que causas podem levar uma mulher a dizer: **Se não mudares qualquer coisa nesta sala, o teu amor morrerá, vocês serão móveis também»** ou **«hoje será um dia novo, um dia verdadeiramente novo»**, apenas por ter comprado um candeeiro?

«Leva-o para a tua sala e a tua sala será outra, vocês terão de fazer outros gestos, dar outros passos para o acender, e fazendo outros gestos, dando outros passos, vocês serão outros também.»

. E no entanto ela sabe que àquela hora no Vietname...E tem consciência de muitas outras coisas e da sociedade e dos tempos em que vive. Porém, sem procurar solução em si mesma, procura-a na sua sala. **«Quando a tivermos transformado completamente, nós próprios seremos outros.»**

. Pobres soluções! É nela que terá de encontrar condições para o seu renascer. Estas condições nunca lhe virão da compra de objectos novos. Não lhe trarão a novidade que nela continuará a não existir.

«Será uma vida nova, começará hoje, não haverá nada para trás.»

Mas que vida nova se constrói, se o fuuro nos encontrar iguais ao que fomos no passado?

E que resta a quem não suporta esta consciência de ser transparente, de sentir a vida passar por ele como vento que não encontra resistência?

A ilusão das palavras, o diálogo teatral.

« — Ah, porque não arranca os vestidos, porque não põe de parte tudo quanto lhe ensinaram?

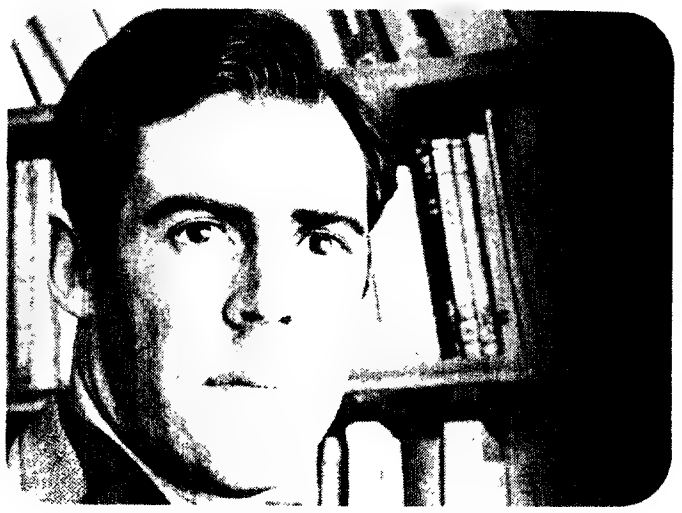
—Nada ficaria de mim, só sou o que me ensinaram.»

Só nos restará então criar diálogos e, através deles, ilusões de vidas que se desejariam viver mas se não viveram? Ou, como a figura masculina de **Teatro: vou gastando a minha vida à espera de um acontecimento inesperado?»**

O desânimo, a esperança passiva de que os acontecimentos venham procurar-nos, em vez de nós próprios irmos ao seu encontro?

E onde nasce esta esperança passiva?

«— Ontem observei demoradamente o teu penteado e disse de mim para comigo: foste tu que escolheste o penteado, ele traduz um estado teu, só teu, uma certa maneira, especialmente tua, de seres, ou uma simples moda?... E a nossa civilização que posso estudar nos teus cabelos ou és tu?»



Augusto Abelaira

Eis a pergunta feita no conto **Nem mesmo tu.**

Ah, este mecanismo de relojoaria das grandes metrópoles, na verdade, bem poucas oportunidades nos deixa para a liberdade de sermos nós próprios.

Queremos ser, mas não sabemos como.

Porque fico assim calado, porque não sei afinal o que quero dizer?»

Nem dizer, nem fazer.

E os dias passam num descontentamento vago, numa vaga ansiedade de nos sentirmos a falhar os nossos destinos de homens, onde é necessário realizar, criar qualquer coisa de nosso e só nosso, que seja sinal da nossa passagem pela vida. Mas não sabemos que atitude tomar nem como a tomar. Há uma felicidade que nos falta e nem sequer a sabemos definir. À nossa volta, a cidade, na sua mecânica, parece dispensar-nos de qualquer esforço. A nós se sobrepõe, até no penteado, no vestuário, nas ideias mais convenientes para o lugar que nos confia na sua maquinaria. E nada mais nos pede.

Mas pedimos nós e o que pedimos não sabe ela dar-nos. E...

«Um dia destes morres...toda a tua vida limitaste-te passivamente a aceitá-la, numca tentaste ser o senhor dela. Percebe? Por isso me desempreguei...»

E eis a primeira figura nesta série de contos de Augusto Abelaira que parece dispor-se a procurar um caminho: ir em busca da sua vocação. Contudo logo acrescenta: **«Mas descobrir alguma coisa que corresponda ao que demais profundo haja em mim, essa é que é a dificuldade».**

E logo volta o desânimo: **«Ah, se tu me garantes que tenho vocação, sim, mas só para as sublimes tarefas que o futuro há-de inventar e que nem sequer ainda imaginamos!...Se tivesse a certeza ainda poderia sentir-me feliz...Sim, talvez eu seja um cientista. Mas um cientista que nasceu para viver numa sociedade em que a ciência e a técnica esteja ao serviço dos homens e não do capital».**

Não, não vivemos ainda esses tempos, mas está em nós a possibilidade de decidirmos preparar esse futuro, assumindo todas as responsabilidades, aceitando todos os inimigos e todos os combates que tal decisão traga consigo.

Estes caminhos de liberdade não dependem apenas das sociedades ou das civilizações, dependem também dos homens, da consciência que de si mesmos tenham e da vontade de não viverem em vão. E se nenhuma outra época exigiu tanto como a nossa daqueles que realmente querem ser livres, maior será o orgulho de quem a desafie, maior a enobrecedora certeza de contribuirmos para esse futuro em que **«a ciência e a técnica estejam ao serviço dos homens...»**

. As figuras de Abelaira começam pois a vislumbrar o caminho, mas não o seguem. Não lhes falta já a consciência do que têm a fazer, mas erguem muitas interrogações acerca de si mesmos, se não ou não são capazes, como acontece em **Ode (quase) marítima.**

Já estamos longe daquele vago sentimento de culpa por sabermos dever participar nalguma coisa que não vemos ainda bem o que seja. Agora não, avista-se o caminho aberto aos nossos passos.

Que cada um o percorra. Cem metros...cem quilómetros? Que cada um caminhe dentro do que seja e possa.

No conto **O Arquimortes** — é quanto a mim aquele que de muito alto domina todos os outros — há um primeiro passo, modesto, mas um passo, pois escolhe-se um adversário, que é afastado, pela própria tristeza na sua convicção de nada valer, e impedido de exercer o seu ódio nos Einstein, nos Russell, nos Picassos, nos Casals, em quantos enfim foram e são capazes de amar, e que ele deseja ver arquivados na sua gaveta do vamos-lá-matar-esta-gente, da secção necrológica do jornal onde trabalha.

E falo de amor, pois creio ser essencialmente para o amor que Abelaira faz o seu apelo, pela boca da figura feminina do conto **Quem me dera morrer: «Fico mais viva porque não sou sòmente eu que me sinto existir, existo para mais alguém, ergo sim».**

Deveria ser este o pensamento mais vivo no nosso tempo: existir não apenas para nós mas para além de nós, para as artes, para as ciências, para o pensamento, para o futuro, o amor mais desinteressado, pois amamos já o que sabemos não poder viver.

E que os nossos gestos de amor se gravem neste chão da terra e na memória dos que ficaram e possam ainda viver na recordação de quantos depois de nós chegarem, para que a nossa morte não seja tão irremediàvelmente morte.

Termino, voltando ao ponto de partida destas linhas, à «Advertência» de Augusto Abelaira. Diz-nos ser homem de perguntas e não de respostas. E na verdade as suas figuras vivem pelas perguntas do Autor e não por si próprias. Mas bem importante é saber erguer tais interrogações, quando para a sua resposta todos temos de concorrer e com urgência.

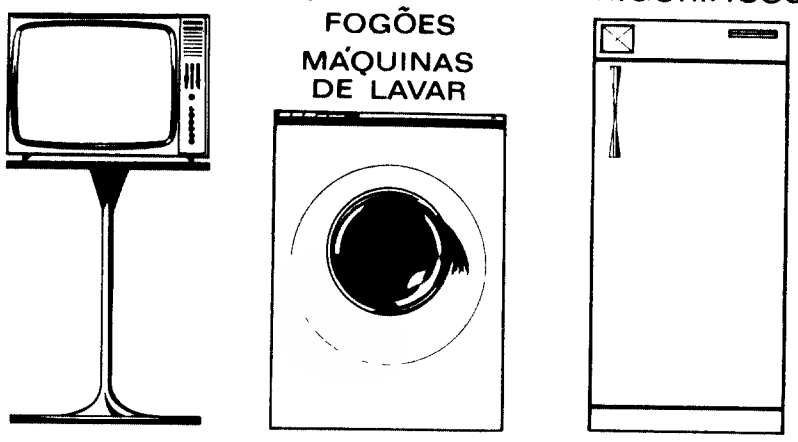
COMUNICADO

As empresas produtoras dos iogurtes «VENEZA» e «BOM DIA» informam os seus estimados clientes, que por motivo da festa de Natal do pessoal destas organizações a realizar conjuntamente nas instalações da CASA AGRÍCOLA DO CARREGAL DO SAL, de que é proprietário o Sr. Emílio Rodrigues, Administrador da «FÁBRICA DE IOGURTE VENEZA, LDA.» e da «BIOLACTA, LDA.», estarão encerradas a partir do próximo sábado dia 23, reabrindo na 3.ª-feira dia 26.

Aproveitando o ensejo para desejarmos a todos os consumidores, amigos e fornecedores AS MELHORES BOAS FESTAS, UM NATAL FELIZ E UM NOVO ANO REPLETO DE FELICIDADES.

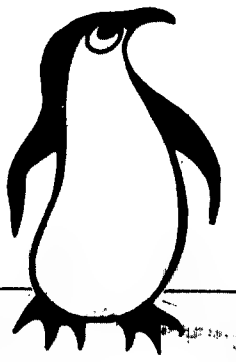
não compre amanhã o que pode GANHAR hoje!

TELEVISORES ESQUENTADORES FOGÕES MÁQUINAS DE LAVAR FRIGORÍFICOS



AOS MELHORES PREÇOS OU *absolutamente* GRÁTIS

Faça-nos uma visita
e veja tudo o que temos
para lhe oferecer
nesta extraordinária campanha!



FRINEVE

60, RUA DO CONDE DE REDONDO, 62

Na FRINEVE... é que é bom!

DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

2 VIDA EDITORIAL SOV

Segundo informações colhidas na Associação de Escritores de Leninegrado, aquela onde se travou o nosso diálogo mais minucioso, cerca de 7 por cento do valor da capa do livro, excluindo originais traduzidos e incluindo clássicos russos, destina-se ao Fundo Literário, administrado pela competente Associação de Escritores. Os ganhos do autor ficam portanto isentos de encargos destinados às suas garantias sociais de profissionalidade, e pautam-se segundo uma escala que depende da tiragem (e não dos volumes efectivamente vendidos), com um patamar aos 20 mil e outro acima dos 50 mil exemplares. Entre dois terços e três quartos dos escritores dessa região são em regra professores, especialmente de literatura, autores dramáticos ou de guiões cinematográficos, que têm as suas associações privativas e ganham proporcionalmente ao rendimento bruto dos espectáculos (4 por cento do produto da bilheteira) ou do número de cópias do filme em circulação. Os ganhos editoriais do autor dramático ficam em regra muito abaixo do que ele vence com os espectáculos: o público prefere presenciar a, simplesmente, ler teatro.

O prosador ganha um mínimo de 300 rublos (9 contos, ao câmbio oficial) por cada folha de 24 páginas, o que equivale a 40 mil sinais gráficos; e o tradutor 100 a 200 rublos. Os ganhos de um poeta também estão definidos em termos quantitativos, mas com maiores variações qualitativas, como é de prever. A lei soviética de «copy - right» só, em princípio, reconhece direitos por texto traduzido relativamente aos países estrangeiros com os quais se tenham celebrado acordos bilaterais; mas, segundo informação da Associação de Escritores Georgianos, os autores das repúblicas soviéticas não - russas são compensados, em tradução russa, da desigualdade adveniente do seu público mais restrito de origem; e em Tásquente informaram-nos de que, em cada obra traduzida, 60 por cento cabem, em princípio, ao autor e 40 por cento ao tradutor, de um total de direitos mais elevado do que o de uma obra original.

Exame de um fragmento de documento. O arqueólogo usa a barba e o cabelo como os antigos habitantes de Novgorod.

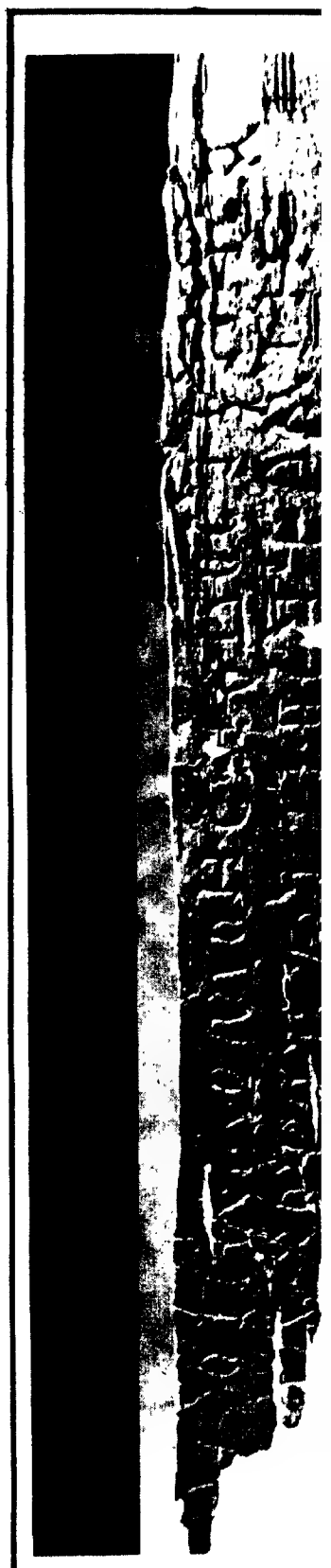
ASSOCIAÇÃO DE ESCRITORES

Já há mais de um século que existia uma União de Escritores Russos, fundada por Truguiénev e Dostoiévsqui. Na actual União dos Escritores Soviéticos estão federadas uma associação por cada república, e estas têm secções em cada cidade importante. A de Leninegrado abrange 400 sócios, incluindo candidatos à profissionalização, e divide-se em sectores especiais, incluindo a de tradutores, que são aí cerca de 80 em regime de profissionalização exclusiva, qualificados por uma preparação universitária exigente. Há uma direcção eleita bienalmente, que por seu turno escolhe um secretariado de 14 membros, dos quais apenas quatro são remunerados. Publica quatro revistas, uma delas juvenil e outra infantil. O Fundo Literário custeia aposentações voluntárias, subsídios de invalidez ou doença, casas de repouso, estâncias de veraneio, várias cooperativas, sendo uma delas de construção, um clube, uma biblioteca, uma livraria, um restaurante, bolsas de trabalho para obras de maior fôlego ou fases de **pousio literário**, e encontros (sempre pagos) de escritores com o público em círculos literários dos palácios de cultura, bibliotecas, livrarias, clubes, escolas, fábricas, colcoses. Há em Leninegrado cerca de trinta destes **círculos**, e na sua região realizam-se perto de cinco mil encontros fomentados pela Associação.

RELAÇÕES COM AS EDITORIAIS

Cada casa editora tem o seu conselho literário, em regra constituído por autores consagrados, que propõe um plano de edições, por seu turno apresentado à entidade oficial que distribui os meios materiais necessários, a **Soiuscnigatur**, dependente do Ministério da Educação e Cultura. Segundo insistentemente nos esclareceram, são tidas como ilegais as publicações não provenientes dos editores reconhecidos, aliás numerosos. Existem editoras confessionais, muçulmanas, ortodoxas e outras, embora se fique com a impressão de que não são, proporcionalmente, tão importantes como as das confissões religiosas e organizações partidárias paralelas de outras democracias populares europeias.

Este foi, naturalmente, um dos pontos mais debatidos nas nossas entrevistas. Em conversas de cunho mais privado, fiquei com a impressão de que a auto - edição (**samizdat**) ilegal, ou quando muito tolerada, a que o jornalismo ocidental tanto se refere, é na verdade insignificante. Reconheçamos que dentro da lógica de um regime socialista, e numa fase em que qualquer publicidade com relevância social exige uma enorme concentração de meios (máquinas, instalações, papel, circuitos de distribuição e propaganda), a auto - edição individual cooperativa ou por subscrição prévia, ou não tem possibilidades, ou simplesmente se confunde com novas formas de pluralismo e competitividade inerentes ao sistema, necessàriamente muito diversas daquelas que prevalecem nesta espécie de democracia do mercado, portanto do capital, em que, mesmo sem darmos por isso, nós estamos até mesmo mentalmente instalados. Por isso, em vez de apertar os meus interlocutores soviéticos quanto às possibilidades da edição

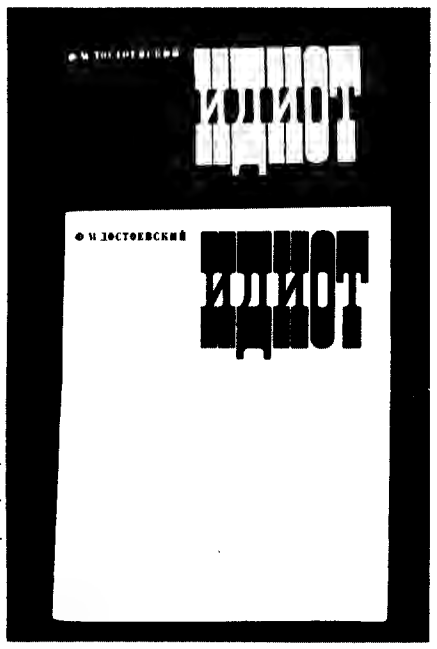


particular, que eles rotundamente negavam, pareceu-me bastante mais elucidativo insistir sobre as possibilidades de acesso, por parte de um autor mais audacioso ou inovador, à máquina cada vez mais complexa, potente, e certamente diferenciada, que é a vida editorial na U.R.S.S..

Evidentemente, certos factores só poderão ser ponderados por quem participe, por dentro, na própria vida cultural soviética, e a mim o que mais me interessa é a vida cultural portuguesa, onde tenho as mãos na mas-

Por **Óscar Lopes**

...ÉTICA



Capa para «O Idiota», de Dostoievski. Realizada pelo grafista soviético V. Goriav, em 1971, mostra todo o partido que o artista pode tirar de duas cores — o preto e o branco —, servindo de suporte a uma tipografia decididamente moderna.

Amostra da velha escrita eslavónica.

sa. Sinto no entanto que muitos dos meus confrades se perguntarão até que ponto o próprio democratismo fortemente majoritário, centralizado, destas associações de escritores soviéticos, com centenas, se não milhares, de membros, poderá afectar aquele fermento de rebeldia inovadora que, em regra histórica, se manifesta de um modo minoritário. Sinto que eles se podem perguntar qual o peso que, nos mais importantes patamares da decisão nomeadamente ao nivel dos conselhos literários editoriais e da Soluscnigatur, poderão ter as concepções mais originais dos autores, num planeamento editorial que, pelo menos na mais complexa e integrativa das acepções do termo **político**, terá mesmo de ser político, porquanto, na lógica do sistema, não é **comercial**, não visa, pelo menos essencialmente, à reprodução do capital investido. Nem cá nem lá vivemos numa República platónica, dirigida por uma ditadura de puros espíritos de escol, para cuja nomeação, aliás, o divino Platão se esqueceu de nos fornecer normas suficientemente precisas. Por isso, o que mais me interessaria era compreender a lógica interna de cada um dos sistemas, e é para esse efeito que me limito a trazer as achegas que posso.

DIALÉCTICA DO SISTEMA: PROMOÇÃO DE NOVOS AUTORES

Os **círculos literários** de clubes, escolas, livrarias, fábricas, etc., com todos os seus pequenos órgãos escritos, são, como vimos, frequentemente percorridos por autores que, no desempenho de uma sua função profissional, lêem e debatem textos ou obras da sua autoria. «É nesses encontros com os leitores que eles deparam com a crítica mais severa, e a mais justa» — comenta um dos nossos interlocutores da Casa dos Escritores de Leninegrado, que é por sinal um edifício setecentista classificado como monumento nacional.

Por outro lado, há mensalmente na sede das Associações, colóquios para discussão pública de originais enviados por candidatos à profissão de escritor, sendo cada um desses originais lido por críticos responsáveis designados para o efeito. Repare-se que estamos dentro de uma orgânica muito semelhante à da Arcádia Lusitânia da nossa era Pombalina, mas ampliada a uma escala mil vezes maior. O trabalho dos críticos, sujeitos a réplica e à intervenção do público, é pago. A viagem e a estadia dos candidatos vindos de fora da cidade são também custeadas pelo Fundo Literário. A discussão pode prolongar-se para o mês seguinte, se os intervenientes o votarem. E isto funciona assim, tanto em Leninegrado, junto ao Báltico, como em Tásquente, na Ásia Central, por muito utópico que nos pareça, pois as coisas foram-nos descritas em toda a parte nos mesmos termos.

As obras a que em tais colóquios se atribui um maior mérito são recomendadas pelo conselho da respectiva Associação de Escritores a uma casa editora, a cujo Colégio de Leitura cabe, no entanto, a decisão final de editar ou não. Na escolha dos críticos existe o cuidado de ponderar o equilíbrio das correntes e sobretudo dos grupos etários. Mas há outras vias de promoção. O jovem autor pode dirigir-se directamente à simples recomendação de um consagrado que lhe parece em melhores condições de o compreender. De resto, as Associações de Escritores têm como sócios, não apenas consagrados, mas também jovens aos quais foram já reconhecidos méritos suficientes para esse efeito. À Associação leninegradense pertencem cerca de duzentos desses sócios — metade da massa associativa, se os números que entendemos estão certos. Além disso, publicam-se **Almanaques** onde colaboram, e principiam a distinguir-se, participantes dos diversos **círculos literários** da escola, fábrica, colcós, etc., a que já nos referimos.

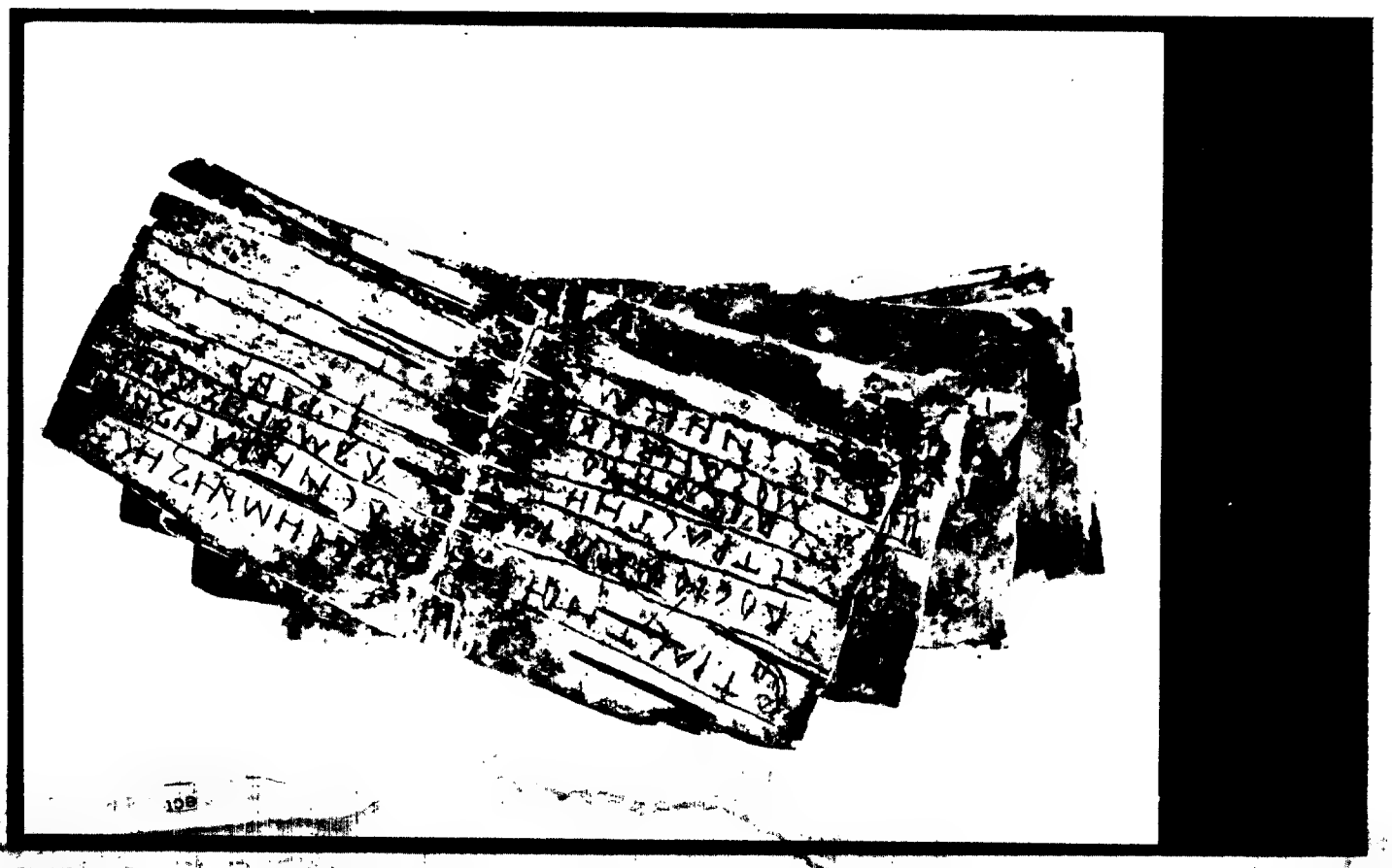
Acima deste contacto directo com o público, existem outras possibilidades de uma eficaz dialética de gostos, opiniões experiências? Os nossos interlocutores, sobretudo em privado, deram muito relevo à multiplicidade das editoriais e das revistas. Não faltariam portas a que bater. As revistas mais àvidamente lidas e influentes são aquelas de maior desassombro crítico e estético: eis o que teria já acontecido com **Novil Mir (Novo Mundo)**, e o que, em moldes sempre imprevistos, aconteceria por exemplo, com **Iunost (Juventude)**, ao que nos disseram. Talvez a mobilidade de agulhagem não seja, ainda, na vida editorial, tão grande como por exemplo na investigação científica, onde a plasticidade objectiva das relações interdisciplinares e o próprio facto de ser nessas terras de ninguém entre os domínios reconhecidos que em regra se têm realizado os maiores progressos — permite aos espíritos mais inovadores tentarem a sorte num compartimento contíguo àquele onde por rotina de mandarinato intelectual, lhes acabam de fechar a porta. Na ciência linguística soviética, por exemplo, e para pisar terreno que melhor conheço, existe uma grande diversidade de modelos teóricos concorrentes, cujas vantagens se estão dirimindo no campo dos resultados empíricos, o que aliás não significa qualquer sujeição empirista à prática imediata, quer dizer, a uma prática delimitada por uma problemática préfabricada. Tanto quanto me foi possível observar em três semanas apenas de estadia, a tensão entre a tradição e a inovação tem-se acelerado muito na vida cultural soviética, talvez a um ritmo e através de uma trajectória enervantes para muitos ocidentais mais exigentes, mas também a uma escala social sem precedentes, o que talvez não explique tudo, mas explica muita coisa.

A certos observadores bem aclimatados ao nosso próprio sistema de relação entre os autores, os editores e o público, estes traços gerais devem parecer sufocantemente democrático - centralizados, sujeitos a uma terrível inflação de plumitivos e a uma não menos apavorante omnipresença das massas de leitores. Entre nós, as coisas correm de um modo muito mais límpido: os autores acotovelam-se como podem, e directamente, à boca dos editores da imprensa periódica ou livreira, organizam a sua própria publicidade individual ou grupal, e o público, aliás condicionado por essa mesma publicidade (e um poucachinho, muito pouco, pela crítica, quase sempre enfeudada à publicidade grupal), intervém quase apenas ao nível do consumo, com aquela famosa segurança de critério que os **best - sellers** revelam.

Monumento a Ivan Fedorov, o primeiro impressor russo.

É aliás muito provável que as vantagens relativas dos sistemas se definam de modo diferente quando comparados a pequeno e a largo prazo. Se é que já existe prazo largo. Lembremo-nos de que quando certos progressos técnicos da edição e a revolução liberal permitiram o barateamento da Imprensa periódica e livreira por inícios do século XIX, isso originou um alargamento do público e, consequentemente, uma profunda mudança de estilo, em sentido **romântico**, que aterrou os letrados (então) mais exigentes de salão. Ora é, no fundo, essa literatura de pequena burguesia, agora com século e meio de idade, que, nas suas formas mais evoluídas, se põe o problema de como preservar os seus valores (certamente, pelo menos em parte, bastante positivos, com também eram os do classicismo) perante um sistema que, nas suas linhas gerais, parece ser de muito mais larga e directa participação activa do público. Acrescentemos, por exemplo, que as prioridades de reedição soviética dependem muito, segundo nos informaram, das cartas de pedido às editoriais e dos inquéritos de livrarias e círculos, quer dizer, de uma espécie de plebiscito estimulado pelo facto de as livrarias funcionarem também frequentemente, como **círculos literários**.

De qualquer modo, o que aqui mais me anima não é trazer ao leitor um juízo definitivo, mas o interesse pela lógica interna de um sistema, a curiosidade quanto ao ritmo de maturação de uma opinião pública (neste caso, literária) em escala historicamente desconhecida e, ainda, o reconhecimento da ignorância em que estamos quanto à própria realidade da produção literária soviética, de cujo imenso caudal quase só chegam até nós alguns êxitos de propaganda ou de escândalo, às vezes até digno de melhor focagem.



O primeiro livro escrito sobre casca de faia, datado do século XIII. Foi descoberto em 1963, em Novgorod.

Editorial Presença

uma criteriosa selecção de obras culturais

AS CRIADAS
JEAN GENÊT
Tradução exemplar da peça de Genêt por Luísa Neto Jorge.

MACBETH
SHAKESPEARE
A tragédia Macbeth em tradução de Manuel Bandeira.

BURLESCAS, TEÓRICAS E SENTIMENTAIS
MÁRIO CESARINY
O itinerário de um dos mais notáveis poetas portugueses contemporâneos.

O AMOR
MARGUERITE DURAS
A última novela de uma das mais fascinantes escritoras da literatura francesa actual.

O BUDISMO ZEN
ALAN W. WATTS
Obra que nos comunica uma nova concepção do mundo e da vida.

O LUGAR DO HOMEM NO UNIVERSO
TEILHARD DE CHARDIN
O evolucionismo e humanismo de T. Chardin.

ASSIM FALAVA ZARATUSTRA
FREDERICO NIETZSCHE
A obra mai orde Nietzsche.

O MUNDO DE ULISSES
M. I. FINLEY
Uma perspectiva social da civilização grega no tempo de Homero.

A IDEIA DA HISTÓRIA
R. G. COLLINGWOOD
As teorias da História desde as concepções míticas até à historiografia científica.

A CRIAÇÃO CULTURAL NA SOCIEDADE MODERNA
LUCIEN GOLDMANN
As relações entre a vida social e a criação cultural.

HISTÓRIA DAS LITERATURAS DE VANGUARDA
GUILLERMO DE TORRE
Obra em seis volumes, sobre as grandes correntes da literatura do nosso século.

ENCICLOPÉDIA DA VIDA SEXUAL
Obra em seis volumes, com a colaboração de um conjunto de especialistas — médicos, psicólogos, pedagogos, etc. — constitui um dos mais completos estudos sobre a questão sexual.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA
NICOLA ABBAGNANO
A monumental História da Filosofia de Nicola Abbagnano, em 14 volumes.

EDITORIAL PRESENÇA — Avenida João XXI, 56, 1.º — Tel. 76 69 12/76 30 60 — LISBOA

NO ANO INTERNACIONAL DO LIVRO

APOCALIPSE DO APÓSTOLO JOÃO

- O poema de uma civilização que se sente a caminhar para a destruição.
- Uma obra-prima do onirismo do Ocidente numa edição que a torna mais autêntica, menos alienada.

É o Apocalipse uma escrita revolucionária?

★

Um livro que é também um objecto de arte

Ilustrações de Martin Avillez

Fernando Ribeiro de Mello
Edições Afrodite

uma distribuição
PUBLIS
Tel. 776480 / Apartado 5063 / Lisboa 5

NATAL — LIVROS
LIVROS — QUADRANTE
AV. LUÍS BIVAR, 85 - C

CARLOS PORTO

S. I. WITKIEWICZ:
"A MÃE" E OUTROS TEXTOS

Witkiewicz

A história (neste caso do teatro) exige revisões constantes que permitam integrar no seu estudo novos elementos cujo conhecimento a altera, por vezes profundamente. Reflexão que vem a propósito da descoberta relativamente recente (nos anos 50) da obra de um dramaturgo polaco, vítima não só da relativa marginalidade em que é mantida, por razões linguísticas, a cultura polaca como de circunstâncias políticas que dificilmente poderiam admitir uma obra cujas preocupações são opostas aquelas que mobilizaram e mobilizam os homens mais responsáveis do nosso tempo.

E agora possível verificar qual o significado da obra do artista polaco em relação ao teatro do nosso tempo e analisar os elementos precursores que essa obra contém. As notas que se seguem são provisórias porque da sua obra composta por 5 volumes, só de teatro, conheço apenas cinco textos. (1) Além disso, Witkiewicz escreveu romances e obras de filosofia, pintou, fez poesia, etc. Não é legítimo estudar a sua obra, a não ser como uma simples introdução, sem ter em conta a sua totalidade.

Stanislaw Igacy Witkiewicz (Witkacy para os amigos) nasceu em 1885, oriundo de uma família semi-arruinada da pequena nobreza provinciana. Seu pai era escritor, pintor, arquitecto, dotes que o filho herdou com abundância. Stanislaw não frequentou escolas, estudando em casa com preceptores. Começou muito jovem a conviver com artistas e intelectuais que faziam parte do clã do pai. Este educa-o em completa liberdade e Witkacy, menino prodígio, com oito anos é já autor de curtas peças, de que duas são imitações de Shakespeare. Começa também muito jovem a desenhar e a pintar. Mais tarde frequentará uma Escola de Pintura, único estabelecimento de ensino que conheceu. Também a filosofia começa a interessá-lo muito cedo (mais tarde dirá que foi sobretudo filósofo) de tal forma que virá a construir o seu «sistema filosófico». Stanislaw e, pois, criado como um artista, criado num círculo restrito de pessoas que pertencem a uma determinada classe. Por outras palavras, é criado numa espécie de casulo onde mal chegam os ecos do Mundo, facto cuja importância assinalaremos mais tarde.

Segundo um seu biógrafo que aqui estou a seguir (2), Witkacy manifestou desde a adolescência um carácter que o distinguia dos outros. Por isso, era tido por erotómano, drogado e louco. Segundo esse estudioso, Witkacy «tinha um gosto muito vivo pela mistificação, sendo, aliás, ajudado neste exercício por um humor de um género muito pessoal e pelo seu indiscutível talento de actor e de imitador». (2)

Quem conhecer a peça de um outro polaco posterior Slawomir Mrozek — «Tanko» — peça que constitui um dos raros êxitos do Teatro Nacional — terá verificado que existem perturbantes semelhanças entre as personalidades não só de Artur — protagonista da peça como de seu pai e as personalidades de Stanislaw e do pai. A pergunta aqui fica: tratar-se-á de uma peça biográfica? Não posso neste momento analisar o problema mais a fundo mas não quero deixar de o pôr tanto mais que não tenho conhecimento de que esta aproximação tivesse sido feita.

O nosso autor escreveu, em 1910, um romance que permanece inédito, mas só depois dos 30 anos publicará as suas principais obras. No início de 1914, a jovem que amava, suicidou-se em circunstâncias consideradas misteriosas, acontecimento que provocou uma forte crise de que só saiu através uma expedição que o levou à Austrália e à Nova Guiné acompanhando o célebre etnólogo Bronislaw Malinowaki. Entretanto, a guerra rebenta na Europa e Witkeacy interrompe a viagem para se incorporar no exército do Czar, a que pertencia. Oficial subalterno da guarda imperial é, inevitàvelmente, vítima dessa situação quando da Revolução de Outubro. «Tudo o que se pode deduzir das raras confidências que fez sobre esse período, é que viveu durante perto de dois anos como um homem perseguido, num estado de constante terror» (2) (o medo tem uma função importante nos seus textos).

Na Rússia, Witkacy descobre a obra de um génio da pintura: Picasso. Essa obra confirma as suas próprias perspectivas estéticas. De regresso à Polónia, publica um opúsculo intitulado «Formas Novas da Pintura» em que «estabelece a sua teoria da Forma Pura (tem um fraco pelas maiúsculas enfáticas)» (2) Mais tarde aplicará essa teoria à poesia e ao teatro. Escreve muito, estabelece constantes polémicas à volta dos princípios que defende. Cria, no após-guerra, grande número de obras, entre elas, trinta peças de teatro de que se conservaram apenas 20.

Pinta muito, «grandes composições de aspecto misterioso» e retratos que intitula «psicológicos».

O seu teatro é pouco representado e a crítica recebe-o mal. Esse teatro representa, evidentemente, uma ruptura em relação ao teatro tradicional que na Polónia, como noutros sítios (suponho) seria um teatro burguês, sem imaginação, ou então um teatro político que estaria nos antípodas das preocupações de autor de «A Mãe». Um desses críticos dá-se ao luxo de publicar um livro de duzentas páginas em que ataca violentamente Witkacy. O livro intitula-se «A Luta pelo Fundo», o que é bem significativo se pensarmos que a luta do artista se colocava sob o signo da luta pela Forma (Pura!).

Abandonando o teatro e a pintura, publica dois romances importantes. A partir daí passa a interessar-se especialmente pela filosofia. E não só. Interessam-no a estética, a história da arte, a ciência, a sociologia, a psicanálise, as matemáticas, entre outras formas de saber.

Em 1934 volta ao teatro e publica uma nova peça. Começa a sofrer de crises nervosas sucessivamente mais graves.

Fala frequentemente no suicídio. Em 1 de Setembro de 1939, as tropas nazis invadem a Polónia. Witkacy foge a pé para leste. Mas, pouco depois, o exército soviético ataca. As previsões do artista sobre o futuro do Mundo começam a cumprir-se. Um artista como ele não tem nada a fazer por cá: suicida-se com quase 55 anos. Em 1939, quando o Mundo vai mudar.

Se queremos adjectivar (levianamente) o artista e a sua obra, é fácil; metafísicos, aristocráticos e aristocratizantes, pessimistas, individualistas, idealistas — numa palavra, reaccionários. Fiquemos pelo substantivo, e verifiquemos, embora muito ràpidamente, quais os caminhos que Witkacy abriu, ou ajudou a abrir. Algum teatro contemporâneo parece ter percorrido posteriormente esses caminhos como se abrisse portas que já estavam abertas. Refiro-me especialmente ao teatro de absurdo, e a autores como Arrabal e Artur Kopit. Quanto às relações entre a teoria e a olora do polaco a teoria e a obra de Artaud não me parecem tão estreitas como Alain Vai Grugten parece acreditar quando escreve: «Witkacy enunciou a maior parte dos grandes princípios de Artaud».

O teatro do dramaturgo polaco recusa sistemática e intransigentemente a psicologia, a lógica, o realismo (daí as relações a que acabo de me referir). Ele próprio escreveu: «Ao sair do teatro, o espectador deve ter a impressão de acordar de um sono bizarro, no qual as coisas mais vulgares possuam um encanto estranho, impentrável, característico do sonho e que a nada pode ser comparado.» Estamos aqui com Arrabal. Quanto a Ionesco leia-se esta pequena passagem da peça «Numa Casa de Campo»:

. «Amélia — E-me indiferente. Com medalha ou não. E a mãezinha não precisa de ninguém para nos substituir porque nós não a choramos assim, mas de maneira completamente diferente». (1)

. Em relação a Kopit, vejamos:

. **«Tira um punhal do bolso e apunhala Cristina.**

Barão — E bem feito — dizer que teve o atrevimento de não amar o meu filho único. Aliás, em caso nenhum teria consentido esse casamento.

Ilda, a Estevão. — Agora és verdadeiramente meu. De qualquer maneira essa pobre pateta não poderia satisfazer-te.

Discutem em voz baixa. Rio

Figurino para a personagem «Tatesu» da peça «A Mãe» que não chegou a representar-se em Lisboa.

TEATRO NO TEXTO

Bamba começa a dançar com a Avó». (3)

Witkacy propôs no seu teatro a «utilização exclusiva de diversos componentes formais que seriam as cores, os sons, os gestos dos actores e as combinações de conceitos e que seriam organizados por um sistema de **tensões dinâmicas» (2).**

Essas «tensões dinâmicas» consistiriam em mudanças bruscas da acção, do diálogo, do comportamento das personagens; na utilização de meios ao mesmo tempo fantásticos e ilógicos próprios do teatro, como o desdobramento das personagens; a morte e imediata ressurreição deles: o aparecimento de personagens fantásticas, como o diabo (descreve o autor a forma como nesta personagem os respectivos cornos deveriam aparecer com ela em cena). Vejamos dois ou três exemplos:

Avó E o Verbo se fez Carne! Ao nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo dêem de beber à Avo Julia». (3)

1.º Lacaio, por terra Nem sempre isso acontece. Por vezes, é necessário esperar durante muito tempo, antes de ver nascer um **(diabo)** entre os homens. Só tu, mestre, tiveste a coragem de acreditar naquilo que os outros consideraram como um absoluto absurdo. Es Tu! Es Tu! Ao mesmo tempo, nós, os pobres criados de cabaret, tu elevasnos à dignidade de verdadeiros diabos.» (3) Nestas cenas, há de súbito uma completa inversão dos termos. A ironia, constitui, ao que me parece uma autêntica tensão dinâmica.

O mais curioso é que, lidas agora, as peças de Witkacy são sobretudo excelentes comédias em que o autor parece ter utilizado elementos burlescos com grande maestria.

«A Sonata de Belzebú» ou «Aventura verídica em Moldovar» é a dramatização de uma lenda que, no início da peça, a Avó narra ao neto, protagonista daquela. Trata-se do seguinte: outrora naquela região húngara, um jovem músico sonhara criar uma sonata que ultrapassasse tudo o que até então aparecera sob a forma de música, aquilo a que ele chamava a Sonata de Belzebú. O jovem enlouqueceu e declarou ter conhecido o próprio Diabo e fora com ele ao Inferno. O músico apareceu enforcado junto do Monte onde se situava, de acordo com as suas declarações. Como Oscar Wilde, Witkacy parece querer dizer que a vida imita a arte. A peça resolve-se a partir deste ponto fulcral: o conflito do artista em luta com ele próprio e com os outros — trata-se, pois, do problema da luta pela criação que, aliás, ao que parece, informa toda a sua obra. Por outro lado, perante a mecanização da vida (ideia que obceca o autor) a arte é o último refúgio.

A peça «A Mãe» (de acordo com Alain Van Crugten) é, sobretudo, importante porque revela, mais do que qualquer outra, a importância que teria tido para Witkacy o complexo de Edipo de que teria sofrido segundo aquele crítico. A personagem tirânica que domina a peça com a sua personagem extravagante, forçando o filho a sacrificar a sua vocação, é uma das criações mais conseguidas e coerentes do Witkacy. (4)

«Numa Casa de Campo» representa outra tragédia estética: trata-se de uma história cheia de complicações sentimentais, como aliás, todas as peças do autor, em que surge um poeta obcecado pela falta de inspiração. Há um fantasma que passeia tranquilamente pela peça, outra figura de mãe egoísta e terrível. Trata-se de uma peça pirandelliana, como diz o prefaciador, em que cada personagem define a sua verdade.

Contraditório, como em tudo aquilo que fez, Witkacy satiriza na peça «O Doido e a Freira ou Não Há Nada Mau que Não Possa Tornar-se Pior» a psicanálise de que, afinal, o autor é partidário. Mais uma vez, surge o problema da criação na figura de um poeta louco que se apaixona por uma freira que o guarda, assassina o médico que o trata, não freudiano, e se suicida, para logo surgir, vivo, acompanhado pelo médico que matara!

O teatro, e, suponho, toda a obra de Witkiewicz poderá ser definida pela sua recusa do progresso e do materialismo filosófico. Ele o disse:«O homem esforçou-se por substituir o Grande Mistério da Existência por outro ídolo: a sociedade. No futuro, os homens não precisarão nem da verdade nem da beleza serão felizes, não bastará? O antigo mundo acaba e é substituído por uma humanidade de uma maneira geral mais feliz mas mecanisada, privada de espírito criador e banhada por um tédio infindável»

E evidente que essa obra não poderá deixar de ser um reflexo deste radical pessimismo, desta cegueira perante as autênticas possibilidades do homem.

Artista e pensador contraditório, como disse, alimentando-se talvez dessas contradições, talvez cultivando-as, Witkiewicz era surrealista recusando o surrealismo, futurista, recusando o futurismo (considerava esses «ismos» como brincadeiras para assustar o burguês)» (2). As suas obras continuam, no entanto, a interessar-nos porque ultrapassam, em alguns dos seus elementos, a estreiteza dos pontos de vista do seu criador, porque há, na ironia distanciadora que as marca, uma força que falta a muito teatro contemporâneo.

Essa ironia patenteou-se, muito claramente, na única peça do autor polaco que até hoje vi representada: «A Metafísica de um Vitelo de Duas Cabeças», cuja acção decorre na Austrália e na Nova Guine que o autor visitou, como disse. Há na peça uma personagem que representa a morte e que é o desdobramento de uma outra personagem; o protagonista, como o de «A Mãe» tem o complexo de Edipo não pela autêntica mãe mas por uma outra com quem sonha, mais bela, mais jovem e que, vem depois a descobrir, é a irmã (e a noiva!) de um seu primo que sobre ele exerce um poder despótico e com a qual vai ter relações. Este primo é uma figura premonitória: representa o autómato nazi que puxa do chicote quando ouve falar em artistas; a irmã, é um misto de Bela Adormecida e de Princeza dos Bares Nocturnos. A peça não é mais, ao fim e ao cabo, de que uma deflagração das tensões dinâmicas referidas e através dela a denúncia de um amor familiar cuja autêntica face é o ódio. Como outras peças do autor, esta peça é ao mesmo tempo uma tragédia e a paródia dela. Neste movimento constante, auto-contesta-se e auto-destroi-se. Típito dessa fundamental característica paródica é a maneira como o dramaturgo trata a morte: antes de morrer, a mãe mia como um gato e, depois, solta o ar como um balão que se esvazia; o primo ao morrer estrebucha de uma forma perfeitamente ridícula».

E possível fazer mais do que uma leitura da obra de Wietkiewitz. Várias chaves — e não apenas a da psicanálise — mantém essa obra bem viva.

(1) S. I. Witkiewicz — Théâtre Complet — I — «La Sonate de Belzébuth — La Mère» — Le Petit Manoir — Le Fou et La Nonne». Prefácio de Alain Van Crugten. Edição de «L'Age d'Homme».

:A Mãe» — tradução de José Palla e Carmo. Prefácio de Luís Francisco Rbello. Seguida de O Processo do Espectáculo Anulado. Edição Prelo.

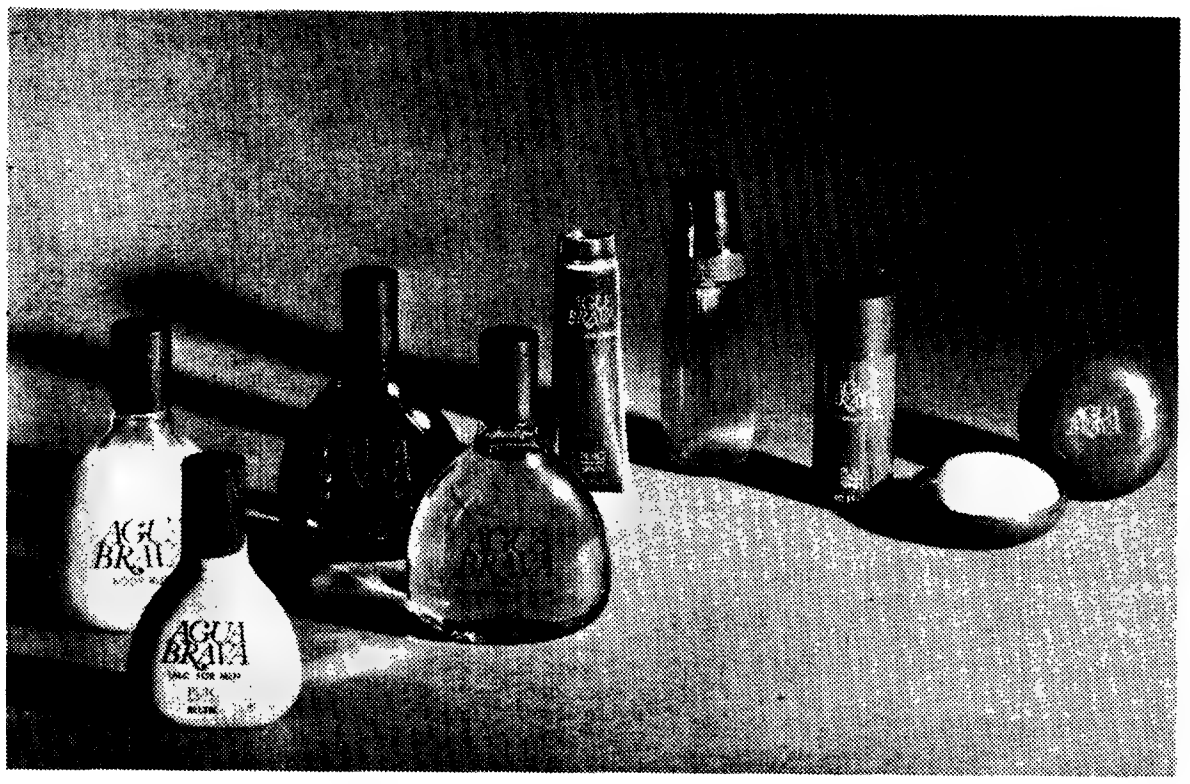
(2) Alain Vai Crugten. Prefácio indicado.

(3) «A Sonata de Belzebú». Edição citada.

(4) Esta peça deu lugar a um dos mais importantes casos do teatro português dos últimos anos, levando a demissão do dr. Luís Francisco Rebello de director do Teatro Municipal São Luís que desde então deixou de funcionar como tal.

(5) Estou a citar a crítica que escrevi, neste jornal, sobre o espectáculo com a peça de Witkiewicz apresentada em Madrid, num Festival Internacional de Teatro por um grupo suiço. Tratava-se da estreia mundial da peça que, alias, foi pateada.

AGUA BRAVA



BRAVAMENTE MASCULINA
PUIG
BARCELONA · PARIS · NEW YORK
polimaia · sociedade industrial quimica, s.a.r.l.
preparador e distribuidor em Portugal

BUTA-THERM'X
um produto FRANCÊS
de ALTA QUALIDADE

CALORÍFEROS A GÁS BUTANO
OU PROPANO PELO SISTEMA
DE CATÁLISE

BUTA-THERM'X
(COM PLATINA NO PAINEL)

SEM LUME, SEM CHAMA, SEM FUMO, SEM CHEIRO
E SEM QUALQUER PERIGO!

SEGURANÇA ABSOLUTA
PORQUE NÃO EXALAM ÓXIDO DE CARBONO
GRANDE POTENCIA DE AQUECIMENTO
REGULÁVEIS Á VONTADE, ECONÔMICOS
NÃO SECAM O AR
AGORA... COM
IGNIÇÃO AUTOMATICA!
DOIS ANOS DE GARANTIA EFECTIVA
BUTA-THERM'X
O CALOR QUE MAIS AQUECE

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR.ª, S. A. R. L.
R DOS DOURADORES, 43 TELEF. 361545 LISBOA

Natal • LIVROS
LIVROS • Quadrante
AV. LUÍS BIVAR, 85-C

DEFENDA-SE DO PERIGO

LEMBRE-SE
O AMORTECEDOR KONI DARÁ
MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE
CARREGAVEIS ★ REGULÁVEIS ★ REPARÁVEIS
UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO
Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant.. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 560156/7/8 — LISBOA

. Mahler, Primeira Sinfonia. Orquestra Sinfónica de Chicago. Direcção: Carlo Maria Giulini. E. M. I. ASD 2722 Stereo. Preço: 215$00. Mahler, Nona Sinfonia. Orquestra Sinfónica de Londres. Direcção: George Solti. DECCA Stereo SET 360-1. Preço: 430$00 (2 discos).

Por uma conjunção de diversos factores culturais (e talvez até publicitários) a obra de Mahler ressurgiu nos últimos tempos com uma força e sob uma perspectiva novas. As suas sinfonias, onde antes se censurava o caos formal e a banalidade das **ideias musicais**, para apenas se reconhecer nelas os dotes do orquestrador, passaram a suscitar outra ordem de análises. A importância de Mahler na evolução da música germânica, como traço de união entre Wagner e a Escola de Viena deixou de ser considerada como a dum simples compositor «de transição». Hoje não se trata apenas de fazer justiça a Mahler, reconhecendo que a sua música é a própria fonte do expressionismo schoenberguiano. Trata-se de ver nele o criador autónomo, que deu uma contribuição independente e profundamente original à música europeia, contribuição essa tão avançada para a sua época que só hoje mais de cinquenta anos decorridos sobre a sua morte — está a ser compreendida (pela crítica) e vivida (pelo público) na sua verdadeira dimensão. A nascente popularidade de que goza actualmente vale por si: é um sinal de modernidade, da modernidade renovada e renovadora inerente a toda a «arte realmente grande». Mas vale também (por isso mesmo) como a popularidade precursora daquela

DISCOTECA

MAHLER: A PRIMEIRA E A ÚLTIMA SINFONIAS

que sem dúvida um dia gozará também a Escola de Viena, hoje ainda tão distante e de tão difícil acesso à grande massa do público.

Terminada em 1888 e dada em primeira audição no ano seguinte, sob a forma de um poema sinfónico em duas partes e cinco andamentos, um dos quais suprimidos na versão publicada (de 1897, revista em 1903), a PRIMEIRA Sinfonia, intitulada **Titan**, contém já todos os elementos essenciais do estilo, da kinguagem e da forma mahlerianos, embora o caminho que o seu autor percorre daí até à sua última sinfonia completada, a Nona (1909), seja longo, variado e fértil em surpresas.

Não nos é familiar a interpretação da Primeira por George Solti, que recentemente produziu para a Decca a série completa das nove e é hoje considerado um especialista em Mahler. Está fora de causa, portanto, qualquer comparação com a interpretação de Carlo Maria Giulini. E, no entanto, à partida, parece-nos natural, lógico, encontrar razões que nos levam a aplaudir por igual o trabalho de Giulini na primeira e o trabalho de Solti na Nona. O inverso — isto é: Giulini na Nona e Solti na Primeira — já nos pareceria menos de acordo com o princípio do «right man in right place». A expressão dominante na Sinfonia **Titan**, mesmo quando assume proporções de mais lancinante dramatismo, é duma maneira geral extrovertida e de inspiração popular quanto a parte considerável do seu material temático (o caso do **Frère Jacque**, no modo menor, transformado em marcha fúnebre, não é uma excepção, mas o exemplo mais saliente duma regra que se verifica ao longo de toda a obra). Nela predominam a clareza e a oposição contrastante das células rítmicas e melódicas. Se a mentalidade e o ofício de Carlo Maria Giulini foram ou não muito influenciados pela sua formação italiana, é-lhe menos difícil sem dúvida identificar-se com esta música do que com a Nona Sinfonia do mesmo Mahler.

Esta última exige já outro tipo de mentalidade, mais entranhada na tradição germânica, mais visceralmente ligada à cultura da Europa Central. Georg Solti, de origem e formação húngaras, com grande parte da sua carreira feita na Alemanha, é autor duma gravação integral da **Tetralogia** de Wagner. Está talvez por isso mais apto a penetrar na essência duma música de expressão introvertida que é um permanente fluir (embora com as suas peculiares **suspensões** e **interrupções**): um fluir dir-se-ia de «substância sonora» em que o timbre, o ritmo e a melodia se fundem, e que está na linha do drama wagneriano. Do primeiro andamento desta obra disse Alban Berg: «Percorri mais uma vez a partitura da **Nona** de Mahler: o primeiro andamento é o que Mahler fez de mais extraordinário. Considero-o a expressão dum amor excepcional por esta terra, o desejo de nela viver em paz, de nela fruir plenamente os recursos da natureza — antes de ser surpreendido pela morte! Na verdade, esta aproxima-se, irresistìvelmente. Todo o andamento está impregnado de prenúncios da morte. Esta está omnipresente, ponto culminante que é de todo e qualquer sonho terrestre... Sobretudo, certamente nessa passagem aterrradora em que o pressentimento se torna certeza: em plena alegria de viver, aliás quase dolorosa, é anunciada a morte em pessoa, com todas as suas forças dispostas para a batalha». Os três andamentos seguintes, culminando no dilatado **Adagio** final, desdobram-se com o mesmo significado do primeiro. Ora George Solti mostra-se perfeitamente identificado com este «pessimismo metafísico» tão caracterìsticamente germânico. Compreende-o e sente-o como Alban Berg o compreendeu e sentiu. O resultado é uma interpretação admirável.

Em ambas as realizações — a da Primeira Sinfonia, por Siulini, e a da Nona Sinfonia, por Solti — há que assinalar o esplendor sonoro alcançado, que no primeiro caso nunca foi apenas exterior ou brilhante, e no segundo cedeu sempre à procura da máxima transparência.

MARIO VIEIRA DE CARVALHO

ELEGANTE
SÓBRIO
MODERNO
PRONTO...

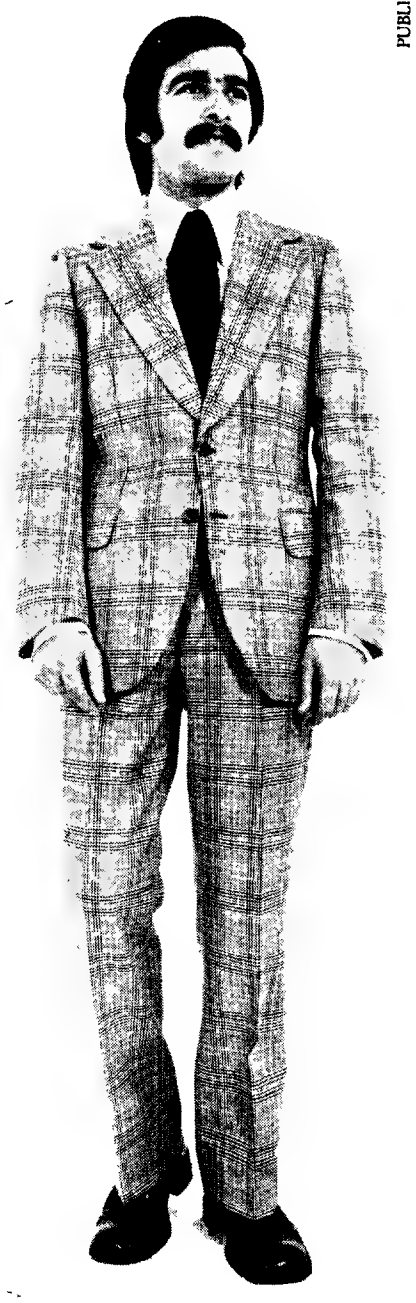
A BEM VESTIR

Confecções
RR
RODRIGUES
&RODRIGUES

Tradição em alfaiataria

Rua Nova do Carvalho, 58-1°
(ao Corpo Santo)
LISBOA

PUBLINTER



AS ÁGUAS RESPLANDECENTES

Quando um dia for preciso estabelecer uma biografia definitiva de Henry Miller, virão juntar-se a uma obra já muito abundante — um amontoado de obras de circunstância e de brochuras de tiragem limitada. «As águas resplandescentes» é um longo ensaio sobre a pintura, redigido sob forma de uma carta a Emil Schnellock, editado sem fins comerciais em 1950, e do qual se dá aqui um extracto, em tradução.

A maior alegria, o maior triunfo no domínio da arte prpduz-se quando, dando-se conta da plena autoridade dos seus meios, se os abandona deliberadamente na simples esperança de descobrir uma verdade escondida no mais profundo de si próprio. É como que a recompensa da sua paciência — esta libertação desta autoridade que não provém senão da mais severa disciplina. Então, faça-se o que se fizer, diga-se o que se disser, tem-se razão e ninguém ousaria criticar. Pressinto tudo isso muito frequentemente ao olhar uma obra de Picasso. A grande liberdade e a espontaneidade que ele revela parece-nos surgir deste impacto, desta pressão, deste apoio de todo o seu ser que, durante tanto tempo esteve sujeito à disciplina do espírito. O mínimo gesto sem atenção aparente é tão justo, tão verdadeiro, tão válido como o golpe mais estudado. Eis o que **eu sei** e ninguém poderia convencer-me do contrário. Nisso, Picasso não faz senão demonstrar uma sabedoria da vida que o sàbio pratica a um outro nivel mais elevado.

Esta manhã, acordado às cinco horas, o quarto ainda escurecido, repousava tranquilamente, reflectindo no ensaio que iria escrever quando me levantasse, mas, ao mesmo tempo, cono se fizesse um dueto, observava a lenta metamorfose das cores do quadro que estava ao lado da minha cama à medida que a luz aumentava. Foi então que tive a estranha sensação de imaginar o que aconteceria se a luz continuasse a aumentar para além da plena luz do dia. E pensava, assim, em toda a gama desconhecida das cores bem como das próprias formas e, seguidamente, no seu sentido próprio — que mundo conjectural explorei! Nesse momento, pude situar-me, por assim dizer, num futuro que virá talvez um dia, a realizar-se. Vi não apenas aquilo que poderia, talvez, fazer um dia, mas igualmente (e isto é o mais importante) que a antecipação é um presságio da própria coisa. De repente, dei-me conta do que tinha sido a minha luta para me exprimir por escrito. Revi esse período em que as visões, as mais estranhas, as mais exaltadas da palavra escrita ou falada me possuíam, mas que, exactamente nesse momento, eu não podia exprimir senão murmurando. Hoje compreendo que foi o meu firme desejo o responsável único por todo o progresso que eu pude conseguir e toda a autoridade que pude adquirir. A realidade está sempre presente e é precedida pela visão. E se o olhar continua fixo, a visão cristaliza-se em factos ou gestos. Não se lhe pode escapar. Pouco importa o caminho percorrido — todos os caminhos conduzem ao fim, cedo ou tarde. «Todos os caminhos conduzem ao Céu», diz o provérbio chinês. Se isto se pudesse aceitar plenamente, ali se chegaria muitíssimo mais depressa. Não deveria importar-se com o grau de progresso resultante de cada um e de todos os esforços, mas concentrar-se apenas a olhar a visão bem viva, olhá-la pura e inflexivel. O resto não passa de uma sorte de prestidigitação na obscuridade, um procedimento verdadeiramente automático, e não menos sonambúlico porque acompanhado de aflições e de dores.

Desde as onze e meia da noite, que me sinto transportado pela descoberta da cor ocre! Maravilhoso! Ponho-a no céu e obtenho a aurora, ponho-a na neve e obtenho uma luz dourada. Depois do crepúsculo, vou de uma aguarela a outra — mesmo tema, tratamento diferente. Em cada uma, há uma árvore (sempre a mesma árvore, como aquela que eu fiz diante de Santo Agostinho), água: charco, ribeiro, lago, rio?? — e colinas, tão verdes como as colinas da Irlanda. Servi-me de um verde de garrafa, julgando obter uma tonalidade ligeiramente dourada mas obtive um verde irlandês. Um poucochinho de azul da Prússia quase no cume das colinas e elas reluzem com todos os minerais que ali estão escondidos e bem guardados pelos sete anões. Ao tentar obter o reflexo das colinas na água, isso tentei tão frequentemente que, agora, a água contém todas as espécies de azuis e de verdes. Antes de sair para ir ao cinema ver o bem-amado Raimu (a única figura humana no cinema), dei um banho à mais pequena das aguarelas. Efeito surpreendente — e, agora, lamento tê-la retocado. Tudo havia tomado uma tonalidade celeste, como a aurora. Nos sítios em que as tintas se tinham apagado, não havia mais do que papel branco, mas como o espaço varrido pelo vento, em que as cores se faziam ainda esperar. Podia-se ver que a mão do homem havia passado por ali — como o sopro de Deus sobre a superfície das águas. A árvore fora desnudada pelo frio. Era maravilhoso mas, como um idiota, eu pensava que toda a gente poderia ver que eu a tinha lavado e que isto não era uma sorte de prestidigitação. Finalmente, obtenho um barco, exactamente a forma e a aparência que era preciso, da proa à ré, para o fazer flutuar com o sol e a maré. Na pequena aguarela, consegui criar a ilusão de duas donzelas sem lhes pôr cabelos, nem olhos, nem nariz (pela primeira vez na minha vida). Bem podes imaginar o seu rosto. Como sabes, elas têm um rosto. Um triunfo de primeira ordem! Mas, o melhor de tudo, é a terra — incrustada de ocre, de tal forma que reluz de uma maneira celeste e não é exactamente a terra mas «esta terra» dos tempos fabulosos de antes da invenção da máquina. (Nas lendas heróicas gregas, quando se pensa nas batalhas e nos **colóquios** entre os semideuses, imagina-se uma terra e um solo bem diferentes dos que nos mostram Utrillo e Cézanne, por exemplo. Sem dúvida alguma, a terra era, então, mais dourada. Quando um homem caía por terra, ferido, sentia uma afinidade com essa terra. Não havia crateras de obus ou erva destruída ou descolorida pelos gases. Morria com muito sol numa orgia de ocre-amarelo, de erva verde, de amarelo-cromo e de terra de sombra. Ou, então, sob um luar claro, verdadeiramente prateado, tomando proporções assustadoras. Via os troncos de árvores negros como carvão e salpicados de prata. Na espessa folhagem aparecial-lhe tintas primaveris nas quais se encontravam vestígios ruivos e laranja.) Às vezes, ao ler um livro, revêem-se todas estas cores. Acontece-me mesmo revê-las no cinema, num filme a preto-e-branco. Esta noite, ao ver Raimu enfurecido, de costas para a janela que dava para o mar, percebi os mais maravilhosos verdes e amarelos e uma folhagem como a palha e as árvores de cascas recortadas de cortiça. E vi o sofá e o canapé com os papéis pintados de Matisse, como as personagens e deslocar-se numa outra dimensão que não a da decoração, e, apesar dos seus gestos violentos e trágicos, longe de estarem também convencidos de que o sofá, a janela entreaberta, as colinas granulosas e recortadas, as folhas de palmeira como espadões, as pequenas oliveiras enfezadas e a baía calma e na enchente.

E dir-te-ei alguma coisa ainda mais engraçada. Agora que as minhas pinturas estavam terminadas em dois terços, volto ao estúdio para ver esta pintura de criança que eu havia cortado de um livro. Compreendi imediatamente que **ela** sabia muito mais sobre pintura do que eu nunca viria a saber. Mesmo ao desenhar a sombra do longo pescoço do cisne do lado errado, não tinha afectado em nada a verosimilhança. O que traçava com o seu pincel era absolutamente fiel à sua visão. Eu esqueço-me frequentemente de pôr a sombra — até que me encontre numa galeria de pinturas em que me apercebo que a maior parte das coisas projectam uma sombra. A criança está muito consciente do ambiente em que mergulha os homens e as coisas. As crianças grandes como eu, que não passam frequentemente de adolescentes de cabeça oca, esquecem sempre o ambiente exactamente como os sábios esquecem os anões que habitam os metais, segundo Fred. Quando escrevo, estou consciente de todas as coisas, mas quando agarro no pincel, estou de tal forma preocupado com a ideia de fazer qualquer coisa, que perco todo o sentido da realidade. As minhas criações, se assim as posso chamar, flutuam ou debatem-se num vazio sensual. Esta noite aproximei-me mais do que nunca desta realidade. E é por causa do pequeno pincel; de ordinário, estou demasiado impaciente por me servir dele. **Pensei** longamente em cada pormenor — a sensação da água, o aspecto das colinas e aonde e como começa a curva da proa de um barco. E quando o vento varre a terra, eu lembro-me como ele tira a espessa folhagem da árvore, quase como se a fosse arrancar. Creio que cheguei a conseguir um pouco de tudo isso nos meus dois ensaios, antes de estar prestes a perder o fôlego. No entanto, quando os comparo com o trabalho da criança, estão longe de ser tão bons, tão honestos, tão verdadeiros. A criança não temperou as suas aguarelas no banho — disso estou eu certo. E o seu carreiro traçado sobre o relvado era um carreiro. O meu não passava de uma pincelada no solo. Mas, mesmo assim, eu dou graças a Deus pelas suas pequenas atenções. Consegui melhor do que nunca e posso meter-me na cana com a consciência tranquila.

E sobretudo, não esqueço von Raimu em **Noz de Coco, título engraçado! Quando se põe a chorar, é magnífico! É um homem, caramba!!!**

Antes de adormecer, ontem à noite, pus em ordem o meu subconsciente para se recordar, ao acordar, do último pensamento que me havia passado pela cabeça — e deu resultado. Era dizer-te a impressão que me causou uma reprodução, no **Paris-Soir**, de uma artista (talvez Suzanne Valadon). Ao olhar esta cabeça que ela pintou, fui assaltado por um pensamento que me ocorre muitas vezes quando estudo as cabeças. Era uma cabeça que só os pintores nos podem dar; não se pode encontrar nada de semelhante nem em literatura nem em escultura.

Era — ou é, porque é um fenómeno eterno em pintura — um rosto ditado pela lógica do pincel. De alto a baixo, este rosto estava encurtado e alargado tanto de um lado como do outro. É nas figuras de Braque que se vê da forma mais característica. As cabeças são absolutamente moldadas pela pintura para se adaptarem às exigências da tela. A cabeça desliza à maneira de uma escultura, criando assim uma graça e uma beleza diferentes daquelas que nos são familiares na vida. Os traços têm habitualmente uma rudeza de pedra esmagada. Ao ver esta cabeça na rubrica **Através das Galerias,** senti uma grande alegria, parcialmente por causa do reconhecimento de um princípio, parcialmente por causa da descoberta de um elemento que está, de ordinário, ausente dos meus retratos. Se se devesse tentar fazer um tal rosto a aguarela, imagino que seria preciso servir-se de um papel temperado. Tenho a intenção, a título de começo, de tentar fazê-lo em pastel, servindo-me dos meus dedos para lhe dar esta qualidade explosiva da estrutura óssea, as cavidades e as circunvoluções frontais. São as proximidades do queixo que mais me divertem — é difícil de descrever, mas é como se o queixo estivesse situado no fim fundo de um montículo de carne que se vai alargando. É a voracidade carnal da boca que me atormenta e não a facilidade verbal ou a vontade de abraços que ela suscita. Certa vez, Reichel fez uma a óleo, de um género alemão medieval, em verde azeitona escuro e de uma carne trigueira e terrosa que não deixa de ma perseguir. O rosto estava de tal forma patenteado que tinha um ar de batráquio. No entanto, é um rosto de «todos os tempos», como tu dizias dos cavalos de Shakespeare. E ainda há uma outra coisa a respeito destas cabeças — aquilo a que eu chamaria «estas cabeças post-medievais».

Quando elas têm uma paisagem como plano de fundo (tenho sempre a impressão de que isso as eleva de uma forma espantosa — como se se quisesse mostrar o **Homem dominando a Natureza**) — o rosto reflecte intuitivamente as curvas e os ritmos da Natureza. Esta cabeça absolutamente isolada dos tempos modernos faz medo, pois ela não lhe pertende, é totalmente sem relação. É o símbolo do cérebro a trabalhar no vazio. Só isso basta para justificar a tua admiração contínua por este pintor francês cujo nome não lembro — aquele que só alisava finalmente com um coto de braço (Renoir). Todas as suas mulheres têm esta qualidade de que falo. Com as mulheres de Picasso, nós atingimos as flores da idade da máquina — mesmo quando elas pertencem à sua época «clássica». As suas madonas maciças são as aves de rapina do grande vazio. E eis que ele lhes dá agora um perfil de olhos duplos. Ignoro a razão plástica ou estética para estas estranhas aparições, mas creio poder re-

Continua na página seguinte

«Os olhos de Botticelli com os de Cimabue, Giotto ou Van Gogh.»

NOVIDADES LITERÁRIAS

HISTÓRIA DO TEATRO DAS ORIGENS AOS NOSSOS DIAS

LÉON MOUSSINAC

O teatro como um meio para o homem e para a sociedade

350$00

COLECÇÃO OBRAS COMPLETAS DE ALEXANDRE HERCULANO

O BOBO (1128)

revisão e prefácio do prof. VITORINO NEMÉSIO

Uma intriga de amor inserta num ambiente histórico que se pretende ressuscitar

45$00

COLECCÇÃO DE BANDA DESENHADA

SÉRIE NEGRA

JEAN GRATON

Emocionante aventura de **Michel Vaillant** nas mais conhecidas pistas de corrida da Europa

50$00

EDIÇÕES DA

LIVRARIA BERTRAND

Apartado 37 - Amadora

Apartado 37 - AMADORA

SALA DE ESTUDOS

SÉNECA

ENSINO LICEAL EM PEQUENOS GRUPOS

RUA ACTOR VALE, 45, 2.º, E. (Metro Alameda)

Telefone 824983

AS ÁGUAS RESPLANDECENTES

Continuação da página anterior

velar-lhes a razão metafísica — é que as suas mulheres, as nossas mulheres, não têm corpo «celeste», por assim dizer. Dado que elas são inteiramente físicas, tornam-se sínteses atómicas, conglomerados intangíveis de electrões que não têm verdadeiras dimensões. Talhadas a machado, dir-se-ia, nem por isso são menos impalpáveis e sem substância. Os planos descobertos por Cézanne metamorfosearam-se em abstracções de carnes einsteinianas. Sem frente, sem costas, também não têm lado, bem entendido. Dali penetra até ao âmago. Picasso, sendo mais Escorpião, procura uma camada mais sólida, mas é em vão chegar aí a golpes de machado, como um furioso, com as suas figuras a formar-se apenas sobre um plano, um plano de cartão-pasta. E nós estamos de tal maneira acostumados a esta verdade cartão-pasta, que nela já não vemos nada de anormal. Basta, porém, fazer um pequeno recúo e olhar com os olhos de um Renoir, para se poder constatar uma enorme diferença.

É tudo quanto tenho a dizer, de momento, destes rostos «alargados». Agora vou dar um pequeno passeio ao parque Montsouris para estudar o lago, os cisnes e o relvado.

Ao passar esta tarde ao longo do «boulevard» Saint-Michel, estudava as reproduções nas montras; mais particularmente as órbitas dos olhos e os lábios. Dei com um belo conjunto de mulheres de Renoir. Descobri essa boca sorridente de cantos ascendentes que acentuam o arredondado de todos os seus rostos de mulheres. Decididamente, são bocas **Renoir!** E passo disto aos rostos antigos — de todas as escolas e de todas as idades. Estudo os modelos de vários modernos; o auto-retrato de Cezanne — esta cabeça com bosses que se desnuda com uma única mecha peliculosa, caindo sobre o seu manto negro muito gordurento. Retrato hediondo, qualquer que seja o ponto de vista. É ridículo fazer retratos que tenham tão pouco carácter e com tais atavios. E, no entanto, as órbitas dos olhos interessam-me. De uma técnica tão simples — o que não me impede de nunca as conseguir fazer. Ao menos, desta vez, vi um pouco mais oonge; vi que os seus jogos de sombras descaiam até ao globo do olho ou, pelo menos, até à órbita. Ao regressar a casa, pelo metropolitano, vinha tão absorvido por esta carne debaixo da òrbita, a sua extensão e a sua voluptuosidade, que deixei passar a minha estação... Há várias partes do rosto humano que são também misteriosa e sensualmente fascinantes — este fundo na base do nariz, toda esta parte por baixo do nariz e o lóbulo da orelha, por exemplo. Se a gente se concentra nisso, perde-se em introspecção. Esta carne sob o sobrolho de uma mulher pode ser absolutamente encantador. Que papel desempenha o olho! Aliás, eu apenas acabo de me aperceber disso. Doravante, darei mais importância à órbita. Noto também, nos meus exames microscópicos, que quando menos se toca na orelha, melhor. Toda a cor tão viva do rosto morre nos múltiplos orofícios da orelha e, a menos que se tome sentido nas cores de que se serve, a orelha torna-se monstruosa. A própria tinta do sangue, esta tinta em refluxo por assim dizer, parece concentrar-se no lóbulo da orelha. Não é verdade?

Dedução banal, mas mais vale tarde do que nunca. E então, ao pensar nas inumeráveis maneiras de pintar um rosto, perguntava-me se a ti nunca te passou pela cabeça esta ideia de fazer uma conversa sobre os traços de uma fisionomia, comparar o ponto de vista de um com a técnica de outro. As bocas de Vinci com as de Rubens, Renoir, Cézanne, Picasso, etc. Os olhos de Boticelli com os de Cimabué, Gitto ou Van Gogh. Quem sabe o que se poderia dizer sobre o assunto — concentrando-se sobre um traço isolado do rosto, dissecando-se mais do que considerando a expressão que é uma qualidade de alma e, portanto, impossível de analisar ao fim e ao cabo. Com os escritores, é outra coisa; eu estou perfeitamente consciente dos truques de cada um, quer se trate de gestos, de conversação, devaneio, exclamação, e assim por diante. A gaguez de Herr Peeper Korn por exemplo — que trabalho monumental! O sentido último da gaguez. Como se Thomas Mann, ao esculpir esta figura humana não se tivesse concentrado sobre este pormenor senão para nos dar melhor o segredo do carácter do homem.

Sim, bem gostaria de te ouvir fazer uma conversa sobre o rosto! Pergunto-me se outros antes de mim foram cativados pelas órbitas e pelos lóbulos das orelhas. Sem dúvida. Balzac diz em qualquer parte, a George Sand, julgo eu, que escreveu tantos e tão maus livros, um para aprender o seu francês, outro para estudar a arte da descrição e ainda um outro para aprender a compreender a conversação. Sem dúvida, anatomistas como Rembrandt, Rafael e Rubens tiveram frequentemente que dissecar a figura humana e durante muito tempo não ver nela senão um pormenor que os embaraçava e os intrigava. É suficiente concentrar-se desta maneira e as descobertas que se fazem não deixam de nos espantar. Mas, tu, sabe-lo bem. Pode-se olhar certas coisas durante toda a vida, sem nunca as ver. Esta forma de ver é um não verem certo sentido, se comprrendes o quer quero dizer. É uma busca de qualquer coisa na qual, de olhos vendados, não se desenvolvem senão os sentidos tácteis, olfativos e auditivos — e é sempre assim que se vê pela primeira vez. E, então, um dia, por muito estranho que isso possa parecer, vê-se uma viatura na viatura e já não essa forma que se havia habituado a tomar por uma viatura para o resto dos seus dias, simples comodidade para ganhar tempo. O desenvolvimento desta faculdade seja em que domínio for, para um artista, é aquilo que faz parar o ponteiro das horas e lhe permite viver plena e livremente. Ele já não segue a turba e é assim que «cria o tempo» de que precisa para ver o que o rodeia... Se continuasse a avançar com os outros, ficaria surdo e cego como eles. É esta paragem voluntária que lhe dá este movimento celeste que lhe permite ver, sentir, entender, reflectir. Não acreditas?

Henry Miller

CINDERELA

A Casa do Famoso BOLO REI

Praça do Areeiro (Junto ao Metro) — Tel. 725101/2/3

Em cada Bolo Rei da CINDERELA há sempre um brinde. Muitos deles poderão ser o «elefante» de ouro ou de prata... Mas, em todos eles, o maior brinde continua a ser a qualidade!

VERÍSSIMOS

ALÉM DA SUA PRODUÇÃO PRÓPRIA DE CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA PARA HOMEM E SENHORA:

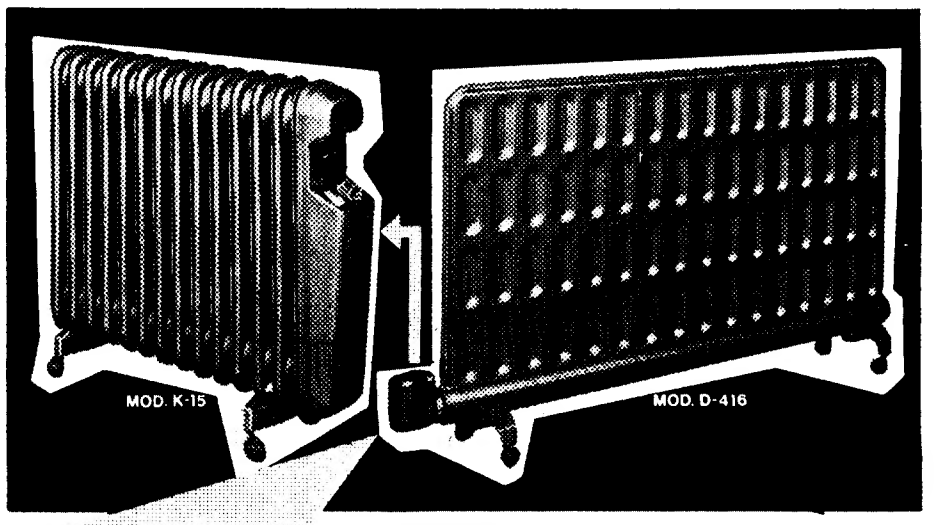
APRESENTA

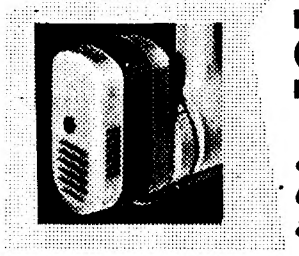
A SUA COLECÇÃO DE

PRONTO-A-VESTIR

EM FATOS, CASACOS E CALÇAS, SOBRETUDOS, GABARDINES, MARINES E MAXIS, E AINDA GRANDE SORTIDO EM CAMISARIA, GRAVATARIA E MALHAS.

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-C
TEL. 727335 — LISBOA





Dimplex

a maior fábrica do mundo de radiadores eléctricos a circulação de óleo.

TERMOSTATO DIMPLEX

Porque está o termostato DIMPLEX montado no próprio radiador? Será que a DIMPLEX nunca experimentou colocá-lo noutro sitio? Por exemplo: na parede, no cabo de ligação ou na ficha?
A pergunta é ingénua porque é evidente que os engenheiros da DIMPLEX experimentaram todos os sistemas possiveis, centenas de vezes.
Os radiadores DIMPLEX com o termostato incorporado são o resultado de todos os testes levados a cabo em anos de experiências, pelos melhores técnicos e engenheiros ingleses.
Quem compra um DIMPLEX compra a experiência de mais de vinte anos e a experiência não se improvisa. Assim se garante a QUALIDADE!
TERMOSTATO DIMPLEX – De alta precisão, reage à temperatura ambiente garantindo em absoluto a temperatura que V. escolher.
TERMOSTATO DIMPLEX – Segurança absoluta para toda a Familia, pois está equipado com um disjuntor de segurança.
TERMOSTATO DIMPLEX – Mais de 40% de economia no consumo de energia eléctrica.
TERMOSTATO DIMPLEX – Precisão – Economia – Experiência – Qualidade – Segurança
TERMOSTATO DIMPLEX – INIMITÁVEL – Patenteado em todo o Mundo.
O calor DIMPLEX é saudável, não suja e não seca o ar que a sua Familia respira.
CALOR DIMPLEX – O MELHOR AQUECIMENTO DO MUNDO

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

RAFAEL BURGUETE, LDA.

Rua António Enes, 20, 1.º – LISBOA – Tel. 563416
Av. Dr. Alfredo de Magalhães, 99 – PORTO – Tel. 26902

Dimplex

PUBLIARTE

Agradeço o envio GRÁTIS, pelo correio, de um catálogo ilustrado **DIMPLEX.**

Nome .....

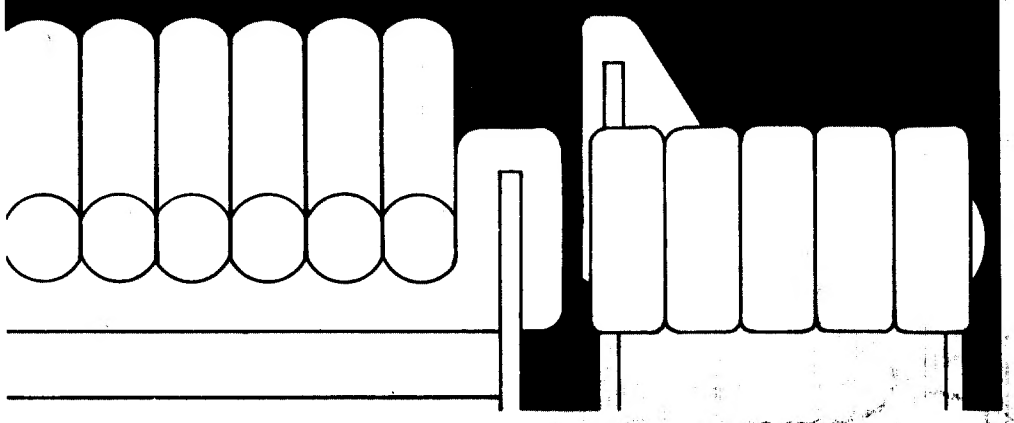
Morada .....

reabrimos a nossa loja
inteiramente renovada

tome contacto com a nossa
linha sb 85

moveis sousa braga
sb

estrada de benfica 174



O público londrino pode apreciar na Quenn's Gallery, no Palácio de Buckingham, quadros famosos da pintura italiana. Miguel Ângelo, Rafael, Leonardo e os seus contemporâneos, figuran numa exposição de 181 obras ao lado de Bellini, Giovanni e Luca Signorelli. Na foto podemos ver dois desenhos «A queda de Phaeton» e «Arqueiros».

PEANUTS

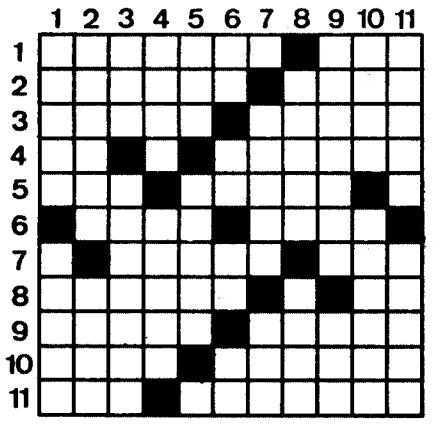
By Charles M. Schulz

PALAVRAS ESTRATÉGICAS

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10288

HORIZONTAIS:

1 Terçados. Oceano.
2 Estimares. Curo.
3 Atravessam. Sacerdotes budistas.
4 Viração. Canção antiga acompanhada de musica sentimental.
5 Preposição. Avaliar.
6 Caruma. Filtrar.
7 Demora. Infelicidade.
8 Acorrento. Bario (s.q).
9 Canção de barqueiros. Abastecer.
10 Jarro (planta). Perpetuo. Caledrais. Naturais da Malasia.



VERTICAIS:

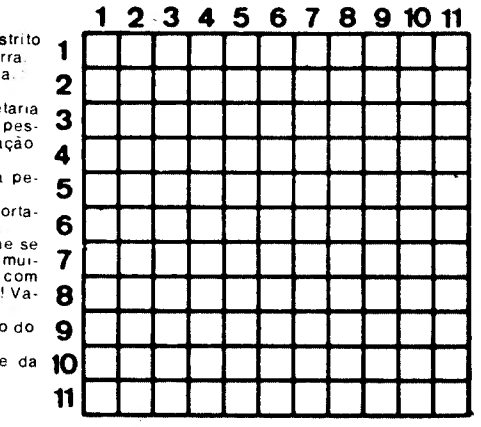
1 Aberturas no vestuario, onde se pregam as mangas. Louvas.
2 Poises no mar (o avião). Oportunidade.
3 Especie de pandeiro usado pelos povos do Norte de Africa. Assassinaras.
4 Jarro (planta). Nome de um mês.
5 Conjunção. Folha de videira.
6 Artigo definido. Berilo (s.q). Compaixão. Utensilio domestico.
7 Mulher elegante e bonita. (Gir). Doçura.
8 Grande sala. Pantorrilha.
9 Sugaram o leite materno. General de Napoleão.
10 Cidade da Romenia. Doutor da lei. Corar. Deuses familiares e protectores do lar domestico entre os Romanos e os Etruscos.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6444

HORIZONTAIS:

1 Vila e concelho do distrito de Viseu. Corta com serra.
2 Termina. Causas amuo.a.
3 Taramelas. Redimis.
4 Antiga unidade monetaria da Alemanha. Pronome pessoal. Prefixo de privação. Nesse lugar.
5 Lês. Sufixo que designa pequenez.
6 Ribeira do distrito de Portalegre. Nome de mulher.
7 Sadias. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens biblicas com o significado de Ah! Oh! Vazio.
8 O mais. Tostas. O lado do vento (inv.º).
9 Fatia. Rio da França e da Alemanha.
10 Acrescentar. Receio. Curei. Jarros.



VERTICAIS:

1 Saburra na lingua. Divisões de uma casa.
2 Bolor. Confusão.
3 Bigorna de ourives. Pronome pessoal. Senhor em inglês.
4 Derribar. Azedo.
5 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Pega.
6 Fluido aeriforme.
7 Curai. Duna da Suecia.
8 Lista das iguarias de uma refeição. Caruma.
9 Alcool de melaço. Espaço de doze meses. Rente.
10 Fronteira. Tento. Deste modo. Liquidos gordurosos.

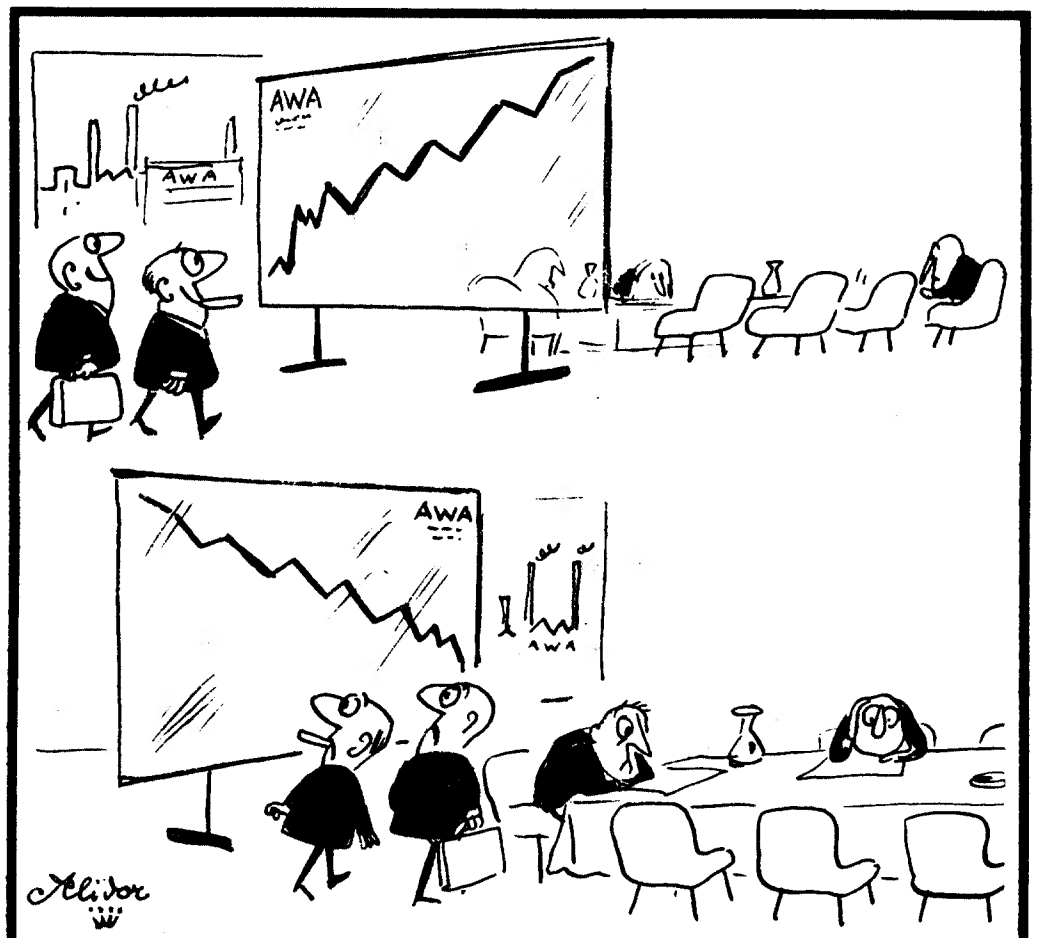
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10287

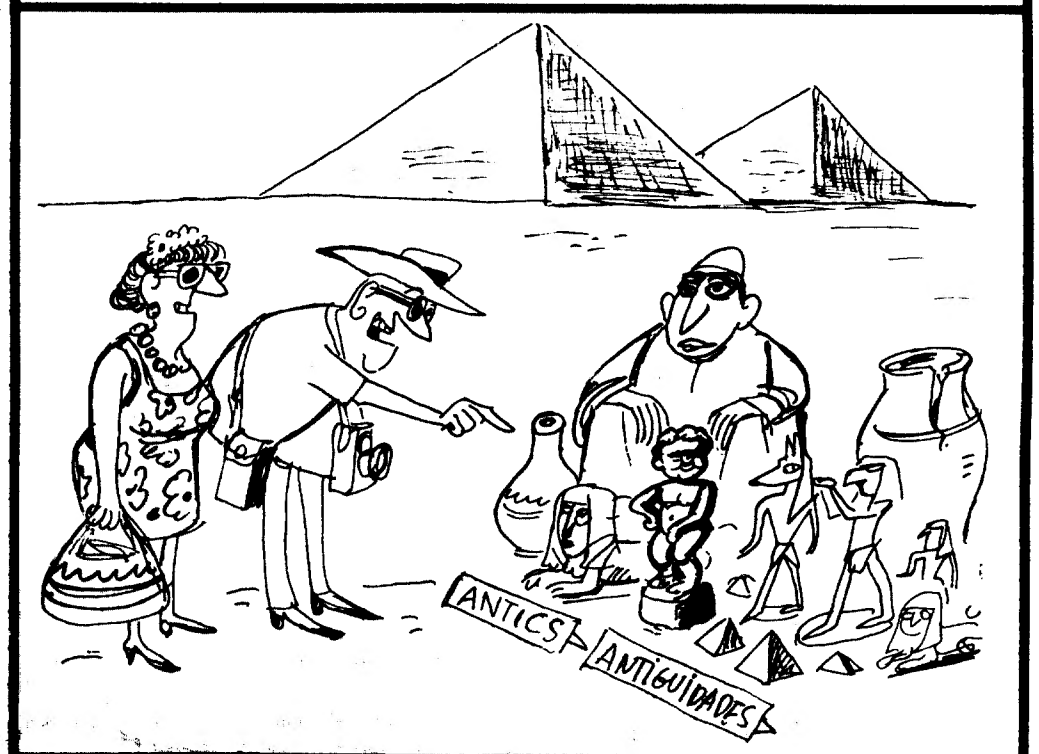
HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Carpa. Safas	1 Cás. Casalar
2 Aro. USA. Are	2 Aram. Remete
3 Sala. E. Atum	3 Rolas. Rasam
4 Mama. Fria	4 Amolada
5 Sondara	5 Au. An. Sa. Ir
6 Ar. Ms	6 DI. MV
7 SERÁS. Antes	Sa. Fa. Ao. Aa
8 Amada. Ocaso	8 Arranca
9 Lesa. Arta	9 Fatia. Taras
10 Ata. Ivã. Ari	10 Aruá. MESTRE
11 Remar. Asses	11 Sem. Assoais

Provérbio: Usa e serás mestre

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6443

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Ra. Vorda. Sr	1 Rapas. Arola
2 Acuar. Olaia	2 Acab. Gritar
3 Passa. Maçar	3 Usaram. Imã
4 Abati. Avaro	4 Castas. Atai
5 Ras. Mat	5 Orais. Aiê
6 Gas. Meã	6 Ob.
7 Arm. Aba. MMM	7 Domam. Agá
? Ri. Aí. Ga. Aa	8 Alavam. Ador
9 Otite. Aderi	9 Acatem. Eró
10 Lama. Oriá	10 Siar. Amaria
11 Arais. Broas	11 Raros. Maias





Folhetim-artístico de José-Augusto França

SINCRONIA, DIACRONIA E PINTURA

Fernando Azevedo — «Pintura» — 1961

....Uma longa conversa com pintores, dois, um francês e um português. Pintores-pintores, capazes de se deterem num pequeno gesto de mãos e de estudarem cem vezes a forma «imediata» de uma mancha de cor. Assaz raros hoje em dia, por razões diversas que é preciso entender em função de um tempo — que é história e de medida também. Ou que, sendo de medida, se define històricamente de um modo novo.

A conhecida aceleração dos eventos e da informação, que é evento tabém, criou um novo ritmo de consumo que exerce os seus efeitos sobre a produção. «Du génie avec des allumettes», gostava Almada Negreiros de citar, como definição da arte de hoje; mas Picabia brincava de mais com a frase inventada e a engenharia não pode ser feita com fósforos. Quanto ao «génio» pròpriamente dito que Almada lia também na afirmação, ele alumia-se a todas as luzes, de fósforos, candeia ou electricidade, então é lição de modéstia tecnocràticamente esquecida.

Mas arde depressa o fósforo da comparação — e aí também o tempo é visto acelerando-se

Tal aceleração conduz ao **momento** e contraria o **encadeamento;** marca uma satisfação pontual e ignora aquelas que lentamente se organizem. O tempo passa então a definir-se em sincronia e não em diacronia, ou, melhor, privilegiada a primeira situação em relação à segunda, que no fluir aparente da nossa experiência história imperava mentalmente.

«Uma ideia — e basta!» dizia irònicamente um dos pintores da conversa referida. Ora há quem sinta bastante uma ideia lançada, proposta, explorada e esquecida, na excitação de se saber que ao mesmo tempo dez outras surgiram também.

Mas as coisas são o que são, não como reflexos mas como componentes dialécticos de uma época; e não pode recusar-se o sentido assumido pela nossa, da consciência de uma pluralidade sincrónica de eventos, ou ideias, ou coisas. Como não se pode também ficar mentalmente ligado à via única do discurso histórico a que dois séculos de reflexão «iluminista» nos habituaram.

A pintura, ou arte, modifica-se também, parte interessada no complexo movimento das mentalidades. O «impressionismo» negou o «academismo» de um receituário usual e proveitoso; o «cubismo» procurou os outros lados da aparência e o «futurismo» exigiu, na natureza, um movimento permanente — que o «simultaneísmo» apoiou com a proposta de uma dimensão nova e antinarrativa. O «gestualismo» marcou, quarenta e dois anos depois, uma nova tentativa de imediatidade ou de «pontualidade» no tempo — mas, ao fazê-lo a tal distância, teve de se responsabilizar por o que entretanto se introduzira na experiência do homem. E quando se esqueceu disso foi parar ao «informalismo», perdendo-se numa crise semântica de proporções catastróficas. Quando, pelo contrário, quis assumir um lugar coerente e reflectido no contexto socio-cultural da época — **transformou o gesto em signo.**

Isto é, deu à imediatidade um sentido próprio, tautogórico, na busca do qual se estende um tempo de criação que é necessàriamente largo. E que conta em discurso diacrónico. Ou reconta, definindo este em novos termos.

O signo é como uma ideia que, num pintor, se gera não de fora para dentro — mas de dentro para fora. E que é lançado, proposto, explorado (e não esquecido), sabendo-se que ao mesmo tempo outros existem, em termos similares de necessidade epocal; mas que provêm de uma continuidade experimental, de um encadeamento de eventos. Quer dizer: que reúne, no possível, uma situação sincrónica a outra, diacrónica. Isto é, por outras noções, a estrutura à história. A medida deste «tempo» é, assim, momentânea e contínua, sem contradições.

E é (ou não deixou de ser) este o tempo da pintura, em torno de tempos pressurosos de outras artes de utilidade polémica, e de necessidade conjuntural.

...Conversa com dois pintores a quem fui expondo isto que a todos nós, artistas ou historiadores, está naturalmente, e lògicamente, acontecendo. Pintores-pintores, de gestos entendidos, e de signos reflectidos no seu imediato fazer. Por outras palavras: que à **medida,** como única base da invenção, opõem a **inteligência** que a engloba e justifica. Inteligência, digamos, não só pictural, mas é claro que também.

O pintor francês é o Jean Miotte, que há pouco expôs e Lisboa (perguntou-me se eu tinha escrito o que lhes dizia; não tinha, e escrevo-lho ràpidamente agora); o português é o Fernando Azevedo. Ambos, com a sua pintura, me ajudaram a mais ou menos entender este problema de tempo que não é só de pintura — mas evidentemente que também...

Jean Miotte — «Babilónia» — 1963